

**OBSERVAÇÃO INCORPORADA E
ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTEXTO DO
PÓS-ESTRUTURALISMO E DA PÓS-MODERNIDADE**

**REVISÃO CRÍTICA DA CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO PROLUGAR PARA A
AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO E PARA A PESQUISA EM ARQUITETURA**



DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA ARQUITETURA

MARCELO HAMILTON SBARRA

ORIENTAÇÃO: PROF. DR. PAULO AFONSO RHEINGANTZ

**RIO DE JANEIRO
MAIO DE 2007**

OBSERVAÇÃO INCORPORADA E ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTEXTO DO
PÓS-ESTRUTURALISMO E DA PÓS-MODERNIDADE

Revisão crítica da contribuição do Grupo ProLUGAR para a Avaliação Pós-Ocupação e para a
Pesquisa em Arquitetura

MARCELO HAMILTON SBARRA

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Arquitetura – PROARQ, linha de pesquisa: Arquitetura e Lugar, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – FAU/UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências de Arquitetura.

Aprovada por:

Prof. Paulo Afonso Rheingantz, Dr. [Orientador] (PROARQ/FAU/UFRJ)

Prof.^a Giselle Arteiro Nielsen Azevedo, Dr.^a. (PROARQ/FAU/UFRJ)

Prof.^a. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro, Dr.^a. (EICOS/IP/UFRJ)

Rio de Janeiro
Maio de 2007

Sbarra, Marcelo.

Observação Incorporada e Análise do Discurso no contexto do Pós-estruturalismo e da Pós-Modernidade: Revisão crítica da contribuição do grupo ProLUGAR para a Avaliação Pós-Ocupação e para a Pesquisa em Arquitetura. / Marcelo Sbarra. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2007. xxi, 244: il.

Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura, 2007.

Orientador: Paulo Afonso Rheingantz

1. Cognição. 2. Avaliação Pós-Ocupação. 3. Ambientes de Escritório. I. Rheingantz, Paulo Afonso (Orient.). II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Programa de Pós-graduação em Arquitetura. III. Título

DEDICATÓRIA

Àqueles que amo: Maria, Hamilton, Francisco, Michael, Hugo e Karen.

Em um universo de múltiplas realidades, dos simulacros e das interpretações, a única certeza que tenho é o amor que sinto por vocês.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Paulo Afonso Rheingantz, não só por me estimular na aventura do conhecimento, mas por ser uma pessoa tão especial; um verdadeiro exemplo a seguir.

À Prof.^o Rosa Pedro, sempre um incentivo a novas descobertas.

À Prof.^o Giselle, pela dedicação e amor no ato de ensinar.

Ao Prof. Heitor Derbli, pelo apoio e amizade.

À Prof.^o Vera Tângari, pelo exemplo de dedicação à vida acadêmica.

À Prof.^o Lais Bronstein, pelo entusiasmo na construção de um discurso crítico.

Ao Prof. Milton Feferman, por me apresentar a Foucault e companhia.

Aos arquitetos Monique Abrantes, Ana Paula Simões, José Ricardo Faria, Helena Rodrigues e Michael Alvarenga, por produzirem material tão rico em suas pesquisas, possibilitando a minha.

Ao Michael Dezan, pelo companheirismo de sempre e sempre.

Ao Rafael Barreto de Castro, amigo de todas as horas – uma mente brilhante.

À Denise de Alcantara, por me apoiar em minha jornada acadêmica desde o início.

À Georgiana Goulart, companhia indispensável nas aulas do Mestrado.

À Fernanda Garcia, amiga presente em todos os momentos.

À Lizabela Araújo, por uma amizade tão longa e duradoura.

À Jonice Oliveira, prima-irmã de coração.

Ao Gustavo Boaventura, irmão de coração e portador de um tesouro.

Aos companheiros de trabalho: Bruno Deus, Rodrigo Scorcelli e Laura Lima, pelo incentivo e amizade sincera.

Ao Hugo Tavares, pelo conjunto da obra e apoio incondicional em tudo.

Ao Chico, por ser um filho tão especial.

À Hilda Monteiro da Silva, Zilda Sbarra e Noêmia Amaro, formadoras de quem sou.

À Karen, que me ensina a cada dia a importância do Amor.

Ao meu pai que, sempre citando Pessoa, me ensinou que tudo vale a pena se a alma não é pequena.

E à minha mãe, sem a qual nada faria sentido.

Ficção, fragmentação, colagem e ecletismo, todos infundidos de um sentido de efemeridade e de caos, são, talvez, os temas que dominam as atuais práticas da arquitetura e do projeto urbano. E, evidentemente, há aqui muita coisa em comum com práticas e pensamentos de muitos outros campos, como a arte, a literatura, a teoria social, a psicologia e a filosofia. Como, então, a atitude prevalecente toma a forma que toma? Para responder a essa pergunta com alguma consistência, primeiro temos de examinar as realidades mundanas da modernidade e da pós-modernidade capitalistas e verificar que indícios poderão estar aí quanto às possíveis funções dessas ficções e fragmentações na reprodução da vida social. HARVEY (1993:96)

RESUMO

OBSERVAÇÃO INCORPORADA E ANÁLISE DO DISCURSO NO CONTEXTO DO PÓS-ESTRUTURALISMO E DA PÓS-MODERNIDADE: REVISÃO CRÍTICA DA CONTRIBUIÇÃO DO GRUPO PROLUGAR PARA A AVALIAÇÃO PÓS-OCUPAÇÃO E PARA A PESQUISA EM ARQUITETURA

MARCELO HAMILTON SBARRA

Orientador: Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz

Palavras-chave: Cognição; Avaliação Pós-Ocupação; Ambientes de Trabalho; Projeto de Arquitetura.

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura – PROARQ/linha de pesquisa: Arquitetura e Lugar, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – FAU/UFRJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Ciências de Arquitetura.

O presente trabalho é parte da pesquisa “Projeto do Lugar para o Trabalho: cognição e comportamento ambiental na Avaliação Pós-Ocupação de edifícios e ambientes de escritório no Rio de Janeiro” desenvolvida pelo grupo Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR). Busca aprofundar o estudo da interação homem x ambiente de trabalho com base na abordagem atuacionista da cognição, com o propósito de conhecer os elementos geradores da qualidade do ambiente de trabalho, do bem estar e da produtividade dos seus usuários. A partir do problema proposto – *A revisão crítica da Observação Incorporada e a inclusão da Análise do Discurso, entendidas à luz de um contexto pós-estruturalista e pós-modernista favorecem a compreensão da diversidade de olhares e das experiências dos usuários, necessárias a compreensão da avaliação da qualidade do ambiente construído?* são feitas leituras críticas do material produzido pelas cinco pesquisas mais recentes do ProLUGAR, utilizando um instrumento baseado na Análise do Discurso. Seu objetivo geral é incorporar conhecimentos recentes relacionados com a filosofia e com as ciências da cognição, em especial os voltados para o conhecimento da experiência humana, produzidos por Humberto Maturana e Francisco Varela, além de discutir a Análise do Discurso, como uma importante ferramenta a ser incorporada aos procedimentos da Avaliação Pós-Ocupação (APO). A pesquisa se justifica por incluir no debate conceitos relacionados à modernidade e a pós-modernidade – tão presentes nos discursos arquitetônicos, porém, em geral, distituídos de maiores aprofundamentos - assim como da discussão de como a filosofia têm contribuído para a formação deste discurso, através dos conceitos das correntes estruturalistas e pós-estruturalistas. Com isto, espera-se que as reflexões presentes nas análises apresentadas venham contribuir no entendimento da relação entre o projetista e usuários dos ambientes, sendo incorporadas ao processo de concepção de arquitetura, de modo a tomar os ambientes e edifícios mais responsivos às suas demandas. Ao reconhecer a importância de melhor conhecer a percepção e as necessidades dos usuários dos ambientes produzidos pelos arquitetos, as pesquisas analisadas evidenciam a relevância da abordagem da *Observação Incorporada* na APO.

ABSTRACT

THE EMBODIED OBSERVATION AND THE DISCOURSE ANALYSIS IN THE POST-STRUCTURALIST AND POST-MODERN CONTEXT: CRITICAL REVISION OF PROLUGAR APPROACH'S CONTRIBUTION TO THE POST-OCCUPANCY EVALUATION AND THE ARCHITECTURAL RESEARCHES

MARCELO HAMILTON SBARRA

Advisor: Prof. D.Sc. Paulo Afonso Rheingantz

Key words: cognition, post occupancy evaluation, offices, architectural design.

Summary of the Dissertation submitted as a partial requirement for the obtainment of the degree in Master of Architecture in Architecture Post-graduation Program – PROARQ, Field: Architecture & Place, Architecture School of the Federal University of Rio de Janeiro.

The present dissertation is part of the “Project of the place for work: cognition and environment behavior in Post Occupation Evaluation of buildings and offices environment in Rio de Janeiro” research developed by the Group *Project and Quality of the Place and Landscape* (ProLUGAR) and searches deepen the study about human versus environment interaction in the workplace based upon the enaction approach of human cognition, in order to identify the elements that give quality to the workplace and provide welfare and productivity to the users. Starting from the proposed problem “The critical revision of the Embodied Observation and the inclusion of the Discourse Analysis - in a post-structuralism and post-modernism context - help the understanding of the diversity of approaches and the experiences of the users, that is necessary to the comprehension of the evaluation of the quality of the constructed environment?” critical readings of the material produced by the five more recent researches of ProLUGAR are made, using an instrument based on the Discourse Analysis. Its general objective is to incorporate knowledge from the philosophy, linguistics and sciences of the cognition - in special the ones related with the knowledge of the human being experience, produced by Humberto Maturana and Francisco Varela – using the Discourse Analysis as an important tool to be incorporated in the procedures of Post Occupation Evaluation (POE). The research is justified by including in the debate of POE concepts related to modernity, post modernity – that are commonly used in architectural speeches – as well as the concepts that came from philosophy and linguistics, such as structuralism and post structuralism. As a result, it is expected that the interpretations of the analyses of the researches come to contribute to the knowledge of the relations between the designer and the users of the environments, in order to make more responsive environments and buildings to user’s demands, making clearer the relevance of the Embodied Observation approach in the POE.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA	DESCRIÇÃO	PÁGINA
capa	Arte sobre imagens de Abrantes (2004), Simões (2005), Faria (2005), Rodrigues (2005) e Alvarenga (2005)	i
1	César e a metáfora representacionista	15
2	Circuito da fala e das representações dos signos lingüísticos	16
3	<i>Le Moulin de la Galette</i>	23
4	<i>Over London by rail</i>	24
5	Metropolis	25
6	Imagem da típica família americana, dos anos 50	26
7	“Papai sabe tudo”	26
8	Edifício da <i>Bauhaus</i> - Dessau	28
9	Bairro Dessau-Törten	29
10	Casa Modelo <i>Am Horn</i> - Dessau	29
11	Fábrica de Turbinas - Berlim	30
12	Casa do Homem Branco	30
13	Casa do Mestre Gropius - Dessau	31
14	Casa Schröder-Schröder - Holanda	32
15	La Città Nuova	32
16	Casa Steiner - Viena	33
17	Casa da Cascata - Pensilvânia	34
18	Fábrica Fagus - Alfeld na der Leine	34
19	Poème de l’Angle Droit	35
20	Villa Savoye - Poissy	36
21	Casa Farnsworth - Illinois	37
22	Pavilhão Alemão - Barcelona	37
23	Lever House – Nova Iorque	38
24	Conjuntos Habitacionais - Berlim	39
25	Ministério da Educação e Saúde – Rio de Janeiro	40
26	Copan – São Paulo	41
27	Praça dos Três Poderes - Brasília	42
28	Monolito de 2001	43
29	Seagram Building – Nova Iorque	43
30	Lake Shore Drive Apartamentos - Chicago	44
31	Vista de Boston	45
32	Modelo de superbloco soviético	45
33	Hancock Tower Corporate Plaza - Boston	46
34	Projeto para Cidade Contemporânea de Três Milhões de Habitantes	47
35	Plano para o Rio de Janeiro	48
36	Superquadras - Brasília	49
37	Bairro residencial da Cidade Industrial	49
38	Plano da Vila Radiosa	50
39	Corte típico de edifício na Vila Radiosa	51
40	Unidade de Habitação - Marselha	52
41	Planta baixa da unidade de Habitação	52
42	Sistema Dom-ino	56

FIGURA	DESCRIÇÃO	PÁGINA
43	Casa Citrohan	56
44	Modulor, em sua versão “francesa”	58
45	Modulor, em sua versão final	58
46	Modulor x Zeferino	59
47	Cidade dormitório em Berlim	60
48	O Homem universal como modulador do espaço	63
49	A galinha universal	63
50	Demolição do Conjunto Pruitt-Igoe – St. Louis	65
51	Vanna Venturi House - Pensilvânia	66
52	Simbolismo e particularidades regionais - Las Vegas	67
53	Piazza d’Italia – Nova Orleans	69
54	Centro Georges Pompidou - Paris	70
55	Neue Staatsgalerie - Stuttgart	70
56	Social Housing - Berlim	71
57	Edifício dos Serviços Públicos - Portland	71
58	AT&T Building - Nova Iorque	72
59	Cinema Center - Dresden	72
60	Villa dallava - Paris	73
61	Centro Cultural Jean-Marie-Tijbaou – Nova Caledônia	73
62	Sheltered Housing - Amsterdan	74
63	Adega Dominus - California	74
64	Dolphin Hotel - Florida	75
65	Esquema do processo da pesquisa	106
66	Experiência ambiental	111
67	Localização do escritório	122
68	Áreas com maior privacidade no escritório	127
69	Localização dos setores e tipologias de escritório (13º pavimento)	136
70	Localização dos setores e tipologias de escritório (14º pavimento)	137
71	Localização do GENTE	146
72	Ambiente do GENTE – 1º piso	147
73	Ambiente do GENTE – 2º piso	147
74	Fachada do Museu Casa de Rui Barbosa	156
75	Vista do Edifício Sede	156
76	Edifício-sede – 2º piso (Centro de Pesquisa)	156
77	Terreno da Indústria: a parte industrial e a parte administrativa	165
78	Os três edifícios analisados na pesquisa	165
79	Observação Incorporada, instrumentos de APO e a interpretação.	182
80	Reprodução de Mapa esquemático de orientação	226
81	Mapa resultante da visita de campo	226
82	Mapa resultante das entrevistas com moradores	227
83	Mapa resultante de mapas mentais dos residentes	227
84	Vista recente da <i>Central Artery</i> - Boston	233
85	Vista de North End - Boston	233
86	Vista de North End - Boston	234
87	<i>Central Artery</i> em fase final de execução - Boston	234
88	Área de estudo de Lynch x <i>Central Artery</i> - Boston	235
89	Mapa esquemático da península de Boston	236

FIGURA	DESCRIÇÃO	PÁGINA
90	A cidade de Boston que todos conhecem	237
91	Problemas com a imagem de Boston	237
92	<i>West End</i> antes e depois da demolição - Boston	237
93	<i>West End</i> antes da demolição - Boston	238
94	<i>West End</i> depois da demolição - Boston	238
95	Vista de <i>North End</i> depois da implantação de parte do <i>Big Dig</i> - Boston	239
96	Vista da cidade de Boston: Central Artery e “espaços perdidos”	241
97	Princípio da ambigüidade - Gestalt	243

LISTA DE TABELAS

TABELA	DESCRIÇÃO	PÁGINA
1	Categorias de instrumentos de pesquisa	102
2	Autores e principais características	174
3	Autores e características quanto ao local/instrumentos/usuários	175

SUMÁRIO

Ficha Catalográfica.....	ii
Dedicatória	iii
Agradecimentos	iv
Resumo	vi
Abstract.....	vii
Lista de Figuras.....	viii
Lista de Tabelas	x
Sumário	xi
Apresentação.....	xv
INTRODUÇÃO.....	1
1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	6
1.1 De Corpo Presente: A Revalorização da Figura do Observador.....	9
1.1.1 A Avaliação de Desempenho como uma Experiência Humana ou A Avaliação de Desempenho como uma Experiência Possível	20
1.2 Modernidade.....	22
1.2.1 Modernos, Pós-Modernos ou Contemporâneos?	23
1.2.2 Modernismo em Arquitetura	25
1.2.2.1 Bauhaus	28
1.2.2.2 <i>De Stijl</i>	31
1.2.2.3 O <i>Espirit Noveau</i> e a Era das Máquinas	32
1.2.2.4 A Nova Arquitetura.....	36
1.2.2.5 Urbanismo Modernista	44
1.2.2.6 Algumas Questões Importantes no Modernismo	53
Uma Nova Tradição	54
Funcionalidade.....	55
Novo Homem – O Homem-tipo.....	57
A Sociedade da Máquina	59
Evolução, Superação e Progresso.....	61
Verdade, Racionalismo e Representação.....	62

1.3 Uma Possibilidade: Pós-Modernidade.....	64
1.3.1 Pós-Modernismo em Arquitetura	65
1.4 Modernismo e Pós-Modernismo na filosofia	75
1.4.1 Estruturalismo.....	76
1.4.2 Pós-estruturalismo	78
1.5 Análise do Discurso.....	80
1.5.1 Origens	81
1.5.2 Foucault e Pêcheux.....	82
1.5.3 A contribuição de Bakhtin	85
1.5.4 A contribuição de Orlandi.....	90
1.5.5 Considerações sobre a relação entre a Análise do Discurso e a APO...96	
2 MATERIAIS E MÉTODOS	100
2.1 Pesquisa Bibliográfica.....	101
2.2 Dispositivo de interpretação	103
2.3 Instrumentos e abordagens utilizadas nas pesquisas analisadas	107
2.3.1 Atributos de desempenho	107
2.3.2 Atributos experienciais de desempenho.....	108
2.3.3 Análise <i>walkthrough</i>	108
2.3.4 Questionário.....	109
2.3.5 Entrevista	109
2.3.6 Seleção visual / Preferência visual.....	110
2.3.7 Mapeamento visual	110
2.3.8 Mapa Cognitivo	110
2.3.9 Mapa conceitual	112
2.3.10 Mapa de Fluxos.....	113
2.3.11 Tipologia do ambiente interno	113
2.3.12 Poema dos desejos.....	113
2.3.13 Análise da Tarefa / Análise Ergonômica do Trabalho	114
2.3.14 Observação participante	114
2.3.15 Observação Incorporada	114
2.3.16 Matriz de descobertas	115

3 ANÁLISE CRÍTICA DA PRODUÇÃO DO GRUPO ProLUGAR.....	116
3.1 Contextualização	118
3.1.1 Cinco orientandos, cinco visões de mundo	118
3.2 Monique Abrantes (2004).....	119
3.2.1 Apresentação da pesquisa.....	119
3.2.2 Organização do material da dissertação	120
3.2.3 Caracterização dos sujeitos	121
3.2.4 Contexto de produção	122
3.2.5 Experiência ambiental e aplicação de instrumentos	123
3.3 Ana Paula Simões (2005)	134
3.3.1 Apresentação da pesquisa.....	134
3.3.2 Organização do material da dissertação	134
3.3.3 Caracterização dos sujeitos	135
3.3.4 Contexto de produção	136
3.3.5 Experiência ambiental e aplicação de instrumentos	137
3.4 José Ricardo Faria (2005).....	144
3.4.1 Apresentação da pesquisa.....	144
3.4.2 Organização do material da dissertação	145
3.4.3 Caracterização dos sujeitos	145
3.4.4 Contexto de produção	146
3.4.5 Experiência ambiental e aplicação de instrumentos	148
3.5 Helena Rodrigues (2005).....	153
3.5.1 Apresentação da pesquisa.....	153
3.5.2 Organização do material da dissertação	154
3.5.3 Caracterização dos sujeitos	155
3.5.4 Contexto de produção	155
3.5.5 Experiência ambiental e aplicação de instrumentos	157
3.6 Michael Alvarenga (2005)	162
3.6.1 Apresentação da pesquisa.....	162
3.6.2 Organização do material da dissertação	163
3.6.3 Caracterização dos sujeitos	164
3.6.4 Contexto de produção	165
3.6.5 Experiência ambiental e aplicação de instrumentos	166

3.7 Considerações sobre as análises	170
3.8 Considerações a respeito da Leitura Incorporada	178
3.9 Sugestões para pesquisas futuras.....	179
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	183
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	191
GLOSSÁRIO DE TERMOS E CONCEITOS-CHAVE	208
APÊNDICE	218

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Seja qual for a sorte das batalhas, a guerra moderna contra a diferença e a pluralidade tem sido, pelo menos até agora e de um modo geral, perdida. (BAUMAN, 1997:154)

Esta pesquisa¹ é resultado de uma série de inquietações e indagações que me acompanham há alguns anos e que foram ganhando força ao longo do curso de Mestrado.

Uma dessas questões, talvez a principal, é *representada* pelo Homem-tipo moderno. “Representada” é a palavra exata, pois a representação da realidade, o uso de modelos universais, o espelhamento do mundo, através de imagens e palavras sempre me assombrou.

Descobri que tudo que mais me intrigava estava de certa forma ligado a um fenômeno histórico, cultural, social, filosófico, científico, arquitetônico, chamado *Modernidade*.

Mesmo depois de décadas de decretado o seu fim e de tantas outras de seu início (ainda que não haja um consenso quanto às datas exatas), a Modernidade ainda está, e com muita força, entre nós.

A falência da Arquitetura Moderna como solução utópica para os problemas da sociedade não impede que ainda hoje existam aqueles que a defendam. O projeto da Modernidade ainda resiste – talvez nunca desapareça. A pós-modernidade, por sua vez, é um termo que gera desconfiança entre muitas pessoas, pois é muitas vezes associado ao pastiche, a experimentação e ao deboche.

No entanto, esta pós-modernidade, pelo menos como a *interpreto*, é uma alternativa às universalizações, modelos e tipos da modernidade. É um convite a celebração da diferença, do convívio harmônico de interpretações diversas. A *interpretação* é um dos conceitos-chaves apresentados por nossa pesquisa.

¹ O projeto de pesquisa original foi enviado e aceito para participação no Fórum de Pesquisa do NUTAU 2006, com o título de “Avaliação pós-ocupação e a análise do discurso como instrumento de pesquisa em arquitetura: a observação incorporada no contexto do pós-estruturalismo e da pós-modernidade”.

Um *lugar* no ProLUGAR: breve histórico

Minha ligação com os estudos desenvolvidos pelo ProLUGAR ocorreu por intermédio de um de seus participantes, Michael Alvarenga, amigo de muitos anos e colega na Faculdade de Arquitetura da UFRJ como eu, dotado de uma mente questionadora e curiosa. Os resultados de nossas discussões sobre os mais diversos assuntos têm sido sempre motivadores.

Desde a sua entrada no Mestrado, aproveitávamos para ler os mesmos livros e debater aquilo que considerávamos mais interessante. A cada nova leitura, meu interesse nos assuntos estudados pelo grupo ia aumentando.

Em determinado ponto, alguns conceitos presentes na prática budista, como concentração, atenção-consciência, manter a mente limpa, que já me eram familiares, estavam começando a ser discutidos pelo grupo, como uma maneira de se “treinar” uma mente livre de pré-conceitos, de forma a se por em prática um novo enfoque nas avaliações, que estava sendo estudado pelo grupo, baseado em autores como Humberto MATURANA, Francisco VARELA, Evan THOMPSON e Fritjof CAPRA.

Neste momento meu interesse em conhecer o trabalho desenvolvido pelo ProLUGAR se transformou em vontade de participar do grupo, pois sua abordagem se caracterizava definitivamente para mim como algo não usual, diferente das abordagens tradicionalistas adotadas em APO, das quais eu já havia falar.

Meu ingresso oficial no grupo acontece em março de 2005, com a minha admissão no curso de Mestrado em Arquitetura, embora tenha participado, como ouvinte, das atividades desenvolvidas pelo ProLUGAR durante todo o ano de 2004.

Tais atividades incluíam reuniões, semanais, onde ocorriam debates a respeito do andamento das pesquisas individuais, além de troca de informações e fichamentos a respeito da bibliografia que cada integrante estava encarregado de ler, fichar e apresentar aos colegas.

Os componentes do grupo tinham então como base conceitual para este enfoque cognitivo-comportamental em APO a tese de Doutorado do Prof. Paulo Afonso RHEINGANTZ (2000) e a dissertação de Mestrado de Monique ABRANTES (2004) – que, apesar de utilizar conceitos baseados no trabalho de Maturana e Varela (1995), ainda não havia incorporado

os resultados do estudo mais aprofundado sobre o tema (especialmente sobre a abordagem atuacionista ou enactiva desenvolvidos por Varela, Thompson & Rosch [2003]), e Capra (1985, 1987, 1991, 1997, 2002), iniciada exatamente a partir de sua dissertação, quando a Prof^a. Rosa Pedro passou a colaborar e participar ativamente das atividades do grupo.

As quatro dissertações que se seguem à de Abrantes (2004) – (Simões, 2005; Faria, 2005; Rodrigues, 2005; Alvarenga, 2005) – procuram aprofundar os conceitos cognitivos, em especial aqueles ligados à corrente atuacionista, de maneira a expandir o entendimento do que seria a Observação Incorporada e o modo como ela poderia contribuir para as pesquisas em arquitetura, ao apresentar nova perspectiva metodológica para a Avaliação Pós-Ocupação.

Lembro de estar presente nas primeiras discussões a esse respeito, especificamente em relação ao livro *A Mente Incorporada* (Varela *et al*, 2003), e poder compartilhar o entusiasmo do grupo na possibilidade de aplicar em suas pesquisas os conceitos do que viria se tornar o novo enfoque nas estudos desenvolvidos pelo ProLUGAR: a cognição experiencial e a observação incorporada.

Novos rumos

Ao ingressar no Mestrado, minha dissertação tinha como objeto de estudo a APO de um lugar urbano ligado ao Corredor Cultural da Cidade do Rio de Janeiro, ligado a pesquisa de doutorado de Denise de Alcantara. No decorrer do curso de Mestrado, especialmente as disciplinas Teoria e Prática de Ensino de Projeto de Arquitetura, Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído, Seminários de Arquitetura, Ergonomia e Cognição I e II e Pensamento Arquitetônico Contemporâneo I e II, suscitaram grandes mudanças de planos.

Em Teoria e Prática de Ensino de Projeto de Arquitetura, emergem duas questões: é possível se ensinar? Existe um professor que ensina e um aluno que aprende?

A postura alinhada com os preceitos da Modernidade preconiza que sim. O pensamento ilustrado, a separação do conhecimento em múltiplos compartimentos, defende que existe um mundo pré-dado, passível de apreensão e de representação. Porém, tal modelo não corresponde às necessidades e complexidades da contemporaneidade. Uma postura mais alinhada com a Pós-modernidade, onde o aprendizado se dá na interação entre “aluno” e

“professor”, na troca de experiências, ou como sugere Vigotski (1995; 1996), em uma situação que ele caracteriza como zona de desenvolvimento proximal. O contato com o pensamento de Boaventura dos Santos (SANTOS, 1995) e de Paulo Freire (FREIRE, 2006), em conjunto com os textos, artigos e aulas de Rheingantz, tudo isso permitiu compreender que professor deve ser aquele que incentiva o desenvolvimento do aluno.

A disciplina Avaliação de Desempenho do Ambiente Construído ofereceu um panorama bastante abrangente do estado da arte da APO, especialmente a partir dos anos 1960. Não é por acaso que o surgimento das técnicas que acreditam na interdisciplinaridade e que defendem um envolvimento maior entre observador e usuários tenham se desenvolvido com maior intensidade coincide com as grandes críticas à Arquitetura Moderna – que considera o homem uma abstração representada pelo homem-ideal ou homem-tipo.

Os métodos participativos (SOMMER, PREISER, SANOFF, BECHTEL, ZEISEL, ORNSTEIN, RHEINGANTZ) ² me despertaram um interesse maior, especialmente aqueles relacionados com as entrevistas. Devemos analisar os ambientes, ou os relatos dos usuários sobre estes ambientes? Na verdade, ambos. Mas as pesquisas e estudos de caso que acompanhei possibilitaram compreender que nem sempre aquilo que é dito coincide com o apurado pela observação de quem analisa.

Os relatos dos usuários são permeados de uma série de filtros – culturais, sociais, hierárquicos. Por exemplo, um funcionário de uma empresa, se perguntado se o seu ambiente de trabalho é satisfatório, pode responder afirmativamente simplesmente por medo de retaliações por parte de seus superiores. Ou mesmo que responda sinceramente sobre como percebe e avalia o ambiente, como avaliar o significado do seu discurso? Será que o que é dito por uma pessoa é entendido exatamente da mesma forma por outra? Será que as palavras têm o mesmo peso e significado para pessoas diferentes?

Estas inquietações me levaram ao estudo da Linguagem, e, em especial, às questões levantadas por Mikhail BAKHTIN (2006), Michel PÊCHEUX (1990, 1995, 2006) e Eni P. ORLANDI (2004a, 2004b, 2005a, 2005b) que estudam, dentre outras coisas, a interferências

² SOMMER, 1973, 1979, 1983; SOMMER & SOMMER, 1997; PREISER *et al*, 1988; SANOFF, 1977, 1978, 1990, 1991, 1992, 1997, 2000; BECHTEL, 1997; ZEISEL, 1981; ORNSTEIN, 1996; RHEINGANTZ, 1995, 1998, 2000, 2004.

de fatores culturais e sociais na construção dos discursos. O que me levou a outras questões filosóficas, envolvendo o Estruturalismo e o Pós-Estruturalismo.³

Em *Pensamento Arquitetônico Contemporâneo I, Filosofia e Arquitetura*, “campos do saber” muitas vezes tomados como fazendo parte de realidades diferentes, surgem, especificamente no pensamento de Michel FOUCAULT e sua relação com a questão das arquiteturas do isolamento – como manicômios, hospitais, asilos. As pessoas consideradas “diferentes” e, por isso, potencialmente perigosas, eram separadas da sociedade, de forma a se manter a “normalidade” dentro dos padrões considerados necessários. Os sintomas da chamada Modernidade – padrões, regras, tabula rasa, nova história – são termos que passam a fazer parte do meu vocabulário ao tratar da crítica a Modernidade. A Filosofia, que sempre me ajudou a pensar o mundo de outras maneiras, passou a se fazer cada vez mais presente em minha vida acadêmica.

Em *Pensamento Arquitetônico Contemporâneo II*, novos personagens entram em cena: Jacques DERRIDA (2004), Ignasi de SOLÀ-MORALES (1977), Jean-François LYOTARD (2002), Jürgen HABERMAS (1992, 2002), Josep Maria MONTANER (1999, 2002a, 2002b, 2002c), para citar somente alguns, aparecem como bases para a crítica à Arquitetura Moderna, seja ela no campo dos que a defendem ou dos que a rejeitam. Modernidade, Pós-modernidade, desconstrução, estruturalismo, pós-estruturalismo, contemporaneidade. Estes temas foram apresentados com maestria, oferecendo um panorama bastante diversificado.

Nas disciplinas de Seminários de Arquitetura, Ergonomia e Cognição I e II, em função dos novos conhecimentos e informações incorporados nas disciplinas anteriores, a questão da (crítica à) Modernidade já era um tema que muito me instigava, especialmente sua ligação com questões filosóficas.

Os questionamentos levantados e as contribuições dadas pelos professores – um arquiteto, uma psicóloga e um ergonomista – ao longo da disciplina, serviram como ponto de partida para diversos outros questionamentos e para a decisão por estudar com maior atenção as questões relacionadas com a Modernidade e com a Pós-Modernidade. As provocações

³ Os conceitos de Estruturalismo e Pós-Estruturalismo serão aprofundados no decorrer dos próximos capítulos. Resumidamente, o estruturalismo defende o entendimento do discurso estritamente dentro daquilo que é dito; o pós-estruturalismo por sua vez leva em consideração aquilo que possa estar fora do contexto, subentendido.

suscitadas durante o curso encorajaram o tema para um artigo que nunca chegou a ser concluído, mas cujo título é bastante sugestivo: *Jamais fomos Modernistas*⁴.

Assim, a mudança no tema da dissertação veio ao encontro de grandes anseios pessoais: era a possibilidade de estudar a *Observação Incorporada*⁵, sob o ponto de vista filosófico.

Afinal, ao colocar o sujeito que observa e o que é observado no centro das atenções, a *Observação Incorporada* não seria uma atitude pós-moderna? E ao entender que aquilo que o usuário diz possa estar influenciado por diversos fatores (sociais, culturais, etc.), não seria uma postura pós-estruturalista? Estas questões, dentre outras que serão apresentadas ao longo da pesquisa, pretendem ser a contribuição desta dissertação: uma reflexão a respeito da *Observação Incorporada* e sua inserção nas complexidades da contemporaneidade.

⁴ Em referência ao livro de Bruno Latour, *Jamais fomos Modernos*. O artigo é em co-autoria com os professores da disciplina – Paulo Afonso Rheingantz e Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro, e o psicólogo e mestrando Rafael Barreto de Castro.

⁵ A *Observação Incorporada*, nome sugerido pela Prof.^ª Rosa Pedro, é baseada no trabalho de Maturana, Varela e Thompson, e consiste numa abordagem a partir de uma perspectiva auto-inclusiva, agregando as percepções, experiências, conhecimento e história do observador ao processo complexo de entendimento do ambiente, assim como dos demais sujeitos a ele relacionados.

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

A reflexão é um processo de conhecer como conhecemos, um ato de voltar a nós mesmos, a única oportunidade que temos de descobrir nossas cegueiras e reconhecer que as certezas e os conhecimentos dos outros são, respectivamente, tão aflitivos e tão tênues quanto os nossos. (MATURANA & VARELA, 1995:30)

Este trabalho insere-se num estudo mais abrangente, ainda em andamento, certificado pelo Diretório Nacional de Grupos de Pesquisa do CNPq e vinculado à linha de Pesquisa Arquitetura e Lugar, através do Grupo Qualidade do Lugar e Paisagem (ProLUGAR) do Programa de Pós-graduação em Arquitetura da FAU/UFRJ (PROARQ), que há 10 anos pesquisa a qualidade e o desempenho de edifícios e ambientes urbanos, sendo referência nacional nos estudos com ênfase cognitivo de edifícios e ambientes de escritório.

O trabalho tem origem na dissertação de mestrado de Rheingantz (1995) "Centro Empresarial Internacional Rio: Análise pós-ocupação, por observação participante das condições internas de conforto", onde, pela primeira vez, foi realizada uma APO (Avaliação Pós-Ocupação) num edifício da cidade do Rio de Janeiro.

A partir daí, destacam-se os trabalhos interdisciplinares de Avaliação Pós-ocupação desenvolvidos nos edifícios RB1, BNDES e INPI, a consultoria na consolidação de um programa de Avaliação Pós-ocupação em um conjunto de edifícios do Campus Manguinhos da Fundação Oswaldo Cruz, além da tese de doutorado Modelo de Análise Hierárquica COPPETEC-COSENZA na Avaliação de Desempenho de Edifícios/Ambientes de Escritório (RHEINGANTZ, 2000).

Como desdobramento da pesquisa, a dissertação de mestrado de Abrantes (2004), acrescenta novos horizontes ao estudo de pós-ocupação, através de um olhar cognitivo, servindo como fundamentação teórica e base de pesquisa para as quatro dissertações que se seguiram - Simões (2005), Faria (2005), Rodrigues (2005) e Alvarenga (2005). Estas pesquisas, que têm também como objeto de estudo ambientes de escritório, contam com a assessoria da Prof^ª. Dr^ª. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro, do Instituto de Psicologia da UFRJ e do Prof. Dr. Mario Cesar Rodriguez Vidal, do GENTE/COPPE/UFRJ.

O **problema** a ser investigado nesta pesquisa surgiu a partir dos debates e reuniões ocorridos no grupo ProLUGAR e nos trabalhos de pesquisa desenvolvidos durante o curso do Mestrado, gerando o seguinte questionamento: *A revisão crítica da Observação Incorporada e a inclusão da Análise do Discurso, entendidas à luz de um contexto pós-estruturalista e pós-modernista favorecem a compreensão da diversidade de olhares e das experiências dos usuários, necessárias a compreensão da avaliação da qualidade do ambiente construído?*

O **objetivo geral** deste trabalho é fazer uma revisão crítica dos trabalhos apresentados, através de uma leitura interpretativa, de maneira a contribuir para a consolidação dos estudos que vem sendo desenvolvidos. Partindo da hipótese de que a Observação Incorporada, uma abordagem diferenciada em relação à figura do pesquisador “tradicional” utilizada pelo grupo, possui características que possibilitam sua identificação com princípios alinhados com pensadores de correntes pós-modernas e pós-estruturalistas, esta pesquisa pretende discutir alguns fundamentos teóricos, que possibilitem um melhor entendimento e problematização da questão.

Os **objetivos específicos** desta pesquisa são:

- Incorporar os conhecimentos relacionados às Ciências Cognitivas – em especial a abordagem atuacionista – à Análise do Discurso e à Filosofia aos procedimentos da APO;
- Propor reflexões sobre as diferentes maneiras de *experienciar* a qualidade do lugar, através da Observação Incorporada, de maneira a destacar os diferentes enfoques no processo de pesquisa e suas conseqüências nas avaliações resultantes;
- Fomentar e contribuir com a relação existente entre a experiência, a observação, a percepção e o papel do observador e sua relação com os usuários na Avaliação Pós-Ocupação.

A pesquisa se **justifica** por apresentar uma reflexão sobre a maneira como a experiência do pesquisador no ambiente analisado, através da Observação Incorporada, e sua relação com os usuários interfere em sua *experiência ambiental* - entendida como fruto de sua interação com usuários e ambiente em que o pesquisador está inserido - e nas descobertas e resultados de uma APO, através de sua *leitura interpretativa* dos dados obtidos, na busca da produção de ambientes mais responsivos às necessidades e às expectativas destes usuários.

A presente dissertação está dividida em duas partes, sendo elas descritas a seguir. A Primeira Parte (Capítulos 1 e 2) contém os capítulos de Fundamentação Teórica e Materiais e Métodos. A segunda parte (Capítulo 3) contém a análise das cinco dissertações de mestrado mais recentes do grupo ProLUGAR.

O Capítulo 1 – **Fundamentação Teórica** – está dividido em três seções. A primeira resgata as motivações e inquietações iniciais que deram origem ao trabalho desenvolvido pelo ProLUGAR, baseado no trabalho de Rheingantz (1998, 2000, 2004). A segunda busca um aprofundamento de conceitos ligados à Modernidade, Pós-Modernidade, Estruturalismo e Pós-estruturalismo, presentes nos discursos de diversos autores e, especificamente, de arquitetos. A terceira seção trata da Análise do Discurso, campo do conhecimento originário da Lingüística, e que oferece, dentre outras coisas, o conceito de interpretação.

O Capítulo 2 – **Materiais e Métodos** – está dividido em três seções. Na primeira relaciona a pesquisa bibliográfica referente às pesquisas do ProLUGAR. Na segunda seção é apresentado um método, baseado em conceitos da Análise do Discurso, que possibilita uma leitura interpretativa dos textos das dissertações analisadas nesta pesquisa. A terceira seção relaciona e conceitua os instrumentos utilizados nas pesquisas analisadas.

O Capítulo 3 – **Análise Crítica** – está dividido em nove seções. A primeira seção contextualiza as cinco dissertações, dentro das pesquisas do ProLUGAR. As cinco seções seguintes apresentam uma análise, baseada no conceito de dispositivo de interpretação descrito no Capítulo 2, a partir da leitura das dissertações. A sétima seção faz uma análise global dos resultados encontrados. A oitava seção faz uma reflexão sobre a aplicação do método utilizado e sua relevância. A nona seção propõe algumas sugestões para pesquisas futuras.

Em **Considerações Finais** são feitas considerações e reflexões sobre os conceitos abordados e as dissertações estudadas e sobre a proposta metodológica desenvolvida na pesquisa.

Em **Apêndice** é apresentada, a partir de uma abordagem alinhada com os princípios vistos no capítulo de Fundamentação Teórica, uma releitura do conceito de Mapas Cognitivos e imagem mental (LYNCH, 1999), usualmente utilizados em pesquisas de APO, a partir da contextualização da pesquisa de Lynch e sua relação com os discursos arquitetônicos da época do desenvolvimento de sua pesquisa, entre 1955 e 1960.

Como resultado da pesquisa, espera-se produzir uma reflexão sobre a abordagem adotada pelo ProLUGAR, de maneira a auxiliar os pesquisadores no entendimento das inúmeras e complexas questões envolvidas no processo de investigação de APO, de maneira a possibilitar a produção de ambientes mais responsivos às necessidades e às expectativas de seus usuários.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Há tantas realidades - todas diferentes mas igualmente legítimas - quantos domínios de coerências operacionais explicativas (...). Havendo tantas realidades legítimas quantos domínios explicativos eu possa trazer a mão em minhas coerências operacionais como observador, se tenho uma discordância com outra pessoa, essa outra pessoa está num domínio de realidade diferente do meu. É tão legítimo quanto o meu, que é diferente. Pode ser que não me agrade, mas não me agradar é um ato responsável de minha predileção, não é uma negação da legitimidade desse outro domínio de realidade. (MATURANA, 2001:38)

Neste capítulo buscamos resgatar as motivações e inquietações iniciais que deram origem ao trabalho desenvolvido pelo ProLUGAR. As bases conceituais utilizadas nas pesquisas do grupo têm origem no trabalho de Rheingantz (1998, 2000, 2004), onde o autor expõe sua busca por alternativas complementares ao enfoque clássico da APO.

Este novo caminho é fundamentado no pensamento de Humberto Maturana e Francisco Varela, em especial a identificação do processo de conhecimento com o processo de viver, na qual o observador não examina uma realidade independente dele próprio⁶.

Em seguida, são apresentados os conceitos relacionados à Modernidade/Pós-Modernidade e Estruturalismo⁷/Pós-Estruturalismo⁸, ligados diretamente a Arquitetura e a construção dos discursos teóricos, de forma a fornecer um panorama conceitual que nos auxilie no nosso trabalho de análise crítica.

Os autores escolhidos para tratar da questão da modernidade e pós-modernidade em arquitetura (em especial os acontecimentos ligados à crítica ao Movimento Moderno e suas conseqüências) são aqueles cuja produção teórica conta com amplo reconhecimento no meio acadêmico⁹. São utilizados textos de LE CORBUSIER, Gordon CULLEN, Kevin LYNCH, Reyner BANHAM, Jane JACOBS, Robert VENTURI, Aldo ROSSI, Leonardo BENEVOLO, Charles

⁶ Como veremos a seguir, se trata de uma postura pós-moderna.

⁷ Corrente de pensamento filosófico e lingüístico que considera que as ciências humanas devem abordar os seus objetos do ponto de vista de estruturas formais, que traduzem características universais ou princípios organizadores.

⁸ Corrente derivada do estruturalismo segundo o qual não é possível estabelecer regras ou princípios organizadores que traduzam características universais. Os conceitos de "verdade", "unidade", por exemplo, são substituídos por diversidade, complexidade, visões de mundo, dentre outros.

⁹ Tais autores possuem textos compilados em importantes antologias do pensamento arquitetônico do século XX; aparecem em Conrads (1971), Hays (2000), Nesbitt (2006) e Jencks e Kropf (2006).

JENCKS, Josep Maria MONTANER, Peter BLAKE, Peter EISENMAN, Rem KOOLHAAS, Alan COLQUHOUN, Kenneth FRAMPTON, Paolo PORTOGHESI e Fredric JAMESON.

Foram selecionados autores representativos das correntes de pensamento consideradas, cujas posições permitem formar um panorama, a partir do qual é estruturada a nossa base conceitual e metodológica.

Da Filosofia, as questões levantadas por Friedrich NIETZSCHE e Martin HEIDEGGER, entre o final do século XIX e início do século XX, constituem a base para a construção do pensamento de autores como Gilles DELEUZE, Félix GUATTARI, Jacques DERRIDA, Jean BAUDRILLARD e, mais especificamente em nossa pesquisa, Jürgen HABERMAS e Jean-François LYOTARD, que são tomados como representantes do pensamento filosófico moderno e pós-moderno, respectivamente.

Outros autores também são utilizados de forma a exemplificar a diversidade de pensamentos ocorrida especialmente durante a segunda metade do século XX, através do que se convencionou chamar em Filosofia de Estruturalismo e Pós-Estruturalismo e sua relação com os discursos dos movimentos Moderno e Pós-Moderno em Arquitetura.

Na seção seguinte é apresentada a Análise do Discurso, entendida como uma maneira coerente de se fazer análises interpretativas, alinhada com a abordagem da Observação Incorporada, entendida em um contexto pós-moderno e pós-estruturalista.

Também são utilizados como referência autores como Ferdinand de SAUSSURE, cujo trabalho na Lingüística fornece os fundamentos para o aparecimento do conceito de estruturalismo em filosofia, Mikhail BAKHTIN, com o conceito de Filosofia da linguagem, e Michel PÊCHEUX e Michel FOUCAULT, que tratam, sob diferentes olhares, da questão da produção do discurso falado/escrito e de sua interpretação por outrem.

Neste trabalho é destacada a produção de autores brasileiros, consagrados no meio acadêmico acerca da Análise do Discurso, como Maria do Rosário GREGOLIN, Carlos Alberto FARACO e, em especial, Eni P. ORLANDI.

Desta forma, este trabalho busca trazer à discussão uma abordagem diferenciada na avaliação do ambiente construído. Através da Observação Incorporada e da Análise do Discurso, as diferentes visões de mundo dos usuários, entendidos dentro de um contexto pós-moderno e pós-estruturalista e de suas realidades, são englobadas nas análises dos ambientes estudados, considerando que as experiências de vida das pessoas e as formas como constroem seus discursos são importantes indícios para o entendimento do espaço que as circunda.

Propõe-se este estudo sobre a contribuição do ProLUGAR para a Avaliação Pós-ocupação através de uma revisão crítica das cinco dissertações de Mestrado mais recentes realizadas pelo grupo, através da aplicação da Observação Incorporada, entendida como uma postura pós-moderna. Como contribuição deste trabalho, propõe-se a análise do discurso, entendida dentro da Filosofia da linguagem, como um instrumento de pesquisa, que no contexto do pós-estruturalismo e da pós-modernidade permite englobar elementos não considerados em pesquisas tradicionais.

Assim, a relevância deste estudo se deve à sua busca em avaliar criticamente o ambiente construído, ao considerar as complexidades das visões de mundo expressas nos discursos daqueles que os utilizam (consideradas interpretações de uma “realidade” possível) possibilitando aos pesquisadores de APO um melhor entendimento daquilo que estudam de forma a tornar os ambientes mais responsivos as necessidades de seus usuários.

1.1 DE CORPO PRESENTE: A REVALORIZAÇÃO DA FIGURA DO OBSERVADOR¹⁰

Acredito que a possibilidade de nos transformarmos de simples “observadores” em “protagonistas” ou “atuadores” conscientes de nossa experiência de observação permite aprofundar a reflexão sobre a influência das dimensões espontâneas e reflexivas da experiência humana no ambiente; que a incorporação da nossa atuação no processo de experienciar o nosso ser durante nosso observar transforma o significado da observação, que passa a ser uma explicação das distinções da experiência vivenciada conscientemente pelo observador-sujeito da avaliação. (RHEINGANTZ, 2004:9)

¹⁰ A seguinte análise se refere ao artigo “De Corpo Presente: sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído” (RHEINGANTZ, 2004)

Rheingantz (2004), com base em sua experiência de mais de dez anos em APO, questiona a excessiva atenção dispensada aos aspectos operacionais e instrumentais (e, portanto, excessivamente racionais e quantitativos) e na sua eficiência intrínseca, em detrimento de uma “reflexão sobre a própria experiência da reflexão vivenciada pelo observador em sua experiência de observar” (RHEINGANTZ, 2004:1).

Para o autor, o observador deve reconhecer que o ambiente (lugar, meio) da observação é inseparável do observador, e que a observação pode ser conscientemente guiada. Nesta concepção, o ambiente é entendido não como algo pré-definido, mas como algo a ser apreendido – ou incorporado – pelo observador, no lugar da simples aplicação de modelos, regras e procedimentos do “saber-fazer” tradicional.¹¹

A avaliação de desempenho, a partir deste entendimento, passa a ser uma reflexão ilimitada, corporificada, circular e consciente em torno das coerências das relações entre os sistemas que configuram o ambiente observado. Neste sentido, o observador acontece no observar; e a experiência de explicar esta experiência corporifica o mundo.

O autor, baseado em Santos (1995) e Morin (1996), menciona os efeitos negativos da excessiva parcelização e “disciplinização” do saber científico, que faz do cientista um ignorante especializado. Segundo Santos, também é necessário que a ciência assuma seu caráter autobiográfico e auto-referenciável, configurando uma forma mais compreensiva, íntima e incerta de conhecimento que não nos separe daquilo que estudamos.

Desta forma, cansado das “mesmices teóricas e metodológicas” que tem caracterizado os eventos científicos e acadêmicos relacionados com APO ou com avaliação de desempenho, o autor propõe a necessidade de que os estudos e pesquisas não fiquem restritos à Academia.

Assim, em lugar de se ocupar dos métodos e dos instrumentos de avaliação, ele propõe alguns caminhos possíveis para tentarmos superar os limites impostos por nossa “tradição behaviorista” (RHEINGANTZ, 2004:2). O seu interesse se volta, então, para o resgate da importância do papel e da conduta dos avaliadores, assim como sobre o significado das

¹¹ Tal postura, como veremos a seguir, é característica da pós-modernidade.

avaliações – a quem elas têm beneficiado e com que propósitos e interesses elas tem sido realizadas. Esta valorização do sujeito é uma das características da pós-modernidade.

Ao buscar opções para as limitações encontradas no enfoque “tradicional” de APO, o autor encontra os primeiros argumentos na fenomenologia (MERLEAU-PONTY, 1994; CHAUI, 1994), na percepção ambiental (SOMMER, 1973, 1983; HALL, 1977; LEE, 1977; DEL RIO, 1991) e em autores interessados nos novos paradigmas para o conhecimento humano (CAPRA, 1991; SANTOS, 1995; PRIGOGINE & STENGERS, 1992; MATURANA & VARELA, 1995).

Segundo o autor, a primeira oportunidade de aplicar tais conceitos acontece com sua dissertação de mestrado (RHEINGANTZ, 1995), onde foram aplicados métodos e instrumentos propostos por Preiser, Rabinowitz e White (1988) e por Ornstein e Roméro (1992). Seu interesse foi *compreender e relacionar os diferentes significados e contradições presentes no uso do edifício*¹² de modo a evidenciar as limitações que a tradição behaviorista e a visão clássica do conforto impunham a trabalhos desta natureza, especialmente no que se refere ao contato com os usuários¹³.

Rheingantz (2004) salienta que a tradição behaviorista se preocupa em observar os comportamentos, mas não atenta para as razões que os justificam. A tradição do conforto ambiental, segundo o autor, focaliza a física dos fenômenos (como o conforto lumínico, higrotérmico, acústico, qualidade do ar), mas não necessariamente se preocupa com o bem-estar dos usuários (o que, segundo ele, deveria se traduzir no conforto visual, auditivo, olfativo, etc.).

Em diversas situações, como pode apurar o cruzamento dos resultados das medições realizadas com o apoio de instrumentos – índices de temperatura e umidade do ar, índices de iluminação incompatíveis com as normas – *não* coincidiram com a avaliação dos usuários, que os consideravam adequados. Tal fato evidenciou que o bem-estar das pessoas é um

¹² Este exercício de busca de outros significados ou de interpretações possíveis é, como veremos, característica do pós-estruturalismo e ponto-chave na Análise do Discurso.

¹³ Em outras ocasiões o autor teve a oportunidade de experimentar, e comprovar, a necessidade deste novo enfoque, como por exemplo: na APO realizada na Clínica São Vicente (DEL RIO *et al* 1998; 2000) em curso ministrado pela professora Sheila Ornstein (1998); no workshop realizado com Henry Sanoff, no Colégio Aplicação da UFRJ (DEL RIO & SANOFF, 1999); e no trabalho realizado no INPI (2000), coordenando uma equipe interdisciplinar de mais de 20 pessoas.

problema de ordem cultural que transcende as regras da física e as recomendações das normas. (RHEINGANTZ, 1995)

O autor comprovou a inadequação do discurso “científico” para avaliar o desempenho de ambientes que contrariavam os padrões recomendados pelas normas. Nestes casos, a experiência estava demonstrando a inadequação das normas, que tradicionalmente desconsideram os sentimentos, as emoções das pessoas e sua variabilidade.

a ciência moderna não é a única explicação possível da realidade e não há sequer qualquer razão científica para a considerar melhor que as explicações alternativas da metafísica, da astrologia, da religião, da arte ou da poesia. (SANTOS, 1995:52)

Assim, com base no argumento de Santos (1995) de que o próprio conhecimento científico é um juízo de valor e que “um edifício é, fundamentalmente, o que esperamos dele” (ALLEN, 1982:35), o autor começa a trabalhar com a possibilidade de que um edifício ou ambiente em uso seja considerado um organismo dotado de “vida e significado” próprios.

Incentivado pela parceria com a Prof^ª. Dr^ª. Rosa Pedro, que debate, entre outras coisas, questões relativas à problematização da modernidade (LATOURETTE, 1994, 2001, 2002, 2005; PEDRO, 1996; PRIGOGINE & STENGERS, 1992, 1997; PRIGOGINE, 1996), Rheingantz vem trabalhando com o processo de hibridação da cognição, que não mais separa natureza e cultura – como na tradição moderna – propondo uma integração de natureza, cultura e artifício.

Com base em Damásio (1996), que demonstra que a consciência é produto da capacidade do organismo de perceber suas emoções e do ambiente de reagir a elas, ele defende a necessidade de inclusão das emoções e das impressões que os ambientes provocam nas pessoas, sejam elas usuários ou observadores.

Para dar conta desta nova possibilidade de romper as amarras behavioristas, o autor sugere a criação de uma nova categoria de fatores na metodologia da APO – inicialmente chamada de *fatores de interação ou de cumplicidade*. Posteriormente, com a colaboração dos professores Vicente del Rio e Cristiane Duarte, esta categoria passa a ser designada *fatores culturais*, e sua

aplicação possibilita incorporar as transformações significantes produzidas pelo envolvimento entre pesquisadores, usuários e o “organismo” analisado.

Os fatores culturais se baseiam no pressuposto de que a arquitetura não é apenas um fechamento físico-social, mas um fechamento cultural. Os autores consideram que a influência da cultura nas relações homem \times ambiente construído seja circular: quando um determinado grupo humano se adapta ao meio urbano, ele molda seus espaços que, por sua vez, provocam profundas alterações nas lógicas relacionais desse grupo. Desta forma, segundo o autor, é indispensável que a APO considere a contextualização dos edifícios na cidade e na sociedade, reconhecendo e valorizando seus significados, sua estética, seu papel social, etc.

As visões de mundo, agradabilidade, imageabilidade¹⁴, noção de pertencimento ao lugar, comportamento humano frente às condições ambientais e, até mesmo, as posturas corporais, são fortemente influenciados pela herança cultural dos habitantes de um determinado lugar, tanto o homem como o ambiente construído são ao mesmo tempo, produtores e produto da cultura.

Desta forma, para o autor, os fatores culturais possibilitam reconhecer as transformações significantes produzidas nas relações entre os grupos humanos e o ambiente construído, seus aspectos cognitivos, seus valores declarados e reais – que influenciam e são influenciados pelo uso e pela operação dos edifícios.

A aplicabilidade destes fatores foi testada com sucesso na APO do BNDES e permitiu conferir um sentido transformador à experiência dos observadores, de forma que eles fossem capazes de compreender o significado de observações que escapam ao olhar “técnico” e “neuro” (RHEINGANTZ, 1998).

Em uma *walkthrough*, na mesma pesquisa, fizeram uma descoberta ainda mais surpreendente. A grande maioria dos funcionários da empresa almoçava na própria mesa de trabalho, utilizando marmitas elétricas, apesar da existência de amplas copas em todos os andares. Ao

¹⁴ O conceito de imageabilidade, oriundo do trabalho de Lynch (1999), necessita de uma releitura, pois se baseia em imagens e representações mentais, conceitos típicos da Modernidade. Apresentamos esta releitura no final desta dissertação, no Apêndice.

termino das refeições, os restos de comida jogados nas cestas de lixo foram identificados como os responsáveis pela existência da proliferação de baratas, que tanta dor de cabeça causava ao Condomínio (RHEINGANTZ *et al*, 1998).

A primeira idéia dos pesquisadores foi sugerir a proibição do almoço nas salas. Entretanto, na medida em que foram se familiarizando com os funcionários, descobriram que quase todos tinham mais de 20 anos de casa e que seus filhos cursavam faculdade. Como seus salários estavam congelados há algum tempo, a maior parte deles entregava aos filhos os vale-refeições que recebia do banco e, por isso, levava marmita.

Esta situação, que não seria detectada em uma avaliação tradicional baseada em instrumentos de análise comportamental, serviu para que a opinião dos pesquisadores fosse modificada. Em lugar de proibir as marmitas, Rheingantz *et al* (1998) sugeriram a reabertura das copas com a instalação de fornos de microondas em todas elas, eliminando a risco de incêndio e a presença de lixo orgânico no ambiente de trabalho.

Nesta mesma oportunidade, por exemplo, a análise walkthrough realizada em conjunto com a Prof^a. Giselle Azevedo permitiu, em lugar das tradicionais medições de temperatura, umidade e índices de iluminação, a aplicação da proposta defendida por Zube (*apud* DEL RIO, 1991), que considera as experiências vivenciadas de usuários e de pesquisadores como instrumentos de medição e de identificação da qualidade dos ambientes.

Assim como em diversos ambientes analisados, os resultados obtidos divergiram substancialmente das recomendações prescritas pelas normas, e, ao incorporar as sensações e os sentimentos dos usuários e dos avaliadores na avaliação, esta se tornou muito mais significativa, “colorida” e agradável (RHEINGANTZ *et al*, 1998).

Em paralelo a esta experiência de APO do BNDES, o autor cita a importância das leituras de Maturana e Varela (1995), a originalidade do seu enfoque sobre as ciências cognitivas – em especial seu interesse em “conhecer como conhecemos” e seu argumento sobre a impossibilidade de um observador conhecer “objetivamente” fenômenos sociais “nos quais o próprio observador-pesquisador que descreve o fenômeno está envolvido” (MATURANA & VARELA, 1995:17).

Desta forma, Rheingantz (2004) encontra em Maturana e Varela (1995) argumentos alternativos à tradição behaviorista e seus processos, cada vez mais sistematizados e “racionalis” da Avaliação Pós-Ocupação.

Estes dois autores, que buscam novos paradigmas para o conhecimento humano, receberam destaque no trabalho de Rheingantz: a crítica ao **representacionismo**¹⁵, de Maturana (2002) e a **abordagem atuacionista**¹⁶ de Varela *et al* (2003).

Para Maturana (2002) as explicações e afirmações científicas não podem fazer referência a realidades independentes do observador. Varela *et al* (2003) questionam explicitamente a pressuposição, que ainda prevalece nas ciências cognitivas como um todo, de que a cognição consiste na representação de um mundo que é independente de nossas capacidades perceptivas e cognitivas, através de um sistema cognitivo que existe independentemente desse mundo. Segundo os autores, nesta teoria para um dado objeto do “mundo real” existe uma “imagem mental” armazenada no interior da mente humana, numa espécie de arquivo de dados. A essa imagem corresponde uma palavra, cuja representação mental funciona como espelho de uma realidade exterior. (FIGURA 1)

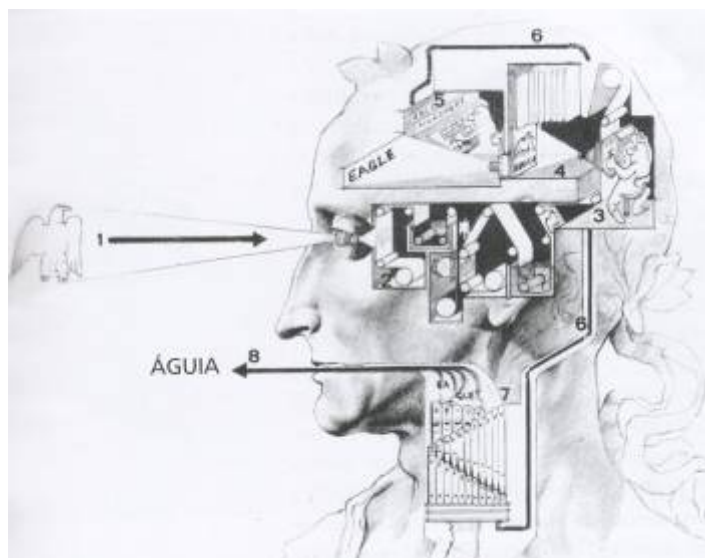


Figura 1: César e a metáfora representacionista.
Fonte: Maturana e Varela (2004:147)

¹⁵ A representação é um conceito chave da Modernidade.

¹⁶ Do inglês enaction, que significa “exercer atividade, estar em atividade, exercer influência”.

Baseado na hipótese representacionista, Saussure (1997) desenvolve no início do século XX, na Lingüística, as bases do pensamento estruturalista. (FIGURA 2)



Figura 2: Circuito da fala e das representações dos signos lingüísticos
Fonte: Saussure (1997: 19)

Rheingantz (2004) destaca no pensamento de Maturana e Varela (1995), o entendimento de que nosso mundo é construído com os outros em nosso domínio experiencial e que ao saber o que sabemos não podemos negar o que não sabemos. Segundo Maturana (2002), aquilo que explicamos é sempre uma experiência.

Outra importante contribuição dos autores para a compreensão das relações homem-ambiente, segundo Rheingantz (2004), é o entendimento de que o sistema nervoso não “capta informações” do meio, mas que produz *um* mundo ao especificar que configurações do meio são perturbações e que mudanças estas desencadeiam no organismo.

Para Maturana e Varela (1995), como destaca o autor, a suposição do aprendizado e a memória como “fenômenos de conduta que ocorrem quando se ‘capta’ ou se recebe algo do meio, (...) implica supor que o sistema nervoso funcione com **representações**” (MATURANA & VARELA, 1995, grifo nosso) obscurece o entendimento dos processos cognitivos.

Outra importante contribuição dos autores se refere ao ato de comunicar e das dificuldades que possam ocorrer nas interações comunicativas. Conforme salienta Rheingantz (2004), para Maturana e Varela (1995), a partir da “perspectiva de um observador, sempre há ambigüidade numa interação comunicativa. O fenômeno da comunicação não depende do que se fornece, e sim do que acontece com o receptor. E isso é muito diferente de transmitir informação.” (MATURANA & VARELA, 1995:219).

Neste processo de comunicação os autores entendem a linguagem como condição essencial para a experiência que associamos ao mental, onde as palavras assumem nova dimensão: “as palavras [...] são ações, e não coisas que passam de lá para cá.” (MATURANA & VARELA, 1995:251)

Ainda sobre este aspecto, é importante salientar a afirmação dos autores “Tudo que é dito é dito por alguém”. (MATURANA & VARELA, 2004:31). O que está implícito nesta afirmativa é o conceito de **interpretação**, ligado à Análise do Discurso, que é exposto no final deste Capítulo.

Maturana (2002) contribui, ainda, com a chamada objetividade entre parêntesis. Para o autor, não podemos distinguir na experiência entre o que chamamos de ilusão e percepção como afirmações cognitivas sobre a realidade. Como viver é conhecer, “explicar é sempre propor uma reformulação da experiência a ser explicada de uma forma aceitável para o observador.” (MATURANA, 2002:40)

Assim, para fugir da armadilha que nos impede distinguir a ilusão da percepção, o autor sugere a existência de dois caminhos explicativos ou “dois modos de estar em relação com os outros” (MATURANA, 2001:35), que ele identifica como caminhos da objetividade.

Na *objetividade sem parêntesis* o observador escuta uma resposta explicativa, o que equivale a esperar ouvir uma referência a uma realidade independente dele próprio para aceitar a sua explicação. Segundo este caminho da objetividade, a existência acontece independentemente de conhecê-la ou não, “Quando o observador não se pergunta pela origem de suas habilidades cognitivas e as aceita como propriedades constitutivas suas, ele atua como se o que ele distingue preexistisse à sua distinção.” (MATURANA, 2002:45).

No caminho da *objetividade entre parêntesis*, por sua vez, o observador aceita explicitamente que é um sistema vivo e que suas habilidades cognitivas são biológicas – o que impossibilita fazer qualquer afirmação sobre entidades que existem independentemente do que ele faz. Neste caminho, segundo Maturana (2002), aceitar que estas entidades existem num domínio de realidade objetiva torna-se sem sentido.

Nesta concepção, o observador deve aceitar sua incapacidade de distinguir, na experiência, a diferença entre percepção e ilusão e que não dispõe de bases operacionais para fazer

qualquer declaração ou afirmação sobre objetos, entidades ou relações, como se existissem independentemente do que ele faz. Como destaca Rheingantz (2004), para Maturana, o observador constitui a existência com suas operações de distinções, através das quais, na sua práxis, é o próprio observador a fonte de toda realidade. Ele é operacionalmente responsável por todos os domínios de realidade ou explicações; segundo o autor, o aceitar esta condição significa uma “passagem” para uma nova forma de conhecimento.

Varela *et al*/ (2003), inspirados em Merleau-Ponty, afirmam que a cultura científica ocidental requer um novo olhar sobre nossos corpos capaz de vê-los tanto como estruturas físicas quanto como estruturas experienciais vividas, como algo que “é tanto ‘externo’ quanto ‘interno’, tanto biológico quanto fenomenológico” (VARELA *et al*, 2003:13).

Os autores também afirmam que existe a impossibilidade de compreender este movimento sem investigar detalhadamente “a incorporação do conhecimento, da cognição e da experiência” (VARELA *et al*, 2003:14) em um duplo sentido onde o corpo é entendido como “estrutura experiencial vivida” e como “contexto ou meio dos mecanismos cognitivos”.

Por considerarem que a dissociação mente-corpo seja resultado do hábito e que esses hábitos podem ser quebrados com treinamento de “bons hábitos” capazes de resgatar nossa atenção e que as atividades mais reflexivas da experiência humana recebem pouco mais que um tratamento superficial, trivial, que não está à altura da profundidade e sofisticação da análise científica, (VARELA *et al*, 2003:15) sugerem uma aproximação com a tradição budista da meditação¹⁷.

Os autores destacam o método da atenção¹⁸, que permite que as pessoas descubram que a mente e o corpo não são coordenados, voltando-se para a própria experiência de cada pessoa. Esta aproximação, acreditam os autores, poderá atender à demanda das ciências cognitivas por um método para investigar e saber o que é esta experiência, para identificar a diferença entre estar ou não presente sugerindo a necessidade de mudança na natureza da

¹⁷ Schopenhauer (2005) ainda no século XIX defendia a tese de que o budismo era uma forma de se apreender o mundo de uma maneira mais correta, livre de pré-concepções.

¹⁸ Os autores citam a tradição Abhidharma, que trabalha com conjuntos de categorias não ontológicas, mas simples descrições da experiência e orientadoras da investigação, para examinar o surgimento do sentido de ego: os cinco agregados, sendo o primeiro material e os demais, mentais [formas, sentimentos/sensações, percepções (discernimentos)/impulsos; formações disposicionais e consciência]. Juntos, constituem o complexo psicofísico que constitui a pessoa a cada momento da experiência.

própria reflexão, que deixa de ser considerada uma atividade abstrata e desincorporada, para uma reflexão incorporada, atenta e aberta. Neste entendimento, a reflexão não se dá apenas sobre a experiência, uma vez que ela própria é uma forma de experiência.

Para caracterizar esta nova abordagem para as ciências cognitivas Varela *et al* (2003) sugerem a designação atuacionista, enfatizando que a

cognição *não é a representação de um mundo* preconcebido por uma mente preconcebida mas, ao contrário, é a atuação de um mundo e de uma mente com base em uma história da diversidade de ações desempenhadas por um ser no mundo. *A abordagem atuacionista assume então, seriamente, a crítica filosófica da idéia de que a mente é um espelho da natureza*, e vai além dela ao abordar a questão no interior do domínio central da ciência. (VARELA *et al*, 2003:26, grifo nosso)

Desta forma, os autores questionam o pressuposto de que a cognição seja a representação de um mundo que é independente das capacidades perceptivas e cognitivas humanas através de um sistema cognitivo que, por sua vez, também existe independentemente desse mundo. Ao invés disso, como destaca Rheingantz (2004), estes autores defendem uma visão de cognição como *ação incorporada*.

Com o termo *incorporada* os autores têm a intenção de chamar a atenção para a dependência da cognição das várias capacidades sensório-motoras de nosso corpo que, individualmente, estão embutidas em um contexto biológico, psicológico e cultural mais abrangente. E com o termo *ação*, os autores enfatizam que na cognição vivida, os processos sensoriais e motores – a percepção e a ação – são inseparáveis.

Segundo Rheingantz (2004), o ponto de partida da abordagem atuacionista é o estudo do modo como o observador pode orientar suas ações em sua situação local, admitindo-se que essas situações mudam constantemente em função da atividade do observador, ou até mesmo em função das variações de humor deste observador.

Desta forma, em lugar de especificar um mundo predeterminado e independente do observador, o ponto de referência passa a ser o modo como o observador pode agir e ser modulado por eventos ambientais.

1.1.1 A Avaliação de Desempenho como uma Experiência Humana ou A Avaliação de Desempenho como uma Experiência Possível

Rheingantz (2004) apresenta, com base em sua experiência e a partir dos principais aspectos da obra de Maturana e Varela, alguns novos possíveis caminhos para a APO. Este caminho ou explicação, baseado na experiência ou atuação de um observador, considera que, por meio de sua interação com o ambiente, este observador passa ao mesmo tempo a ser ator do processo de avaliação e roteirista de sua explicação.

Neste contexto, é necessário fugir da armadilha que nos impede de distinguir a ilusão da percepção em nossas afirmações cognitivas sobre a realidade observada. Assim, confirma-se o argumento de Varela *et al* (2003), ao se referir que, em nossas pesquisas, nos valemos de instrumentos e técnicas de análise para olharmos os processos cognitivos como comportamentos (fruto de nossa herança behaviorista) para relatar nossas descobertas sobre um ambiente externo a nós, nos esquecendo de incorporar nossos sentimentos e emoções surgidos durante o processo de observação ou de interação com o ambiente.

Tal herança behaviorista engloba o entendimento de que nossa auto-compreensão humana é falsa, o que nos impede de aceitar nossa própria experiência de vida como uma atividade científica. Desta forma, a avaliação, para ser científica, precisa pressupor um mundo que é configurado pelos instrumentos de análise e pelas normas e padrões de desempenho desejados/existentes, e que se sobrepõe a qualquer inferência de origem emocional (RHEINGANTZ, 2004). Neste contexto, o observador deixa de ser um sujeito para se tornar um simples instrumento de aplicação de um conjunto de ferramentas que possibilitará conferir um caráter científico à experiência (RHEINGANTZ, 2004).

Assim, nossa prática tem sido pautada pela *objetividade sem parêntesis* uma vez que o pesquisador não assume sua habilidade de observador. Ao invés disso, o ambiente analisado é entendido como uma realidade independente do observador e de sua capacidade de conhecê-la ou não, se tornando um “obediente aplicador de métodos e instrumentos” (RHEINGANTZ, 2004).

Se em contrapartida, trilharmos o caminho da *objetividade entre parêntesis*, aceitando nossa condição de um sistema vivo dotados de um conjunto de habilidades cognitivas biológicas, podemos aceitar nossa incapacidade de distinguir a diferença entre percepção e ilusão e que

não existem bases operacionais que permitam fazer qualquer declaração ou afirmação sobre objetos, entidades ou relações, como se elas existissem independentemente do que nós estamos fazendo.

Desta forma, ao trilhar este caminho, o observador aceita-se como a própria fonte de toda realidade, e como operacionalmente responsável por todos os domínios de realidade ou explicações.

Assim, nenhuma proposição explicativa é explicação em si; em lugar de demandar uma suposição da objetividade conferida pela aplicação de instrumentos de análise, é necessário focalizar o modo como a percebemos, pois nenhuma proposição explicativa é uma explicação em si.

Explicar, neste contexto, passa a ser uma proposta de reformulação da experiência a ser explicada de uma forma aceitável para o observador e, se possível, também para o seu leitor. Assim, ao assumirmos nossa condição de “animais *interpretadores*” (CHARLES TAYLOR *apud* VARELA *et al*, 2003:29, grifo nosso), tomamos consciência de nossas emoções e observações; as reconhecemos como indissociáveis do ato/processo de avaliação. Ao incorporar as dimensões espontâneas e reflexivas da nossa experiência de interação com o ambiente, bem como nossas emoções e sentimentos, passamos a lidar conscientemente com elas, nós observadores deveremos produzir avaliações muito mais significantes e abrangentes, além de nossa atividade se tornar bem mais rica e interessante.

Desta forma, Rheingantz (2004) destaca o papel do observador, que se torna o sujeito e o explicador de sua experiência/vivência do ambiente a ser analisado. O observador transforma-se qualitativamente e reforça os argumentos de outros autores (SANTOS, 1995; CAPRA, 1991; PRIGOGINE & STENGERS, 1997; MORIN, 1998), alinhados com o pensamento de Maturana e Varela.

Rheingantz (2004) acredita na possibilidade da transformação de simples “observadores” em “atores” ou “atuadores” conscientes de que sua observação permite aprofundar a reflexão sobre a influência das dimensões espontâneas e reflexivas da experiência humana no ambiente.

Assim, o autor defende que incorporar a nossa atuação no processo de experienciar nosso ser durante o observar é capaz de transformar radicalmente o significado da observação, que passa a ser uma explicação das distinções da experiência vivenciada conscientemente pelo sujeito da avaliação.

Em lugar de continuar a simplesmente replicar experimentos, precisamos: (a) nos capacitar para experienciar o ambiente construído com uma atenção tão precisa e desapaixonada quanto possível; (b) aprender a, simplesmente, observar o “pensamento” e a dirigir nossa atenção para o processo ininterrupto da experiência; (c) aprender a reconhecer o contato mente/objeto, o sentimento dele proveniente, o discernimento do objeto, a intenção a ele relacionada e a atenção com o objeto que, combinados, formam o caráter de nossa consciência em um momento particular da experiência. (RHEINGANTZ, 2004:9)

O autor acredita que é possível atender às demandas cognitivas da avaliação de desempenho por meio de métodos para investigar o que seja esta experiência, para identificar a diferença entre estar ou não estar presente através, por exemplo, da prática da meditação budista, como sugerem Varela *et al*/ (2003), capazes de mudar a natureza da própria reflexão, que deixa de ser considerada uma atividade abstrata para se transformar em uma reflexão incorporada, atenta e aberta. Esta reflexão, como afirma o autor, não se dá apenas sobre a experiência, uma vez que ela própria é uma forma de experiência.

É importante destacar que a perspectiva atuacionista não implica na negação dos instrumentos e métodos tradicionais de avaliação de desempenho, mas implica em sua re-significação (RHEINGANTZ, 2004).

1.2. MODERNIDADE

Assim ele vai, corre, procura. O que? Certamente esse homem, tal como o descrevi, esse solitário dotado de uma imaginação ativa, sempre viajando através do grande deserto de homens, tem um objetivo mais elevado do que o de um simples *flanêur*, um objetivo mais geral, diverso do prazer efêmero da circunstância. Ele busca esse algo, ao qual se permitirá chamar de Modernidade. (BAUDELAIRE, 1996:25)



Figura 3: *Le Moulin de la Galette* (1876) – Cena do agitado cenário francês do final do século XIX
Pierre Auguste Renoir. (Musée d'Orsay)

Fonte: <http://www.ibiblio.org/wm/paint/auth/re noir/moulin-galette/re noir.moulin-galette.jpg> Acesso em 07 de abril de 2007

1.2.1 Modernos, Pós-Modernos ou Contemporâneos?

Em termos de periodização histórica tradicional, a *Era Moderna* tem início com a queda de Constantinopla, em 1453, e termina com a Revolução Francesa, em 1789.

O período que se segue a Era Moderna, no qual estamos inseridos, é chamado pelos historiadores de *Era Contemporânea*, cujo início coincide com o aparecimento do Iluminismo, fenômeno cultural responsável pelas principais características das ciências racionais, nos moldes que as conhecemos – a chamada ciência moderna.

O Iluminismo, segundo Rouanet (2003) é a origem do projeto civilizatório da modernidade, que tem como ingredientes principais os conceitos de universalidade, individualidade e autonomia.

Neste ponto emerge um questionamento: como pode a ciência moderna ser contemporânea? A explicação necessita do auxílio da Filosofia: esta ciência à qual nos referimos – baseada em conceitos como razão, progresso, evolução – embora esteja historicamente e cronologicamente localizada na *Era Contemporânea* é moderna, pois está baseada em conceitos da chamada Filosofia Moderna – como será mais bem visto no decorrer deste capítulo.

Pedro (1996) esclarece que esta nova era em que estamos inseridos possa ser designada como Contemporaneidade - ou mesmo Atualidade (AMARAL *apud* PEDRO, 1996) – que tem “sua marca distintiva na mistura de natureza, cultura e artifício” (PEDRO, 1996: 2)

Dentro deste debate, é possível também considerar a periodização histórica baseada no conceito de Tempos Modernos (KOENIGSBERGER, 1987), que se divide em *Early Modern Times* (1500 a 1789) e *Modern Times* (de 1789 aos dias atuais). Nesta contextualização histórica é possível incluir, dentro dos Tempos Modernos, a divisão em sociedades pré-industriais e sociedades industriais, que inaugura o que Banham (2006) chama de *Era da Máquina*.

De acordo com o autor, a Arquitetura Moderna tem sua origem relacionada à **Revolução Industrial** e suas características (produção em série, padronização, novos materiais) que terão grande influência no desenvolvimento e planejamento de novos modelos de urbanização. A cidade da revolução industrial apresenta uma série de características negativas: crescimento desordenado, excesso populacional, falta de condições de higiene e saneamento, etc.(Figura 4)

A “cidade moderna”, por sua vez, pretende ser “limpa”, planejada, organizada, voltada para o progresso – em cuja paisagem se destacam os automóveis, símbolo do progresso humano. Tal imagem é bastante explorada – e criticada – pelo cinema, uma das criações da modernidade. São emblemáticos os filmes *Metropolis* (1926), de Fritz Lang (FIGURA 5), e *Tempos Modernos* (1936), de Charles Chaplin.



Figura 4: Vista da cidade de Londres “Over London by Rail” (1872)
Gustave Doré
Fonte: Curtis (2005:35)



Figura 5: Metropolis (1927) – Seria esta *imagem* de cidade moderna utópica tão diferente da figura anterior?
Fritz Lang
Fonte: <http://www.kino.com/metropolis/> Acesso em 07 de abril de 2007.

Em Arquitetura, as designações dos Movimentos Modernos e Pós-Modernos têm origem nas correntes Filosóficas da Modernidade e da Pós-Modernidade, respectivamente. Em relação a este contexto específico que este trabalho se desenvolve, fazendo correlações entre a produção arquitetônica e os pensamentos filosóficos que lhes fornecem embasamento teórico, ou seja, aos discursos a eles associados.

É importante ressaltar que embora existam referências a uma chamada “Arquitetura Contemporânea” esta não se configura como um movimento com características próprias, mas se refere a uma produção arquitetônica do “momento presente”, da qual ainda não existe um distanciamento histórico que permita afirmar sua existência como algo distinto da produção da Pós-Modernidade.

1.2.2 Modernismo em Arquitetura

Para que a nossa arquitetura tenha seu cunho original, como o têm nossas máquinas, o arquiteto moderno deve não somente deixar de copiar os velhos estilos, como também deixar de pensar no estilo. O caráter da nossa arquitetura, como o das outras artes, não pode ser propriamente um estilo para nós, os contemporâneos, mas sim para as gerações que nos sucederão. A nossa arquitetura deve ser apenas racional, deve basear-se apenas na lógica, e esta lógica devemos opô-la aos que estão procurando por força imitar na construção algum estilo. (WARCHAVCHIK, 2006:36)

Para Latour (1994), a modernidade possui tantos sentidos quantos forem os pensadores ou jornalistas. Mesmo assim, todas as definições apontam, de uma forma ou de outra, para a passagem do tempo. O adjetivo moderno assinala um novo regime, uma aceleração, uma ruptura, uma revolução no tempo, em oposição a um passado arcaico e estável.

Berman (1987) destaca o uso indiscriminado do termo *moderno*, já na década de 1950, onde as pessoas viviam em “edifícios modernos” ou eram criadas em “famílias modernas” (BERMAN, 1987:11). Segundo ele, nestes termos estão implícitas as preocupações especificamente modernas: o desejo de mudança, de transformação em relação ao mundo ao redor, numa vida que, segundo ele, se desfaz em pedaços. (FIGURAS 6 e 7)

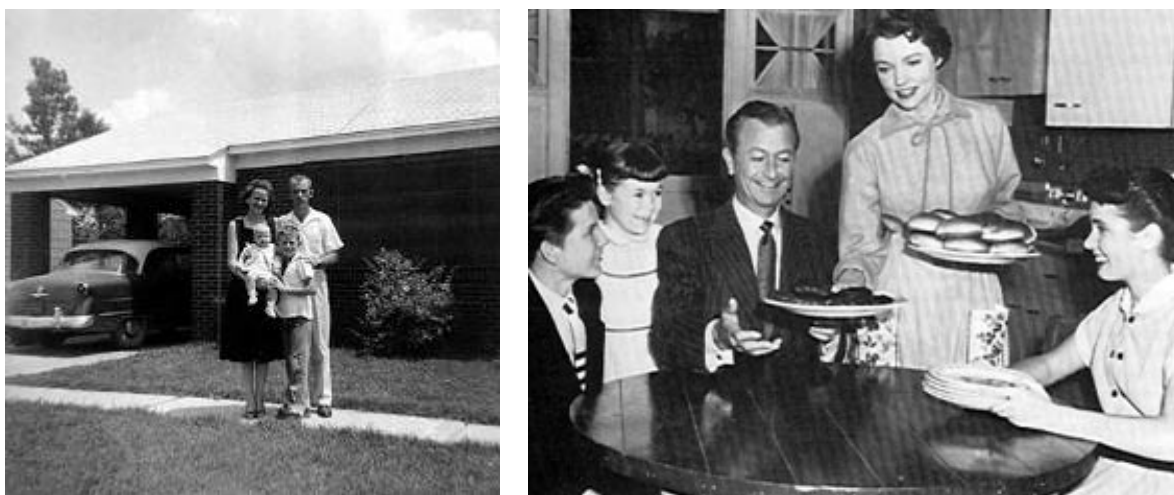


Figura 6 e 7: Imagens da típica família americana, dos anos 50, popularizada através do cinema e da TV: o carro, a casa de subúrbio e a convivência feliz entre seus membros.

Fonte: <http://members.aol.com/vfasix/GoodWife.jpg> e http://www.mofolandia.com.br/mofolandia_nova/papai_sabe_tudo.htm

Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. *A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia* (...) Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, “tudo que é sólido desmancha no ar”. (BERMAN, 1987:15, grifo nosso)

Para Giddens (1991) a modernidade se refere a um estilo, costume de vida ou organização social que emerge na Europa a partir do século XVII. Segundo o autor, há na modernidade um esvaziamento, a perda da “presença”, onde as pessoas se distanciam de qualquer situação dada e das interações face a face.

Em condições de modernidade, o lugar se torna cada vez mais fantasmagórico; isto é, *os locais são completamente penetrados e moldados em termos de influências sociais bem distantes deles*. O que estrutura o local não é simplesmente o que está presente na cena; a “forma visível” do local oculta as relações distanciadas que determinam sua natureza. (GIDDENS, 1991:27, grifo nosso)

Jencks (2006) destaca que o termo “moderno” é utilizado em arquitetura desde 1460, por Filarete, de maneira negativa, em sua crítica as arquiteturas góticas, em oposição ao estilo Neoclássico. Vasari, cem anos depois, utiliza o mesmo termo em seu elogio ao Neoclássico.

No sentido em que utilizamos correntemente, o autor situa o início da arquitetura moderna nos anos 1920, que ele chama de “Período Heróico” (JENCKS, 2006:349). Neste período, segundo ele, estão os chamados “mestres do Modernismo”: Mies van der Rohe, Le Corbusier e Walter Gropius.

A arquitetura moderna é um estilo internacional “universal” que decorre da existência de novos meios de construção, da adequação a uma nova sociedade industrial, e que tem por objectivo a transformação da sociedade, tanto a nível de gosto e percepção como de configuração social. (JENCKS, 2006:350, grifo nosso).

Para Benevolo (2001) a arquitetura moderna nasce das modificações técnicas, sociais e culturais relacionadas com a Revolução Industrial, isto é, entre o final do século XVIII e início do XIX, no período pós-guerra subsequente a Waterloo. O primeiro arquiteto moderno é, para o autor, o inglês William Morris, que em 1862, funda a firma Morris, Faulkner, Marshall & Co. Outra data possível, para o autor, é 1919, período da Primeira Guerra Mundial, quando Gropius abre as portas da *Bauhaus*, possibilitando uma ponte entre a teoria e a prática arquitetônica, de forma a *transmitir* os conceitos da nova arquitetura. É a partir desse ponto que, segundo o autor se pode falar em “movimento moderno”.

Montaner (2002c) acredita que a Arquitetura Moderna se baseia na idéia de ausência de carácter. Para o autor, o carácter está relacionado com a função de representação dos valores do passado.

Já não preconiza-se um carácter individual mas universal, prototípico. A arquitetura moderna, que é ahistórica por princípio, já não representa nada do passado, senão que é e só pode representar sua própria condição de modernidade. Uma arquitetura de aspiração internacional deveria negar o conceito de carácter por tudo o que lê admitia como singular e específico, de costume local, de exceção ou acidente. (MONTANER, 2002c:89, grifo nosso)

Segundo Frampton (2000), uma das principais dificuldades a se enfrentar quando se começa a escrever sobre o Modernismo, na Arquitetura, é justamente estabelecer o começo do período. Quanto maior o rigor em se tentar estabelecer a origem, mais afastado ele parece estar.

É necessário se levar em conta transformações culturais, territoriais e técnicas que possibilitam o aparecimento da chamada Arquitetura Moderna. Tais transformações, segundo o autor, têm início em meados do século XVIII, com o Iluminismo, passando pela Revolução Industrial e suas conseqüências para a piora na qualidade de vida nas cidades, as utopias urbanas das cidades-jardins e a busca por uma nova arquitetura, que incluem a *Bauhaus*, *De Stijl* e o *Espirit Nouveau*.

1.2.2.1 Bauhaus

Juntos, vamos conceber e criar o novo edifício do futuro, que abrangerá arquitetura, escultura e pintura em uma só unidade e que um dia se erguerá para o céu a partir das mãos de um milhão de operários, como o símbolo cristalino de uma nova fé. (GROPIUS in CONRADS, 1971:49)

A *Bauhaus* (1919-1932) é resultado de uma tentativa de reformulação da formação nas artes aplicadas, na Alemanha, em torno da virada do século XIX, influenciada pelo movimento *Arts and Crafts*, de William Morris, na Inglaterra (cerca de 1880). Em 1919, a *Bauhaus*, já estruturada em uma instituição mista – Academia de Arte e Escola de Artes e Ofícios - é proclamada aberta, tendo como diretor o arquiteto Walter Gropius. (FIGURAS 8 e 9)



Figura 8: Edifício da Bauhaus (1925-1926)- Dessau
Arqt. Walter Gropius
Fonte: Fonte: Colquhoun (2002:164)



Figura 9: Vista do Bairro Dessau-Törten (1926-1928) - Dessau
Arqt. Walter Gropius
Fonte: Droste (2006:133)

Gropius organiza em 1923 a Exposição da Arquitetura Internacional, onde mostra uma arquitetura “funcional e dinâmica” (DROSTE, 2006:106), características fundamentais da Arquitetura Moderna.

Dentre os seus membros estão os pintores Johannes Itten, Paul Klee e Wassily Kandinsky e os arquitetos Henry van de Velde, Adolf Meyer, Georg Muche (FIGURA 10), Marcel Breuer, Mies van der Rohe e Peter Behrens (FIGURA 11).

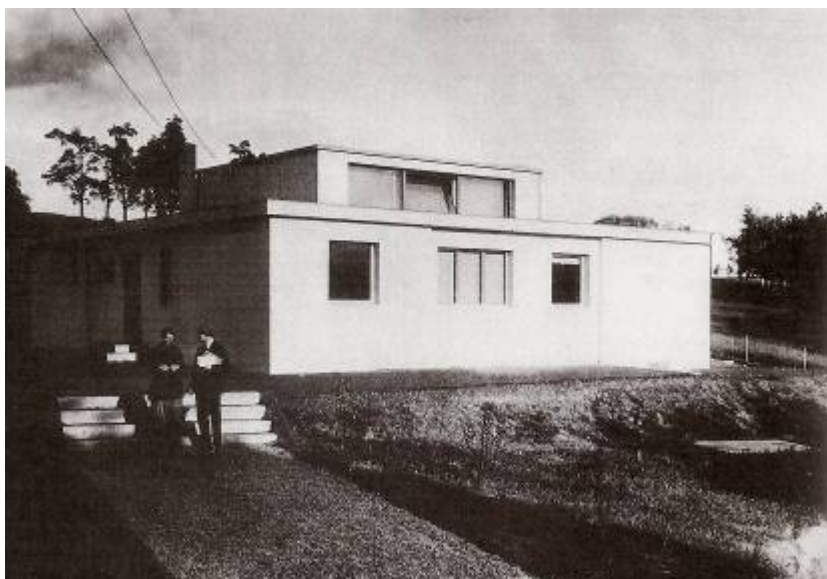


Figura 10: Casa Modelo “Am Horn” (1923) - Dessau
Arqt. George Muche e Adolf Meyer
Fonte: Droste (2006:106)



Figura 11: Fábrica de Turbinas (1908-1909) – Berlim
Arqt. Peter Behrens
Fonte: Curtis (2005:101)

Johannes Itten, pintor e pedagogo de arte da escola é responsável pela organização e estruturação do curso preparatório, além de ter grande influência nas atividades das oficinas. Segundo Droste (2006), Itten é venerado como mestre; se veste com trajes criados por ele próprio, semelhantes a roupas de monges, sendo seguidor do masdeísmo, seita que ele introduz na Bauhaus. “Um artigo seu – argumentando que a raça branca representava o nível civilizacional mais elevado – refletia até uma forma primitiva de racismo. Isto explica talvez a origem de sua litografia ‘A Casa do Homem Branco’” (DROSTE, 2006:32)

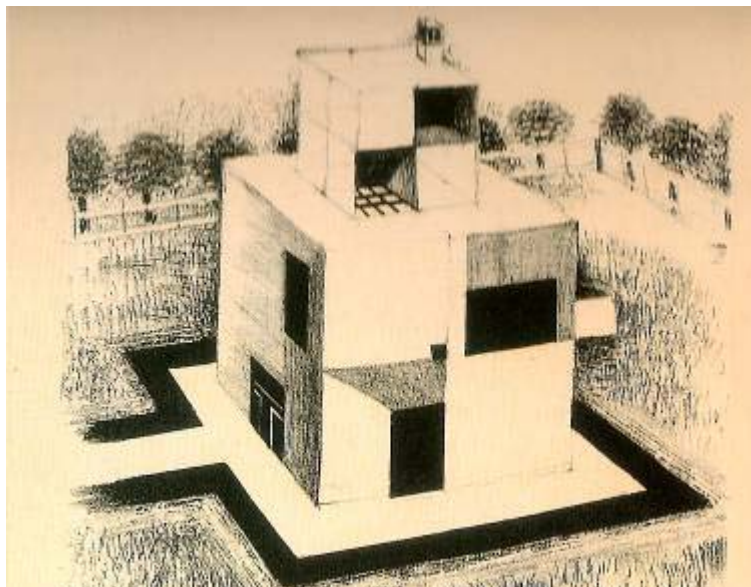


Figura 12: Casa do Homem Branco (1920)
Johannes Itten – litografia
Fonte: Droste (2006:32)

Na casa dos Mestres, Gropius expõe seu conceito de “caixa de construção em grande escala” (DROSTE, 2006:126). [FIGURA 13] Por questões políticas, a *Bauhaus* é obrigada a fechar suas portas em 1932.



Figura 13: Casa do Mestre Gropius (1925-1926) – Dessau
Arqt. Walter Gropius
Fonte: Droste (2006:127)

1.2.2.2 *De Stijl*

No Manifesto do grupo *De Stijl*, publicado em 1918, é possível detectar alguns pontos que irão influenciar os ideais da arquitetura moderna, como a questão da universalidade e do rompimento com as tradições:

1. Há uma antiga e uma nova consciência da época. A antiga se volta para o indivíduo, e a nova para o universal (...)
 4. A nova consciência está pronta para realizar-se em tudo, inclusive nas coisas do cotidiano da vida.
 5. As tradições, os dogmas e a primazia do individual (o natural) atravessam o caminho dessa realização. (...)
- (CONRADS, 1971:39)

O grupo defende a união entre as artes (pintura, gravura, escultura, arquitetura), criando uma nova estética onde a palavra de ordem é “pureza” e propondo a substituição do antigo mundo por um “mundo branco”. (CONRADS, 1971:39).

O movimento, segundo Frampton (2000) não durou mais que quatorze anos (1917-1931), sendo conhecido também pelo nome de Neoplasticismo, devido à grande influência de um de

seus membros, o pintor Mondrian. O grupo se restringia ao uso de cores primárias – amarelo, azul e vermelho – e o uso de elementos ortogonais.



Figura 14: Casa Schröder-Schräder (1924) – Holanda
Arqt. Gerrit Rietveld
Fonte: Gössel & Leuthäuser (2001:143)

1.2.2.3 O *Espirit Nouveau* e a Era da Máquina

Para Banham (2006) a Arquitetura Moderna surge com a Era da Máquina, que tem no automóvel a sua representação simbólica. O autor oferece a data de 1910, quando surgem os movimentos cubista e futurista¹⁹, como ponto de partida para o desenvolvimento da arquitetura moderna. (FIGURA 15)

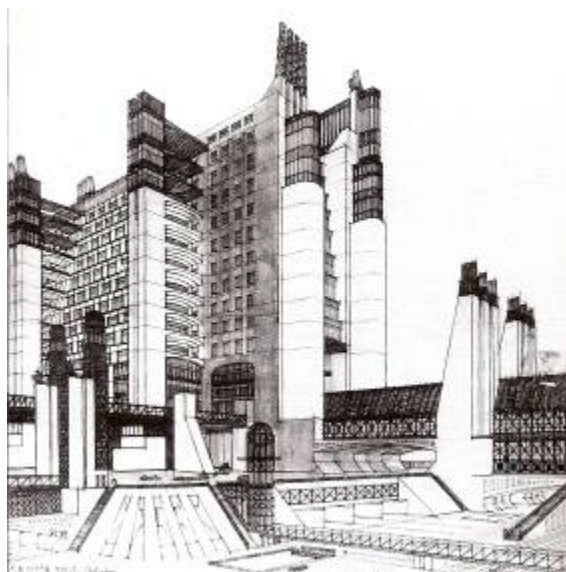


Figura 15: La Città Nuova (1914)
Arqt. Antonio Sant'Elia
Fonte: Colquhoun (2002:104)

¹⁹ O Manifesto Futurista, de Antonio Sant'Elia e Filippo Tommaso Marinetti data de 1914 (CONRADS, 1971:34)

Estes eventos têm, por sua vez, origem no século XIX, influenciadas, segundo Banham, por três fatores: o sentido da responsabilidade do arquiteto para com a sociedade (surgida com Pugin, Ruskin e Morris, ao fundarem, em 1907, a *Deutscher Werkbund*²⁰); a abordagem racionalista ou estruturalista da arquitetura (como em Viollet-le-Duc e Auguste Choisy); e a tradição de instrução acadêmica, na figura da *École des Beaux Arts*, de Paris (representada pelo trabalho de Julien Guadet²¹).

Ele identifica como pioneiros do Movimento Moderno: Perret, Guarnier (ex-alunos de Guadet), Gropius, Willian Blake, Adolph Loos²² (FIGURA 16), Frank Lloyd Wright (FIGURA 17), Mies van der Rohe e Le Corbusier.



Figura 16: Casa Steiner (1910) - Viena
Arqt. Adolf Loos
Fonte: Gössel & Leuthäuser (2001:87)

²⁰ Associação de arquitetos, designers e industriais precursora da Bauhaus.

²¹ *Eléments et théories de l'architecture*, em cinco volumes.

²² Adolph Loos em 1908 escreve o manifesto *Ornamento e Crime* em que diz que a evolução da cultura caminha junto com a remoção dos ornamentos dos objetos utilitários. (CONRADS, 1971: 20)



Figura 17: Casa da cascata (1934-1937) - Pensilvânia
Arqt. Frank Lloyd Wright
Fonte: Curtis (2005:310)

Banham (2006) identifica a Fábrica Fagus (1911-1913), de Gropius e Meyer como o primeiro edifício do “adequadamente chamado Movimento Moderno” (BANHAM, 2006:113) [FIGURA 18]



Figura 18: Fábrica Fagus (1911-1912) - Alfeld na der Leine
Arqt. Walter Gropius e Adolf Meyer
Fonte: Colquhoun (2002:70)

Le Corbusier, como a maioria dos arquitetos modernos pioneiros, também escreve o seu manifesto. No primeiro, de 1923, o autor explica a semelhança que a arquitetura e as máquinas (aviões, navios, automóveis) devem ter, dando origem às “máquinas-de-morar” (LE CORBUSIER, 2004a). Os termos que utiliza são: ordem, pureza, revolução, casas em série, traçados reguladores.

Enquanto que a história da arquitetura evolui lentamente através dos séculos, sobre modalidades de estruturas e decoração, em cinquenta anos, o ferro e o cimento contribuíram com aquisições que são o índice de um grande poder de construção e o índice de uma arquitetura cujo código foi subvertido. Se nos colocarmos face ao passado, veremos que os “estilos” não existem mais para nós e que um estilo de época foi elaborado; houve revolução. (LE CORBUSIER, 2004a:XXXIII)

No entanto, seu tratado mais difundido data de 1926, tendo sido publicado na revista *L'Esprit Nouveau*, onde o autor expõe os cinco pontos para uma nova arquitetura: pilotis, telhado-jardim, planta livre, janela-fita, fachadas livres. (CONRADS, 1971:100) (FIGURA 19)



Figura 19: Poème de l'Angle Droit (1955) - Os Cinco Pontos da Nova Arquitetura
Arqt. Le Corbusier
Fonte: <http://perso.orange.fr/cgw75/architec/angle/droit.html> Acesso em 07 de abril de 2007

1.2.2.4 A Nova Arquitetura: Arquitetura-tipo - Cópias e Simulacros - O Estilo Internacional

A tipologia arquitetônica do modernismo se baseia nos cinco pontos da “nova arquitetura” de Le Corbusier, além das “funções humanas” de habitar, trabalhar, lazer e transporte, presentes na Carta de Atenas, de 1933.

Segundo Colquhoun (2004), a arquitetura moderna nos primeiros anos (em torno de 1920) estabelece os fundamentos de sua estética em projetos de residências burguesas.

Nestes projetos nem sempre as necessidades e anseios de seus futuros usuários são levados em consideração. São comuns as imagens de residências sem conexão com um contexto - fotos que, em geral, não mostram a presença humana e sua apropriação dos objetos arquitetônicos, transmitindo a sensação de uma arquitetura independente, asséptica, “solta no espaço”. (FIGURA 20)



Figura 20: Villa Savoye (1908-1909) - Poissy
Arqt. Le Corbusier
Fonte: Curtis (2005:276)

A Figura 21 mostra uma casa, de autoria do arquiteto Mies van der Rohe – cuja contextualização se assemelha em muito as imagens anteriores -, que deveria servir de residência de fim de semana para uma única pessoa. Nesta obra, em que o autor utiliza

materiais *modernos* (vidro e ferro) e é um dos modelos da Nova Arquitetura, o proprietário decidiu processar o arquiteto, pois não conseguiu nela viver. (Jencks, 2006:100).



Figura 21: Casa Farnsworth (1946-1951) - Illinois
Arqt. Mies van der Rohe
Fonte: Gössel & Leuthäuser (2001:226)



Figura 22: Pavilhão Alemão (1929) - Exposição Mundial de Barcelona –soluções semelhantes para contextos distintos: o repertório formal do arquiteto é o mesmo que utiliza mais tarde, na residência da Figura 21.
Arqt. Mies van der Rohe
Fonte: http://www.barcelona.com/var/plain/storage/images/media/images/van_der_rohe_barcelona/13668-1-eng-GB/van_der_rohe_barcelona_medium.jpg Acesso em 07 de abril de 2007

No período posterior à Segunda Guerra, quando as condições objetivas da reconstrução e do capitalismo do estado de bem-social pareciam confirmar os conceitos de Le Corbusier de tipos arquitetônicos de uma nova ordem social, os edifícios públicos maiores se tornam o principal objeto de atenção.

O Estilo Internacional²³ apresenta-se como uma maneira de se reproduzir de maneira rápida uma arquitetura “limpa” em qualquer lugar, fosse “em Nova Iorque, Londres, Tóquio ou São Paulo” (DEL RIO, 1990:36). Esta reprodução em massa atingiu o seu auge com as torres de edifícios. (FIGURA 23)

Quanto à Arquitetura, as críticas principais reportavam ao chamado *International Style*, um submovimento do Modernismo, e à própria postura ideológica e conceitual dos arquitetos, cujos projetos ignoravam às condições específicas do contexto onde se inseriam, fosse em termos físico-ambientais ou sócio culturais. (DEL RIO, 1990:36)



Figura 23: Lever House (1951-1952) - Nova Iorque
Arqt. Skidmore, Owings and Merrill
Fonte: Colquhoun (2002:238)

²³O International Style foi o nome de uma exposição realizada no Museum of Modern Art, em 1932. O termo, no entanto, acabou sendo utilizado para identificar um tipo de arquitetura moderna repetido a exaustão, mundo afora, especialmente as torres de escritórios envidraçadas. O termo Estilo Internacional é utilizado pela primeira vez por Philip Johnson e Henry-Russell Hitchcock no seu livro *The International Style: Architecture Since 1922* (HITCHCOK & JOHNSON, 1995), publicado em 1932.

A princípio, a facilidade do discurso modernista agrada àqueles que buscam uma alternativa aos estilos neoclássicos e suas variações. Não podemos esquecer que o Modernismo se inicia próximo à Primeira Guerra Mundial e tem seu auge no período pós Segunda Guerra, em função da necessidade de reconstruir as cidades arrasadas. Berlim, mesmo nas áreas “não arrasadas”, serve de palco para o espetáculo moderno. Os grandes conjuntos habitacionais localizados na cidade e nos subúrbios representam a face mais nefasta da aplicação dos preceitos modernos em escala urbana. (FIGURA 24)



Figura 24: Conjunto Habitacional – Berlim

Fonte: <http://www.world-traveller.org/site/Image:B04-01-S01-14.jpg> Acesso em 18 de jun. 2007.

Esta experiência é reproduzida pelo mundo inteiro, apesar dos resultados decepcionantes apresentados nos primeiros exemplares construídos. O Brasil possui um importante papel nesta história²⁴, ao abrigar o primeiro exemplar de um edifício moderno de grandes proporções, o Ministério da Educação e Saúde (Palácio Gustavo Capanema), concebido “em parceria” com Le Corbusier. (FIGURA 25)

Segundo Benevolo (2001), esta foi a primeira realização de um tipo de edificação que Le Corbusier cogitava há muito tempo: o arranha-céu cartesiano e que apresentava todos os princípios de seu ideário arquitetônico (pilotis, terraço-jardim, pano de vidro, *brise soleil*).

²⁴ Brasília, junto com Chandigarh, constituem os dois únicos exemplares de capitais construídas através dos princípios do urbanismo da Carta de Atenas.



Figura 25: Ministério da Educação e Saúde (1936-1945) - Rio de Janeiro
Arqt. Lúcio Costa, Oscar Niemeyer e equipe, consultoria de Le Corbusier
Fonte: Montaner (2002b:25)

Harris (1987) destaca que o monumental arranha-céu de vidro e concreto armado realiza com tanto êxito o sonho de Le Corbusier, de um grande bloco retangular de vidro, que passa a constituir-se em protótipo largamente imitado.

Esta reprodução de uma arquitetura-modelo, de cópias indistintas e sem relação com um contexto histórico, social e cultural, criando uma realidade universalizante, remete ao conceito de *simulacro* - que, segundo Baudrillard (1991), é uma das características da modernidade - onde, após sucessivas repetições já não é mais possível se distinguir as cópias do modelo original. Assim, “o real é produzido a partir de células miniaturizadas, de matrizes e de memórias, de modelos de comando – e pode ser reproduzido um número indefinido de vezes a partir daí.” (BAUDRILLARD, 1991:8)

Outros projetos de arquitetos brasileiros também merecem destaque: a sede da Associação Brasileira de Imprensa e o aeroporto Santos Dumont, dos irmãos Roberto; a estação de hidroaviões do Rio, de Atílio Correa Lima, o Pavilhão Brasileiro de Nova York, de Lucio Costa e Oscar Niemeyer, de 1939. Niemeyer já é conhecido pelo projeto da Pampulha (1942-1943), Banco Boavista, no Rio (1946), Centro Técnico da Aeronáutica, em São José dos Campos (1947), Ibirapuera (1951), dentre outros.



Figura 26: Copan (1951-1968) - São Paulo
Arqt. Oscar Niemeyer
Fonte: Arantes (2001:92)

Em 1956, Niemeyer, incumbido pelo então presidente Juscelino Kubitschek, recomenda um concurso de projetos para a nova capital, Brasília. O projeto de Lucio Costa é considerado o vencedor e, “tal como Haussmann em sua época, Costa e Niemeyer tentam criar uma nova paisagem urbana transpondo para uma nova escala as fórmulas de composição já adotadas.” (BENEVOLO, 2001:720).

Como destaca Arantes (2001), Le Corbusier enxerga no poder empreendedor das camadas dirigentes organizadas na forma de Estados fortes e modernizantes a oportunidade da Nova Arquitetura se espalhar. Assim, no período entre-guerras, enquanto o capitalismo se reorganizava o Projeto Moderno reencontra “sua verdade na antiga franja colonial do sistema” (ARANTES, 2001:104)



Figura 27: Praça dos Três Poderes (1958) - Brasília
Arqt. Oscar Niemeyer
Fonte: Curtis (2005:500)

É o início da popularização da Arquitetura Moderna e do Estilo Internacional. Segundo Jencks (2006), o Estilo Internacional triunfa em todo o mundo, a partir dos anos cinqüenta, sendo aceito e adotado como “padrão” a ser seguido por grandes companhias internacionais (como a Pepsi, Seagram), com sua estética de “pele de vidro”. Porém, como destaca o autor, “será o uso repetido da parede cortina²⁵ suficiente para articular a riqueza e a diversidade do conteúdo, ou seja, do que ocorre por detrás delas?” (JENCKS, 2006:43).

Desta forma, surgem as “caixas de vidro modulares, idênticas em todas as partes”²⁶ que “começavam a dominar as metrópoles, igualmente desatentas a qualquer uma delas, como o monolito gigante que brota em meio a um mundo primitivo em 2001 de Stanley Kubrick” (BERMAN, 1987:374). (Figuras 28, 29 e 30)

A prevalência da concepção do edifício como obra isolada de arquitetura em detrimento de seu relacionamento com o contexto (CULLEN, 1983) pode ser comparada com a existente entre o monolito do filme 2001 Uma Odisséia no Espaço e os macacos que o observam: sua melhor expressão, a metáfora dos “transatlânticos ancorados nas calçadas das metrópoles” (MUSA in CAMARGO, 1989:84), ilustra o processo de internacionalização e globalização característico da produção dos novos edifícios de escritórios e suas diferentes concepções. (RHEINGANTZ, 2000:47)

²⁵ No original, traduzido em Português de Portugal, o autor utiliza o termo “parede cortina”. No Brasil, entretanto, o termo correspondente mais utilizado é “pele de vidro”, que se refere ao uso de vidro em toda a fachada da edificação.

²⁶ O autor faz uma alusão à obra de Mies van der Rohe.

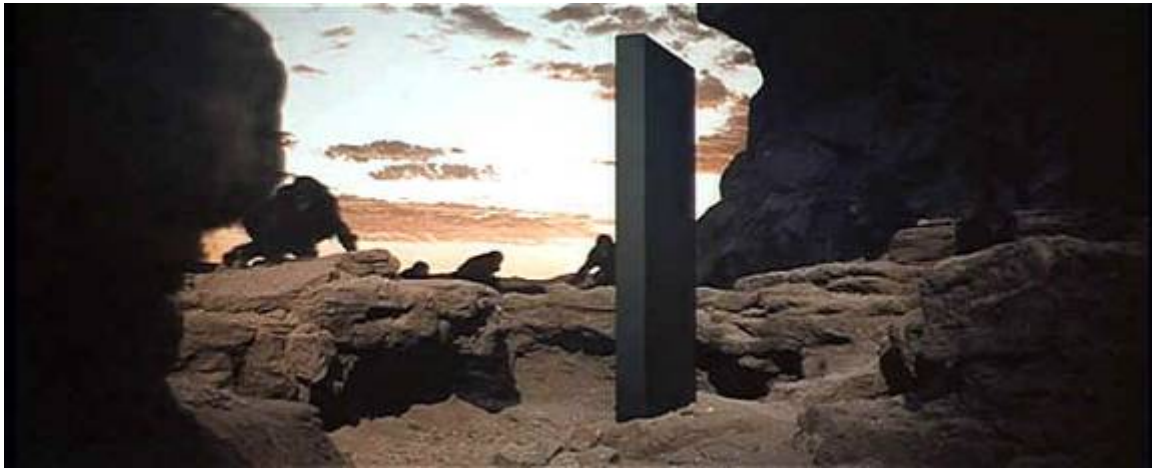


Figura 28: Monolito, do filme 2001: uma odisséia no espaço
Fonte: 2001 (1968)



Figura 29: Seagram Building (1954-1958) - Nova York. Modelo de monolito da modernidade (BERMAN, 1987)
Arqt. Mies van der Rohe
Fonte: Curtis (2005:408)

Somente durante a década de 1970 tal processo sofre uma desaceleração, devido às inúmeras crises econômicas mundiais, especialmente as ligadas ao petróleo.



Figura 30: Lake Shore Drive Apartments (1948-1951)- Chicago
Arqt. Mies van der Rohe
Fonte: Curtis (2005:407)

1.2.2.5 Urbanismo Modernista

Os preceitos da arquitetura moderna, aplicados em larga escala, são a origem da urbanística moderna. O automóvel, símbolo maior da sociedade da máquina, torna-se o fator primordial nos projetos urbanos.

Grandes distâncias separam as zonas de moradia, trabalho e lazer. A cidade moderna, que surge como resposta aos problemas da sociedade industrial (crescimento desordenado, poluição, falta de condições de higiene, péssimas condições de moradia) acaba não resolvendo os antigos problemas, pois as habitações para as classes trabalhadoras são

Monótonas, repetitivas, mecanicamente concebidas, apinhadas, com todo o espaço destinado as ruas e nenhum para jardins ou campos de recreação. (...) Quanto ao centro comercial e seu parque de estacionamento e à auto-estrada motorizada, também estes voltam a mostrar os vícios paleotécnicos padronizados, apenas ligeiramente disfarçados: desolação espacial e desintegração no interesse do aceleração da rotação tecnológica e de vendas. (MUNFORD, 2004:524)



Figura 31: Vista da cidade de Boston (1985)
Fonte: Trancik (1986:2)

O período entre Guerras e posterior a Segunda Guerra Mundial oferece um grande campo para a “reconstrução” das áreas atingidas. Europa e a antiga União Soviética vêem emergir milhares de conjuntos habitacionais de larga escala e as chamadas cidades-dormitório, afastadas dos centros urbanos.



Figura 32: Modelo de superbloco soviético (1965)
Fonte: Benevolo (2001:677)

Harvey (2004) critica os processos modernistas de planejamento das cidades e de renovação urbana e cita Le Corbusier, a Carta de Atenas e Robert Moses²⁷ como responsáveis pela “grande influência maligna da estupidez de que eles (...) revestiram as cidades no pós-guerra” (HARVEY, 2004:216)²⁸

²⁷ Considerado por muitos o Haussmann do século XX, foi responsável pela “modernização” de Nova Iorque no período pós Segunda Guerra.

²⁸ Harvey já havia utilizado o termo “grande influência maligna da estupidez” ao citar o manifesto de Jacobs (2003) em seu livro *A condição pós-moderna* (HARVEY, 1993:77)

Foi quase como uma versão nova e rejuvenescida do projeto do Iluminismo tivesse surgido, como fênix, da morte e destruição do conflito global. ***A reconstrução, reformulação e renovação do tecido urbano se tornaram um ingrediente essencial desse projeto.*** Foi esse o contexto em que idéias do CIAM, de Le Corbusier, de Mies van der Rohe, de Frank Lloyd Wright e outros puderam ter aceitação que tiveram, menos com a força controladora das idéias sobre a produção do que como quadro teórico e justificativa para aquilo que engenheiros, políticos, construtores e empreendedores tinham passado a fazer por pura necessidade social, e econômica e política. (HARVEY, 1993:71, grifo nosso)

Trancik destaca que uma das características mais marcantes deste tipo de urbanização são os “espaços perdidos” ²⁹ (TRANCİK, 1986:1), como por exemplo, áreas destinadas a grandes estacionamentos – em *shopping centers*, conjuntos habitacionais e qualquer tipo de lugar onde haja acumulação de pessoas. Também existem espaços perdidos, segundo o autor, em áreas ocupadas por fábricas, indústrias, ferrovias, em proximidades de auto-estradas, de leitos de rios, nos subúrbios das cidades.

O autor expande o conceito de espaços perdidos para qualquer área em que o usuário não usufrua efetivamente do espaço, que não ofereçam atrativos a permanência de pessoas, como por exemplo, as áreas localizadas nos embasamentos das torres de escritórios. São “áreas residuais” (TRANCİK, 1986:3), sobras, que não recebem tratamento adequado no conjunto do projeto. (FIGURA 33)



Figura 33: Hancock Tower Corporate Plaza (1984) - Boston
Arqt. Henry N. Cobb
Fonte: Trancik (1986:4)

²⁹ *lost spaces*, no original em inglês.

Como destaca Frampton (2000), ao contrário de seus contemporâneos europeus Gropius e Mies, Le Corbusier demonstra grande vontade em desenvolver as conotações urbanas de sua arquitetura. Como exemplo, o autor cita a *Cidade Contemporânea* (1922), projetada para três milhões de habitantes, que se constitui uma cidade altamente segregadora, uma vez que se divide em uma “cidade capitalista de elite que seria um centro de administração e controle, com cidades-jardim para os trabalhadores situadas junto à indústria, para além da ‘zona de segurança’ do cinturão verde que envolvia a cidade” (FRAMPTON, 2000:185) [FIGURA 34]



Figura 34: Projeto para Cidade Contemporânea de Três Milhões de Habitantes (1922) - Paris
Arqt. Le Corbusier
Fonte: <http://www.athenaeum.ch/corbu3m1.htm>

A cidade em si, de textura semelhante a um tapete oriental e de área quatro vezes maior que a de Manhattan, consistia em blocos residenciais de dez a doze andares cada, além de vinte e quatro escritórios centrais com sessenta andares, com o conjunto cercado por um parque pitoresco que, como o tradicional *glacis*, **mantinha a separação de classes entre elite urbana e proletariado suburbano** (FRAMPTON, 2000:186, grifo nosso)

Em 1929 Le Corbusier visita a América do Sul. A experiência de avistar o Rio de Janeiro de cima o leva a desenvolver a idéia de uma “cidade-viaduto” (FRAMPTON, 2000:218), com uma via costeira de cerca de seis quilômetros de comprimento, cem metros acima do solo, com edificações de quinze pavimentos para uso residencial. [FIGURA 35]



Figura 35: Plano para o Rio de Janeiro (1929)
Arqt. Le Corbusier
Fonte: Frampton (2001:107)

Se o urbanismo modernista prega uma cidade voltada para a escala do automóvel, outros autores, como Cullen (1983) e Jacobs (2003), defendem um urbanismo numa escala semelhante da chamada *cidade tradicional*. Cullen (1983) apresenta o conceito de visão serial, onde a cidade se apresenta aos habitantes através de caminhos, percursos onde seja possível a contemplação de diferentes elementos, como pátios, praças, pontes, mobiliário urbano. A cidade moderna, com suas grandes ruas e avenidas é, segundo o autor, monótona e ausente de vigor, dramatismo e contrastes.

O modernista decreta o fim da rua, mas Jacobs (2003), por sua vez, faz uma “apologia da rua”. A autora acredita que o modelo proposto pelo urbanismo modernista esquece as relações humanas de vizinhança, que se refletem em questões como proteção, segurança, afetividade. Ela é contra os zoneamentos propostos pelo urbanismo modernista, que geram, segundo ela, distanciamento e decadência, defendendo em seu lugar, a mistura de funções.

São resultados do pensamento urbanístico moderno os projetos de novas áreas de expansão urbana totalmente desvinculados das necessidades efetivas das comunidades para quem são construídos. No Brasil, o plano-piloto de Brasília é um excelente exemplo deste tipo de urbanismo.



Figura 36: Superquadras - Brasília

Fonte: Arcoweb (2002) Disponível em: <http://www.arcoweb.com.br/arquitetura/arquitetura237.asp> Acesso em 18 de jun. de 2007

Le Corbusier, por sua vez, está certo do poder de solução da arquitetura de suas unidades de habitação³⁰ cujo conceito “amadureceu lentamente por toda a vida” (BENEVOLO, 2001:680), já que o ponto de partida remonta, segundo o autor, a 1907. Frampton (2000) assinala que neste ano Le Corbusier conhece Tony Garnier (FRAMPTON, 2000:180), que a esta época está envolvido com a ampliação de seu projeto da Cidade Industrial (1901-1904) [FIGURA 37].



Figura 37: Bairro residencial da Cidade Industrial (1901-1904)

Arqt. Tony Garnier

Fonte: Benevolo (2001:339)

³⁰ Uma unidade de habitação abrigaria no mínimo cerca de 1500 pessoas, em 400 alojamentos, sendo dotada de serviços como creche, jardim de infância, espaços recreativos e lojas de primeira necessidade. (BENEVOLO, 2001:684)

No ano seguinte, Le Corbusier trabalha durante quatorze meses com Auguste Perret, onde desenvolve os conhecimentos sobre concreto armado. Em 1910, viaja para a Alemanha com objetivo de ampliar seus conhecimentos sobre concreto armado, onde entra em contato com as principais figuras do *Deutsche Werkbund*, em especial Peter Behrens (em cujo escritório permanece durante cinco anos) e Heinrich Tessenow, que o despertam para as modernas conquistas da engenharia de produção (navios, automóveis, aviões), que se tornam objetos de inspiração para o arquiteto. (FRAMPTON, 2000:181)

Sobre a *Ville Radieuse* (VR) (1928-1946), o Frampton (2000) destaca que

A unidade VR otimizava cada centímetro quadrado de espaço de que se dispunha e, em termos de espessura, suas divisões eram reduzidas a ponto de se tornarem inadequadas como barreiras acústicas. Com finalidades semelhantes, os núcleos de serviço, isto é, cozinhas e banheiros, eram reduzidos ao mínimo. (FRAMPTON, 2000:216)

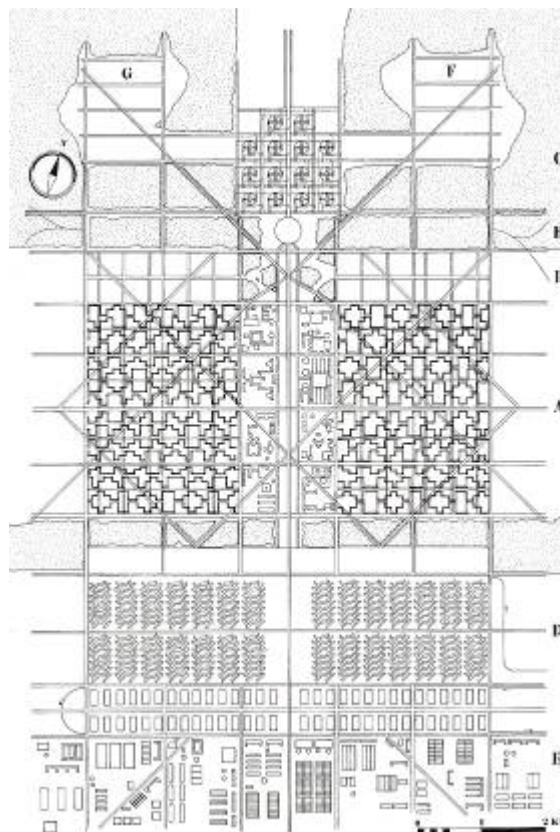


Figura 38: Plano da Vila Radiosa (1930)
Arqt. Le Corbusier
Fonte: Frampton (2001:55)

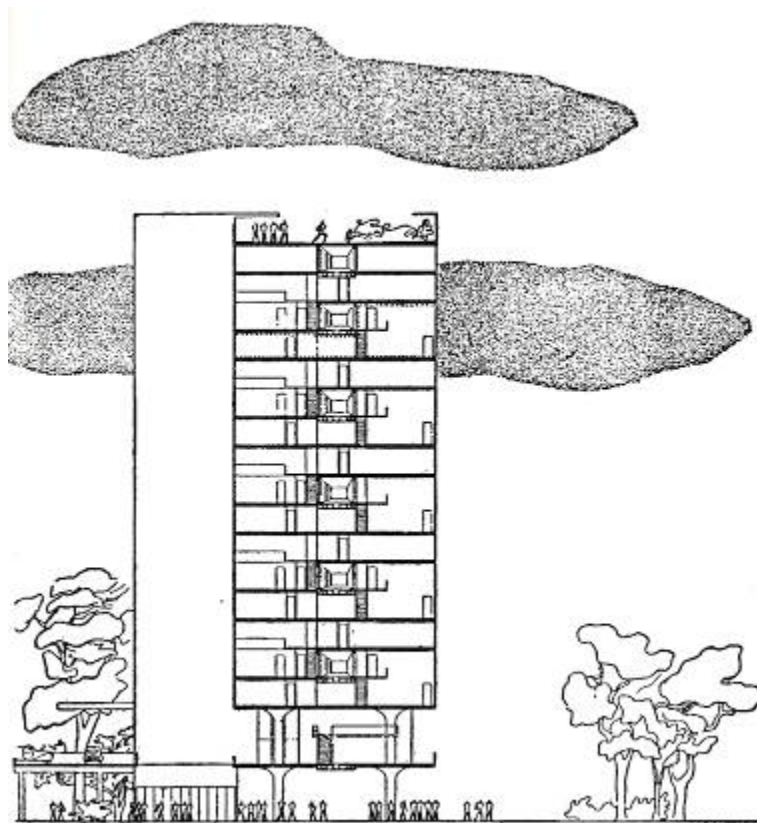


Figura 39: Corte típico de edifício na Vila Radiosa (1934)

Arqt. Le Corbusier

Fonte: Frampton (2001:151)

Seguindo o mesmo tipo de crítica, Peter Blake (*in* PORTOGUESI, 2002:49), analisa a unidade de Habitação de Marselha (1946-1952), de Le Corbusier, da seguinte forma

É uma formidável escultura de concreto (...) mas como conjunto de unidades habitacionais correspondentes às necessidades da vida do século XX, é uma farsa – em planta, perspectiva e corte. (...) Seus apartamentos carecem de todo requisito de *privacy*, os quartos das crianças são, na verdade, cubículos de 1,80m de profundidade e porta de correr; não há espaço onde as crianças possam se refugiar dos pais e vice-versa. (PETER BLAKE *in* PORTOGUESI, 2002:49)

Portoguesi (2002) conclui: “Obras-primas do virtuosismo volumétrico, **os apartamentos de Le Corbusier aniquilam qualquer hipótese de vida familiar**” (PORTOGUESI, 2002:49, grifo nosso)



Figura 40: Unidade de Habitação (1946-1952) - Marselha
Arqt. Le Corbusier
Fonte: Frampton (2001:154)

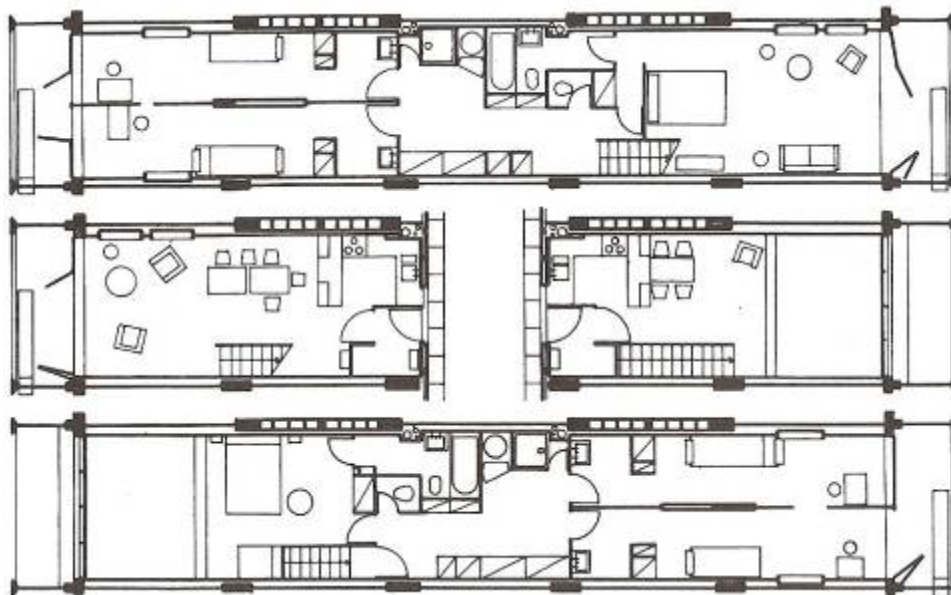


Figura 41: Planta baixa da unidade de Habitação
Arqt. Le Corbusier
Fonte: Benevolo (2001:695)

Para Benevolo (2001) a idéia das unidades de habitação é uma das hipóteses mais importantes da cultura urbanística, por sua característica puramente funcional, tendo tido resultados diversos como as superquadras brasileiras.

No entanto, tais intervenções geram os *não-lugares*³¹. Para Augé (2004), as características dos não-lugares englobam a ausência de identidade, falta de relação com a história, a universalidade, gerando lugares de passagem, onde a solidão é sentida como “superação ou esvaziamento da identidade” (AUGÉ, 2004:81). Jencks (2006) também utiliza o termo “não-lugar”, lembrando que este é o significado original de Utopia, o que, segundo ele, salienta ainda mais o aspecto “não-físico” do problema. (JENCKS, 2006:311)

Vê-se bem que por “não-lugar” designamos duas realidades complementares, porém, distintas: espaços constituídos em relação a certos fins (transporte, trânsito, comércio, lazer) e a relação que os indivíduos mantêm com esses espaços (...). Assim como os lugares antropológicos criam um social orgânico, os não-lugares criam tensão solitária. (AUGÉ, 2004:87)

A esse respeito, Gropius (2004), em texto de 1952, manifesta certo arrependimento em relação à universalização dos homens-tipo e da arquitetura racional, da qual foi um dos precursores

Na nossa sociedade tecnicizada, devemos sublinhar apaixonadamente que ainda constituímos um mundo de homens e que o homem, em seu ambiente natural, precisa estar no centro de todo o planejamento. Adoramos, porém, nossos ídolos mais recentes, as máquinas, de tal maneira que estamos a ponto de perder os nossos verdadeiros conceitos de valor. (...) Para quem construímos nossas casas? Para os homens, naturalmente, e isso inclui todos os homens. (GROPIUS, 2004:208-209)

1.2.2.6 Algumas Questões Importantes no Modernismo

A seguir, são relacionados alguns pontos, que podem ser chamados de *problemas da modernidade*, e que são ponto de partida para uma série de questionamentos - a partir principalmente do final dos anos de 1950. Tais questionamentos envolvem a Arquitetura, até então entendida em um “campo do saber” distinto, em questões filosóficas, ideológicas, sociológicas, epistemológicas e cognitivas, em uma rede de interações multidisciplinares, cujo debate se estende até os nossos dias.

³¹ O sentimento gerado pelo *não-lugar* encontra sua diferença na *topofilia* (TUAN, 1980), que se caracteriza, em poucas palavras, pela afeição e sentimento de pertencimento que o usuário sente pelo lugar que habita/mora/trabalha.

É importante destacar que embora o Modernismo englobe uma produção arquitetônica internacional com características próprias, ainda assim é possível identificar alguns princípios que foram seguidos por inúmeros arquitetos, das mais variadas escolas e tendências.

Colquhoun (2004) afirma que é possível reconhecer certa uniformidade nos projetos produzidos durante os anos em que os “princípios da ‘arquitetura moderna’ eram aplicados sem ser fundamentalmente questionados” (COLQUHOUN, 2004:185).

Dentro deste contexto, é necessário destacar também o fato de que os objetos arquitetônicos³² – especialmente as casas e os edifícios – desde o primeiro momento da chamada Arquitetura Moderna estão inseridos dentro de uma ideologia, violentamente defendida em Manifestos, textos publicados em revistas especializadas, jornais, etc. (CONRADS, 1971).

Neste discurso da modernidade (HABERMAS, 1980, 1981, 2002), objeto e ideologia não podem ser analisados separadamente; no entanto, são bastante comuns as análises puramente estéticas, subjetivas, que deixam de lado as questões intrínsecas ao movimento, sem a qual o próprio objeto arquitetônico não existiria.

Desta forma, uma análise crítica da Arquitetura Moderna inclui o entendimento dela dentro de uma nova “realidade” criada, cujo discurso inclui a instauração de uma nova tradição através da superação de um passado arcaico (GIEDION, 2004), a universalidade, o novo Homem (Homem-tipo), a busca pela pureza, a idéia de evolução, a sociedade das máquinas, dentre outros. Nesta “grande narrativa” moderna (LYOTARD, 2002), por exemplo, estão presentes muitos conceitos que fazem parte dos discursos totalizantes das ditaduras e dos grandes conflitos do século XX.

Uma Nova Tradição

Um dos pontos mais importantes do discurso moderno é a rejeição do repertório formal do passado e sua aversão à idéia de estilo. Os modernos viam no ornamento, um elemento típico dos estilos históricos, um inimigo a ser combatido: produzir uma arquitetura sem ornamentos

³² Não podemos esquecer que o urbanismo, o paisagismo, o mobiliário também fazem parte do discurso arquitetônico. Num segundo momento, o urbanismo passa a ser o foco das atenções da Arquitetura Moderna, como destacamos em seguida.

tornou-se um desafio constante. Um exemplo é o Manifesto “Ornamento e Crime”, de Adolf Loos, escrito em 1908 (CONRADS, 1971:19).

Segundo Giedion, um dos teóricos defensores da modernidade, “há indícios definitivos de que o processo de desenvolvimento de uma nova tradição segue adiante, apesar da existência de **distúrbios passageiros**” (GIEDION, 2004:4, grifo nosso). Por “distúrbios passageiros”, o autor se refere a todos os imensos problemas resultantes das práticas inconseqüentes da arquitetura moderna.

Funcionalidade

Outras características importantes são as idéias de industrialização, economia e funcionalidade: os edifícios deveriam ser econômicos, limpos e úteis. Este discurso em torno da funcionalidade, fruto da sociedade das máquinas, considera a *função* como o mais importante fator a ser levado em consideração na construção da “nova arquitetura”, e se baseia na crença de que existe um “homem tipo”, para o qual se estaria projetando.

A noção de tipo³³, herdada dos ideais Iluministas de cópia e reprodução, se espalha em expressões como andar-tipo, pavimento-tipo e demais variações. A este respeito, existe a célebre frase de Louis Sullivan, um dos inspiradores da arquitetura moderna que, em artigo publicado em 1896, decreta que: “a forma segue a função”³⁴ (no original, “*form ever follows function*” [SULLIVAN, 1896: s/n]).

Com relação a esta facilidade apresentada pelas reproduções, Frampton (2000) cita a Casa Dom-Ino (1915-1920) e a Casa Citrohan (1922), de Le Corbusier. A primeira, como um modelo que representa uma “casa tão estandardizada quanto um dominó” (FRAMPTON, 2000:183) [FIGURA 42]

³³ O conceito de tipo em arquitetura vincula-se à idéia de que todas as coisas, independente de modificações posteriores, conservam o seu princípio elementar. Muito discutidas ao longo da história da arquitetura, a idéia de tipo foi praticamente relegada ao esquecimento, pois a noção de precedente entrou em conflito com os ideais modernistas de originalidade.

³⁴ Peter Blake sugere que “a forma segue o fiasco”, em evidente crítica a este entendimento da Arquitetura Moderna. (BLAKE, 1978)

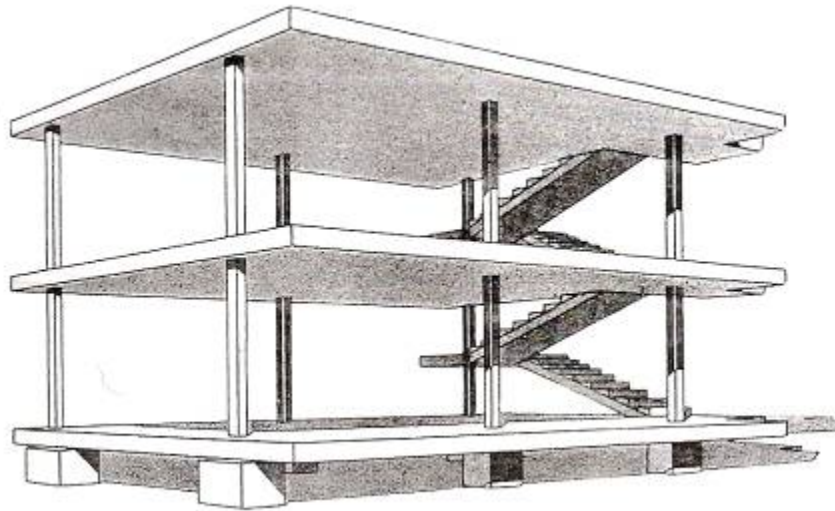


Figura 42: Sistema Dom-ino (1915)
Arqt. Le Corbusier
Fonte: Frampton (2001:20)

E a segunda, cujo nome é uma “brincadeira com a marca de uma famosa fábrica de automóveis, indicando que uma casa deveria ser tão padronizada quanto um carro” (FRAMPTON, 2000:185, grifo nosso) [FIGURA 43]

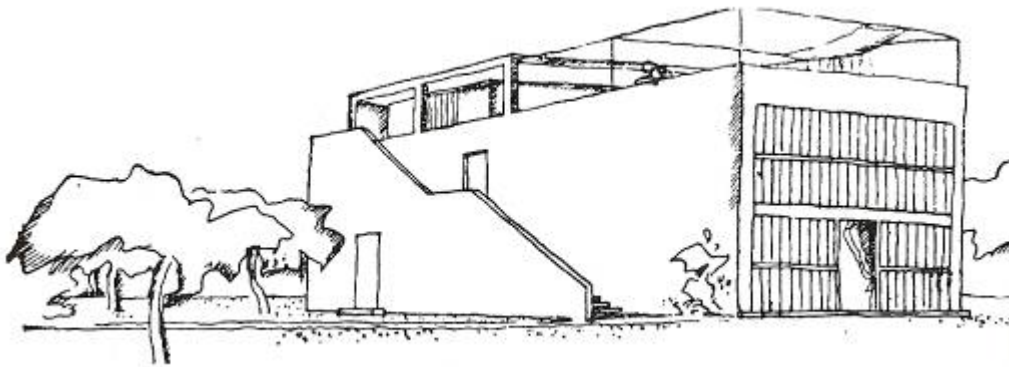


Figura 43: Casa Citrohan(1920)
Arqt. Le Corbusier
Fonte: Frampton (2001:34)

Se eliminarmos de nossos corações e mentes todos os conceitos mortos a propósito das casas e examinarmos a questão a partir de um ponto de vista crítico e objetivo, chegaremos à **“Máquina de Morar”, a casa de produção em série**, saudável (também moralmente) e bela como são as ferramentas e os instrumentos de trabalho que acompanham nossa existência. (LE CORBUSIER *in* FRAMPTON, 2000:183, grifo nosso)

○ Novo Homem – O Homem-tipo

Como Berman (1987) salienta, uma das principais características da Modernidade é a crença neste *novo homem*, no “homem do amanhã” (NIETZSCHE *apud* BERMAN, 1987:23) que, em oposição ao “homem de hoje”, terá coragem para criar novos valores necessários para o homem e a mulher modernos. Desta forma, segundo o autor, a vida moderna cria valores na esperança de que as modernidades do amanhã possam curar os ferimentos que afligem o homem moderno de hoje.

O tipo desconsidera as diferenças individuais, levando a crença de que existe um modelo de homem universal, ou, em casos extremos, uma raça que tenha atingido o mais alto grau de *evolução*.

O Homem-tipo de Le Corbusier, chamado de Modulor³⁵ (LE CORBUSIER, 2004c), por exemplo, mede 1.83 m e é indicado pelo autor para ser utilizado como medida padrão não só para o dimensionamento dos espaços arquitetônicos, mas também para tudo o que viesse a ser fabricado para o homem, uma vez que “o Modulor pode um dia vir a ser o meio de unificação para produtos manufaturados em todos os países.” (LE CORBUSIER, 2004c:56, tradução nossa)

○ Modulor é

um instrumento de medida baseado no corpo humano e na matemática. Um homem com o braço levantado que fornece, através dos pontos ocupados no espaço – pés, plexo solar, cabeça, pontas dos dedos do braço levantado – três intervalos que correspondem a uma série de seções áureas, chamadas de série de Fibonacci. (LE CORBUSIER, 2004c:55)

O Modulor está em desenvolvimento desde 1945 e, em sua primeira proposta, apresenta um *homem ideal* de 1,75m de altura. (LE CORBUSIER, 2004c:43) [FIGURA 44]

³⁵ Modulor (LE CORBUSIER, 2004c) publicado em 1950 teve uma continuação no livro Modulor 2 (LE CORBUSIER, 2004d), publicado em 1955.

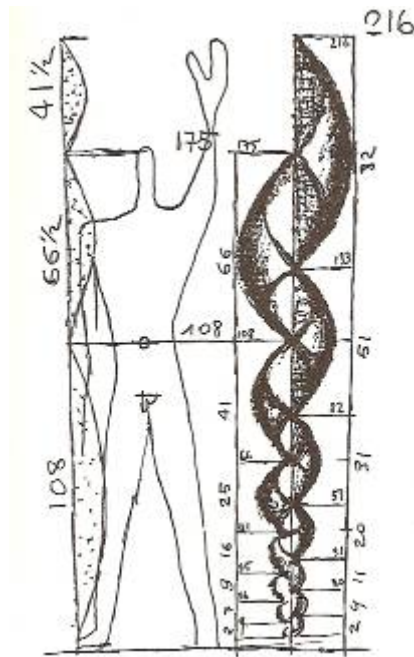


Figura 44: Modulor, em sua versão “francesa”
 Arqt. Le Corbusier
 Fonte: Le Corbusier (2004c:51)

No entanto, por considerar uma altura muito “francesa”, o autor se decide por 1,83m, por ser um número que, segundo ele, apresenta correspondências “arredondadas” entre as unidades de medida em metro e em polegadas. (LE CORBUSIER, 2004c:56) [FIGURA 45]

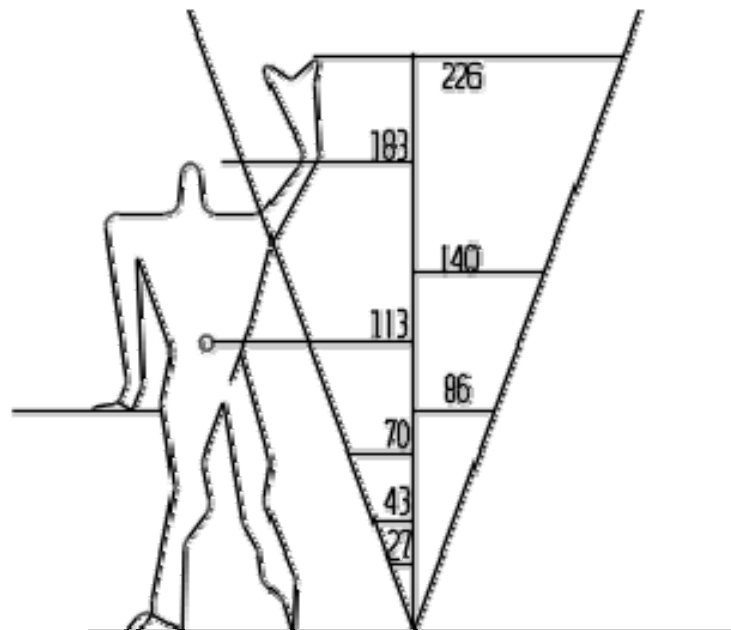


Figura 45: Modulor, em sua versão final
 Arqt. Le Corbusier
 Fonte: Le Corbusier (2004c:67)

É importante destacar que, na mesma época da publicação de *Modulor 2* (LE CORBUSIER, 2004d), pesquisas mostram que a altura média do homem brasileiro, da Região Sul e Sudeste, é de 1,69 m. (ALMEIDA, 1998). [FIGURA 46]

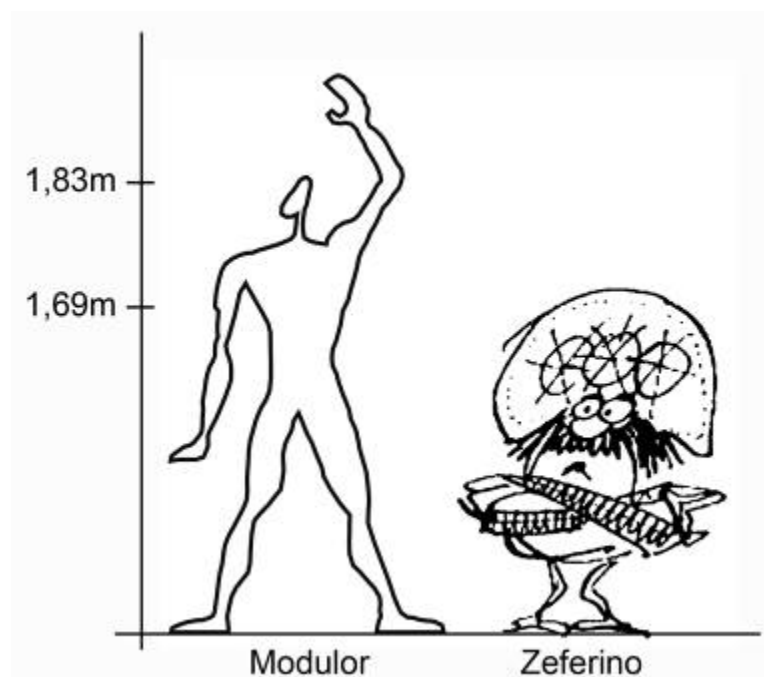


Figura 46: Diferenças de altura ente o Homem-tipo corbusiano e o Homem brasileiro.
Fonte: Arte sobre ilustrações/figuras de Le Corbusier (2004c:237) e Henfil (1993:111)

A Sociedade da Máquina

Berman (1987) destaca que as aspirações modernas dos primeiros pensadores, como Marx e Nietzsche, passam por modificações, no início do século XX, resvalando para rígidas polarizações e totalizações. A modernidade passa a ser vista através de um entusiasmo cego e acrítico (como pelos Futuristas italianos) ou condenada segundo uma atitude de distanciamento e indiferença. Em ambos os casos, segundo o autor, a modernidade é sempre concebida como um monolito fechado (FIGURAS 28 e 29), que não pode ser moldado ou transformado pelo homem.

Esta visão Futurista, sua maneira acrítica aliada à celebração da era da máquina e um profundo distanciamento do povo, leva ao que o autor chama de formas refinadas da “máquina estética”, arquiteturas surgidas após a Primeira Guerra Mundial, produzidas pela Bauhaus, Gropius, Mies van der Rohe, Le Corbusier e Léger. (BERMAN, 1987:27)

Para o autor, a atmosfera volátil dos anos de 1960 gera uma série de pensamentos e controvérsias sobre o sentido último da modernidade. Uma dessas vertentes, que o autor chama de modernismo afirmativo, é aquela que se esforça por ausentar-se da vida moderna, como uma tentativa de libertar os artistas das impurezas e vulgaridades da vida moderna. Este modernismo afirmativo coincide com a aparição do *pop-art*, no início da década de 60³⁶ e tem como ideal a utilização da imensa variedade e riqueza de coisas, materiais e idéias, que o mundo moderno inesgotavelmente oferece.

O mundo da via-expressa, característico do meio ambiente moderno pós Segunda Guerra Mundial, atinge seu maior desenvolvimento nos anos 60. Berman (1987) cita Jacobs (2003), que defende a escala da rua, da vizinhança de bairro, como modelo ideal de urbanização, em contrapartida a grande escala das vias expressas e urbanização modernista.

Segundo o autor, os construtores do movimento moderno do período posterior à Primeira Guerra Mundial, na arquitetura e no Urbanismo, voltam-se radicalmente contra a pequena escala, defendendo uma reconstrução e retomada do desenvolvimento, nas figuras de auto-estradas, parques industriais, *shopping centers* e cidades-dormitório. (FIGURA 47)



Figura 47: Cidade dormitório – Marzahn (Berlim)

Fonte: Senate Department for Urban Development (Berlin)

Disponível em: <http://www.stadtentwicklung.berlin.de/planen/stadtentwicklungsplanung/de/stadtumbau/index.shtml>

Acesso em 18 de jun. de 2007

Ironicamente, então, no curto espaço de uma geração, a rua, que sempre servira à expressão da modernidade dinâmica e progressista, passava agora a simbolizar tudo o que havia de encardido, desordenado, apático, estagnado, gasto e obsoleto – tudo aquilo que o dinamismo e o progresso da modernidade deviam deixar para trás. BERMAN (1987:357)

³⁶Para o autor, modernistas deste tipo às vezes se auto-designam “pós-modernos”. Robert Venturi é um dos primeiros arquitetos a se identificar com o pop-art.

Sob a aparente desordem da velha cidade encontra-se uma ordem maravilhosa que mantém a segurança das ruas e a liberdade da cidade. É uma ordem complexa. Sua essência é a complexidade do uso da calçada, que traz consigo uma sucessão de olhares. Essa ordem é toda composta de movimento e mudança (...) JACOBS apud BERMAN (1987:357)

Precisamos matar a rua. (LE CORBUSIER apud BERMAN, 1987:356)

Evolução, Superação e Progresso

Segundo Frampton (2000), o discurso moderno se baseia na negação de um passado de referências e na panacéia do presente eterno, uma vez que se havia chegado ao mais alto grau de evolução da Humanidade. E isto é um contra-senso, uma vez que para haver evolução há a necessidade de um passado.

Montaner (2002c) destaca essa idéia de *tabula rasa* presente no discurso moderno

Em consonância com a idéia de modernidade que significa expressão do “espírito dos tempos”, setores da burguesia mais metropolitana e renovadora promoveram as técnicas das vanguardas, confiando em um progresso imediato e rápido, incentivando a ruptura das convenções em prol da originalidade. Este culto à novidade e à originalidade sustentava uma revolta contra a tradição e uma defesa da *tábula rasa* e do grau zero. (MONTANER, 2002c:133)

Giddens (1991) chama a atenção para a questão da evolução: teorias evolucionárias representam “grandes narrativas”, onde a “história” pode ser contada em termos de um “enredo” que impõe uma imagem ordenada sobre uma série de acontecimentos humanos (GIDDENS, 1991:14).

A história, segundo o autor, não tem a forma “totalizada” que lhe é atribuída por suas concepções evolucionárias; é necessário desconstruir o evolucionismo social, de forma que a história não seja vista como uma unidade, ou como reflexo de certos princípios unificadores de organização e transformação. Esta idéia de história como superação, progresso, é, segundo o autor, um dos grandes problemas da modernidade.

Dennett (1998), por sua vez, considera as teorias de evolução e seleção natural (ou teorias *darwinistas*), como aplicáveis aos seres humanos. Este “darwinismo-social”³⁷, onde a idéia de

³⁷ Cf. Oliveira (2003) O darwinismo social pode ser definido na crença de que as sociedades mudariam e evoluiriam em um mesmo sentido e que tais transformações representariam a passagem de um nível menos elevado para um estágio superior. Desta forma, prevaleceriam as sociedades mais aptas e capazes sendo as outras extintas.

que o mais bem adaptado ao meio sobrevive, é a origem de inúmeros equívocos e idéias pré-concebidas de superação e distinção entre raças e sociedades³⁸.

É importante destacar que *A origem das espécies* teve sua primeira publicação em 1859, contemporânea, portanto, à Revolução Industrial, onde uma teoria em que fosse possível a classificação das pessoas em *inferiores/superiores, mais/menos aptas* ia de encontro aos interesses da sociedade fabril.

Verdade, Racionalismo e Representação

Os modernistas se baseiam ainda na existência de uma “verdade”. Como representantes máximos do racionalismo e da sociedade que faz apologia às máquinas, seu discurso parte do princípio da existência de um mundo pré-dado, externo ao Homem, que é possível ser conhecido por meio de instrumentos e experimentações de causa e efeito, que constituem a base do pensamento científico surgido a partir do Iluminismo.

Montaner (2002a) chama a atenção para os excessos cometidos pela arquitetura racionalista, citando como exemplo os arquitetos Alexander Klein e Ernest Neufert.

[...] *a arquitetura racionalista parte sempre de leis mínimas com pretensões universais*: os sistemas de circulação em planta, o mecanismo de setorização por usos específicos, a medida de cada gesto das atividades humanas, o detalhe construtivo dos materiais. É a partir destes detalhes ou elementos embrionários quando o uso converte-se incipientemente em forma, em um esquema que, em planta, explicita medidas, em mecanismo funcional e técnico que vai sendo desvendado em um corpo a corpo entre cada gesto e as medidas que emanam dele, nos critérios compositivos que permitirão organizar as plantas, Os métodos da arquitetura racionalista, entendida como esquema ou organograma, podem ser relacionados com os elementos e sistematicidade da tabela periódica dos elementos químicos de Mendelejev. (MONTANER, 2002a:82, grifo nosso)

É possível encontrar em Neufert *et al* (2002), ainda hoje, tomados como referências ao *fazer arquitetônico*, o “homem universal” (NEUFERT *et al*, 2002:15), como parâmetro de medida de projeto. (FIGURA 48)

³⁸ É importante destacar que “A origem das espécies” teve sua primeira publicação em 1859, contemporânea portanto à Revolução Industrial, onde uma teoria em que fosse possível a classificação das pessoas em inferiores/superiores, mais/menos aptas é utilizada como um discurso que serve aos interesses daquela sociedade fabril, onde pessoas de maior poder aquisitivo são consideradas superiores.

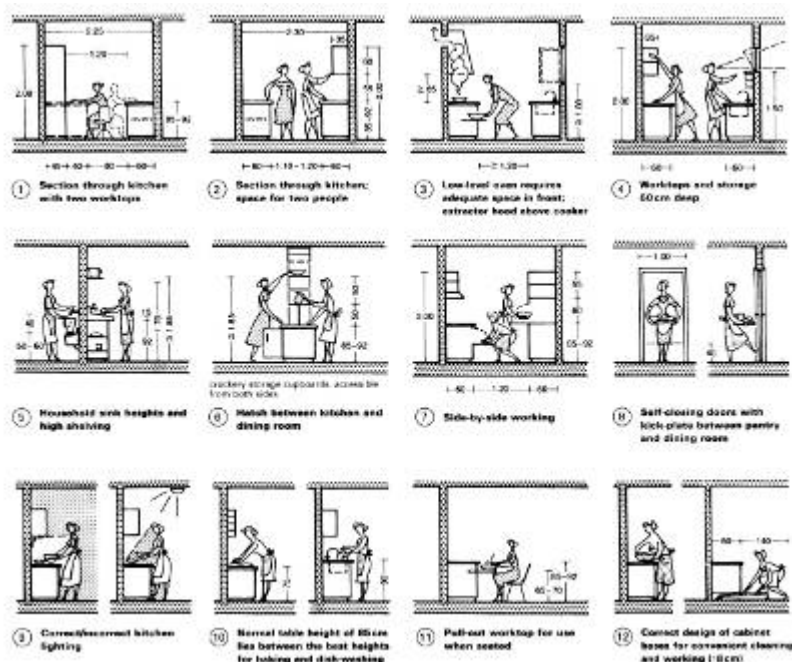
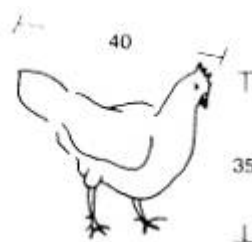


Figura 48: Dimensões humanas e relação com projetos de cozinhas
 Fonte: Neufert *et al* (2002:251), a partir de exemplo em Montaner (2002a:83)

O nível de especificidade e detalhamento, no caso destes autores, atinge níveis extremos: fornecem, por exemplo, as medidas de animais (galinhas, patos, gansos, pombos, etc.), nas mais diversas situações que podem vir a ocupar em supostos projetos. Desta forma, encontramos referência não só a um *homem universal*, mas a galinhas, patos, pombos “universais”. (FIGURA 49)



scratching area for 5 hens $\geq 3\text{m}^2$
 scratching area for 10 hens $\geq 5\text{m}^2$
 scratching area for 20 hens $\geq 10\text{m}^2$
 sleeping area for 5-6 lightweight hens or
 4-5 heavy hens on 1 m of perch, 10-12
 hens per 1m²

Figura 49: Dimensões de uma galinha “universal”: quantidades de galinhas por metro linear de poleiro, por metro quadrado, área para ciscar e para dormir.
 Fonte: Neufert *et al* (2002:405)

Para Giddens (1991), na cultura moderna há um aspecto que ele chama de *segurança ontológica*. Trata-se da crença que a maioria dos seres humanos tem na continuidade de sua

auto-identidade e na constância dos ambientes de ação social e material circundantes. Em outras palavras, a crença de que existe uma realidade externa e um *eu* constantes.

Latour (2001) critica esta idéia representacionista, na qual o “mundo poderia enviar-nos diretamente informação suficiente para gerar uma imagem estável de si mesmo em nossas mentes” (LATOURE, 2001:17)

1.3. UMA POSSIBILIDADE : A PÓS-MODERNIDADE³⁹

O objetivo desta pesquisa não é esgotar a discussão a respeito da Modernidade e da Pós-Modernidade. Mesmo que o escopo se restringisse somente a discussão no “campo de estudo” da Arquitetura (o que não acredito ser possível), mas apontar que as grandes questões da Modernidade se perpetuam em nossos dias, embora a discussão a respeito de novos caminhos tenha se iniciado há pelo menos 40 anos.

Tal debate se insere nos estudos realizados pelo ProLUGAR, a medida que os estudos do grupo caminham em direção a uma abordagem mais subjetiva da avaliação do espaço arquitetônico. As metodologias mais “tradicionais” em APO têm uma forte ligação com o entendimento que o pensamento moderno faz do espaço e de seus usuários.

Desta forma, a relevância desta pesquisa está não em apontar soluções ou novas diretrizes, mas em destacar as inúmeras possibilidades que o pensamento pós-moderno traz ao debate e ao entendimento do homem/usuário dos ambientes.

Assim, ao discutir alguns pontos considerados críticos a respeito da Modernidade, não poderiam deixar de serem citados, ainda que de maneira muito breve, alguns aspectos da Pós-Modernidade. Como é possível detectar no pensamento de diversos autores, a Pós-Modernidade não se coloca como um estágio de superação em relação à Modernidade, mas como uma série de possibilidades ao pensamento e ideologia Moderna.

³⁹ Jencks (2006) destaca que embora o termo “pós-moderno” tenha sido utilizado pela primeira vez em arquitetura em 1949, no texto de Joseph Hudnut (*The Post Modern House*) – apenas no título -, foi somente em 1977 com a publicação de seu *The rise of Post Modern Architecture* que o termo passou oficialmente a ser incorporado no discurso arquitetônico.

1.3.1 Pós-Modernismo em Arquitetura

O Pós-Modernismo *não* rejeita o Modernismo totalmente, como aconteceu com os tradicionalistas, mas desenvolve a sua própria linguagem híbrida, parcialmente a partir de seu predecessor. (JENCKS, 2006:12, grifo do autor).

Se para datar o início do Modernismo existem dificuldades, Jencks (2002) fornece data e hora e para o seu fim simbólico – quinze de julho de 1972, às 15h32min – com a demolição do conjunto habitacional Pruitt-Igoe, em St. Louis, Missouri. Este acontecimento representa a dificuldade do governo americano em resolver os gravíssimos problemas sociais decorrentes de uma arquitetura feita para “homens tipo”. (FIGURA 50)



Figura 50: Dinamitação do Conjunto Habitacional Pruitt-Igoe (1952-1955) - St. Louis
Arqt. Minoru Yamasaki
Fonte: Jencks (2002:8)

Toda a racionalidade presente no discurso moderno não consegue dar conta das transformações do período pós-guerra. É o fim da ingenuidade. As cidades são reconstruídas, tornam-se “modernas” e a realidade apresentada é pior do que a da chamada cidade “tradicional”. Os níveis de violência aumentam, a chamada esquizofrenia urbana atinge níveis nunca vistos.

Jencks (2006) localiza o início da arquitetura pós-moderna nos anos de 1960, como reação à arquitetura moderna e algumas de suas falhas mais notáveis, com destaque para os problemas que envolvem o desenvolvimento urbano, a relação da arquitetura com o contexto urbano. O

autor cita os escritos e as construções de Robert Venturi, Charles Moore, Robert Stern e Michael Graves como importantes figuras na cristalização do Pós-Modernismo e de uma “Escola Pós-Moderna” (JENCKS, 2006:352).

Anderson (1999) afirma que a publicação de Venturi *et al* (2003) é o manifesto arquitetônico da década, que ele classifica como um ataque iconoclástico ao modernismo, ao defender a renovação da ligação entre arquitetura, pintura, artes gráficas e escultura. O autor destaca, ainda, que Jencks (2002) é quem formaliza uma visão crítica do termo “pós-moderno”.

Segundo Anderson (1999), Jencks (2002) entende o pós-modernismo como uma *hibridação*, uma codificação dupla, que mistura a sintaxe moderna e historicista.

Com o fim da segunda guerra, a crescente desconfiança frente aos ideais modernistas na arquitetura e no urbanismo leva ao surgimento de teorias alternativas para as cidades. Frente a esta crise, Venturi (1995) defende a “complexidade” como uma solução, em contraponto a “simplicidade” da arquitetura moderna. Já em 1951, o 8º CIAM (Congresso Internacional de Arquitetura Moderna) atacava a arquitetura racional responsável pelos conjuntos habitacionais que constituíam símbolo da experiência moderna, propondo, em seu lugar, um desenho comum que levasse em conta valores históricos e culturais dos centros urbanos tradicionais, defendendo a integração da arquitetura a cidade existente.



Figura 51: Vanna Venturi House (1963-1965) - Pensilvânia
Arqt. Robert Venturi
Fonte: Jencks (2002:viii)

Montaner (2002a,2002b) cita as propostas da Archigram (1961-1974), na Inglaterra, as críticas de Aldo Rossi (ROSSI, 2001), na Itália, além da arquitetura comunicativa de Venturi como alternativas a falência do Movimento Moderno, percebidas no começo dos anos de 1960. O autor também destaca a influência do pensamento estruturalista e das teorias sobre a linguagem nos trabalhos de arquitetos, como Rossi, Venturi e Eisenman.



Figura 52: Simbolismo e particularidades regionais - Las Vegas
Fonte: Jencks (2002:20)

A respeito de Eisenman⁴⁰, Montaner (1999) o identifica com o pensamento pós-estruturalista, oriundo do pensamento de Foucault, Lyotard, Baudrillard, Deleuze e Derrida. Esta multiplicidade cultural e as novas interpretações científicas baseadas na concepção de um universo que não está em equilíbrio, se expressam, dentre outras formas, nas geometrias dos fractais e na Teoria do Caos.

O pós-estruturalismo, segundo o autor, fala em *interpretações descontínuas, fragmentárias e provisórias*, baseadas na transformação e na diferença.

Tanto la actividad científica como la filosófica se ven obligadas a renunciar a sus pretensiones de neutralidad y objetividad, a su voluntad de conocimiento universal y a su proyecto de una ciencia unificada y una filosofía totalizadora. (MONTANER, 1999:90)

Outro fator de mudança, segundo Montaner (2002b) é a morte de *grandes mestres* do Modernismo: Le Corbusier, em 1965, e Mies van der Rohe, em 1969.

⁴⁰ Montaner (1999) cita o texto *Pós-funcionalismo* (EISENMAN in NESBITT, 2006:97) como exemplo.

Jacobs (2003) relata a degradação de cidades americanas, vítimas da arquitetura e urbanismo modernista. No caso dos Estados Unidos, poupados da destruição das Guerras, o afã da modernidade foi seu principal algoz. Conjuntos habitacionais, como Pruitt-Igoe, tiveram que ser demolidos, ante a impossibilidade de convívio entre moradores, devido a grandes taxas de crimes e demais problemas sociais. Os grandes arranha-céus, frutos do *International Style*, apesar de gerarem ambientes de trabalho esquizofrênicos, se espalham por todo o mundo.

Por outro lado, ao mesmo tempo em que Jacobs brada por socorro, o arquiteto e urbanista Kevin Lynch procura mostrar que, apesar de todos os problemas postos, as cidades geram “imagens fortes” em seus cidadãos. É inegável que uma torre de vidro gera uma imagem forte; no entanto, Lynch não questiona o fato desta “imagem” ser positiva ou não, tanto para cidadãos, quanto para a cidade⁴¹.

Jencks (2006) critica o trabalho de Lynch (1999) por entender que se trata de algo empírico e indutivo, uma vez que suas categorias se baseiam apenas em “inquéritos sociais, questionários e trabalhos de campo” (JENCKS, 2006:289).

O autor reforça a crítica ao citar Christopher ALEXANDER, que considera as categorias de Lynch dedutivas e impositivas, que possivelmente seriam aplicadas - como de fato foram - de maneira gratuita, em outras culturas, como “uma aldeia africana ou um *ghetto* negro no Harlem” (ALEXANDER *in* JENCKS, 2006:290).

Para Jameson (1996), o pós-modernismo é inseparável das críticas ao alto modernismo (que, por meio da disjunção radical do contexto ambiental do edifício, destrói a teia urbana da cidade tradicional e a antiga cultura da vizinhança) e ao *International Style* (com as obras de Frank Lloyd Wright, Le Corbusier e Mies van der Rohe), que levam a uma reavaliação do urbanismo e da estética arquitetônica. O autor cita como principais representantes de uma arquitetura pós-moderna Robert Venturi, Charles Moore, Michael Graves e Frank Gehry.

⁴¹ A pesquisa de Lynch (1999), segundo ele próprio, mostra resultados questionáveis pois, além do número reduzido de entrevistados, se concentrou em pessoas de classe média-alta. Além disso, seu conceito de “imagens mentais” é datado, pois o que ocorre, segundo o entendimento mais recente, são interpretações, baseadas em complexas redes de associações, que levam em conta mecanismos da história pessoal de cada indivíduo, além de fatores culturais, sociais, dentre outros. Maturana & Varela (1997) propõem que os organismos vivos, incluindo os humanos, não tomam, simplesmente, informações do exterior, mas reagem às perturbações do meio ambiente através de adaptações das estruturas interiores. A interpretação e a representação (simbolização) do mundo dependem das adaptações estruturais, em função da interação com as perturbações de um meio simbólico e real.

A melhor arquitetura pós-moderna é híbrida, como o melhor pré-modernismo da geração de 1900; tenta juntar passado e futuro sem compromisso, sem abdicar da ligação com o mundo moderno e a sua tecnologia, nem da ligação com a cultura ocidental, ou tradições locais. (JENCKS, 2006:12, grifo nosso)

O Pós-Modernismo inclui uma diversidade de abordagens que abandonam o paternalismo e o utopismo do seu predecessor, mas que tm todas uma linguagem duplamente codificada – uma parte Moderna e outra que é algo de diferente. As razões para esta dupla codificação são tecnológicas e semióticas: os arquitectos procuram usar uma tecnologia actual mas pretendem também comunicar com um público particular. Aceitam a sociedade industrial, mas dão-lhe uma imagística que ultrapassa a imagística da máquina – *a* imagem modernista. (JENCKS, 2006:350, grifo nosso).

Ante a falta de respostas da Arquitetura Moderna, com seus modelos e padrões, o pós-modernismo se caracteriza pela multiplicidade de exemplos. Não existem formas a serem copiadas, nem lógicas a serem seguidas.



Figura 53: Piazza d'Italia (1975-1979) - New Orleans
Arqt. Charles Moore
Fonte: Curtis (2005:603)

Hays (2000) destaca que a partir dos anos de 1960 uma série de teorias passam a ser debatidas em Arquitetura, desde as racionalistas até as historicistas e todas as inúmeras “-istas” que se sucederam (HAYS, 2000:x). O debate arquitetônico se enriquece, englobando questões filosóficas, lingüísticas, sociais, políticas. (como por exemplo, através do Marxismo, da semiótica, da psicanálise).



Figura 54: Centro Georges Pompidou (1971-1977) - Paris
Arqt. Richard Rogers e Renzo Piano
Fonte: Curtis (2005:600)



Figura 55: Neue Staatsgalerie (1977-1984) - Stuttgart
Arqt. James Stirling e Michael Wilford
Fonte: Curtis (2005:607)

Em 1980, na Bienal de Arquitetura de Veneza, Paolo Portoguesi⁴² expõe seu trabalho com o sugestivo nome de *"A presença do passado: o fim da proibição"*, abrindo caminho definitivamente para o fim das restrições aos laços com a história. Na mesma mostra estão presentes grandes nomes da arquitetura internacional, responsáveis também pelo intenso debate teórico de então: Michael Graves, Leon Krier, Robert Venturi, Aldo Rossi, Robert Stern,

⁴² Portoguesi é uma figura-chave do pós-modernismo europeu. Pertence a uma geração de arquitetos/teóricos italianos, que inclui, dentre outros, Bruno Zevi, Aldo Rossi, Leonardo Benevolo e o historiador Manfredo Tafuri.

Oswald Mathias Ungers, Charles Moore, dentre outros. Como resultado da Mostra, Portuguesi escreve um Manifesto, *Depois da Arquitetura Moderna* (PORTOGUESI, 2002).



Figura 56: Social Housing (1981-1988) - Berlim
Arqt. Aldo Rossi
Fonte: Jencks (2002:159)



Figura 57: Edifício dos Serviços Públicos (1980-1982) - Portland
Arqt. Michael Graves
Fonte: <http://www.taylorphoto.com/portfolio/images/exterior2.jpg>

A década de 1990 é bastante rica em termos de exemplos de como a arquitetura pode se beneficiar de novas tecnologias, uso de materiais alternativos, para a produção de objetos arquitetônicos interessantes. Apesar de não termos um distanciamento histórico suficiente para uma análise ampla da produção deste período, podem ser citados arquitetos como Coop Himmelblau , Rem Koolhaas, Renzo Piano, Zaha Hadid.



Figura 58: AT&T Building (1979) - New York
Arqt. Philip Johnson e John Burgee
Fonte: Curtis (2005:599)



Figura 59: Cinema Center (1993-98) - Dresden
Arqt. Coop Himmelblau
Fonte: Jencks (2002:239)



Figura 60: Villa dall'Ava, (1991) - Paris
 Arqt. Rem Koolhaas
 Fonte: Koolhaas (1998:171)

A mudança de postura perante a relação do objeto arquitetônico e sua inserção na chamada “realidade” pode ser exemplificada pela FIGURA 61. Enquanto que as casas modernistas costumavam ser mostradas como objetos isolados, destituídos de contexto e sem a presença dos usuários, Koolhaas (1998) apresenta seu projeto – cuja forma é uma releitura da Villa Savoy, de Le Corbusier – inserida no contexto urbano e com a presença daqueles que são, em última análise, a razão última de um projeto arquitetônico: seus usuários.



Figura 61: Centro Cultural Jean-Marie-Tijbaou (1991-1998) - Nova Caledônia
 Arqt. Renzo Piano
 Fonte: Gössel & Leuthäuser (2001:400)



Figura 62: Sheltered Housing (1994-97) - Amsterdam
 Arqt. MVRDV
 Fonte: Jencks (2002:191)



Figura 63: Adegas Dominus (1995-1997) - Califórnia
 Arqt. Herzog & de Meuron
 Fonte: Gössel & Leuthäuser (2001:389)

Para Giddens (1991) a pós-modernidade carrega um sentimento de que nada pode ser conhecido com alguma certeza, uma vez que todos os “fundamentos” preexistentes da epistemologia se revelam sem credibilidade. Além disso, destaca o autor, nenhuma versão de progresso pode ser plausivelmente defendida. O autor reforça seu argumento afirmando que a pós-modernidade não pode ser vista como uma transição da modernidade, uma vez que nisto estaria implícita a idéia de superação e progresso.

Montaner (2002a) destaca que uma das principais características da Arquitetura Pós-Moderna é a complexidade. O autor cita Edgar MORIN como um dos fundadores desta corrente

de pensamento, que se opõe diametralmente à herança do pensamento cartesiano, que acreditava que um “corte arbitrário sobre o real era o próprio real”. (Montaner, 2002a: 118).

Desta maneira, começaram a superar o paradigma da ciência clássica, de uma realidade única e universal, e foram intuindo novos paradigmas segundo os quais o real é igual ao diverso. A racionalidade em crise foi sendo substituída por novos paradigmas de pensamento: do princípio da universalidade passam à aceitação do acaso, do imprevisível, do caos; da casualidade linear passam a um pensamento baseado em redes e sistemas; do princípio do isolamento do experimento na observação científica evoluem à consciência da imersão do objeto nos ecossistemas e nos marcos culturais de referência. Reconhecendo que o diferente sempre é mais visível que o similar, as interpretações pós-marxistas voltaram a aceitar o mecanismo do narrativo e a evidência de que cada fato é diverso. (MONTANER, 2002a:118)



Figura 64: Dolphin Hotel (1987-1990) - Florida
Arqt. Michael Graves
Fonte: Jencks (2002:153)

1.4 MODERNISMO E PÓS-MODERNISMO NA FILOSOFIA

O objetivo desta pesquisa, como já mencionado anteriormente, não é esgotar a discussão filosófica a respeito de temas tão complexos, como estruturalismo e pós-estruturalismo. No entanto, para um entendimento destes termos, utilizados nos discursos arquitetônicos e ideológicos presentes na pesquisa, é necessária uma breve explicação e conceituação.

Habermas e Lyotard são dois grandes representantes das correntes modernistas e pós-modernistas, respectivamente. É famoso o texto “Modernidade – um projeto inacabado” de Habermas, de setembro de 1980 (*in* ARANTES & ARANTES, 1992), em resposta à publicação, em 1979, de “A condição pós-moderna”, de Lyotard (LYOTARD, 2002). Tais textos deram origem a outras respostas e contra-respostas, mostrando que o tema é, conforme atesta Habermas (2002), controverso e multifacetado.

Giddens (1991) destaca que Lyotard (2002) foi o responsável pela popularização da noção de *pós-modernidade* que caracteriza, segundo o autor, o fim das grandes narrativas, um “enredo” dominante pelo qual somos inseridos na história como seres possuidores de um passado definitivo e um futuro predizível. Na perspectiva pós-moderna existe uma pluralidade de reivindicações heterogêneas de conhecimento, onde a “ciência não tem um lugar privilegiado” (GIDDENS, 1991:12) O autor afirma ainda que as concepções de pós-modernidade, em sua maioria, têm origem no pensamento pós-estruturalista.

Segundo o autor, Habermas (1985) acredita, por sua vez, ser possível uma epistemologia coerente, baseada em um conhecimento generalizável sobre a vida social e padrões de desenvolvimento.

Connor (2000) salienta que embora o termo “pós-moderno” tenha sido utilizado desde os anos de 1950-60 por alguns escritores, seu conceito somente se cristaliza em meados dos anos de 1970, quando começa a ganhar força no interior de algumas disciplinas acadêmicas, como filosofia, arquitetura, literatura⁴³.

1.4.1 Estruturalismo

Somos fruto de uma educação herdeira dos ideais Iluministas, que acredita ser possível o conhecimento da realidade, entendida como formadora de um mundo pré-dado e de existência anterior à nossa, por meio do estudo compartimentado das mais diversas disciplinas.

⁴³ O livro de Jencks *A linguagem da Arquitetura pós-moderna* (título original) foi publicado em 1977, anterior, portanto, à publicação de Lyotard, *A condição pós-moderna*, publicado em 1979.

A corrente filosófica chamada Estruturalismo, oriunda da noção de estrutura⁴⁴ lingüística (SAUSSURE, 1997), defende que não existe "nada fora do texto", sendo possível se ter pleno conhecimento do significado de uma frase, a partir do conhecimento das regras que a regem, como sintaxe, semântica e domínio do idioma. O significado não é externo ao texto. A análise racional permite a decodificação dos signos.

Assim, uma palavra representa um significado, que é equivalente a uma "imagem mental" que o indivíduo possui a respeito. Paralelamente ao desenvolvimento dessas teorias, surgem os primeiros computadores, capazes de simular operações lógicas executadas pela mente humana.

O estruturalismo consegue dar conta da visão de mundo moderna, onde a realidade é externa ao homem e passível de ser compreendida através de construções lógicas. O homem em questão é o mesmo homem tipo da arquitetura moderna, sem características individuais que o personalizem.

Desta forma, a lógica estruturalista, baseada em regras claras de linguagem, se mostra adequada ao discurso moderno, pois ambos são herdeiros dessa educação. O modernismo, ao criar uma nova história, baseada em si mesmo, negando um passado de referências e sendo, portanto, autônomo, auto-referente e auto-explicativo, se apóia num discurso baseado na lógica de um mundo pré-dado, de um homem universal, de uma realidade única.

Segundo Arantes (1993), o estruturalismo navega a favor da tabula rasa e tenta demolir

[...] a história, a continuidade, a memória, a tradição, a consciência (mesmo coletiva) enquanto fonte irredutível de sentido – enfim tudo aquilo que faria o sujeito (o inimigo mortal daquele ideário) sentir-se em casa, reconhecer-se nalgum monumento, na prática acumulada de algum mundo de vida. Pelo contrário, o ponto de honra por assim dizer modernista do estruturalismo reside na extirpação de qualquer sentido, que tinha na conta de resíduo mítico ou metafísico num mundo completamente desencantado. (ARANTES, 1993:128)

⁴⁴ Cf. Minayo (2001) o termo estrutura tem sua origem no século XVI e se referia ao modo como um edifício era construído, sendo uma conotação da inter-relação das partes com o todo. O termo foi introduzido nas Ciências Sociais no final do século XIX (1885) por Herbert Spencer e na Lingüística por Ferdinand de Saussure, no início do século XX (1916), e trazia implícitas algumas idéias tais como: totalidade, interdependência das partes, auto-regulação, lógica e transformação. A sociedade é entendida como sendo determinada por causas positivas, exteriores aos indivíduos, sendo o comportamento humano uma resultante de leis dos processos sociais. Desta forma, o estruturalismo se constitui numa corrente de pensamento nas ciências humanas que apreende a realidade social como um conjunto formal de relações.

1.4.2 Pós-Estruturalismo⁴⁵

Segundo Callinicos (1985) a principal fonte intelectual da ciência pós-moderna é proveniente do pós-estruturalismo. Através da visão pós-estruturalista, diversos autores apontam a impossibilidade de conhecimento do mundo, pois, segundo esta concepção, não existe um mundo pré-dado e único, mas tantos mundos quanto são as cabeças pensantes.

O homem universal se mostra uma falácia, assim como a arquitetura padronizada e estéril da simplificação moderna. O homem é complexo, e dentro desta complexidade, é possível abarcar inúmeras e infinitas possibilidades. Os discursos são muitos e sua interpretação varia de indivíduo para indivíduo. É o que Lyotard (2002) se refere como o fim dos grandes relatos totalizantes

Uma questão primordial que a posição pós-moderna pretende desconstruir é a crença em uma totalidade unitária de mundo, com valores eternos e imutáveis. Isto se torna uma tarefa difícil, pois todas as bases estabelecidas pelo Iluminismo e que estão em desenvolvimento durante séculos, são questionadas: o método como caminho seguro, a racionalidade, as certezas, as verdades universais.

Outra questão colocada é a tradição racionalista no pensamento social que percebe o conhecimento como processo lógico, ligado a esquemas mentais de raciocínio, que se baseiam na concepção de linguagem como meio de representação da realidade.

Jameson (1996) salienta que o conceito de “verdade” é parte de uma bagagem metafísica que o pós-estruturalismo procura abandonar, sendo ele um sintoma bastante significativo da cultura pós-moderna. O autor estabelece a ligação entre a pós-modernidade e o pós-estruturalismo, citando o grupo *Tel Quel*⁴⁶, e suas críticas à ideologia da representação e o “fim da metafísica ocidental”, como a instauração de um modo totalmente novo de pensar e estar no mundo.

⁴⁵ Cf. Peters (2000) o termo pós-estruturalismo não pode ser entendido como algo homogêneo, único ou singular, mas como um movimento de pensamento inserido numa rede complexa de relações, em atitudes críticas perante alguma situação. O pós-estruturalismo é interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes e não constitui uma continuidade linear ao estruturalismo. Ao passo que o estruturalismo via os sujeitos como simples portadores de estruturas, os pós-estruturalistas concebem os em termos relacionais, questionando as diversas construções filosóficas do sujeito: o sujeito cartesiano-kantiano, o sujeito hegeliano e fenomenológico; o sujeito do existencialismo, o sujeito coletivo marxista.

⁴⁶ Publicação francesa entre 1960 e 1982, influenciada pelo pensamento de Nietzsche, que contava como seus colaboradores, dentre outros, Foucault, Derrida, Barthes, Eco, Godard, Todorov.

A visão pós-modernista se posiciona contra o predomínio da Razão, dentro dos limites em que ela foi definida pelo Iluminismo, pois se trata, segundo o autor, de uma razão eurocêntrica, branca, burguesa, setecentista e, portanto, particular, local, histórica e que não pode ser generalizada.

No enfoque pós-moderno a noção de Razão é colocada como produto de uma construção que ocorre em determinado momento histórico e, portanto, deve suas características às condições daquela época e não a uma essência humana abstrata e universalizante. Nesta concepção é importante salientar que o pós-estruturalismo deve muito ao pensamento de Nietzsche, em particular; a sua crítica da verdade e sua ênfase na pluralidade da interpretação e sua aversão às tendências universalizantes da filosofia moderna.

Lyotard (2002) diz que a ciência, assim como qualquer modalidade de conhecimento, nada mais é do que um certo modo de organizar, estocar e distribuir certas informações, ou seja, se constitui em um olhar dentre tantos outros sobre determinado assunto. Por isso, ele defende a impossibilidade de definições, uma vez que é impossível submeter todos os discursos (ou jogos de linguagem) à autoridade de um metadiscorso que se pretende a síntese do significante, do significado e da própria significação, isto é, que seja universal e consistente.

O autor defende que não é mais possível recorrer à grandes narrativas ou se apoiar na dialética do espírito ou na emancipação da humanidade para validar o discurso científico pós-moderno. Ao invés disso é necessária a fragmentação da multiplicação de centros e da complexidade das relações sociais dos sujeitos, possível graças aos jogos de linguagem. A chamada “condição Pós-Moderna”⁴⁷ expressa o sentido de uma condição de vivência na pós-modernidade, apoiada nestas categorias.

⁴⁷ Originalmente o livro se intitulava “O pós-moderno”.

1.5. ANÁLISE DO DISCURSO⁴⁸

A palavra está presente em todos os atos de compreensão e em todos os atos de interpretação. (BAKHTIN, 2006:38)

Não há enunciado em geral, livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo; ele se integra sempre em um jogo enunciativo. (FOUCAULT, 2005:114)

Todo fato já é uma interpretação. (PÊCHEUX, 2006:44)

Não temos como não interpretar. (ORLANDI, 2005a:9)

A Análise do Discurso é um campo de pesquisa que, segundo Gregolin (*in* Gregolin & Baronas, 2003), já nasce como um campo transdisciplinar, movimentando o campo das ciências humanas para se constituir em uma disciplina transversal.

Dentro deste entendimento, *discurso* é a prática social de produção de textos, com diferentes leituras possíveis. Desta forma, todo discurso é uma construção social, não individual, e que só pode ser analisado considerando seu contexto histórico-social, suas *condições de produção*.

Segundo Orlandi (2005a), a Análise do Discurso é uma maneira de problematizar as maneiras de ler, de modo a levar o sujeito falante ou o leitor a se colocarem questões sobre o que produzem e o que ouvem nas diferentes manifestações da linguagem.

A análise do discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. É a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a idéia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando. (ORLANDI, 2005a:15)

A autora ressalta que a *interpretação*, uma contribuição da análise do discurso, nos coloca em estado de reflexão, onde não se pode ter a ilusão de sermos conscientes de tudo, nos permitindo ter uma relação menos ingênua com a linguagem.

⁴⁸ A Análise do Discurso é frequentemente citada nos textos utilizados como referência como "AD"; no entanto, neste trabalho não utilizamos esta abreviação para não confundir com a mesma sigla que, em Arquitetura, se refere à Análise de Desempenho. A Análise do Discurso, nos moldes franceses, é aqui considerada especialmente dentro do debate entre Pêcheux e Foucault, com a crítica ao estruturalismo, além dos conceitos de Filosofia da Linguagem, importante colaboração do Bakhtin para a Lingüística.

1.5.1 Origens

A proposta deste novo objeto chamado "discurso" surge, segundo Gregolin (2004), com Michel Pêcheux (*Analyse Automatique du Discours*, 1969) na França, no auge do estruturalismo, em uma época de releituras dos trabalhos de Saussure, Freud e Marx.⁴⁹

Da articulação entre propostas de Saussure, Marx e Freud surgirão novos conceitos (sujeito, História, língua) e deles vai derivar o objeto "discurso", tensionado por uma relação entre esse novo "estruturalismo" (releitura de Saussure), um novo "marxismo" (releitura de Marx) e uma nova teoria do sujeito (releitura de Freud). (GREGOLIN, 2004: 25-26)

Gregolin (2004) destaca que a construção teórica de Pêcheux (1969) tem início a partir de uma proposta teórico-metodológica impregnada de sua leitura de Saussure, onde a base dos processos discursivos passam a envolver o sujeito e a História.

Orlandi (2005b) destaca que a Análise do Discurso surge em um contexto intelectual afetado por duas rupturas: os estudos na área da Lingüística, que buscavam opções ao estruturalismo, e a mudança na maneira como os intelectuais – como, por exemplo, Althusser, Lacan, Foucault, Barthes - encaram a "leitura" (ORLANDI, 2005b:20).

A Lingüística, como destaca Orlandi (2005a), constitui-se pela afirmação da **não-transparência** da linguagem, uma vez que a relação linguagem/pensamento/mundo não é unívoca, ou seja, não passa diretamente de um a outro.

O legado do materialismo histórico propõe que o homem faz história, mas esta também não lhe é transparente. Assim, segundo a autora, conjugando a língua com a história na produção de sentidos, A Análise do Discurso trabalha a forma material (e não a abstrata como a da Lingüística) que é a forma encarnada na história para produzir sentidos: uma forma lingüístico-histórica.

A autora destaca que nos estudos discursivos não se separa forma e conteúdo, buscando-se compreender a língua não só como **estrutura**, mas, sobretudo como acontecimento do significante (língua) em um sujeito afetado pela história.

⁴⁹ Autores que representam as disciplinas que possibilitaram uma ruptura com o século XIX: a Lingüística, a Psicanálise e o Marxismo (ORLANDI, 2005a:19). Pêcheux se refere a eles como a "Tríplice Aliança", pois irão fornecer as bases para a Análise do Discurso. (GREGOLIN, 2004:33)

Neste ponto entra a contribuição da Psicanálise, com o deslocamento da noção *de homem para a de sujeito*, que por sua vez, se constitui na relação com o simbólico, na história.

Dentro deste contexto, em especial o movimento de maio de 1968 na França e as novas interrogações que surgem no âmbito das ciências humanas, são decisivos para subverter o paradigma então reinante e trazer o sujeito para o centro do novo cenário.

Foucault⁵⁰, assim como Pêcheux, também traz para o debate questões envolvendo sujeito, história e língua - envolvendo outros conceitos- naquilo que ele também chama de "discurso".

Gregolin (2004) explica que Foucault (2002) examina as formas modernas do saber (ou epistemes) que estabeleceram para as ciências o horizonte intransponível de conceitos fundamentais ou definições, onde a combinação de signos (a linguagem) possibilitaria a intermediação perfeita entre a representação e aquilo que se representa.

Desta forma, é importante salientar que os discursos de Pêcheux e Foucault não são os mesmos. O que eles propõem, como saliente Gregolin (2004), não está em oposição, mas em complementaridade, já que se trata, antes, de *diferenças* e não de contraditoriedade⁵¹.

1.5.2 Foucault e Pêcheux

Segundo Orlandi (2005a), Pêcheux propõe uma reflexão sobre a linguagem, aceitando o desconforto de não se ajeitar nas evidências e no lugar já-feito, exercendo com sofisticação e esmero a arte de refletir nos entremeios.

Pêcheux (2006) fala sobre os dois principais posicionamentos frente à Análise do Discurso francesa: a análise como descrição (de cunho estruturalista) e a análise como interpretação. O autor critica os "depósitos de procedimentos técnicos" (PÊCHEUX, 2006:18), próprios da Análise do Discurso tradicional, destacando que nas pesquisas atuais **o mais importante do que fazer valer a qualidade suposta das "respostas" seria a produção de questões.**

Sobre este assunto, cita as multiplicidades das "técnicas" de gestão social dos indivíduos:

⁵⁰ Pêcheux e Foucault foram ambos alunos de Althusser.

⁵¹ Essas diferenças, segundo Gregolin (2004), se referem fundamentalmente à maneira de se situarem frente às propostas althusserianas, que, em Foucault, se refere à ausência de categorias clássicas do marxismo (ideologia, luta de classes, etc.)

(...) marcá-los, identifica-los, classifica-los, compara-los, coloca-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separa-los segundo critérios definidos, a fim de coloca-los no trabalho, a fim de instruí-los, de fazê-los sonhar ou delirar, de protege-los e de vigia-los, de leva-los à guerra e de lhes fazer filhos... (PÊCHEUX, 2006:30)

O autor critica um posicionamento “estabelecido”, no qual os detentores do saber, ou especialistas e responsáveis de diversas ordens, não se utilizam da *interpretação*, optando por uma posição lógica de *Verdadeiro* ou *Falso*, isto ou aquilo.

Ora, esta homogeneidade lógica, que condiciona o logicamente representável como conjunto de proposições suscetíveis de serem verdadeiras ou falsas, é atravessado por uma série de equívocos, em particular termos como lei, rigor, ordem, princípio, etc que ‘cobrem’ ao mesmo tempo, como um patchwork heteróclito, o domínio das ciências exatas, o das tecnológicas e o das administrações. (PÊCHEUX, 2006:32)

Para Pêcheux (2006) o estruturalismo pode ser considerado como uma tentativa anti-positivista, que visa levar em conta um tipo de real, sobre o qual o pensamento vem dar, no entrecruzamento da linguagem e da história.

As abordagens estruturalistas descrevem os arranjos textuais discursivos em sua intrincação material, colocando em suspenso a produção de interpretações, em proveito de uma pura descrição desses arranjos.

Toda descrição (...) está intrinsecamente exposta ao equívoco da língua: todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro.(...)

Todo enunciado, toda seqüência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação. É nesse espaço que pretende trabalhar a análise de discurso. (PÊCHEUX, 2006:53, grifo nosso)

É aí que reside, para o autor, a importância da interpretação, uma vez que “é porque há o outro nas sociedades e na história, correspondente a esse outro próprio ao linguageiro discursivo, que aí pode haver ligação, identificação ou transferência, isto é, existência de uma relação abrindo possibilidade de *interpretar*”. (PÊCHEUX, 2006:54, grifo nosso)

Para o autor, o problema principal é de determinar nas práticas de análise de discurso o lugar e o momento de interpretação, em relação aos da descrição que na verdade “não se trata de

duas fases sucessivas, mas de uma alternância ou de um batimento, não importa que a descrição e a interpretação sejam condenadas a se entremisturar no indiscernível.” (PÊCHEUX, 2006: 54)

Busca-se assim, segundo o autor, “‘entender’ a presença de não-ditos no interior do que é dito” (PÊCHEUX, 2006:44)

Pêcheux (2006) critica as abordagens estruturalistas francesas dos anos 60, pois elas colocam em suspenso as interpretações do conteúdo em favor de uma pura descrição desses arranjos estruturais.

É antes de tudo esta posição de desvio teórico, seus ares de *discurso sem sujeito*, simulando os processos matemáticos, que conferiu às abordagens estruturais esta aparência de nova “ciência régia”, negando como de hábito sua própria posição de interpretação. (PÊCHEUX, 2006:47, grifo nosso)

Pêcheux destaca a impossibilidade de se fazer uma análise neutra de um texto de forma a produzir uma leitura-não subjetiva.

Dentro deste contexto, Foucault (2005) propõe que o discurso seja entendido como

um conjunto de enunciados, na medida em que se apóiem na mesma formação discursiva; ele não forma uma unidade retórica ou formal, indefinidamente repetível e cujo aparecimento ou utilização poderíamos assinalar (e explicar, se for o caso) na história; é constituído de um número limitado de enunciados, para os quais podemos definir um conjunto de condições de existência. (FOUCAULT, 2005:132-133)

Foucault (1969) propõe a substituição das noções tradicionais de consciência, continuidade, signo e estrutura pelas noções de acontecimento, série, regularidade, casualidade, descontinuidade, dependência, transformação e possibilidade, que vão constituir, segundo Gregolin (2004) os princípios reguladores para a Análise do Discurso foucaultiana.

Como princípio norteador dessa análise do discurso, a descontinuidade mostra que é necessário pensar em uma teoria das sistematicidades descontínuas. Do mesmo modo, a casualidade deve ser entendida como uma categoria presente na produção dos acontecimentos. Para Foucault, é preciso fundar uma teoria que permita investigar as relações do acaso e do pensamento. (GREGOLIN, 2004:107-108)

Ao invés de ser uma coisa dita de forma definitiva – e perdida no passado como a decisão de uma batalha, uma catástrofe geológica ou a morte de um rei – o enunciado, ao mesmo tempo que surge em sua materialidade,

aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade. (FOUCAULT, 2005:118-119)

Gregolin (2004) destaca a crítica de Foucault aos sistemas teóricos globais, totalitários (como o marxismo e a psicanálise). Da mesma maneira, Pêcheux (1990) critica os projetos científicos totalizadores, as teorias unitárias, globalizadoras, para quem houve, na história ocidental, a construção de verdadeiras “máquinas do saber”.

As críticas de Pêcheux e de Foucault, segundo Gregolin (2004), têm o objetivo de apontar a necessidade de uma revisão teórica, de reformular a concepção de “leitura”, a fim de tomar como objeto de estudo não apenas os Grandes Textos mas também as “falas que vem de baixo”, do discurso cotidiano.

Para Gregolin (2004), os diálogos/duelos teóricos entre Foucault e Pêcheux permitem a construção de uma teoria do discurso, que propõe um novo olhar para o sentido, o sujeito e a História. A partir de 1980, apoiando-se em Foucault e Bakhtin, os trabalhos de Análise do Discurso de Pêcheux focalizam a “discursividade” a partir de certos fenômenos lingüísticos, interrogando os limites da gramática e a ordem do discurso.

A autora caracteriza a Análise de Discurso de linha francesa a partir desta relação tensa entre as obras de Foucault e Pêcheux. O que existe são vias, diferentes possibilidades de compreensão de um problema posto diferentemente por cada autor. O que significa que não há uma “teoria” mais aceita atualmente, mas sim caminhos teóricos que respondem e co-respondem em parte às necessidades de reflexão que se apresentam.

1.5.3 A Contribuição de Bakhtin

O sentido da palavra é totalmente determinado por seu contexto. De fato, há tantas significações possíveis quantos contextos possíveis. [...] [o linguista] cria a ficção de um recorte único de realidade, que se reflete na língua. [...] **A ficção da palavra como decalque da realidade ajuda ainda mais a congelar sua significação.** (BAKHTIN, 2006:109-110, grifo nosso)

Segundo Bakhtin (2006), as palavras não são espelhos do mundo, que por sua vez não encerra uma única realidade. Neste sentido, *cada discurso deve ser interpretado de acordo com a bagagem cultural, social, econômica, de cada pessoa.*

Varela *et al* (2003) utilizam esta mesma linha de raciocínio, ao criticar “idéia de que **a mente é um espelho da natureza**” . (VARELA *et al*, 2003:26, grifo nosso)

Alinhado com este pensamento, Maturana (2001), através da Teoria da Autopoiese, afirma que o que percebemos depende de nossa estrutura como seres vivos, que é permanentemente dinâmica e sujeita a mudanças que ocorrem a cada momento, a partir de nossos encontros recorrentes com o meio no qual vivemos ao longo de nossas vidas. Assim, “realizando-se no processo da relação social, todo signo ideológico, e, portanto também o signo lingüístico, vê-se marcado pelo horizonte social de uma época e de um grupo social determinados.” (BAKHTIN, 2006:45)

Neste contexto, perceber não é captar características de uma realidade exterior e a partir daí constituir “representações internas” que serão posteriormente computadas. O mundo “exterior” não existe, como queria a tradição objetivista⁵², assim como não há um “aqui dentro” com um sistema cognitivo que estabelece de que forma o mundo deva ser percebido.

Para Maturana (2001) perceber é um ato cognitivo que nos envolve em nossa corporalidade e em nossa história como seres linguajantes em um determinado meio, entrelaçando linguagem e emoção no conversar, como um modo de vida especificamente humano. É a partir desse conversar que criamos os objetos, distinguindo-os e nomeando-os, e passando posteriormente a tratá-los como independentes dos atos pelos quais os trouxemos à existência.

Assim, a **palavra expressa nossas vivências**, já que o nosso discurso está carregado daquilo que somos. No entanto, é importante lembrar que a palavra estabelece uma relação dialética com o pensamento, e, nesta relação, o constitui. Portanto, a palavra constitui o próprio sujeito.

⁵² Tradição objetivista é aquela fruto da racionalidade re-nascida e fortalecida com o Iluminismo, que acreditava num mundo exterior, de origem anterior ao homem, mas passível de ser entendida a partir de conceitos científicos.

De fato, a forma linguística [...] se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. **Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.** É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 2006:98-99, grifo nosso)

Bakhtin (2006) defende que o significado é uma relação entre significantes, e não mais entre palavra e objeto. O jogo entre significantes pode ser um jogo infinito, qualquer tentativa de pará-lo apelando para o conceito de referência, só pode ser postulando um significado transcendental, que está de algum modo presente na consciência sem a mediação discursiva.

Para Bakhtin⁵³ (in FARACO, 2003) existe um dualismo entre o *mundo da teoria* (onde os atos concretos de nossa atividade são objetivados na elaboração teórica de caráter filosófico, científico, ético e estético) e o *mundo da vida* (ou mundo da historicidade viva, de seres históricos únicos que realizam atos únicos e irrepetíveis, o mundo da unicidade irrepetível da vida realmente vivida e experimentada).

Esses dois mundos não se comunicam porque o mundo da vida, por sua eventicidade e unicidade, é inapreensível pelo mundo da teoria, na medida em que nele não há lugar para o ser e o evento únicos. “O pensamento teórico se constitui exatamente pelo gesto de se afastar do singular, de fazer abstração da vida.” (FARACO, 2003:20)

Faraco (2003) destaca que Bakhtin é um crítico contumaz do racionalismo, isto é, de um pensamento em que interessa o universal e jamais o singular; a lei geral e não o evento; o sistema e não o ato individual; o pensamento que contrapõe o objetivo ao subjetivo. Bakhtin, já no fim de sua vida, faz uma crítica ao estruturalismo, dizendo ser contra uma formalização e uma despersonalização sistemáticas.

Bakhtin insiste na relação eu/outro, que são, cada um, um universo de valores. O autor salienta que embora a unicidade do ser-como-evento e do ato realizado sejam passíveis de receber expressão verbal, essa tarefa é bastante difícil, em grande parte porque **“a verbalização total é inalcançável e permanecerá sempre como algo a ser atingido”** (FARACO,

⁵³ Os trabalhos de Bakhtin se desenvolvem a partir dos anos de 1920, mas permanecem “esquecidos” até os anos 60.

2003:27, grifo nosso). Em outras palavras, Bakhtin afirma que é possível verbalizar nossas experiências vividas, mas alerta sobre a impossibilidade de expressá-las em sua totalidade; dar sentido ao vivido verbalmente é um processo possível, mas sempre em aberto.

Faraco (2003) destaca que, ao percorrer os textos de Bakhtin não se encontra, em nenhum momento, com a formalização de métodos científicos, mas com diretrizes para a construção de um entendimento mais amplo das “realidades” sob estudo.

Se, porém, acompanharmos Bakhtin em sua concepção hermenêutica das ciências humanas – que pressupõe uma aproximação destas de um certo fazer filosófico mais *conceitual e interpretativo* – talvez o aproveitamento de suas idéias nas nossas reflexões possa se fazer de modo mais produtivo e menos reducionista (...) (FARACO, 2003:40, grifo nosso)

A compreensão, para Bakhtin, não é mera experiencição psicológica da ação dos outros, mas uma atividade dialógica que, diante de um texto, gera outro texto. “Compreender não é um ato passivo (um mero reconhecimento), mas uma réplica ativa, uma resposta, uma tomada de posição diante do texto. **Atrás do texto há sempre um sujeito, uma visão de mundo, um universo de valores com que se interage.**” (FARACO, 2003:42-43, grifo nosso)

As relações de produção e a estrutura sociopolítica que delas diretamente deriva determinam todos os contatos verbais possíveis entre indivíduos, todas as formas e os meios de comunicação verbal: no trabalho, na vida política, na criação ideológica. Por sua vez, das condições, formas e tipos da comunicação verbal derivam tanto as formas como os temas dos atos da fala. (BAKHTIN, 2006:43)

Bakhtin (2006) diz que qualquer palavra encontra o objeto a que ele se refere já recoberto de qualificações, envolto por uma atmosfera social de discursos, por uma espécie “de aura heteroglótica⁵⁴” (FARACO, 2003:49)

Desta forma, a relação do nosso dizer com as coisas nunca é direta, mas se dá de forma oblíqua: “nossas palavras não tocam as coisas, mas penetram na camada de discursos sociais que recobrem as coisas” (FARACO, 2003:49). Essa relação palavra/coisas é, segundo Bakhtin (2006), complicada pela interação dialógica das várias inteligibilidades socioverbais que conceitualizam as coisas.

⁵⁴ Uma densa e tensa camada de discursos.

[...] pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo mais amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja. (BAKHTIN, 2006:127)

Neste entendimento, as palavras não “refletem” o mundo (como imaginam as teorias representacionistas e o estruturalismo), mas sim o *refratam*⁵⁵. Por refratar, Bakhtin se refere ao processo de descrição e construção do mundo, através de signos, que se constitui de maneira múltipla e heterogênea, oferecendo diversas **interpretações** (refrações) deste mundo.

Nossos enunciados emergem – como respostas ativas que são no diálogo social- da multidão das vozes interiorizadas. Elas são. Assim, heterogêneos. Desse ponto de vista, **nossos enunciados são sempre discurso citado**, embora nem sempre percebido como tal. Já que são tantas as vozes incorporadas que muitas delas são ativas em nós sem que percebamos sua alteridade. (FARACO, 2003:82, grifo nosso)

Um tema discutido por Bakhtin, o do *discurso reportado*, possui especial interesse nesta pesquisa. Por discurso reportado entende-se a presença explícita da palavra de outrem nos enunciados. Para Bakhtin, o discurso reportado não se esgota na citação, mas deve ser considerado como um ato que revela também uma apreensão valorada da palavra de outrem.

Assim reportar não é fundamentalmente reproduzir, repetir; é principalmente estabelecer uma relação ativa entre o discurso que reporta e o discurso reportado; uma interação dinâmica dessas duas dimensões. (FARACO, 2003:124)

Para Bakhtin (2006) o erro dos pesquisadores que se ocupam com as formas de transmissão do discurso de outrem é ter sistematicamente divorciado o discurso reportado de seu contexto de transmissão. Este contexto envolve não só as seqüências verbais que incluem o enunciado de outrem, mas também os fins específicos com os quais se dá a transmissão, além de envolver a terceira pessoa, isto é, “a quem se destina as seqüências bivocalizadas, que condicionam, efetivamente ou virtualmente, ajustes no dizer” (FARACO, 2003:124).

[...] discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc. (BAKHTIN, 2006:128)

⁵⁵ Bakhtin faz uma analogia com o raio de luz, que é capaz de formar imagens através do jogo de reflexões.

1.5.4 A Contribuição de Orlandi

A Análise de discurso ocupa assim esse lugar em que se reconhece a impossibilidade de um acesso direto ao sentido e que tem como característica considerar a interpretação como objeto de reflexão. Ela se apresenta como uma *teoria da interpretação* no sentido forte. Isto significa que a análise de discurso coloca a questão da interpretação, ou melhor, a interpretação é posta em questão pela análise de discurso. (ORLANDI, 2005b:21)

A Análise do Discurso teoriza a interpretação, isto é, coloca a interpretação em questão, mas não estaciona nela, nem procura buscar um sentido verdadeiro através de uma “chave de interpretação” (ORLANDI, 2005a:26). Não há uma verdade oculta atrás do texto, mas sim gestos de interpretação que o constituem e que o analista, através de um *dispositivo teórico*, deve ser capaz de entender.

Dispositivo teórico aqui tem a ver com o reconhecimento da materialidade dos fatos. No caso, da materialidade da linguagem, da sua não transparência, e da necessidade, conseqüentemente, de um dispositivo para ter acesso a ela, para trabalhar sua espessura lingüística e histórica: sua discursividade. (ORLANDI, 2004b:79)

Para tanto, Orlandi (2005a) propõe que primeiramente se distinga a *inteligibilidade*, a *interpretação* e a *compreensão*.

A *inteligibilidade* é o que refere o sentido a língua. No exemplo citado pela autora “Ele disse isso” é inteligível, pois basta se saber português para se entender este enunciado, porém não é interpretável, pois não existe um contexto, para que se saiba, por exemplo, quem é ele ou o que ele disse.

Em outra situação, criada pela autora,

Maria diz que Antônio vai ao cinema. João pergunta como ela sabe e ela responde:
“Ele disse isso”.

Podemos interpretar que “ele” é Antônio o “o que” ele disse é que vai ao cinema. A interpretação é o sentido pensando-se o co-texto (as outras frases do texto) e o contexto imediato.

A *compreensão* por sua vez é saber como um objeto simbólico produz sentidos, é saber como as interpretações funcionam. A compreensão procura a explicitação dos processos de significação presentes no texto e permite que se possam “‘escutar’ outros sentidos que ali estão, compreendendo como eles se constituem” (ORLANDI, 2005a:26). Neste pequeno exemplo, pode-se compreender, segundo a autora, que Maria não quer ir, ou que Antônio é quem decide tudo, ou que ele está indo em outro lugar, etc.

Dentro deste entendimento, a Análise do Discurso visa a compreensão de como um objeto simbólico produz sentidos, como ele está investido de significância para e por sujeitos. Essa compreensão, por sua vez, implica em explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido. Produzem-se assim novas práticas de leitura. (ORLANDI, 2005a:26-27)

Assim, segundo a autora, com relação a um dispositivo teórico de interpretação, há uma parte que é de responsabilidade do analista, que é a formulação da questão que desencadeia a análise. A outra parte deriva da sua sustentação no rigor do método e no alcance teórico da Análise do Discurso.

Desta forma, para Orlandi (2005a), cada material de análise exige que seu analista, de acordo com a questão que formula, mobilize conceitos que outro analista não mobilizaria, de acordo com suas questões. Dentro deste entendimento, uma análise não é igual a outra porque mobiliza conceitos diferentes e isso tem, segundo a autora, resultados cruciais na descrição dos materiais. Um mesmo analista, ao formular uma questão diferente, também pode mobilizar conceitos diversos, fazendo distintos *recortes conceituais*.

Orlandi (2005a) distingue ainda dispositivo teórico da interpretação e dispositivo analítico, construído pelo analista a cada análise. Embora o dispositivo teórico já inclua o dispositivo analítico, ao se referir ao dispositivo analítico a autora se refere a um dispositivo teórico já “individualizado” pelo analista em uma análise específica. O que define a forma do dispositivo teórico, para a autora, é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise.

Dentro deste contexto, acrescenta a autora, a *pergunta* é de responsabilidade do pesquisador e é essa responsabilidade que organiza sua relação com o discurso, levando a construção de

“se” dispositivo analítico, optando pela utilização desses ou daqueles conceitos, esse ou aquele procedimento, com os quais ele se compromete na resolução de sua questão.

O dispositivo teórico, que objetiva mediar o movimento entre a descrição e a interpretação, sustenta-se em princípios gerais da Análise do Discurso, enquanto forma de conhecimento com seus conceitos e método. Ele se mantém inalterado, segundo a teoria do discurso, na construção dos diferentes dispositivos analíticos.

Segundo Orlandi (2005a), uma vez feita a análise, e tendo compreendido o processo discursivo, os resultados estarão disponíveis para que o analista os interprete de acordo com os diferentes instrumentais teóricos dos campos disciplinares nos quais se inscreve e de que partiu.

Desfeita a ilusão da transparência da linguagem, e exposto à materialidade do processo de significação e da constituição do sujeito, o analista retorna sobre a sua questão inicial. Ela está assim, no início, como um elemento desencadeador da análise e da construção do dispositivo analítico correspondente, e, no fim, ela retorna, gerindo a maneira como o analista deve referir os resultados da análise à compreensão teórica de seu domínio disciplinar específico: o da própria Análise do discurso, se for o caso, ou da linguística, mas também o da Política, da Sociologia, da Antropologia, etc, dependendo da disciplina a que se filia o analista. (ORLANDI, 2005a:28)

Desta forma, todos esses elementos (a natureza dos materiais analisados, a questão colocada, as diferentes teorias dos distintos campos disciplinares) constituem o dispositivo analítico construído pelo analista. Orlandi (2005a) defende a riqueza da Análise do Discurso, que, segundo ela, permite explorar de diferentes maneiras a relação com o simbólico, sem apagar as diferenças, dando-lhes significado, no jogo que se estabelece entre o dispositivo teórico da interpretação e os dispositivos analíticos que lhe correspondem.

A partir deste entendimento propomos um dispositivo analítico, baseado nos conceitos de Interpretação de Orlandi (2005a), o qual chamamos, alinhados com os embasamentos teóricos já em utilização pelo ProLUGAR, de *Leitura Incorporada*.

Para uma melhor compreensão dos elementos utilizados pela autora, apresentamos a seguir os conceitos de (1) condição de produção e interdiscurso, (2) esquecimentos, (3) formação discursiva, (4) discurso x texto e (5) lugar da interpretação.

Condição de Produção e Interdiscurso

Orlandi (2005a) considera que as *condições de produção* de um discurso compreendem os sujeitos e a situação, assim como a *memória*, que faz parte da produção do discurso.

As condições de produção, em sentido amplo, incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. Em um sentido estrito, tem-se as circunstâncias da enunciação: o contexto imediato.

O *interdiscurso* considera o *já-dito*, que, segundo a autora, sustenta a possibilidade mesma de todo o dizer, e é fundamental para se compreender o funcionamento do discurso, sua relação com os sujeitos e com a ideologia. É o interdiscurso, a historicidade, que determina aquilo que, da situação, das condições de produção, é relevante para a discursividade. O interdiscurso é todo o conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determina o que dizemos.

Para que minhas palavras tenham sentido é preciso que elas já façam sentido. É isto o efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apague na memória para que, passando para o “anonimato”, possa fazer sentido em “minhas” palavras. (ORLANDI, 2005a:33-34)

Ao falarmos, segundo a autora, nos filiamos a uma rede de sentidos, mas não aprendemos como fazê-lo, ficando ao sabor da ideologia e do inconsciente. A Análise do Discurso se propõe a construir escutas que permitam levar em conta os efeitos da história e do acaso, da língua, ideologia e experiência simbólica, e explicitar a relação com esse “saber” que não se aprende, não se ensina, mas que produz seus efeitos.

Nesta nova prática de leitura,

[...] se considera o que é dito de um modo e o que é dito de outro, procurando escutar o não-dito naquilo que é dito, como uma presença de uma ausência necessária. Isso porque (...) só uma parte do dizível é acessível ao sujeito pois mesmo o que ele não diz (e que muitas vezes ele desconhece) significa em suas palavras. (ORLANDI, 2005a:34)

Esquecimentos

Segundo Orlandi (2005a), Pêcheux (2006) assinala a existência de duas formas de esquecimento no discurso.

O esquecimento ideológico (esquecimento número um) é da instância do inconsciente e resulta pelo modo do modo pelo qual somos afetados pela ideologia. Esse esquecimento nos dá a ilusão de ser a origem do que dizemos, quando na realidade, retomamos sentidos pré-existentes.

O outro esquecimento é da ordem da enunciação (esquecimento número dois) e se refere ao fato de que, ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra (o dizer sempre podia ser outro).

Formação Discursiva

O sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que as palavras são produzidas. “As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam”. (ORLANDI, 2005a:42-43). Dentro deste contexto, “as palavras falam com outras palavras. Toda palavra é sempre parte de um discurso. E todo discurso se delinea na relação com outros: dizeres presentes e dizeres que se alojam na memória.” (ORLANDI, 2005a:43)

É através da referência à formação discursiva que se pode compreender os diferentes sentidos. Palavras iguais podem significar diferentemente porque estão em formações discursivas diferentes. A autora cita a palavra “terra”, que não significa o mesmo para um índio, para um agricultor sem terra ou para um grande proprietário rural, cujos usos se dão em condições de produção diferentes.

Discurso x Texto

O texto, segundo Orlandi (2005a) é a unidade que o analista tem diante de si e da qual ela faz parte. O texto está relacionado a um discurso, que por sua vez, se explicita em suas regularidades pela sua referencia a uma ou outra formação discursiva, que, por sua vez, ganha sentido porque deriva de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura. **Os textos, para a autora, não são documentos que ilustram idéias**

pré-concebidas, mas monumentos nos quais se inscrevem as múltiplas possibilidades de leitura.

O texto não é o ponto de partida absoluto nem de chegada. Ele só é uma peça de linguagem de um processo discursivo bem mais abrangente: é um exemplar do discurso. Uma vez feita a análise, não é sobre o texto que fala o analista, mas sobre o discurso.

○ Lugar da Interpretação

O dispositivo de interpretação, como defende Orlandi (2005a), tem como característica colocar o dito em relação ao não-dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras.

A Análise do Discurso não pretende achar o sentido “verdadeiro” do enunciado, mas procura, como diz Pêcheux (1990) uma descrição lingüística, uma série de pontos de deriva, que oferecem lugar a interpretação. Assim, todo enunciado é sempre suscetível de ser/tornar-se outro.

Orlandi (2005a) destaca que o que se espera do dispositivo do analista é que ele lhe permita trabalhar não numa posição *neutra*, mas que seja relativizada em face da interpretação: é preciso que ele atravesse o efeito de transparência da linguagem, da literalidade do sentido e da onipotência do sujeito. O dispositivo deve assim investir na opacidade da linguagem, no descentramento do sujeito e no efeito metafórico, isto é, no equívoco, na falha e na materialidade.

A construção desse dispositivo resulta na alteração da posição do leitor para o lugar construído pelo analista. Lugar em que se mostra a alteridade do cientista, a leitura outra que ele pode produzir. Nesse lugar, ele não reflete mas situa, compreende, o movimento da interpretação inscrito no objeto simbólico que é o seu alvo. Ele pode então contemplar (teorizar) e expor (descrever) os efeitos da interpretação. Por isso é que dizemos que o analista de discurso, à diferença do hermeneuta, não interpreta, ele trabalha (n)os limites da interpretação. Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições. (ORLANDI, 2005a:61)

Tendo isto em mente, o analista de discurso constrói seu dispositivo analítico, que ele particulariza, a partir da questão que ele colocou, em virtude dos materiais de análise que constituem seu *corpus*, os quais ele visa compreender, em função do domínio científico ao qual ele vincula o seu trabalho.

Uma vez analisado, o objeto permanece para novas abordagens, não se esgota em uma descrição. E isto, como reforça a autora, não tem a ver com a objetividade da análise, mas com o fato de que todo discurso é parte de um processo discursivo mais amplo que recortamos. Esta forma do recorte determina o modo de análise e o dispositivo teórico de interpretação que construímos, conduzindo a diferentes resultados.

1.5.5 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA RELAÇÃO ENTRE A ANÁLISE DO DISCURSO E A APO

Toda relação humana, quer se trate do conhecer ou do agir, do acesso à arte ou da relação entre as pessoas, do saber histórico e da meditação filosófica, tem sempre um caráter interpretativo. (PAREYSON, 2005:51)

Como a relação linguagem/pensamento/mundo é uma relação aberta, nós consideramos a interpretação como função dessa incompletude, pois ela funciona na passagem entre linguagem/pensamento/mundo. Sem esquecer que, na perspectiva discursiva, a incompletude é também o lugar do possível. (ORLANDI, 2004a:19)

A contribuição da Análise do Discurso para as pesquisas em Arquitetura, em especial as pesquisas realizadas pelo grupo ProLUGAR, são inúmeras.

No caso particular da APO, na aplicação de instrumentos, como entrevistas, o pesquisador está, ainda que de maneira intuitiva, aplicando um Dispositivo de Interpretação baseado na Análise do Discurso.

Em um exemplo hipotético bem simples, ao perguntar ao usuário qual sua opinião a respeito do ambiente que utiliza, pode-se encontrar a seguinte situação:

Pesquisador: Qual sua opinião a respeito deste ambiente?

Usuário: Acho bonito.

Um enfoque mais “tradicionalista” analisa a resposta de maneira simplista, aceitando como positiva a impressão que o usuário possui do ambiente.

A Análise do Discurso e, mais especificamente, a *interpretação*, são ferramentas que permitem ao pesquisador ter a seguinte postura perante esta situação: quem é este usuário? Em qual contexto social ele está inserido? De que maneira sua história de vida influencia sua percepção do espaço? Até que ponto sua resposta tem relação com aquilo que ele realmente percebe do espaço, ou é uma resposta dirigida a expectativa que ele imagina que o pesquisador tenha?

Utilizando o mesmo exemplo, em uma situação fictícia, em uma APO realizada em uma empresa:

Pesquisador: Qual sua opinião a respeito deste ambiente?

Sr. Francisco, 47 anos, porteiro, trabalhando há vinte e dois anos no local, morador da zona oeste, que acorda às 4:30h da manhã e somente após duas horas e meia, depois de pegar três conduções, chega ao trabalho: Acho bonito.

Que é distinta de:

Pesquisador: Qual sua opinião a respeito deste ambiente?

Sra. Maria, 25 anos, estagiária, há seis meses na empresa, moradora da zona sul, que acorda às 8:30h da manhã e pega carona com o pai para chegar ao trabalho: Acho bonito.

No exemplo citado, as pessoas podem apresentar outras infinitas diferenciações. É importante ressaltar que, embora a resposta seja a mesma (“Acho bonito”), a Análise do Discurso permite considerar que o significado destas respostas é diferente.

○ que estas pessoas consideram *bonito*? *Bonito* é necessariamente uma qualidade? Ou o ambiente pode ser bonito, porém não agradável? (os questionamentos variam para cada analista)

Tais sutilezas fazem parte da Análise do Discurso e aproximam esta disciplina da Observação Incorporada, abordagem adotada pelo ProLUGAR como enfoque necessário a um melhor entendimento do ambiente e suas relações com os usuários.

Não é o objetivo desta pesquisa oferecer uma *normatização* de como se aplicar a Análise do Discurso nos trabalhos de APO, o que não estaria de acordo com um enfoque pós-modernista - e, como acreditamos, atuacionista - com que o pesquisador se identifica. Além disso, tal normatização demandaria uma pesquisa muito mais extensa, uma vez que envolvem questões da Lingüística, Sociologia, Antropologia.

A preocupação em se entender *quem* é o usuário e de que maneira isto influencia sua relação com o ambiente e sua percepção é uma das características da abordagem do grupo ProLUGAR.

Assim, um dos objetivos deste trabalho é destacar uma prática que já vem sendo feita nas pesquisas do grupo, através da Observação Incorporada e do debate acerca da abordagem atuacionista, e relacionar tais procedimentos com uma postura “não-moderna”⁵⁶, ou seja, considerando que não existem “homens-tipo”, padronizados, universais, e que as avaliações dos ambientes devem considerar as *diferenças* existentes entre usuários e pesquisadores, como fazendo parte da complexa rede de acontecimentos da chamada “realidade”, que não é única nem permanente.

A **Leitura Incorporada** das cinco dissertações de mestrado mais recentes do ProLUGAR a que se propõe este trabalho busca não só mostrar *uma* maneira de se fazer uma leitura interpretativa dos discursos produzidos pelos autores, mas mostrar que esta interpretação já é, de fato, uma característica da Observação Incorporada.

Desta forma, os conceitos apresentados nesta Fundamentação Teórica têm por objetivo relacionar de que maneira o pensamento da Modernidade ainda se encontra presente nas abordagens e nos discursos sobre o Homem e a sua relação com a Arquitetura. Mesmo depois de tantos anos de discussão sobre Modernidade e suas conseqüências (a Pós-Modernidade como uma delas), as pesquisas, em especial as avaliações dos ambientes construídos, ainda consideram, em grande parte, a relação Homem-Arquitetura da mesma maneira que há décadas atrás.

⁵⁶ Esta postura “não-moderna” é chamada por alguns pesquisadores de pós-moderna, através de uma abordagem pós-estruturalista. Qualquer que seja a denominação (a classificação é uma característica da modernidade), o fato a se destacar é a aceitação do que seja diferente como algo inerente a complexidade da contemporaneidade.

A abordagem *atuacionista*, o pensamento pós-moderno, a Filosofia da Linguagem, o pós-estruturalismo, a Análise do Discurso, são frutos da Modernidade: todos nascem da necessidade de se buscar novos rumos a questões que o Homem Moderno e a Sociedade das Máquinas não conseguem resolver. Estes diferentes enfoques não se colocam como alternativas ou soluções para a Modernidade; pelo contrário, defendem que não existe *uma* solução única, mas uma série de possibilidades.

MATERIAIS E MÉTODOS

2 MATERIAIS E MÉTODOS

O rigor científico, porque fundado no rigor matemático, é um rigor que quantifica e que, ao quantificar, desqualifica, um rigor que, ao objectivar os fenômenos, os caricaturiza. (SANTOS, 1999:32)

Perceber e *interpretar* o ambiente físico é um processo complexo que envolve aspectos psicológicos, valores culturais, experiências e estímulos externos. Para compreender um mundo visual, recorreremos a um número de características físicas que definem objetos e suas relações espaciais tridimensionais. (SANOFF, 1997:14, grifo nosso)

Neste capítulo são apresentadas as descrições dos métodos, bem como os instrumentos e procedimentos de análise utilizados no trabalho.

Com base no pensamento de autores alinhados com uma postura pós-estruturalista e pós-modernista, nos moldes apresentados no Capítulo de Fundamentação Teórica, a análise das dissertações baseia-se no pressuposto de que os discursos e os interlocutores são históricos, ou seja, os sentidos possíveis não são únicos, nem estanques, variando segundo a história de cada sujeito-intérprete.

Desta forma, ao assumir uma posição de analista de discurso, é apresentada uma leitura possível, uma interpretação dentre tantas (BAKHTIN, PÊCHEUX, FOUCAULT, GREGOLIN, ORLANDI) destacando, principalmente, o caráter de incompletude da linguagem (BAKHTIN, PÊCHEUX, ORLANDI).

Neste contexto, o procedimento adotado nesta pesquisa envolve a leitura crítica das cinco dissertações de mestrado vinculadas à pesquisa “Projeto do Lugar para o Trabalho: cognição e comportamento ambiental na Avaliação Pós-Ocupação de edifícios e ambientes de escritório no Rio de Janeiro” do grupo ProLUGAR (ABRANTES, 2004; SIMÕES, 2005; FARIA, 2005; RODRIGUES, 2005; ALVARENGA, 2005).

2.1 Pesquisa Bibliográfica

Os fundamentos teóricos da pesquisa estão baseados em pesquisa bibliográfica relacionada com os temas modernidade/pós-modernidade, estruturalismo/pós-estruturalismo, e com os estudos desenvolvidos pelo ProLUGAR, em especial aqueles conceitos relacionados à Observação Incorporada – cognição, experiência, atuacionismo - onde merecem destaque a contribuição dos seguintes autores, relacionados na TABELA 01.

Tabela 01: Pesquisa bibliográfica

Bases teóricas	Autores ⁵⁷
Cognição, percepção, experiência	Merleau-Ponty (1945/1994, 1964/2005); Capra (1985, 1987, 1991); Maturana e Varela (1995); Pedro (1996); Capra (1997); Maturana e Varela (1997); Maturana (2001); Capra (2002); Maturana (2002); Varela <i>et al</i> (2003); Thompson (2005)
Visão de mundo e da ciência	Hall (1977); Lee (1977); Prigogine e Stengers (1992); Latour (1994); Santos (1995) Damásio (1996); Morin (1996); Prigogine (1996); Latour e Woolgar (1997); Prigogine & Stengers (1997); Morin (1998); Santos (1999); Latour (2001, 2002); Vidal (2003)
Avaliação pós-ocupação	Sommer (1973); Sanoff (1977, 1978); Sommer (1979); Allen (1982); Sommer (1983); Preiser <i>et al</i> (1988); Sanoff (1990, 1991, 1992); Ornstein & Romero (1992); Baird <i>et al</i> (1995); Ornstein <i>et al</i> (1995); Rheingantz (1995); Bechtel (1997); Duffy (1997); Rheingantz (1998, 2000); Sanoff (2000); Rheingantz (2004)
Avaliação pós-ocupação, com ênfase em cognição experiencial	Rheingantz (1995, 1998, 2000); Abrantes (2004); Rheingantz (2004); Simões (2005); Faria (2005); Rodrigues (2005); Alvarenga (2005)
Comportamento ambiental	Spradley (1979, 1980); Zeisel (1981); Thiollent (1985); Del Rio (1990, 1991); Fischer (1994); Bechtel (1997); Sommer & Sommer (1997)
Qualidade ambiental	Tuan (1980, 1983); Rheingantz (1995, 1998, 2000, 2001); Del Rio <i>et al</i> (2002); Alcantara (2002); Rheingantz (2004); Alcantara e Rheingantz (2004)
Modernidade e pós-modernidade	Baudelaire (1863/1996); Lyotard (1979/2002); Habermas (1980/1992, 1981/1992, 1985/2002); Vattimo (1988); Baudrillard (1991); Giddens (1991); Harvey (1993); Latour (1994); Jameson (1996); Prigogine (1996); Bauman (1997); Dennett (1998); Anderson (1999); Connor (2000); Freire (2002); Latour (2002); Vattimo (2002); Harvey (2004); Santos (2004); Deleuze (2006)
Modernidade e pós-modernidade em arquitetura	Le Corbusier (1918/2005, 1923/2004, 1924/2000, 1930/2004b); Warchavchik (c.1925/2006); Hitchcock e Johnson (1932/1995); Giedion (1941/2004); Gropius (1943/2004); Le Corbusier (1945/1979); Zevi (1948/2000); Lynch (1960/1999); Cullen (1961/1983); Jacobs (1961/2003); Mumford (1961/2004); Venturi (1966/1995); Rossi (1966/2001); Conrads (1971); Venturi <i>et al</i> (1977/2003); Banham (1960/2006); Jencks (1977/2002); Solá-Morales (1977); Portoghesi (1980/2002); Lynch (1984); Berman (1987); Harris (1987); Wolfe (1990); Arantes e Arantes (1992); Arantes (1993); Augé (1994); Solá-Morales (1996); Koolhaas (1998); Montaner (1999); Hays (2000); Frampton (2000, 2001); Benevolo (1960/2001); Colquhoun (2002); Choay (1965/2002); Montaner (2002a, 2002b); Colquhoun (2004); Curtis (2005); Droste (2006); Jencks (2006); Jencks e Kropf (2006); Nesbitt (2006)
Estruturalismo e pós-estruturalismo	Saussure (1916/1997); Foucault (1966/2002, 1969/1987); Derrida (1967/2004); Pêcheux (1969/1990, 1995, 2006); Callinicos (1985); Chau (1994);
Análise do discurso/Interpretação	Bakhtin (1929/2006); Pêcheux (1969/1990, 1995, 2006); Orlandi (2000); Faraco (2003); Gregolin e Baronas (2003); Gregolin (2004); Orlandi (2004a, 2004b, 2005a, 2005b); Pareyson (2005)

⁵⁷ Utilizamos a seguinte notação: autor (data da publicação original/data da publicação que se teve acesso)

2.2 Dispositivo de Interpretação: Leitura Incorporada

Nesta seção são apresentadas as etapas de construção e análise do Dispositivo de Interpretação, chamado de *Leitura Incorporada*, instrumento de pesquisa que tem origem na Análise do Discurso, e que se baseia em conceitos de Orlandi (2004a, 2004b, 2005a, 2005b). A partir desta base teórica são apresentadas, para cada uma das etapas propostas, formulações de procedimentos/objetivos/ resultados esperados.

O Dispositivo de Interpretação propõe uma análise interpretativa do discurso, entendendo que existem diferentes leituras possíveis, todas válidas. Dentro deste universo, onde o analista se coloca diante de uma pergunta inicial, as possibilidades de resposta/análise devem ser entendidas dentro das diferentes teorias do campo disciplinar que o abrange (no nosso caso, a arquitetura), assim como o tipo de material analisado.

Primeira etapa: Primeira Leitura - Ambientação

Nesta primeira etapa é feita uma leitura atenta do material de cada dissertação, sem a preocupação de se fazer qualquer tipo de análise, com o objetivo de fazer o leitor/analista tomar conhecimento de todo o material produzido pelos autores.

Procedimento: Leitura detalhada das dissertações.

Objetivo: Buscar informações a respeito dos objetivos do autor, quais conceitos são abordados em sua conceituação teórica, seus métodos de pesquisa, seu estudo de caso, os dados colhidos, os resultados alcançados, a trajetória de sua pesquisa.

Resultados esperados: Produzir um primeiro conhecimento a respeito do material da dissertação de uma maneira global.

Segunda etapa: Determinação da pergunta/questão

Nesta etapa é elaborada a questão que irá guiar a leitura interpretativa do material de análise. A opção pela questão formulada levou em conta a existência de uma característica em comum em todas as pesquisas: a abordagem da Observação Incorporada no estudo de ambientes de escritório.

Neste contexto, a pergunta elaborada é: De que maneira a experiência ambiental do pesquisador, através do contato com usuários e ambiente analisado, contribui com sua avaliação a partir da abordagem da Observação Incorporada?

É importante ressaltar que, alinhados com uma postura experiencial ou incorporada (e, no nosso entendimento, pós-moderna), na pergunta não há um juízo de valor acerca dos resultados encontrados por seus autores (se “certos” ou “errados”), mas um questionamento sobre como estes pesquisadores se colocam perante seu objeto de estudo e usuários envolvidos – se esta experiência ambiental está de fato alinhada com conceitos atuacionistas ou com uma postura mais “tradicional”, que separa pesquisador, usuários e ambientes de estudo em categorias estanques.

Procedimento: Formulação da questão.

Objetivo: Determinar o enfoque da leitura interpretativa.

Resultados esperados: Produzir uma leitura crítica do material das dissertações, buscando características que possibilitem responder a questão proposta.

Terceira etapa: Leitura Interpretativa – Foco na Questão

Nesta etapa é feita uma segunda leitura das dissertações, desta vez analisada a partir da pergunta proposta, que possibilitará uma leitura crítica e interpretativa, funcionando como uma espécie de guia. A questão feita pelo analista o orienta na construção do fato que ele vai analisar, determinando as características do material simbólico que ele submeterá à sua observação.

Procedimento: Leitura detalhada da dissertação, a partir do foco criado pelo Dispositivo de Interpretação. Como a pergunta se foca na *experiência ambiental do pesquisador*, os principais capítulos que serão fruto desta análise são aqueles relacionados ao “Estudo de Caso” e o de “Análise de Dados”. Nesta leitura crítica são feitas indicações de trechos, palavras, idéias, considerados de relevância para a análise.

Objetivo: Buscar indícios que respondam à questão analisada.

Resultados esperados: Encontrar nos textos analisados informações que ajudem a responder a questão colocada.

É importante ressaltar que o Dispositivo de Interpretação considera que o texto analisado foi produzido em um contexto específico e que autor e usuários possuem características próprias, chamadas de *formações discursivas*.

Falamos a mesma língua mas falamos diferente. Dizemos as mesmas palavras mas elas podem significar diferente. As palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso⁵⁸ que, por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas”(ORLANDI, 2005a:79-80)

A autora destaca, ainda, que estas características dos mecanismos discursivos devem estar presentes no modo como o analista constrói o seu dispositivo, de modo a que o deslocamento produzido pelo dispositivo em seu olhar leitor trabalhe a *interpretação* enquanto exposição do sujeito à historicidade (ao equívoco, à ideologia) na sua relação com o simbólico.

A partir desta leitura interpretativa são organizadas informações que possibilitem apresentar os resultados de maneira a oferecer a um terceiro leitor acesso às análises realizadas – tendo sempre em mente se tratar de *uma* interpretação.

A organização destes dados segue a ordem: (1) apresentação da pesquisa, inserida no contexto dos trabalhos desenvolvidos pelo ProLUGAR, (2) organização da dissertação, (3) caracterização dos sujeitos-autores, (4) contexto de produção e (5) experiência ambiental e aplicação de instrumentos.

Para a *caracterização dos sujeitos autores* são usadas três fontes: as informações que os próprios autores fornecem em suas dissertações (em geral, nos capítulos iniciais, onde falam de suas motivações profissionais e pessoais), o currículo lattes (sobre informações acadêmicas e profissionais) e a Observação Incorporada (sobre aspectos de suas personalidades), possibilitada pelo convívio com os autores analisados, como já mencionado no início desta dissertação.

Neste quesito é importante salientar que se estamos analisando os sujeitos autores das dissertações, estes já produziram uma análise dos discursos dos sujeitos usuários dos ambientes analisados, ou seja, existe em seus textos uma análise que eles fazem dos discursos de seus usuários - feitos dentro de um contexto específico -, não sendo possível um aprofundamento nos discursos destes.

⁵⁸ Interdiscurso é a relação do discurso com uma multiplicidade de discursos, ou seja, ele é um conjunto não discernível, não representável de discursos que sustentam a possibilidade mesma do dizer, sua memória; representa a alteridade (o Outro), a historicidade. (ORLANDI, 2005a)

O *contexto de produção* se refere ao ambiente do estudo de caso, sua localização física, entendida com dentro de uma realidade específica, que possui características próprias (sociais, culturais, históricas, etc.)

E em *experiência ambiental e aplicação de instrumentos* são apresentadas as características presentes nas dissertações que permitem avaliar de que maneira aconteceu a interação entre pesquisador, usuários e ambiente analisado.

Na Figura 65 é apresentado um esquema ilustrativo da Leitura Incorporada. O retângulo tracejado indica de maneira resumida o processo “padrão” realizado pelos autores das cinco dissertações que serão analisadas, a partir do material colhido em campo e de suas Observações Incorporadas, produzindo um resultado final, fruto de sua interpretação, ou seja, de suas Leituras Incorporadas.

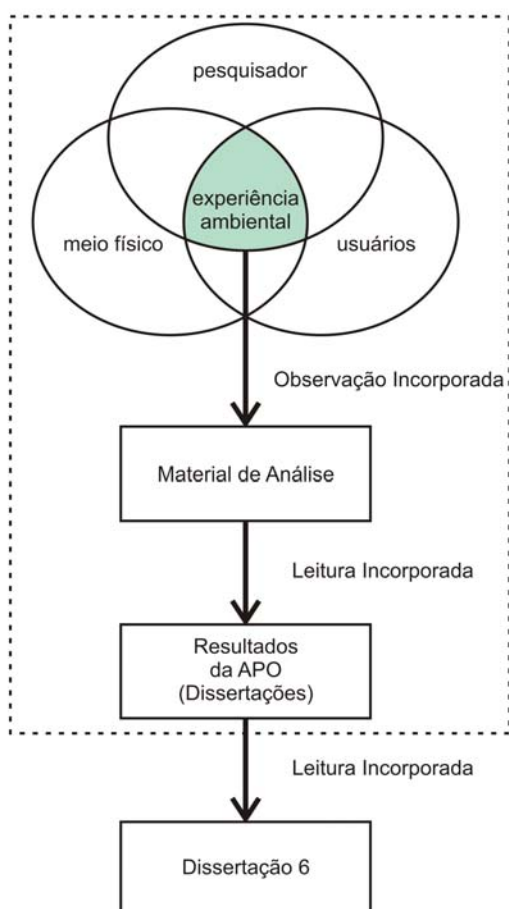


Figura 65: Esquema do processo de pesquisa
Fonte: autor

O trabalho aqui proposto é produzir uma segunda Leitura Incorporada, a partir do material produzido pelos autores, de forma a responder à pergunta proposta pelo dispositivo de interpretação.

Desta forma, a proposta metodológica apresentada se baseia na utilização do conceito de Dispositivo de Interpretação como instrumento de análise, no qual o *recorte conceitual* será a Observação Incorporada, compreendida dentro dos conceitos colocados pela pesquisa: a do pós-estruturalismo e da pós-modernidade.

Neste dispositivo analítico, a pergunta em questão é: De que maneira a experiência ambiental do pesquisador, através do contato com usuários e ambiente analisado, contribui com sua avaliação a partir da abordagem da Observação Incorporada?

A pergunta está relacionada diretamente com a abordagem da Observação Incorporada, que entende que observador, usuários e ambiente observado compõem um sistema no qual a interação e o entendimento das relações existentes são fundamentais.

Ao final, pretende-se oferecer um panorama geral dos trabalhos, através da sistematização dos dados e informações resultantes da análise.

2.3 Instrumentos e abordagens utilizados nas pesquisas analisadas

Com o objetivo de facilitar o entendimento dos termos utilizados em nossas análises – envolvendo a citação dos instrumentos e abordagens desenvolvidos e utilizados pelos autores em suas dissertações – incluímos aqui uma descrição breve de cada um deles.

2.3.1 Atributos de Desempenho (RHEINGANTZ, 2000)

Conjunto de atributos propostos por Rheingantz (2000), adaptados da CPBR (*Centre for Building Performance Research*) *checklist* (BAIRD *et al* 1995).

- **atributos corporativos** (localização, relação com a vizinhança, imageabilidade, custo de instalação, custo operacional e valor imobiliário)
- **atributos de infra-estrutura** (condições do terreno, acesso de veículos, transporte terrestre, transporte aéreo, rede de telecomunicações, rede de energia elétrica, rede de água, rede de esgoto, rede de drenagem, rede de iluminação pública)

- **atributos construtivos** (forma, qualidade construtiva, garagem, flexibilidade tecnológica, facilidade de manutenção)
- **atributos de espaço** (a área útil, flexibilidade do layout, centro de convenções, espaços de apoio, espaços complementares)
- **atributos do ambiente interno** (acessibilidade, circulação interna, conforto aeróbico, conforto térmico, conforto visual, conforto auditivo, conforto tátil)
- **atributos de recursos/serviços prediais** (gerenciamento predial, sistema de energia elétrica, sistema de detecção e prevenção de incêndio, sistema mecânico de transporte vertical, sistema de ar-condicionado, sistemas de água, gás e esgoto, sonorização ambiente e comunicação por áudio, segurança patrimonial, telemática, birótica, domótica).

2.3.2 Atributos Experienciais de Desempenho

Abrantes (2004) desenvolve um conjunto de atributos experienciais desenvolvidos a partir de quatro autores: Lynch (1999), Sommer (1979), Fischer (1994) e Tuan (1980). Constituem os atributos: imageabilidade (LYNCH, 1999; FISCHER, 1994), identidade (LYNCH, 1999), grau de adaptabilidade/apropriação (LYNCH, 1999; FISCHER, 1994; SOMMER, 1979), duração e constância (SOMMER, 1979), familiaridade (SOMMER, 1979; TUAN, 1980), ritmo e seqüência (SOMMER, 1979). Alvarenga (2005) inclui os atributos de temporalidade (FISCHER, 1994), apropriação do espaço (CULLEN, 1983) e territorialidade (HALL, 1977)

2.3.3 Análise *walkthrough*

Método que possibilita a identificação descritiva e significativa de falhas, problemas e aspectos positivos do ambiente a ser estudado. Na *walkthrough* (PREISER in BAIRD *et al*, 1995) o ambiente físico serve para articular as reações dos participantes em relação ao ambiente.

É feita através de percurso por todo o ambiente a ser analisado e pode ser realizada tanto pelo observador quanto por grupos mistos, compostos por observadores e pessoas-chave do grupo de usuários, sendo possível extrair informações dos ocupantes do ambiente, dos participantes da *walkthrough*, e realizar uma checagem e levantamento das condições e características do edifício. Serve de base para a elaboração de questionários, entrevistas e outras observações mais detalhadas, devendo ser o primeiro instrumento a ser aplicado.

2.3.4 Questionário

Ferramenta muito útil para identificar aspectos relacionados com fatores funcionais e técnicos dos ambientes, a partir da visão do usuário. Aplicado em conjunto com a *walkthrough*, permite verificar/checar informações colhidas em campo com o ponto de quem utiliza o ambiente.

Apresenta perguntas a serem respondidas pelos usuários, em questões de múltipla escolha (a partir de escala de valores ou não) ou discursivas (BAIRD *et al*, 1995). Através da aplicação dos questionários – que podem ser re-estruturados e re-aplicados em função de ajustes ou dúvidas verificados pelo pesquisador no ambiente de pesquisa – pode-se ter um panorama da percepção dos usuários a respeito do ambiente e das relações que nele ocorrem.

Ainda hoje é uma ferramenta muito utilizada em pesquisas de opinião, mercado, científicas, etc. Uma das maiores vantagens deste instrumento é que dificilmente é superado no quesito economia, principalmente no tipo de questionário auto-administrável, sendo considerado muito eficiente, em tempo e esforço do pesquisador. Sua aplicação – especificamente em grandes organizações, envolvendo um grande número de usuários – constitui uma maneira de se incluir na pesquisa todos os usuários.

2.3.5 Entrevista

Segundo Preiser (in BAIRD *et al*, 1995) esta técnica consiste em elaborar e fazer perguntas a serem aplicadas com pessoas-chave da organização/grupo de usuários, de modo a registrar as respostas exatamente como foram mencionadas (“Registro Fidedigno”) para comparar com descobertas já evidenciadas em outros instrumentos.

As entrevistas podem ser de três tipos : (1) estruturadas, com perguntas específicas (abertas ou fechadas) que podem seguir uma padronização que facilite o registro e tabulação posterior de dados quantitativos (FRUCCI *in* ORNSTEIN ET AL, 1995); (2) semi-estruturadas, conduzidas com o apoio de um roteiro com os principais aspectos a serem abordados, buscando elucidar assuntos específicos cuja importância já tenha sido identificada (PREISER *in* BAIRD *et al*, 1995) e (3) não estruturadas, sem nenhuma pergunta pré-determinada, onde o interlocutor é incentivado a falar livremente sobre hipóteses que o pesquisador deseje testar (FRUCCI *in* ORNSTEIN ET AL, 1995).

A técnica de entrevista do tipo não-estruturado (respostas abertas) é muito útil para identificar as percepções, crenças, motivações ou planos dos entrevistados, por possuir maior liberdade de expressão e flexibilidade para obtenção das informações.

2.3.6 Seleção Visual / Preferência Visual

Segundo Sanoff (1977; 1990; 1991), possibilita a identificação das idéias, valores, atitudes e a cultura dos usuários, sendo de grande utilidade para compreender o impacto causado pelos ambientes sobre a qualidade de vida e o bem estar das pessoas. É aplicado através da seleção direcionada de imagens para a escolha subjetiva dos usuários dentro de uma série de categorias pré-estabelecidas.

2.3.7 Mapeamento Visual

Baseada em Ross Thorne (in BAIRD *et al*/ 1995) consiste na apresentação aos usuários de planta humanizada, representativa do ambiente de analisado, para que usuários identifiquem questões de localização, apropriação, demarcação de territórios, inadequações a situações de trabalho existentes, mobiliário excedente e/ou inadequado, barreiras, entre outras.

2.3.8 Mapa Cognitivo

Os conceitos básicos dos chamados mapas cognitivos tem origem em Lynch (1999), que propõe avaliar a *representação mental* do espaço urbano, por meio de mapas conceituais/croquis, onde os usuários representavam a imagem que possuem do ambiente em questão, envolvendo o sentido de orientação.

O autor propõe a utilização de mapas esquemáticos, elaborados a partir da “memória” dos usuários, que representem o ambiente em questão e suas principais características, sendo considerado uma *representação* da percepção ambiental do usuário, com o objetivo de avaliar o grau de conhecimento e sua experiência com o lugar.

O conceito de *imageabilidade*, que o autor define como a “característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar *uma imagem forte em qualquer observador dado*” (LYNCH, 1999:11, grifo nosso) está relacionado a um entendimento de que a *realidade* seja passível de conhecimento e representação, independente de quem seja o sujeito observador.

Como destacado em nossa Fundamentação Teórica, estes conceitos que fornecem embasamento à aplicação e *classificação* de dados dos Mapas Cognitivos necessitam uma reavaliação⁵⁹, a luz dos conceitos utilizados nas pesquisas desenvolvidas pelo ProLUGAR.

Dentro deste entendimento, a representação mental dá lugar à *interpretação* – tanto do usuário quanto do pesquisador – e, no lugar das imagens mentais, o que se avalia através dos Mapas Cognitivos são as *experiências ambientais* dos usuários. Um Mapa Cognitivo não existe, nesta concepção, por si só; ele está acompanhado de um discurso – falado, desenhado, sentido – a respeito desta experiência ambiental.

Em resumo, alinhados com os conceitos expostos em nossa Fundamentação, entendemos que a *experiência ambiental* é uma *interpretação* daquilo que o sujeito experiencia, afetada por sua história, seu contexto social, cultural, econômico e seus sentidos biológicos, na interação com o meio físico⁶⁰ (ambiente) e com demais usuários, e que pode ser expressa de diferentes maneiras: através de desenhos (Mapa Cognitivo), relatos (Entrevistas, Poema dos Desejos, etc.) e, no caso do pesquisador, da Observação Incorporada. (FIGURA 66)

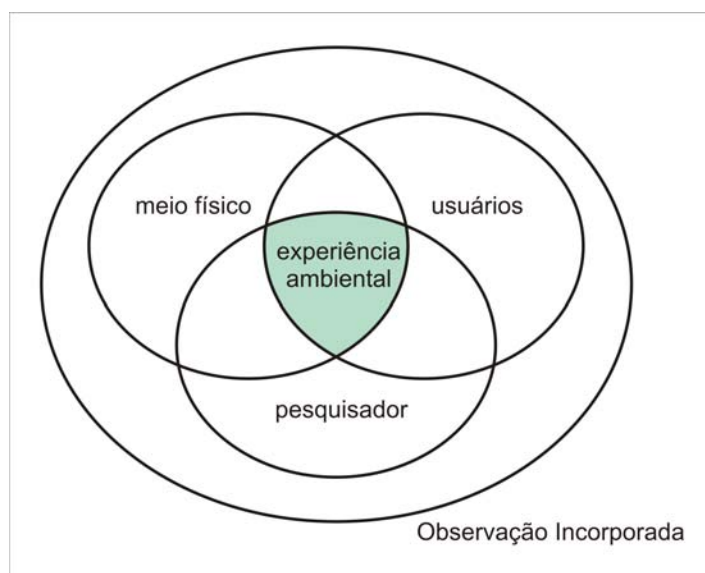


Figura 66: Experiência ambiental como interpretação possibilitada pela Observação Incorporada, na interação entre usuários, ambiente e pesquisador

Fonte: autor

⁵⁹ Para substanciar nossos argumentos, apresentamos no Apêndice, uma análise do contexto de produção da pesquisa de Lynch (1999).

⁶⁰ Entendido como possuidor de diversas características, dentre as quais : visuais (cores, formas, texturas), técnicas (em relação às normas), funcionais (relativo às suas atividades), espaciais (localização, adequação ao programa), etc.

É importante ressaltar que no relato da experiência ambiental devem ser levados em consideração a historicidade dos sujeitos, as condições de produção e a incompletude de seus discursos.

Com relação ao nome do instrumento – Mapa Cognitivo -, Damásio (2005) alerta para o fato de que o termo “mapa” está ligado à idéia de “representação” apresentando, portanto, algumas restrições a seu uso, por entender que este tipo de *mapa* não oferece uma referência “ponto a ponto” (DAMÁSIO, 2005: 407), como nos mapas tradicionais.

A partir desta perspectiva, entendemos que o instrumento chamado de “Mapa Cognitivo” – considerando uma conceituação alinhada com os estudos desenvolvidos pelo ProLUGAR, que considera o papel da experiência interpretativa tanto daquele que observa (pesquisador) como do usuário do ambiente - possa ser chamado de “Interpretação da Experiência Ambiental”.

2.3.9 Mapa Conceitual

Utilizados em diversas pesquisas e práticas principalmente na área educacional, este instrumento começou a ser desenvolvido por Joseph Novak⁶¹, em 1972, em pesquisas envolvendo cognição em crianças. Segundo Novak e Cañas (2006) um mapa conceitual constitui-se em um conjunto de conceitos inter-relacionados, segundo uma estrutura hierárquica proposicional e permite, por meio de recursos gráficos, enfatizar as relações mais importantes entre conceitos.

Diferente do Mapa Cognitivo, que se caracteriza por ser um tipo de representação gráfica/interpretação espacial de como o respondente entende o ambiente analisado, o Mapa Conceitual funciona como uma espécie de organização de idéias e relações.

É importante salientar que os mapas conceituais se baseiam na **representação** do conhecimento, através da estruturação de idéias – conceitos fortemente relacionados ao pensamento moderno e estruturalista.

⁶¹ Está disponível no site do *Florida Institute for Human and Machine Cognition* (<http://cmap.ihmc.us/>), do qual Novak faz parte, um software para o desenvolvimento de mapas conceituais.

Mapas conceituais são ferramentas que *organizam e representam o conhecimento*. Eles incluem conceitos, geralmente colocados em círculos ou retângulos e relações entre conceitos e proposições, indicadas por linhas que conectam estes dois conceitos. Palavras nas linhas especificam as relações entre estes dois conceitos. (NOVAK & CAÑAS, 2006:1, tradução e grifo nosso)

2.3.10 Mapa de Fluxos

Possibilitar identificar o funcionamento do ambiente, por meio dos caminhos dos diversos sistemas - abastecimento de água, escoamento das águas pluviais, abastecimento e condicionamento de ar, eletricidade, controle de acesso de veículos, sistema de segurança e prevenção contra roubos, de controle de acesso de pessoas, materiais/equipamentos/objetos, fluxos dos diversos tipos de papel, triagem e armazenamento de materiais, coleta de lixo, alimentos, roupa, circulação de pessoas no ambiente.

2.3.11 Tipologia do Ambiente Interno

Criado pelo ProLUGAR, se baseia nas categorias de tipologias de ambiente de trabalho de Duffy (1997). Tem por objetivo identificar os aspectos positivos e negativos ou as preferências e rejeições dos usuários com relação a um conjunto de quatro diferentes tipologias de organização de ambientes de escritório – célula, baia, paisagem e combinado – ilustradas por meio de fotos/desenhos, relacionando-as às atividades dos próprios usuários.

2.3.12 Poema dos Desejos (*Wish Poem*)

Técnica desenvolvida por Henry Sanoff que encoraja os usuários a refletirem e descreverem o ambiente de seus sonhos através de um processo aberto, porém estruturado. O poema dos desejos deve ser espontâneo e permitir plena liberdade de expressão dos sentimentos, num exercício de livre expressão e idealização de um espaço (SANOFF *in* BAIRD *et al*, 1995:103-105), traduzidos em palavras e/ou desenhos.

Na aplicação deste instrumento, os usuários descrevem como gostariam que fosse seu ambiente de trabalho, a partir da frase do tipo: “Gostaria que meu local de trabalho...”.

2.3.13 Análise da Tarefa (ou Análise Ergonômica do Trabalho - AET)

Segundo Vidal (2003:31), “a análise ergonômica do trabalho é um conjunto estruturado de análises intercomplementares dos determinantes da atividade de trabalho das pessoas numa organização”.

A AET possibilita modelar a atividade de trabalho e “caracterizar de que maneira os fatores técnicos, humanos, ambientais e sociais numa situação de trabalho determinam as atividades dos operadores [usuários]” (VIDAL, 2003:16) e, permite assim “a descrição e a interpretação do que acontece na realidade da atividade enfocada” (VIDAL, 2002:145).

2.3.14 Observação Participante

Na observação participante, o pesquisador (observador-sujeito) torna-se parte dos eventos por estar imerso no ambiente por longo período de tempo. Segundo Sommer (1973), ele compartilha a vida diária das pessoas estudadas, observa o que acontece, ouvindo o que se diz, fazendo perguntas durante certo período de tempo, e assim, consegue dizimar sentimentos de suspeita ou desconfiança por parte dos usuários, obtendo registros confiáveis e detalhados no ambiente.

Segundo Sommer (1973), Zeisel (1981) e Sommer & Sommer (1997), para descobrir o que as pessoas fazem, é preciso observá-las; para descobrir o que elas pensam, é preciso questioná-las diretamente. Assim, a observação acontece por interação entre o usuário e o observador, constituindo uma observação participante.

2.3.15 Observação Incorporada

O termo Observação Incorporada, adotado pelo grupo ProLUGAR por sugestão da Prof^ª. Dr^ª. Rosa Pedro, caracteriza uma atitude de interação do observador-pesquisador com o ambiente observado, ou seja, a experiência do pesquisador em relação ao objeto é parte integrante do processo de pesquisa, assim como a experiência dos demais sujeitos que compõem o complexo fenomênico em estudo, de forma a incorporar à postura científica a reflexão com auto-inclusão.

A Observação Incorporada constitui uma conduta em uma perspectiva auto-inclusiva, agregando percepções, experiências, conhecimento e história de vida do pesquisador ao

processo de avaliação de desempenho do ambiente, assim como dos demais sujeitos a ele relacionados, já que o observador se coloca no lugar do usuário, vivenciando o ambiente a partir de sua ótica.

Ainda que na Observação Participante o pesquisador desempenhe um papel ativo na realidade dos fatos observados (THIOLLENT, 1985) e os usuários passem da condição de cobaias para a de atores, na Observação Incorporada esta interação possui um grau ainda maior, envolvendo também a experiência e percepções do pesquisador. A Observação Participante não implica envolvimento com os usuários, enquanto que na Observação Incorporada este envolvimento é estimulado.

2.3.16 Matriz de descobertas

Desenvolvida por Rodrigues (RODRIGUES *et al*/2004; RODRIGUES, 2005) em 2001 em seu trabalho final de graduação (UFF), por ocasião da realização de uma APO no Instituto Fernandes Figueira, a Matriz das Descobertas consiste na apresentação dos resultados dos dados pesquisados em cima de um desenho, em planta baixa, do espaço analisado. Desta forma, os dados obtidos são apresentados de maneira a facilitar a sua visualização em relação aos ambientes a que se relacionam. A Matriz das Descobertas foi utilizada nas APOs realizadas pelo Programa APO da DIRAC/FIOCRUZ, desativado em 2006.

ANÁLISES CRÍTICAS

3 ANÁLISE CRÍTICA DA PRODUÇÃO DO GRUPO PROLUGAR

Como animais linguajantes, existimos na linguagem, mas como seres humanos existimos (trazemos nós mesmos à mão em nossas distinções) no fluir de nossas conversações, e todas as nossas atividades acontecem como diferentes espécies de conversações [...] A ciência, como um domínio cognitivo, é um domínio de ações, e como tal, é uma rede de conversações que envolve afirmações e explicações validadas pelo critério de validação das explicações científicas sob a paixão do explicar. (MATURANA, 2006:132)

Neste Capítulo são analisadas as cinco dissertações de Mestrado mais recentes do grupo ProLUGAR, relacionadas à análises de ambientes de escritórios, a partir do enfoque da Observação Incorporada.

A partir de uma breve contextualização sobre os autores das dissertações, este capítulo se propõe a oferecer *uma* leitura destas pesquisas, baseada nos conceitos apresentados no Capítulo 1 - Fundamentação Teórica e nos procedimentos apresentados no Capítulo 2 - Materiais e Métodos, relacionados com a Análise do Discurso, especialmente os enfoques de Pêcheux (1969, 1995, 2006), Bakhtin (2006) e Orlandi (2004a, 2004b, 2005a, 2005b) através da Leitura Incorporada, baseada no Dispositivo de Interpretação (ORLANDI, 2005a).

Este Dispositivo permite uma leitura mais direcionada, de forma a se analisar aspectos considerados mais significativos para a questão que é colocada, que, neste caso, é “De que maneira a experiência ambiental do pesquisador, através do contato com usuários e ambiente analisado, contribui com sua avaliação a partir da abordagem da Observação Incorporada?”

Neste contexto a *experiência ambiental* do pesquisador compreende não só o tempo de permanência no ambiente, sua disponibilidade para interagir com o meio, mas também o modo como ele se integrou com os usuários, se de uma maneira mais próxima ou não.

A análise dos textos das dissertações⁶² segue a metodologia apresentada no Capítulo 2: (1) apresentação da pesquisa no contexto dos trabalhos desenvolvidos pelo ProLUGAR, (2) organização da dissertação, (3) caracterização dos sujeitos-autores, (4) contexto de produção e (5) experiência ambiental e aplicação de instrumentos.

⁶² Disponíveis na página do grupo ProLUGAR: <http://www.fau.ufrj.br/prolugar/dissert.htm>, acessado em 15 de março de 2007

Ao final de cada análise, é retomada a questão direcionadora de leitura, sendo oferecida uma análise interpretativa possível. Ao final das cinco leituras, é feita uma análise global, ressaltando os aspectos mais significativos detectados pela leitura de seus textos, assim como uma reflexão sobre a pertinência da Análise do Discurso e as pesquisas em Arquitetura, especialmente aquelas desenvolvidas pelo ProLUGAR.

3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO:

3.1.1 Cinco orientandos, cinco visões de mundo

Dentre os componentes do grupo ProLUGAR⁶³, cujas pesquisas se baseiam nos trabalhos de Rheingantz (1998, 2000, 2004), minha reflexão se concentra nos orientandos de Mestrado: Monique Abrantes, Ana Paula Simões, José Ricardo Faria, Helena Rodrigues e Michael Alvarenga.

O motivo desta escolha está relacionado à possibilidade de ter acompanhado o desenvolvimento de seus trabalhos, desde os encontros iniciais em março de 2004 até a defesa das suas dissertações, entre março e maio de 2005, além do fato deles configurarem a pesquisa *Projeto do Lugar para o Trabalho: cognição e comportamento ambiental na avaliação de desempenho de edifícios/ambientes de escritório*.

Inicialmente na condição de ouvinte nas reuniões do grupo, me vejo no papel de observador. Não aquele observador neutro, ausente do contexto e das situações sociais e culturais que ocorrem a sua volta, mas um observador consciente: (a) de sua interação com o ambiente e com as pessoas à sua volta; (b) de que as dúvidas, questionamentos e opiniões dos orientandos estavam relacionados com as suas características/peculiaridades; (c) de que seus discursos eram ainda provisórios e que não funcionavam como “espelhos” de seus pensamentos.

Desta forma, a experiência de observá-los e perceber como suas características mais marcantes têm influência em suas experiências durante todo o processo de pesquisa, imprime

⁶³ Em 2004 faziam parte do grupo: o Prof. Paulo Afonso Rheingantz, os mestrandos Ana Paula Simões, Helena Rodrigues, José Ricardo Faria, Michael Alvarenga; as doutorandas Mônica Queiroz, Alice Brasileiro e Denise de Alcantara; e os bolsistas da Iniciação Científica Aldrey Cavalcante e Henrique Houayek.

a este trabalho uma característica bastante singular: uma experiência (a minha) de observar os relatos das experiências de observar dos meus colegas⁶⁴.

Dentro deste contexto, a análise de seus discursos, através do dispositivo de analítico de interpretação, ganha um reforço em suas características cognitivas e qualitativas, com uma *leitura incorporada* do material de suas dissertações, presentes nas análises a seguir.

3.2 MONIQUE ABRANTES (2004)

Um Olhar Cognitivo sobre o Lugar de Trabalho. Avaliação de Desempenho em ambiente de escritório: Estudo de caso em empresa de advocacia.

3.2.1 Apresentação da Pesquisa

Entendemos que para avaliar como as pessoas respondem aos seus ambientes precisamos antes conhecer a cultura na qual o ambiente está inserido e os tipos de atividades que ali se desenvolvem. (ABRANTES, 2004:60)

O trabalho de Abrantes (2004) tem o mérito de ser o estudo-piloto da pesquisa *Projeto do Lugar para o Trabalho: cognição e comportamento ambiental na avaliação de desempenho de edifícios/ambientes de escritório* desenvolvida pelo grupo ProLUGAR, e coordenada pelo Prof. Paulo Afonso Rheingantz.

A autora utiliza sua experiência de trabalho em uma empresa de grande porte, quando pôde acompanhar as mudanças decorrentes de processos internos de reestruturação – que incluíam mudanças no ambiente devido a alterações de *layout* e mobiliário, bem como as diferentes expectativas, preferências e comportamentos que geravam em seus usuários.

As atitudes e os comportamentos se refletiam de diversas formas no dia-a-dia da empresa e diziam respeito, quase sempre, às insatisfações decorrentes de situações ambientais, posturas e novas maneiras de se adequar às mudanças presentes, físicas e sociais, nos novos ambientes de trabalho. Por trás destas indagações, tão perceptíveis e latentes, comecei a questionar quais seriam os motivos intrínsecos às relações com os novos espaços que poderiam se traduzir na sensação de bem-estar para os usuários daquele ambiente. (ABRANTES, 2004:7)

⁶⁴ Tal atitude perante a observação de um ambiente ou de pessoas pode se dar, como sugerem Varela *et al* (2003), com o auxílio da prática budista da atenção-consciência.

As indagações da autora estão alinhados com os pressupostos conceituais dos trabalhos desenvolvidos no grupo ProLUGAR onde, dentre outros aspectos, se busca avaliar a influência das dimensões cognitivo-comportamentais sobre a percepção ambiental, de modo a identificar quais elementos/fatores são responsáveis pela chamada qualidade dos ambientes.

3.2.2 Organização do material da dissertação

A autora divide sua dissertação em cinco capítulos. No primeiro (Fundamentação Teórica), apresenta as bases teóricas que fundamentam a pesquisa, através dos conceitos de cognição, experiência e avaliação de desempenho. Os demais itens do capítulo estabelecem o eixo estrutural para as correlações mantidas, de acordo com a lógica de seu pensamento ao longo da pesquisa: a qualidade do lugar de trabalho, a participação do usuário no processo de avaliação e a relação entre a cognição, a avaliação de desempenho e a participação do usuário no processo de avaliação.

Na Fundamentação Teórica são indicados os primeiros passos do ProLUGAR em direção a uma APO com abordagem experiencial da cognição. O grupo discutia, então, a cognição a partir dos conceitos de Maturana e Varela (1995), Capra (1997, 2002), Varela *et al* (2003).

Vale destacar a importância dispensada pela autora na conceituação do item “experiência” (TUAN 1983, ORTEGA 1983, VARELA *et al* 2003) . Como foi possível verificar ao longo de nosso processo de leitura interpretativa, tal conceito é fundamental para atingir os objetivos propostos na pesquisa.

O capítulo 02 (Contextualização) contém um panorama de como se estruturou a lógica do arranjo espaciais nos ambientes de escritório ao longo do século XX e apresenta um breve histórico sobre a evolução destes ambientes. A autora apresenta como a produção dos edifícios e ambientes de escritórios se modificou, especialmente a partir dos anos de 1950.

No capítulo 03 (Materiais e Métodos) são descritos os instrumentos e procedimentos utilizados na pesquisa em campo: análise walkthrough, questionários, entrevistas, seleção visual,

mapeamento visual, preferências visuais, poema dos desejos, análise da tarefa e observação participante⁶⁵.

Neste capítulo também são definidos os *atributos experienciais de desempenho*, que servem de suporte às suas análises: imageabilidade, identidade, grau de adaptabilidade/apropriação, duração, constância e familiaridade, ritmo e seqüência, atributos do espaço (de escritório - área útil, flexibilidade do layout - e espaços de apoio) e atributos do ambiente interno (conforto visual, térmico, tátil, aeróbico e auditivo e desempenho acústico).

No capítulo 04 (Estudo de Caso), são apresentados o estudo de caso – um ambiente de escritório de advocacia⁶⁶ – e os dados e informações resultantes da pesquisa em campo.

No capítulo seguinte (Análise de dados) são feitas ponderações a respeito dos dados colhidos a partir dos atributos de análise estabelecidos para a pesquisa.

Nossa análise irá se centralizar nestes dois últimos capítulos (estudo de caso e análise de dados), onde são identificados elementos que nos permitem responder a questão colocada pelo instrumento de interpretação.

A dissertação de Abrantes (2004) serve de base para o desenvolvimento das quatro seguintes, onde a cognição experiencial foi gradualmente sendo aprofundada, de acordo com o desenvolvimento dos estudos do grupo e com as características individuais de seus autores.

3.2.3 Caracterização/Identificação dos Sujeitos⁶⁷

O sujeito cujo discurso é analisado é a autora da dissertação, Monique Abrantes, graduada em Arquitetura e Urbanismo (2000) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, tendo iniciado atividades de pesquisa (CNPq) em 1998. Sua experiência profissional inclui projetos de arquitetura de interiores, acompanhamento de obras e reformas residenciais. Trabalhou no departamento de arquitetura de um grande shopping no Rio de Janeiro, onde foi responsável

⁶⁵ Na ocasião da pesquisa de Abrantes (2004), o nome Observação Incorporada não havia ainda sido empregado pelo grupo, vindo a ser sugerido pela Prof^a. Rosa Pedro, na defesa de sua dissertação.

⁶⁶ O local para a realização da pesquisa de campo foi indicado por Ana Paula Simões, arquiteta responsável pela elaboração do projeto de arquitetura de interiores das novas instalações da empresa.

⁶⁷ <http://lattes.cnpq.br/9431065089211302> acessado em 13 de março de 2007.

pela análise de projetos de salas e lojas (2000-2001). Também possui experiência em projetos urbanos, tendo participado da equipe de trabalho do programa Favela Bairro (2001-2002).

Entre os meses de julho de 2002 e abril de 2004 esteve envolvida com sua pesquisa de dissertação de mestrado. Desde 2004 trabalha como arquiteta da Prefeitura Municipal de Rio das Ostras.

Sua formação discursiva é a de uma arquiteta, com cerca de quatro anos de prática profissional, estudante de pós-graduação, com experiência em pesquisas acadêmicas.

No contexto analisado – o texto da dissertação - existem ainda vinte e seis sujeitos (os usuários do ambiente) cujos discursos são analisados pela autora.

3.2.4 Contexto de produção

O estudo de caso é um escritório de uma empresa do ramo de advocacia, que ocupa três salas no 28º andar de um edifício de 34 pavimentos, totalizando 110m² de área útil, localizado na Av. Almirante Barroso, no Centro do Rio de Janeiro. (FIGURA 67)

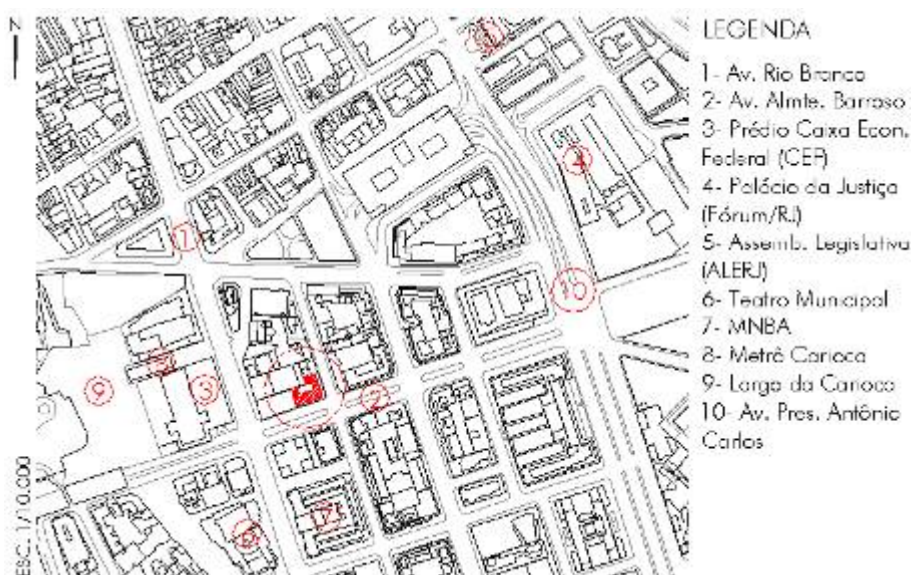


Figura 67: Localização do escritório
Fonte: Abrantes (2004:60)

Todos os usuários fixos do escritório participam da aplicação dos instrumentos selecionados pela autora.

3.2.5 Experiência ambiental e aplicação de instrumentos

Os materiais e métodos aplicados por Abrantes (2004) no ambiente de escritório são: (1) poema dos desejos; (2) mapeamento visual (pontos positivos e negativos); (3) walkthrough; (4) questionários; (5) entrevistas; (6) seleção visual (tipos de ambientes); (7) mapeamento visual (territórios); (8) preferências visuais (imagens). A autora destaca que a Análise da Tarefa foi utilizada nas entrevistas não-estruturadas e na observação incorporada.

Destacamos que a autora utiliza, ainda que de maneira intuitiva, o conceito de *interpretação* – “Verificamos, na pesquisa em campo, o ponto de vista dos usuários através do olhar da pesquisadora, a partir de sua interpretação.” (ABRANTES, 2004:60) –, fundamental em uma APO por Observação Incorporada, de maneira a possibilitar um melhor entendimento das complexidades inerentes às diversas “realidades”.

Uma característica importante na dissertação é o fato de *todos* os usuários do ambiente do estudo de caso terem sido identificados, avaliados e considerados em sua APO. A exceção é o boy/mensageiro que, segundo a autora, passa mais de 80% do horário de trabalho na rua, realizando entregas, não sendo considerado, pela autora, como usuário do ambiente. (ABRANTES, 2004:62)

A postura da autora revela uma intenção real de entendimento do ambiente, de incorporação/imersão em sua realidade, para melhor compreender seus usuários, suas opiniões e expectativas em relação a seu ambiente de trabalho.

Entendemos que para avaliar como as pessoas respondem aos seus ambientes precisamos antes conhecer a cultura na qual o ambiente está inserido e os tipos de atividades que ali se desenvolvem. (ABRANTES, 2004:60)

Mais do que isso, ao propor produzir uma Análise da Tarefa de cada um dos usuários, a autora consegue entender a dinâmica de seu dia-a-dia (fluxos, relações entre tarefas e usuários, hierarquias, etc.) e criar uma relação mais próxima com eles.

Faz-se necessário, então, que se conduza uma avaliação a partir da percepção de quem nele passa a maior parte do seu dia, e ainda, conhecer seus valores, necessidades, atitudes e cultura através da cognição ambiental, utilizando para isso métodos de avaliação sob o enfoque cognitivo. Dessa forma, podemos compreender a relação que existe entre a cognição ambiental, a avaliação de desempenho e a participação do usuário no processo de avaliação do ambiente construído. (ABRANTES, 2004:20)

Através da observação, constatamos interferência de fluxos no ambiente de trabalho, inadequações de mobiliário e equipamento, e observamos o ritmo e a seqüência com que acontecem os eventos. (ABRANTES, 2004:110)

Entendemos que esta postura a ajudou em sua interação com os usuários, que se sentiam valorizados pelo interesse da pesquisadora em suas tarefas rotineiras. Mais uma vez destacamos que a inclusão de todos os funcionários em sua pesquisa não só a auxilia no entendimento geral do ambiente, mas não cria um sentimento natural de exclusão nos usuários que não participassem, contribuindo para a criação de uma relação de comprometimento e confiança no trabalho da pesquisadora.

A análise da tarefa através das entrevistas e da observação participante nos permite conhecer e entender os fluxos no ambiente de trabalho. Alguns usuários de áreas distintas, que se localizam em áreas opostas no ambiente de trabalho, necessitam trocar informações constantemente entre si. Este fato provoca movimentação de pessoas e cruzamento de fluxos, demandando gasto de tempo e energia dos usuários no dia-a-dia de trabalho. (ABRANTES, 2004:155)

Neste contexto, o tempo de convívio entre pesquisadora e usuários se mostra bastante importante, para a criação de uma relação que ultrapassasse a barreira da “pesquisadora” e “pesquisados”.

A coleta de dados foi realizada entre setembro e novembro de 2003. Nos dois meses de pesquisa, a permanência no ambiente foi constante durante o expediente de trabalho e, algumas vezes, após este horário. Também foram colhidos dados para a pesquisa durante um treinamento dos funcionários num fim de semana e também em um evento social promovido pelo escritório, para os clientes, fora do ambiente de trabalho. (ABRANTES, 2004:59)

A presença da autora durante os dois meses da pesquisa na rotina do escritório permite a produção de análises detalhadas sobre o ritmo de trabalho ao longo de diferentes momentos do turno de trabalho.

Pela manhã, o trabalho envolve, geralmente, atividades de concentração (consulta em livros, pesquisas na internet, leituras, execução das ações) e tarefas individuais e já ao final da manhã e no período da tarde, o ambiente é bastante movimentado e dinâmico: os telefones tocam constantemente, os clientes são atendidos, os advogados trabalham nas ações e trocam informações, os estagiários realizam atividades no fórum, o mensageiro leva contas para pagar, a copeira serve os funcionários e clientes [...] (ABRANTES, 2004:128-129)

Esta riqueza de informações dificilmente seria obtida sem a presença da pesquisadora no ambiente observado. Mais do que mapear os fluxos e tarefas executadas, a presença constante da pesquisadora favorece a sua aproximação natural das pessoas:

As entrevistas realizadas no início da pesquisa não revelaram uma quantidade de dados subjetivos consideráveis, já que a confiança dos respondentes em relação à pesquisa e ao pesquisador é estabelecida à medida em que se convive e interage com os usuários no ambiente de trabalho. Os questionários foram mais eficazes no levantamento de dados corporativos, mais técnicos e objetivos.

A aplicação destes instrumentos no início da pesquisa de campo foi importante, na medida em que estabeleceu, pouco a pouco, os primeiros contatos com os usuários sem que a ação da pesquisadora fosse vista como invasiva pelos respondentes. As entrevistas, posteriores à aplicação dos questionários, permitiram maior aproximação com os respondentes, da mesma forma que os envolveram com a pesquisa. (ABRANTES, 2004:159)

Outro fator de destaque, a nosso ver fundamental para o êxito da pesquisa, foi o *recorte* de seu estudo de caso. O espaço físico do escritório (110m²) favorece um conhecimento amplo e geral – que pode ser observado por suas análises, bastante completas, de itens considerados mais “técnicos”, como conforto (técnico, lumínico, acústico, ergonômico), mobiliário, materiais de acabamento, aspecto físico, etc.

Dadas as dimensões reduzidas do escritório, localizamos pontos específicos no ambiente para observação e preenchimento da ficha de avaliação técnica. Permanecemos em diferentes áreas durante o tempo necessário para a análise, sendo esta uma atitude menos invasiva, e, ao mesmo tempo, de interação inicial com os usuários. (ABRANTES, 2004:65)

A análise walkthrough nos permitiu verificar a aparência geral do ambiente e traçar o primeiro perfil do ambiente de escritório. Foi importante para a apreensão espacial do objeto de análise e para a identificação da organização física do escritório, de acordo com a estrutura organizacional da empresa. (ABRANTES, 2004:159)

É possível concluir que a autora se vale de sua experiência profissional anterior como analista de projetos, na consideração de uma série de itens – elaboração de um roteiro de observação e análise, análise de metragem quadrada/adequação ao programa, tipos de materiais empregados/adequação, fluxos das tarefas, questões de conforto, análise ergonômica/adequação de mobiliário –, contribuindo para uma ampla e ilustrativa avaliação do ambiente em uso analisado.

Sobre a aplicação do questionário (“Questionário do perfil e grau de satisfação do usuário”) a autora afirma que ele foi útil na coleta de dados sobre os usuários - quanto ao sexo, grau de instrução, cargo, tempo de serviço na empresa -, e sobre o local de trabalho.

Uma das informações mais importantes obtidas neste instrumento foi sobre a avaliação altamente positiva dos usuários em relação à facilidade de contato pessoal que o ambiente proporciona (escritório tipo paisagem, sem salas separadas), fato que se confirma pelo “pior” problema apontado: falta de privacidade para execução das tarefas.

O texto é recorrente no destaque do sentimento de equipe existente entre os usuários, que consideram quase em sua totalidade, que “a palavra ‘ambiente de trabalho’ simboliza, [...], principalmente, união e familiaridade (‘segunda casa’)” (ABRANTES, 2004:88)

Os sentimentos expressos em relação ao ambiente são, principalmente: satisfação, liberdade e afeição (ABRANTES, 2004:78) Tais informações foram obtidas em questionários, entrevistas, pela observação incorporada e também pelos instrumentos de preferências visuais: “as imagens mais ‘pregnantes’ no ambiente de trabalho são positivas, e se referem, principalmente, à satisfação e ao bem-estar, e também ao sentimento de união/equipe entre os funcionários do GAA.” (ABRANTES, 2004: 83)

Podemos concluir com as observações de Abrantes (2004) que mesmo em se tratando de uma rotina de trabalho relacionada à atividades estressantes (no caso, uma empresa de advocacia) este ambiente é composto por funcionários motivados, com sentimento de trabalho em equipe – interação fortemente ligada ao layout que um escritório paisagem permite e a cultura organizacional da empresa.

Os fatores que contribuem para a satisfação do usuário em relação ao ambiente de trabalho são, principalmente, a facilidade de interação e a descontração. Os fatores negativos referem-se ao ruído exagerado e à falta de privacidade e concentração no ambiente de trabalho. (ABRANTES, 2004:86)

Outro ponto de destaque em sua pesquisa é a utilização de material gráfico de fácil leitura mesmo pelo usuário leigo – as chamadas “plantas humanizadas”-, pois traduzem visualmente as observações de campo. (FIGURA 68)

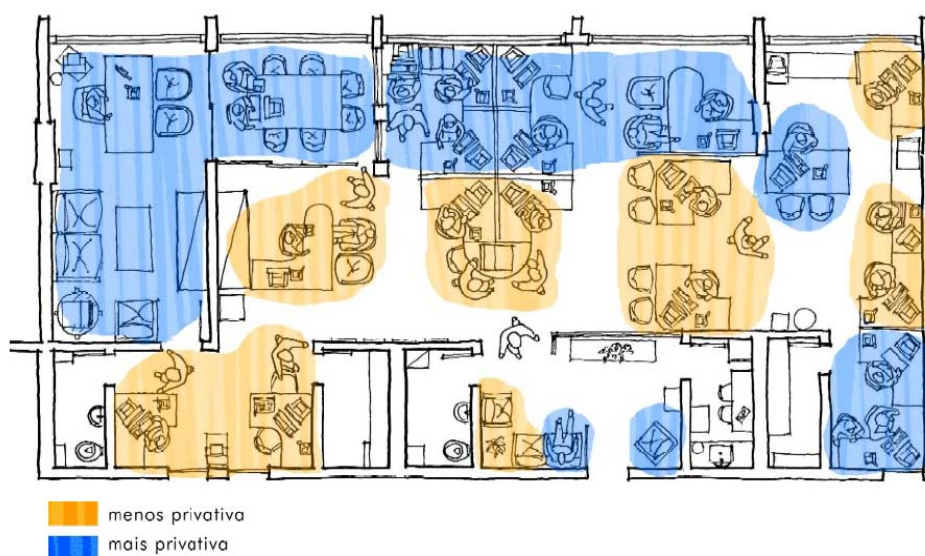


Figura 68: Áreas com maior privacidade no escritório
 Fonte: Abrantes (2004:111)

Tal fato é confirmado pela autora

O mapeamento visual facilitou a inserção dos pontos negativos e positivos sob a ótica dos usuários no ambiente do GAA, já que a planta permitiu uma visão global do escritório, diferentemente do que poderia acontecer através de um questionário ou entrevista. O desenho a partir da planta humanizada do GAA conseguiu despertar a curiosidade e facilitar a interação entre usuários e pesquisador. (ABRANTES, 2004:160)

Além dos instrumentos de análise visual, o *Poema dos Desejos* – que valoriza um lado mais lúdico nos usuários – e as *Entrevistas Não Estruturadas* (informais) ajudaram a consolidar um vínculo mais horizontal e de parceria (ou até mesmo cumplicidade) entre pesquisador e usuários.

Os instrumentos visuais - mapeamento, ficha de seleção visual e preferências visuais - demonstraram as vantagens da aplicação de métodos de pesquisa complementares - questionários e entrevistas. A utilização de métodos de avaliação baseados em instrumentos visuais aproximou e dinamizou a relação entre pesquisador x usuário, facilitando a interação necessária para a observação participante, na obtenção dos dados, durante a pesquisa em campo. (ABRANTES, 2004:161)

Sobre a experiência da Observação Incorporada no ambiente é possível considerar que a autora valeu-se de sua fundamentação, apesar desta abordagem ainda estar em uma fase inicial.

Através da observação participante, pode-se experienciar o ambiente, conhecê-lo de forma mais aproximada no que se refere à rotina instaurada pelos seus usuários, conforme as atividades que desempenham. Assim sendo, a observação participante permitiu a compreensão de situações cotidianas, a verificação das razões do comportamento estabelecido entre seus usuários, a compreensão total e parcial do ambiente de trabalho ao mesmo tempo, e a visão geral do lugar de trabalho que cada um ocupa no escritório. A partir dela, tornou-se fácil responder ao roteiro de análise através da observação e compreender a dinâmica das relações ali estabelecidas.

A utilização deste método nos permitiu verificar e confrontar dados que muitas vezes são notavelmente diversos daqueles obtidos nas entrevistas ou nos questionários. A investigação baseada em dados qualitativos se fundamentaram em dados orais, observações e anotações de comportamento. (ABRANTES, 2004:161)

É importante destacar que a autora utiliza a expressão “observação participante”, que antecede ao termo Observação Incorporada, proposto pela Prof.^a Rosa Pedro durante a defesa da dissertação da autora, e adotado a partir de então pelo grupo ProLUGAR.

De outra forma, o que pode ocorrer quando não há essa identificação – como ocorreu com Simões (2005), por exemplo, (Seção 3.3.1), – é o pesquisador observar determinadas situações que não são confirmadas, ou até mesmo negadas, pelas respostas produzidas com a aplicação instrumentos tradicionais.

É possível concluir que a autora responde satisfatoriamente às suas três perguntas iniciais (Quais são as formas de interação do usuário com seu ambiente de trabalho nos escritórios? Como os usuários absorvem e processam as informações vindas através do seu ambiente de trabalho? De que forma estas interações influem na tomada de atitude dos usuários?)

A autora consegue incluir em suas análises, não só a opinião do usuário sobre o ambiente, mas também o relato de sua observação incorporada, agregando qualidade e colorido aos dados das análises coletados em campo.

Também está presente a preocupação com relação à dificuldade inerente para a construção de instrumentos que contemplem aspectos de caráter subjetivo e qualitativo.

Sabíamos que a investigação certamente envolveria sentimentos, emoções, valores e, principalmente, comportamentos. Mas não bastava conhecer os comportamentos, era necessário aprofundar este conhecimento, e saber também as suas razões. (ABRANTES, 2004:169)

A partir dos resultados presentes na pesquisa, da descrição do estudo de caso e das relações entre usuários – incluindo-se aí a própria pesquisadora – é possível concluir que a autora conseguiu êxito em seu processo investigativo, em sua *incorporação* no ambiente analisado.

A autora optou por não priorizar os chamados instrumentos tradicionais de pesquisa – entrevistas e questionários – mas sim aqueles de caráter subjetivo, buscando uma análise mais qualitativa, baseada na Observação Incorporada.

A quantidade excessiva de instrumentos convencionais de pesquisa - entrevistas e questionários - nos levaram a procurar outros meios de avaliação através de instrumentos visuais e, também, da observação a partir de um roteiro que eliminou grande parte dos questionários e entrevistas elaborados inicialmente. (ABRANTES, 2004:169)

Cabe destacar, ainda, a adoção dos chamados atributos de análise, como parâmetros utilizados para a classificação de dados considerados mais subjetivos.

A escolha, adaptação e construção dos atributos de análise foram muito importantes na obtenção dos dados que nos levaram a responder o problema apresentado neste trabalho. (ABRANTES, 2004:170)

Um fator de destaque em sua pesquisa, e que a auxiliou no entendimento das relações e na aproximação com os usuários foi a aplicação da Análise da Tarefa, como confirma a autora:

Vimos, ao final, que a análise da tarefa foi essencial no sentido de nos aproximar, efetivamente, dos usuários em seu posto de trabalho. A visão detalhista da ergonomia aliada ao olhar, em geral, macro ambiental do arquiteto, e junto a isso o caráter psicológico e *interpretativo* do enfoque cognitivo, nos permitiram, de fato, conhecer e vivenciar o ambiente de escritório do GAA. (ABRANTES, 2004:170)

Além de concordar com a autora em relação ao papel da *interpretação*, a consideramos indispensável àqueles que se propõem a avaliar o ambiente construído e o grau de satisfação de usuários. A Análise do Discurso, em especial as linhas de Pêcheux e, no Brasil, de Orlandi, nos oferecem recursos para incluir a dúvida, a incerteza e a incompletude dos discursos.

Ao considerar “o outro”, as particularidades dos usuários do ambiente, suas necessidades, anseios e expectativas, a autora consegue ter uma postura alinhada com os conceitos de pós-modernidades vistos em nossa Fundamentação Teórica.

Após as análises, podemos concluir que os usuários, suas experiências, necessidades e expectativas constituem meios adequados e indispensáveis para avaliar o desempenho dos ambientes, através da cognição, a partir do conhecimento dos seus valores, necessidades, atitudes e cultura inseridos num contexto ambiental. (ABRANTES, 2004:170)

A análise da autora nada mais é do que uma Análise do Discurso, ainda que tenha sido aplicada de maneira intuitiva e natural, reforçando o argumento de Maturana & Varela “todo fazer é um conhecer e todo conhecer é um fazer” (MATURANA & VARELA, 2004:32).

Neste sentido, a observação foi muitas vezes uma maneira de ratificar os dados que coletamos, mas que não eram traduzidos em palavras pelos respondentes, ainda que houvesse confiança e cumplicidade na relação mantida durante a pesquisa em campo. (ABRANTES, 2004:171)

Aqui podemos perceber a ligação com os conceitos vistos em Bakhtin (2006), onde as palavras não funcionam como espelhos da realidade. Por melhor que seja sua intenção de colaborar, nem sempre o usuário consegue expressar em palavras suas emoções. Nestes casos, cabe à sensibilidade e à atenção do observador incorporado ao aplicar a empatia (THOMPSON, 2005) em sua interpretação.

Abrantes sugere que a qualidade do ambiente no escritório estudado depende dos seguintes fatores: a participação do usuário através da sua influência e controle nas decisões que afetam as suas atividades de trabalho; pelos fatores físicos como equipamento, iluminação e temperatura satisfatórias; pelos fatores sensoriais como aparência do mobiliário e do ambiente, privacidade, facilidade de interação e estímulos sensoriais; pelos fatores sociais que envolvem conforto psicológico a partir das características físicas e sensoriais, bem como a integração entre as pessoas no ambiente de trabalho.

As relações sociais mantidas no ambiente de trabalho têm influência na satisfação profissional e na qualidade do ambiente. O bem-estar no ambiente de trabalho é o resultado não só das condições físicas do lugar em que se trabalha, como também do clima organizacional e do relacionamento interpessoal que compõem o ambiente de trabalho. (ABRANTES, 2004:172)

Concordamos com a autora em sua afirmação de que para entender as razões do comportamento dos usuários inseridos num contexto ambiental, que envolve questões de ordem subjetiva e individual, é necessário um olhar cognitivo que é

um olhar particular, uma “explicação da *interpretação*”, uma descrição que, por si só, já envolve os filtros de quem observa e que, na realidade, é *um* ponto de vista e constitui, também, uma forma de experienciar o ambiente. (ABRANTES, 2004:173 grifos nossos)

Desta forma, retomando a questão inicial que guiou a nossa leitura, através do dispositivo de interpretação:

De que maneira a experiência ambiental do pesquisador, através do contato com usuários e ambiente analisado, contribui com sua avaliação a partir da abordagem da Observação Incorporada?

Podemos considerar que a experiência ambiental da autora foi de completa integração e incorporação no ambiente de estudo, a ponto dela ser tratada como colega de trabalho pelos demais usuários do ambiente.

É perceptível no seu relato a existência de um sentimento de equipe presente entre os usuários; a sensação de que o ambiente de trabalho seria uma “segunda casa”. Desta forma, ela mesma passa a fazer parte desta equipe, através de seu engajamento em sua pesquisa, onde, desde o início, deixa claro sua intenção de, entendendo os anseios, necessidades e carências de seu estudo de caso, propor recomendações para um ambiente que fosse mais responsivo aos seus usuários.

[...] o sentimento de equipe, participação, colaboração, liberdade e amizade dos funcionários e sócios é consequência do tipo de ambiente - paisagem - que permite interação constante e visibilidade em todo o escritório e da relação dos usuários com a empresa. (ABRANTES, 2004:173)

Uma vez que sua proposta de trabalho foi recebida de maneira positiva pelos usuários, que entenderam os objetivos de sua pesquisa, percebe-se uma real vontade destes em auxiliá-la.

Alguns pontos importantes devem ser ressaltados, uma vez que assinalam possíveis características que podem ser consideradas indicadores para o bom desenvolvimento de pesquisas deste gênero.

A autora escolheu um ambiente onde poderia, por suas dimensões físicas (110 m²), produzir um relatório mais detalhado dos fatores técnicos e funcionais. Desta forma, um conhecimento mais aprofundado destas características demanda um intervalo de tempo relativamente mais curto, possibilitando que o observador se dedique a questões mais subjetivas (e complexas) de

observar. Como o universo da pesquisa engloba todo o ambiente físico e todos os seus usuários foi possível atingir um nível de engajamento maior, evitando, por exemplo, que a exclusão de determinadas pessoas causasse melindres ou situações de constrangimento.

Ao se integrar ao cotidiano do ambiente, Abrantes deixa de ser uma pesquisadora estranha aos olhos dos usuários, e passa a ser vista como uma aliada, alguém que participa de seu cotidiano e capaz de contribuir para melhorar seu grau de satisfação no ambiente de trabalho.

A observação sistemática dos locais de trabalho, o levantamento dos aspectos ocupacionais e ambientais e a identificação de perfis e aspirações organizacionais são importantes instrumentos para direcionar as estratégias do ambiente quando da organização, do planejamento e da avaliação dos espaços de trabalho. Podemos verificar, neste sentido, que o enfoque cognitivo permite aprofundar e compreender estes fatores em detrimento da avaliação com base comportamental, que considera os dados a partir da checagem das respostas provocadas por estímulos ambientais e não avalia as razões que justificam estas respostas na interação homem x ambiente nos locais de trabalho. (ABRANTES, 2004:174)

Ao aplicar a Análise da Tarefa como instrumento, a autora amplia o entendimento do ambiente, pois além de entender melhor as relações que ocorrem (deslocamentos dos usuários, mobiliário, equipamentos, condições do posto de trabalho, organização de tarefas, hierarquias), consegue maior aproximação e, até mesmo, a cumplicidade dos usuários. Assim, a Análise da Tarefa confirma sua utilidade como instrumento de apoio para uma APO Experiencial.

A análise da tarefa através da atividade desenvolvida por posto de trabalho nos ajudou a verificar necessidades específicas de localização, suporte às atividades e inadequações ergonômicas. Além destes fatores, a análise também contribuiu para verificar as dimensões cognitivas do trabalho que não estavam visíveis na análise do posto de trabalho através da verificação dos processos de trabalho, da interpretação da tarefa real executada pelo usuário e analisada pelo observador (pesquisador), da compreensão do ritmo, seqüência e interdependência de tarefas e atividades. (ABRANTES, 2004:162)

Abrantes consegue atingir os objetivos propostos por sua pesquisa e demonstra, mesmo sem ter se beneficiado do aprofundamento da base teórica relacionada com a Cognição Experiencial e com a Observação Incorporada, é possível realizar uma pesquisa predominantemente subjetiva, que priorize os aspectos qualitativos e *interpretativos*.

Alinhada com Rheingantz (1995), Abrantes (2004) defende a necessidade de se produzirem ambientes mais responsivos e adaptáveis às necessidades de cada indivíduo. Sua pesquisa é indicativa de que a produtividade no ambiente de trabalho está diretamente relacionada com o controle ou apropriação exercido sobre este ambiente por seus usuários.

A dissertação de Abrantes (2004), como estudo-piloto da pesquisa *Projeto do Lugar para o Trabalho*, é a primeira das dissertações analisadas e, portanto, a primeira em que aplicamos o Dispositivo de Interpretação, funcionando como uma espécie de pré-teste para a leitura das demais. Desta forma, algumas considerações preliminares podem ser feitas.

A primeira é sobre a utilidade do método. A partir do enfoque que ele propõe – através de uma pergunta colocada *a priori*, que serve como “guia” de leitura – é possível produzir uma leitura direcionada, atenta, que auxilia na interpretação do texto analisado, sempre considerando que os discursos são incompletos, não refletem o pensamento do autor como um espelho e nem representam fielmente a realidade em que se inserem.

Desta forma, o método possibilita que seja feita *uma* leitura e não *a* leitura do texto. Cada analista do discurso descobrirá através de sua leitura particular os aspectos que julgue mais importantes – que dependem de sua história de vida, sua formação, etc.

Este método apresenta como uma das principais características sua extrema facilidade de aplicação, uma vez que se tenha acesso/conhecimento de *quem* são os sujeitos autores dos discursos e em que *contexto* eles foram produzidos. Neste caso específico, a análise é facilitada pelo conhecimento de seus autores, todos membros do mesmo grupo de pesquisa, e pelas caracterizações que estes fazem de seus estudos de caso, em suas dissertações.

A limitação de aplicação se dá justamente neste sentido: para se interpretar aquilo que um sujeito produz em seu discurso, é necessário contextualizado, conhecê-lo. Desta forma, a aplicação deste dispositivo em um universo de pessoas “desconhecidas” - em que não seja possível um processo de caracterização/conhecimento/interação com estes sujeitos e de suas “realidades” – é praticamente impossível.

3.3 ANA PAULA SIMÕES (2005)

Experiência e Cognição no Lugar de Trabalho. Abordagem da Observação Incorporada na Avaliação Pós-Ocupação: Estudo de Caso em Escritório de Empresa do Setor de Educação Executiva

3.3.1 Apresentação da Pesquisa

Assim, esta pesquisa busca se somar aos casos estudados sobre a melhoria da qualidade ambiental no local de trabalho, a partir de métodos e técnicas cientificamente sistematizados, pretendendo compor a casuística de avaliação de desempenho de ambientes construídos para o trabalho. (SIMÕES, 2005:3)

O trabalho de Simões (2005) é o primeiro estudo de caso a partir da dissertação de Abrantes (2004), dando continuidade à pesquisa *Projeto do Lugar para o Trabalho: cognição e comportamento ambiental na avaliação de desempenho de edifícios/ambientes de escritório* desenvolvida pelo grupo ProLUGAR.

3.3.2 ORGANIZAÇÃO DO MATERIAL DA DISSERTAÇÃO

A autora divide a sua dissertação em cinco capítulos. No primeiro (Fundamentação Teórica), em continuidade ao embasamento teórico descrito em Abrantes (2004), são apresentados os conceitos relativos à mudança da abordagem científica da pesquisa dos fenômenos humanos até o ponto em que é proposta a abordagem atuacionista (VARELA *et al* 2003) , sua contribuição para um melhor entendimento dos processos cognitivos e sua aplicabilidade através da Observação Incorporada. Neste capítulo também são apresentados os atributos de desempenho do ambiente construído utilizados como base para avaliar a qualidade do lugar de trabalho.

O capítulo 02 (Contextualização) aborda o processo de mudança do ambiente destinado ao trabalho, buscando estabelecer correlações entre a produção arquitetônica, as mudanças econômicas e sociais e os modelos de organização do trabalho, bem como as possíveis contribuições da Observação Incorporada na produção de ambientes de trabalho mais responsivos.

No capítulo 03 (Materiais e Métodos) são descritos os instrumentos utilizados na pesquisa em campo, que são: análise walkthrough, questionários, tipologia do ambiente interno, mapa cognitivo, poema dos desejos, mapeamento visual, mapa conceitual (instrumento incluído pela autora) e entrevistas.

No capítulo 04 (Estudo de Caso), é apresentado o objeto de análise, um ambiente de escritório de empresa do setor de educação executiva, e mostrados os dados obtidos na pesquisa em campo através dos métodos e instrumentos aplicados.

No capítulo 05 (Análise das Observações e Dados) são feitas ponderações a respeito dos dados colhidos a partir dos atributos de análise estabelecidos para a pesquisa, através do cruzamento das informações obtidas através dos diferentes instrumentos e observações a partir da experiência de campo.

A exemplo da análise do trabalho de Abrantes (2004), nossa análise se ocupa dos dois últimos capítulos (estudo de caso e análise de dados), para identificar os elementos que permitam responder a questão colocada pelo instrumento de interpretação. (De que forma a experiência ambiental do pesquisador em relação ao seu estudo de caso influenciou o resultado da pesquisa?)

3.3.3 Caracterização/Identificação dos Sujeitos⁶⁸

O *sujeito* do discurso analisado é sua autora, Ana Paula Simões, graduada em Arquitetura e Urbanismo (1997), pela Universidade de Brasília (UnB), onde desenvolveu atividades de pesquisa (CNPq). Possui especialização em (MBA) em gestão Estratégica de Pessoas (FGV/2005)

Sua experiência profissional inclui trabalho como arquiteta para o Governo do Distrito Federal (1997-1999). É sócia de uma empresa de consultoria empresarial, em parceria com seu marido.

⁶⁸ <http://lattes.cnpq.br/0139302533342246> acessado em 13 de março de 2007.

A autora possui ainda interesse em temas ligados à Filosofia e as Ciências Exatas, e sua ligação com os assuntos relacionados à Arquitetura e APO, assim como pesquisas relacionadas à Conscienciologia⁶⁹.

Entre os meses de março de 2003 e abril de 2005 esteve envolvida com sua pesquisa de dissertação de mestrado. Atualmente é diretora de uma empresa de consultoria em Foz do Iguaçu.

Desta forma, a formação discursiva da autora é a de uma pesquisadora que busca encontrar no seu objeto de estudo indícios para responder a seguinte pergunta: A incorporação do olhar cognitivo contribui efetivamente para a compreensão da qualidade do lugar de trabalho? (SIMÕES, 2005:2) Neste contexto, existem em seu texto os discursos dos sujeitos analisados pela autora: os usuários do ambiente que ela analisa e os autores do projeto, entrevistados pela autora. Em ambos os casos, analisamos seus discursos através do discurso da autora.

3.3.4 Contexto de produção

O estudo de caso é o escritório de uma empresa do setor de educação executiva, que ocupa o 13º e parte do 14º pavimento de um edifício de 29 andares, totalizando cerca de 1000m² de área útil, localizado no bairro de Alphaville, em São Paulo. (FIGURAS 69 e 70)



Figura 69: Localização dos setores e tipologias de escritório (13º pavimento)
Fonte: Simões (2005:77)

⁶⁹ Cf. Vieira (1994), conscienciologia é a ciência que estuda a consciência e suas diversas formas de manifestação, que seriam o ego, a alma, o espírito, a essência, o eu, a individualidade, a pessoa, o self, o ser, o sujeito, dentre outros termos.

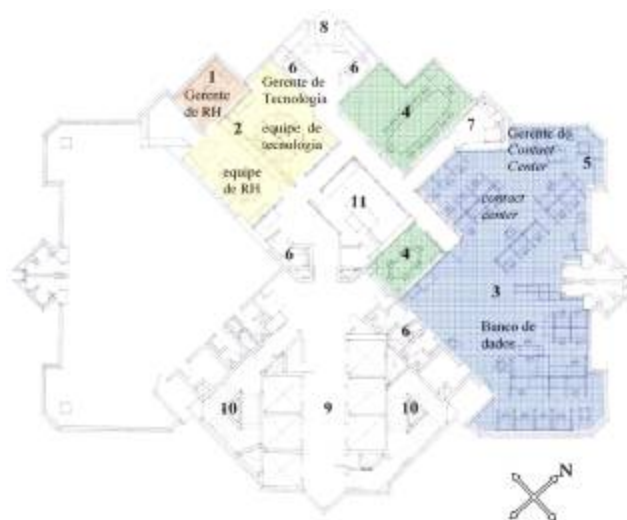


Figura 70: Localização dos setores e tipologias de escritório (14º pavimento)
Fonte: Simões (2005:78)

Neste ambiente trabalham 84 pessoas – número que caiu para 74 no decorrer da pesquisa. Dentro deste total, 16 usuários participaram da aplicação de instrumentos.

A definição do local para a realização da pesquisa de campo foi dificultada pela indisponibilidade quase generalizada das empresas para abrirem suas dependências a pesquisadores. O estudo de caso somente foi viabilizado em função do vínculo de amizade da pesquisadora com um de seus executivos.

3.3.5 Experiência ambiental e aplicação de instrumentos

Os materiais e métodos aplicados neste estudo são, na seguinte ordem: (1) walkthrough; (2) questionários; (3) tipologia do ambiente interno; (4) mapa cognitivo; (5) poema dos desejos; (6) mapeamento visual; (7) mapa conceitual; (8) entrevistas.

Em relação à pesquisa de Abrantes (2004), temos alguns fatos a destacar. O primeiro se refere à não inclusão de todos os funcionários/usuários do ambiente observado.

Como destaca a autora, por ocasião da aplicação dos instrumentos no ambiente, a empresa se encontrava em fase de redução de quadros. Esta situação geradora de estresse entre funcionários certamente têm influência nas respostas, obtidas a partir dos instrumentos, inclusive com a possibilidade de algum tipo de auto-censura por parte dos respondentes.

A seleção de uma amostragem de usuários, em detrimento daqueles que não foram escolhidos gera alguns filtros e bloqueios naturais, envolvendo expectativas, dúvidas e incertezas, tanto por parte dos respondentes como dos demais:

A empresa contava, à época do início da realização do estudo de caso, com cerca de 80 funcionários, tendo reduzido este número para aproximadamente 70 enquanto ainda eram aplicados os instrumentos de pesquisa. Dois dos funcionários entrevistados no início do processo foram demitidos e um terceiro transferido para outro país. *Esta conjuntura trouxe repercussões perceptíveis nos instrumentos e na Observação Incorporada.* (SIMÕES, 2005:59, grifo nosso)

O clima entre as pessoas era de ansiedade, pois além de demitir várias pessoas houve também uma mudança do organograma, áreas que encolheram, outras que cresceram e pessoas acumulando funções. (SIMÕES, 2005:60, grifo nosso)

[...] almocei com o Sr. Ivan, que me disse que algumas pessoas vêm perguntar a ele, *desconfiadas*, o que eu estou fazendo na empresa. Ele responde: *ela não é auditora nem consultora, eles ficam aliviados.* (SIMÕES, 2005:61, grifo nosso)

Diferente do que ocorre em Abrantes (2006), devido ao momento de reestruturação interna da empresa, a autora pôde incluir apenas dezesseis funcionários como usuários respondentes dos instrumentos, num universo de cerca de oitenta pessoas. Uma vez que a pesquisa se destaca por seu caráter qualitativo, tal fato não impede que a autora chegue a conclusões bastante interessantes.

Com a realização da 4ª e 5ª visitas cheguei a *10 entrevistados*, que preencheram a questionário de opinião do usuário, a tipologia de ambiente interno, o mapa cognitivo e o poema dos desejos. (SIMÕES, 2005, p.60)

Um segundo conjunto de instrumentos foi aplicado devido à necessidade identificada pela pesquisadora de obter maiores informações, e aproveitando a boa receptividade dos usuários em relação à pesquisa. Outros 4 usuários responderam aos instrumentos iniciais e complementares em conjunto e na presença da pesquisadora, totalizando 92 instrumentos preenchidos por *16 usuários respondentes.* (SIMÕES, 2005:61)

A autora destaca que devido ao vínculo de amizade com um executivo da empresa sua pesquisa foi viabilizada, e que esta pessoa foi o responsável pelo “recrutamento” de voluntários.

Estou acompanhando um a um na resposta aos instrumentos, já que estou fazendo a pesquisa de campo *sem divulgá-la amplamente na empresa.* Estou procedendo da seguinte maneira: o Senhor Ivan conversa antes com a pessoa (por telefone ou pessoalmente), me apresentando (arquiteta, mestranda) e explicando tratar-se de uma pesquisa sobre ambientes de escritório, que busca identificar a opinião do usuário acerca do seu local de

trabalho e aspectos que conferem qualidade a esse local. A pessoa aceita participar e eu *a entrevisto numa área de reunião fora do posto de trabalho dela*, me apresentando e reapresentando a pesquisa mencionando tratar-se de um estudo de caso sendo realizado pelo ProLUGAR em diversos escritórios do Rio de Janeiro e São Paulo. Digo isso para que não alimentem expectativas quanto à mudanças futuras nas instalações da empresa, o que poderia vir a ser um problema. (SIMÕES, 2005:59, grifo nosso)

Com relação à pesquisa ser realizada de maneira quase “secreta”, encontramos em Simões (2005) uma distinção ilustrativa entre Observação Participante e a Observação Incorporada, baseada em Sommer (1973):

Na Observação Participante, *o pesquisador-em-ação nem sempre é parte integrante dos eventos que testemunha no ambiente estudado, embora participe da rotina das pessoas*. Se vale de instrumentos de análise e registro previamente construídos, para observar e registrar o que acontece, o que ouve dos usuários, suas perguntas e impressões sobre o ambiente observado. *Ao mesmo tempo em que se insere no ambiente, procura fazer-se desapercibido, evita provocar suspeitas ou desconfiança por parte dos usuários observados* (Sommer, 1973). Na Observação Incorporada, por sua vez, o pesquisador-em-ação se vale da atuação (Varela *et al* 2003) em sua busca para incorporar sua experiência vivenciada à aplicação das ferramentas de pesquisa, sejam elas a observação participante ou outros métodos e técnicas, a partir do enfoque atuacionista. O pesquisador incorpora ao estudo a sua experiência bem como as suas sensações em relação ao ambiente. *Ele se torna parte do processo de pesquisa e dos seus resultados*. (SIMÕES 2005:23, grifo nosso)

Outro aspecto importante está relacionado à imersão no ambiente de estudo. Diferentemente de Abrantes (2004), o contato com os usuários se restringiu a dez visitas, das quais em apenas quatro foi possível ter contato direto com os usuários (através de aplicação de instrumentos – questionários, poema dos desejos, etc.)

A pesquisa de campo foi realizada entre setembro e dezembro de 2004. Ao todo foram realizadas 10 visitas ao escritório da empresa objeto deste estudo. (SIMÕES, 2005:58)

Somente na 4ª visita, depois de ter feito a primeira bateria de aplicação de instrumentos com alguns usuários é que comecei a soltar um pouco as amarras que me mantinham atada à operacionalização da pesquisa. Considero que, mesmo tais condições iniciais da minha experiência diante do objeto de estudo fazem parte da Observação Incorporada. (SIMÕES, 2005:60, grifo nosso)

Também merece destaque a opção por realizar entrevistas (estruturadas e semi-estruturadas) como última atividade da pesquisa de campo. Devido às limitações impostas a sua pesquisa – a dificuldade em consultar o “usuário comum” - a autora opta por entrevistar também o

gerente administrativo do edifício, os autores do projeto e o gerente da empresa. Esta procura por outros *sujeitos* conhecedores da dinâmica interna do ambiente – que fornecem indícios e informações valiosas para a avaliação do pesquisador - revela uma característica investigativa bastante importante no trabalho da autora.

Um conjunto de quatro instrumentos – questionário, tipologia do ambiente interno, mapa cognitivo e poema dos desejos, levando cerca de uma hora com cada usuário – foi aplicado de uma só vez:

Esse conjunto de instrumentos foi aplicado com o acompanhamento um a um dos respondentes, que levavam de 30 minutos a 1 hora nas respostas e faziam uma série de comentários que foram anotados pela pesquisadora. Enquanto o usuário respondia aos instrumentos a pesquisadora realizava a Observação Incorporada de aspectos ambientais, cognitivos e comportamentais. (SIMÕES, 2005:60)

Embora conhecesse um dos gerentes do escritório, muitas restrições foram estabelecidas em função da agenda de eventos da empresa e da pouca disponibilidade de tempo dos funcionários. Para garantir o anonimato da empresa e dos envolvidos, são utilizados nomes fictícios para a empresa, o edifício e os funcionários participantes. Cabe observar que no caso de Abrantes (2004), Faria (2005), Rodrigues (2005) e Alvarenga (2005) esta exigência de sigilo não existiu.

Também cabe destacar, em relação à pesquisa anterior, o tamanho do recorte – em Abrantes (2004) o ambiente de escritório ocupava 110m², enquanto neste estudo de caso, o ambiente ocupado pela empresa superava os 1000 m², divididos em dois pavimentos. Tal fato dificulta um maior aprofundamento no estudo da percepção dos usuários, ainda mais se considerada a frequência em que os contatos foram realizadas –dez visitas em Simões (na pesquisa de Abrantes (2004) a autora pôde permanecer dois meses no ambiente estudado).

Tais fatos – tamanho do recorte e tempo de interação com ambiente/usuários – são, como veremos ao final das leituras interpretativas, fatores de grande influência nos relatos das experiências ambientais dos pesquisadores.

O dispositivo de interpretação – que cria uma espécie de “foco” de leitura – auxilia na detecção de um aspecto bastante singular: se nas respostas aos questionários os usuários se

mostram, de maneira geral, reticentes, o Poema dos Desejos apresenta indícios da insatisfação e do momento de angústia vivido pelos usuários.

- [gostaria que meu local de trabalho] Fosse mais familiar, cativador e principalmente alegre .
- muito se fala em trabalho em equipe, mas pouco se investe em integração.
- Evitaria sala pomposa para a diretoria e baias apertadas para o staff.
- Seria legal se o ambiente fosse uma espécie de arena... detalhe: os chefes não teriam salas especiais e também fariam parte da sala ou equipe.
- Como não ter espaço é uma condição natural de um escritório, já me acostumei com essa idéia.
- Acredito que um local de trabalho ideal possibilite diálogo entre as pessoas, desconsiderando inclusive as salas (diferenciadas) da diretoria / gerência. (SIMÕES, 2005:122)

Desta forma, os resultados obtidos através do poema dos desejos (de livre expressão e subjetivo) indicam a possibilidade deste instrumento vir a ser melhor explorado nas análises, pois apresenta indícios claros de insatisfação com o ambiente de trabalhos (arranjo físico) e com as relações interpessoais existentes.

Retomando a questão inicial que guia nossa leitura, através do dispositivo de interpretação:

De que maneira a experiência ambiental do pesquisador, através do contato com usuários e ambiente analisado, contribui com sua avaliação a partir da abordagem da Observação Incorporada?

É importante destacar as dificuldades da autora no que se refere às circunstâncias encontradas na empresa deste estudo de caso, cujo "clima" é bastante nebuloso e instável em função do corte de 10% do quadro funcional. Dois dos respondentes foram diretamente atingidos por estas medidas e um terceiro foi transferido de filial.

A autora observa que os funcionários perguntavam ao seu contato na empresa se ela era auditora ou consultora, fato que era negado. Assim o ambiente pesquisado se diferencia muito do pesquisado por Abrantes (2004). No lugar de usuários/funcionários satisfeitos e integrados ao ambiente de trabalho, nos deparamos com um ambiente onde as pessoas se sentem ameaçadas e, provavelmente, temerosas de que suas respostas aos instrumentos aplicados venham a influir na decisão sobre sua permanência ou demissão da empresa.

O perfil das empresas – sua cultura organizacional - também é diferente. Se em Abrantes (2004) observamos o interesse em motivar e integrar os funcionários, na pesquisa de Simões (2005) é possível perceber um ambiente fortemente relacionado com a obtenção de metas e

resultados, onde ao invés de cooperação e integração o mais importante é a produtividade, competição e a superação de resultados. Esta diferença tem forte influência no comportamento dos funcionários. Como parte da descrição da empresa, a autora fornece algumas informações ilustrativas:

Sua visão [da empresa] é a convicção de que executivos bem preparados desenvolvem as empresas, que desenvolvem a economia, que contribui para o desenvolvimento sustentado do país. Por isso pretende ser uma empresa referência nacional em treinamento, capacitação e relacionamento de executivos [...] (SIMÕES, 2005:74)

Em relação às políticas de valorização de pessoal, o Sr. Ivan nos informou da recém criação de um plano de Empresabilidade, que tem como objetivo *tornar a empresa reconhecida por seus funcionários como um dos melhores lugares para se trabalhar*, de acordo com os critérios adotados pela premiação das revistas Exame e Você S.A. (SIMÕES, 2005:76)

Esta é uma possível leitura das circunstâncias que envolvem o seu estudo de caso, uma interpretação dos fatos. Segundo a autora, os usuários se mostravam apreensivos com sua presença na empresa. Provavelmente suas respostas aos instrumentos não indiquem suas reais expectativas, mas aquilo que eles imaginam que seus superiores gostariam de ouvir.

(...) embora se reconheça que o percentual de funcionários que respondeu aos instrumentos possa *não ser representativo da opinião majoritária, a quantidade de respondentes é um fator secundário. Isso porque a obtenção de dados não se restringiu às informações registradas nos instrumentos, mas buscou abarcar a experiência vivenciada pelos usuários sobre o ambiente* no preenchimento dos instrumentos e também nas opiniões verbalizadas espontaneamente e, no caso da pesquisadora, na análise dos dados e no ambiente na observação e registro das características do ambiente e do processo experiencial no ambiente de trabalho. (SIMÕES, 2005:80 grifo nosso)

Desta forma, a Observação Incorporada da autora possui uma grande importância na avaliação do ambiente. Como destaca a autora, a quantidade de usuários que responderam aos instrumentos se torna um fator secundário, uma vez que o objetivo da pesquisa é uma abordagem qualitativa.

Pelo material levantado, fica evidente a preocupação com fatores como imageabilidade, acessibilidade, sinalização, aparência, flexibilidade do ambiente interno, conforto ambiental, conforto aeróbico e/ou olfativo, auditivo, tátil, térmico, visual e lumínico, apropriação do espaço, instalações e recurso prediais, equipamentos e espaços de apoio – itens observados, em sua maioria, através da *walkthrough*.

Pelo relato da autora, fica a impressão de que a participação dos funcionários não foi voluntária, de que não houve um real interesse da empresa e/ou dos funcionários na colaboração com a pesquisa:

[...] o Sr. Ivan fazia a seleção e convite das pessoas, tendo como critério a disponibilidade de tempo e predisposição do funcionário em participar da pesquisa. Os instrumentos não foram aplicados com mais funcionários devido ao curto espaço de tempo para a realização da pesquisa de campo e à *indisponibilidade ou dificuldade do Sr. Ivan em obter a colaboração de mais pessoas*. (SIMÕES, 2005:80)

[...] houve grande dificuldade, devido à indisponibilidade das empresas em geral de possibilitar o acesso de pesquisadores às suas instalações, com receios de espionagem industrial, *benchmarking* ou mesmo divulgação de condições internas incoerentes com a imagem de mercado da empresa. (SIMÕES, 2005:174)

Assim, os resultados da pesquisa se baseiam, basicamente, na observação da pesquisadora, por ocasião de suas visitas ao local. Desta forma, é possível identificar que a autora, ainda que não tenha conseguido – por fatores alheios a sua vontade – uma integração maior com os usuários, desenvolveu uma pesquisa baseada nos preceitos da Observação Incorporada, onde sua opinião/avaliação tem grande importância, em detrimento da simples aplicação de instrumentos.

Entendemos, desta forma, que sua pesquisa se caracteriza por uma análise global bastante completa do ambiente do estudo de caso. No entanto, em relação aos usuários, não foi possível identificar uma real integração, como observado em Abrantes (2004), que possibilite afirmar que os anseios, necessidades e expectativas da maioria deles estejam contemplados em sua pesquisa.

Como afirma a autora, não foi “possível esclarecer alguns dados que permaneceram duvidosos e hipóteses acerca do ambiente que não puderam ser confirmados nem refutadas.” (SIMÕES, 2005:175)

3.4 JOSÉ RICARDO FARIA (2005)

Cognição e experiência no ambiente de trabalho. A abordagem da Observação Incorporada na Avaliação Pós-Ocupação: Estudo de Caso do Grupo Ergonomia e Novas Tecnologias - COPPE/UFRJ

3.4.1 Apresentação da Pesquisa

Antes de avaliar como as pessoas respondem aos ambientes da pesquisa é necessário conhecer a cultura e o contexto social nos quais o ambiente e os usuários estão inseridos e quais atividades que ali se desenvolvem. (FARIA, 2005:35)

O trabalho de Faria (2005) é o segundo estudo de caso, após a pesquisa-piloto de Abrantes (2004), apresentada pelo grupo ProLUGAR, a partir das pesquisas de Rheingantz.

Faria (2005) utiliza em sua pesquisa sua experiência de oito anos de trabalho em escritório especializado em arquitetura corporativa. Tal característica lhe confere um diferencial em relação às pesquisas de seus colegas: com o olhar já acostumado a diagnosticar qualidades e deficiências em projetos de escritórios/organizações, o autor pode dedicar maior tempo na análise de questões ligadas diretamente aos usuários e a percepção do espaço: seus anseios, expectativas, sentimentos em relação ao ambiente.

A responsabilidade direta e indireta pela concepção e desenvolvimento de diversos projetos, essencialmente para espaços destinados a escritórios, contribuiu para ampliar os horizontes da profissão. [...] Foram projetos para ambientes de trabalho bastante diversificados em relação ao uso, dimensão, tipologia e forma arquitetônica, além da distinção de perfil dos próprios usuários. O contato diário com os profissionais da empresa, a vivência do reconhecimento da área, as medições, as entrevistas, as primeiras propostas, o projeto, a execução e as modificações posteriores contribuíram de forma decisiva para este trabalho. (FARIA, 2005:20)

Desta forma, tais indagações a respeito de como possibilitar uma maior integração do usuário no processo de investigação e concepção dos ambientes de escritórios, de modo a não alterar representativamente seu tempo de realização, aproximaram o autor das pesquisas desenvolvidas pelo ProLUGAR.

3.4.2 Organização do material da dissertação

O autor divide a sua pesquisa em cinco capítulos. No primeiro (Fundamentação Teórica), apresenta aspectos relativos à cognição e os estudos mais recentes do ProLUGAR, em especial o enfoque atuacionista (VARELA *et al*, 2003).

O capítulo 02 (Contextualização) apresenta o contexto físico e social do estudo de caso - o ambiente de trabalho do Grupo GENTE, seu contexto e inserção na Ilha do Fundão.

No capítulo 03 (Materiais e Métodos) são descritos os instrumentos utilizados na pesquisa em campo, que são: análise walkthrough, questionários, entrevistas, mapeamento visual, mapeamento cognitivo, poema dos desejos e tipologia do ambiente interno.

No capítulo 04 (Observação de Campo), são apresentados os dados referentes o objeto de análise, a opinião dos usuários sobre o ambiente e sua interação, através do olhar atento do pesquisador no estudo de caso do GENTE.

No capítulo seguinte (Análise de dados, informações e descobertas) são apresentadas as análises referentes aos dados da pesquisa de campo, a partir da Observação Incorporada, com referências aos atributos de desempenho.

Nossa análise se centraliza nestes dois últimos capítulos (Observação de campo e Análise de dados), onde são identificados elementos que nos permitam responder a questão colocada pelo instrumento de interpretação.

3.4.3 Caracterização/Identificação dos Sujeitos⁷⁰

O sujeito cujo discurso é objeto de análise é o autor da dissertação, José Ricardo Faria, graduado em Arquitetura e Urbanismo (1997), pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Sua experiência profissional inclui trabalhos realizados para dois escritórios de arquitetura do Rio de Janeiro: Taulois e Taulois (1994) e Heitor Derbli, este especializado em arquitetura corporativa, onde trabalhou durante oito anos (1995-2003). Também possui formação

⁷⁰ <http://lattes.cnpq.br/0268316592409780> acessado em 13 de março de 2007.

complementar em Perícias Judiciais (2003) pelo Instituto Brasileiro de Avaliações e Perícias de Engenharia de São Paulo (IBAPE).

Entre os meses de julho de 2003 e abril de 2005 esteve envolvido com sua pesquisa de dissertação de mestrado. Atualmente trabalha em escritório próprio, em São Paulo, além de lecionar em Instituição de Ensino Superior.

A formação discursiva de Faria (2005) é a de um pesquisador com experiência de quase dez anos em projetos de escritórios, com interesse pelo magistério- lecionando, atualmente, em São Paulo.

Neste contexto além dele existem em seu texto os relatos dos sujeitos analisados em sua pesquisa (os usuários do ambiente-estudo de caso).

3.4.4 Contexto de produção

O estudo de caso é um ambiente de ensino e pesquisa ocupado pelo GENTE – Grupo de Ergonomia e Novas Tecnologias, vinculado ao programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção, localizado na sala 207 do bloco G (COPPE), no Edifício do CT, da Cidade Universitária, da Ilha do Fundão, Rio de Janeiro. (FIGURAS 71 a 73)

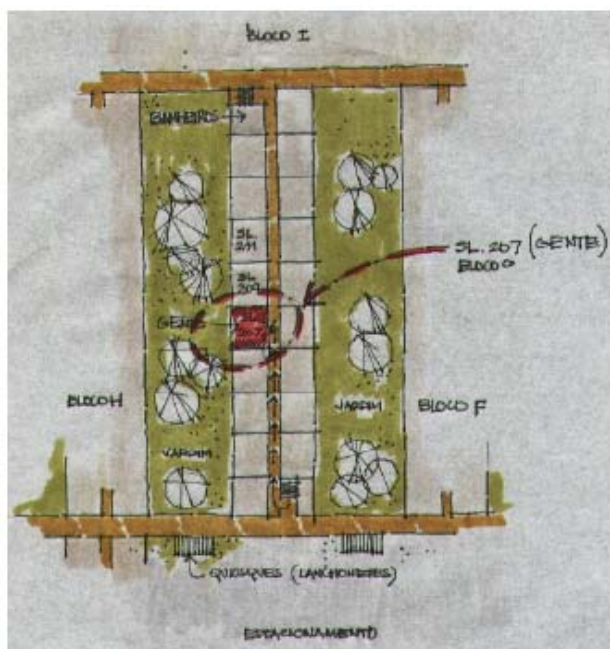


Figura 71: Localização do GENTE
Fonte: Faria (2005:47)



Figura 72: Ambiente do GENTE – 1º piso
Fonte:Faria (2005:56)

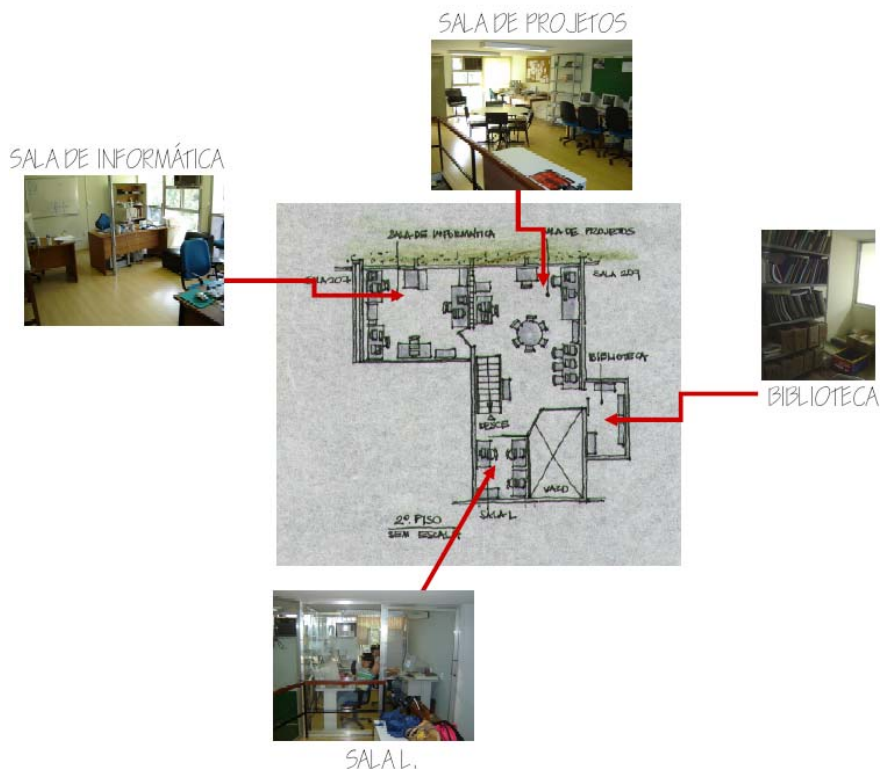


Figura 73: Ambiente do GENTE – 2º piso
Fonte:Faria (2005:59)

O GENTE ocupa uma área de aproximadamente 200m² e suas instalações, além de salas convencionais de escritório (sala fechada e ambientes abertos com uso de mobiliário específico destes espaços) possui recepção, banheiros, copa, depósitos e um pequeno auditório, que os profissionais do grupo utilizam para palestras, workshops e seminários.

O auditório também é utilizado para as aulas da pós-graduação em Ergonomia. O uso diversificado, principalmente do auditório, torna o GENTE um ambiente bastante movimentado e com uma população flutuante bastante variável. Dentre os usuários considerados *fixos* pelo autor, todos participaram da pesquisa/aplicação de instrumentos.

A escolha deste estudo de caso deve-se a estreita ligação entre o grupo ProLUGAR e o GENTE, através de seus coordenadores, Paulo Afonso Rheingantz e Mario Cesar Rodrigues Vidal.

3.4.5 Experiência ambiental e aplicação de instrumentos

Os materiais e métodos aplicados por Faria (2005) no ambiente do GENTE são, na seguinte ordem: (1) walkthrough, (2) mapeamento Visual, (3) mapeamento cognitivo, (4) Poema dos Desejos, (5) questionários, (6) entrevistas e (7) tipologia do ambiente interno

Podemos perceber em sua pesquisa que, diferentemente de Rodrigues (2005) [seção3.5] que produz um extenso material de análise técnica/funcional, sua análise do ambiente se vale de duas características importantes: para a análise mais “tradicional”, “técnica”, o autor se vale de sua experiência com projetos de escritórios; para a parte qualitativa, o autor adota a postura da Observação Incorporada, de forma que

não houve preocupação com a quantidade de instrumentos aplicados ou mesmo com um número expressivo de usuários respondentes. Assim como Maturana e Varela, quando defendem a validade da experiência, o que pretendemos foi testar a validade dos métodos e da abordagem atuacionista – a perspectiva do observador através da interação com o meio (FARIA, 2005:78)

Faria (2005) destaca que a relação estabelecida com os usuários é fundamental para o entendimento dos processos e relações estabelecidas no ambiente:

Nossa intenção foi criar um processo de empatia com as pessoas, conquistá-las através do “saber ouvir”, para que a pesquisa transcorresse de maneira mais prazerosa para todos. Para Marinoff (2004:53) é necessário ter empatia e não perícia (FARIA, 2005:72)

Uma característica importante na pesquisa de Faria (2005), a exemplo de Abrantes (2004) e, como será visto também em Rodrigues (2005), é o fato de que *todos* os usuários regulares⁷¹ do ambiente do estudo de caso terem sido identificados, avaliados e considerados.

A exemplo dos autores das duas pesquisas analisadas que adotaram esta postura, o autor consegue envolver os usuários na participação efetiva da pesquisa, uma vez que se sentem valorizados e considerados como parte importante do universo considerado.

Neste contexto, Faria (2005) destaca três momentos, percebidos em sua pesquisa sobre a postura dos usuários frente ao pesquisador: curiosidade, reticência (um dos usuários mencionou a palavra “fiscal” [FARIA 2005:79]) e familiaridade.

A relação com os usuários do GENTE, em especial com os funcionários e alguns professores foi aos poucos estreitando-se bastante. O coleguismo foi a base dessas relações. Durante o processo de observação, para *cada pessoa a abordagem foi diferenciada em função de sua personalidade e preferências, ou seja, sobre o que de peculiar era percebido pelo pesquisador em relação ao usuário.* (FARIA, 2005:80, grifo nosso)

Esta *familiaridade* pode ser percebida em passagens onde o autor relata que sua presença não inibe os usuários nem os impede de fazer comentários e críticas sobre alguns pontos, como o hábito do coordenador fumar no ambiente fechado⁷²:

Quanto à expressão verbal no ambiente, percebe-se que há algumas críticas sendo feitas sem muito receio por parte dos usuários. O cigarro é um item muito mencionado, mas se percebe também a satisfação quanto ao ambiente como um todo neste ato verbal. (FARIA, 2005:66)

⁷¹ O autor explica que o ambiente possui dezessete usuários fixos, além de vinte e sete alunos de pós-graduação (que possuem aulas quinzenais e que eventualmente estão no local), além de uma população flutuante, que é convidada a participar de palestras, seminários, etc. Para os usuários eventuais, o autor elaborou um questionário que foi enviado por e-mail para ser respondido (dos 180 enviados, 18 retornaram [FARIA, 2005,:97]).

⁷² Descoberta que levou o Coordenador a modificar seu hábito e sair do ambiente para fumar no corredor do bloco G do CT

Outro fator recorrente, identificado também em Abrantes (2004) e, como veremos posteriormente, em Rodrigues (2005), se relaciona com o tempo de permanência no local. Embora com menor frequência que nestas pesquisas, a presença do autor no ambiente - e o contato entre o pesquisador e os usuários - acontece entre setembro e dezembro de 2004. Nestes três meses de aplicação dos instrumentos, sua permanência no ambiente é regular, cerca de duas vezes por semana, durante o expediente de trabalho.

Além disso, o autor destaca que passou a freqüentar algumas aulas do Curso de Ergonomia e assistir palestras, além de participar em almoços e *coffee-breaks* realizados pela instituição. Desta forma, sua presença se torna fato comum e deixa de estar associada à figura de um simples “pesquisador aplicador de instrumentos”. Com esta aproximação com os usuários, o autor consegue um melhor entendimento de sua realidade, se familiarizando com o ambiente e com as pessoas envolvidas.

Como dito anteriormente, sua análise, assim como observado em Abrantes (2004), não deixa de avaliar aspectos “técnicos” (como conforto térmico e lumínico, disposição de layout, etc.), mas prioriza observações sobre comportamento de usuários, a maneira como eles entendem o seu ambiente e as relações que ali ocorrem.

Desta forma, podemos afirmar que o autor apresenta uma postura bastante coerente em relação aos conceitos relacionados à Observação Incorporada, conseguindo por em prática aquilo que estava sendo discutido pelo Grupo ProLUGAR, em função dos resultados das pesquisas de Rheingantz (1998, 2000, 2004) e Abrantes (2004).

Assim, priorizando aspectos relacionados com a cognição ambiental e analisando qualitativamente o GENTE, concordamos com a autor quando ele diz que a Observação Incorporada, em Faria (2005), esteve “em aplicação” ⁷³ durante todo o tempo em que ele manteve contato com o ambiente e usuários avaliados. O autor se coloca inserido no ambiente e, como ele mesmo destaca, procura se colocar perante cada usuário levando em consideração características individuais percebidas por ele.

⁷³ Entre aspas, porque a Observação Incorporada não é um instrumento que se aplique, mas uma postura perante o objeto de estudo e usuários.

Pela análise de seu texto – de seu *discurso* – é possível perceber que o autor esteve “aberto” à experiência de conhecer o ambiente e seus usuários. Desta forma, ele deixa de ser um coletor de dados, para viver a experiência de observar.

Neste contexto, o autor destaca que sua pesquisa transcorreu com “espírito colaborativo por parte dos usuários” (FARIA, 2005:166), com destaque para o gerente, que se envolveu bastante com a pesquisa.

Assim, é possível concordar com o autor quando considera que sua pesquisa cumpriu seu propósito, ou seja, a Observação Incorporada possibilitou validar as informações subjetivas relacionadas à cognição dos usuários. As descobertas provenientes da aplicação de instrumentos mais tradicionais de APO foram concordantes com as provenientes da observação direta do pesquisador.

Retomando a questão inicial que guiou a nossa leitura, através do dispositivo de interpretação,

De que maneira a experiência ambiental do pesquisador, através do contato com usuários e ambiente analisado, contribui com sua avaliação a partir da abordagem da Observação Incorporada?

É possível considerar que Faria (2005), a exemplo de Abrantes (2004), constrói uma relação bastante próxima com os usuários do ambiente onde aplicou os instrumentos de APO.

[...] na medida em que o pesquisador se envolveu afetivamente com o ambiente e com seus usuários, foi possível promover maior reciprocidade, nas relações observador-usuários, além de subsidiar uma interação mais aberta e livre de suspeitas. (FARIA, 2005:106)

O fato do autor estar presente com regularidade, durante o período de aplicação dos instrumentos no local, de participar de algumas aulas de seu curso, de almoços e confraternizações, o ajuda nessa tarefa de aproximação e reconhecimento.

Concordamos também com o autor, assim como visto em Abrantes (2005), no que diz respeito à *imersão* no ambiente de estudo

[...] ao estar imerso no ambiente, e conhecendo melhor o contexto dos problemas e suas peculiaridades também, o pesquisador pode contribuir melhor com o processo projetual, por meio de dados mais aprofundados e sistematizados sobre a qualidade do ambiente capaz de contemplar as necessidades, preferências e expectativas dos usuários. (FARIA, 2005:106)

Ao entender os objetivos da pesquisa em andamento, os usuários não se sentem “analisados”, mas “ouvidos” por alguém que se mostra interessado em aprender sobre o seu dia-a-dia e sobre suas reais necessidades e anseios e, se possível, propor medidas capazes de melhorar seu bem estar.

Um fato que merece destaque é que devido às dimensões do ambiente (200m²) e o número reduzido de usuários fixos (17) Faria (2005) consegue, assim como em Abrantes (2004), uma visão mais completa, não só de questões técnicas, mas de conhecimento interpessoal, de características únicas de cada usuário envolvido. Tal fato o ajudou, inclusive, como ressalta o autor, a escolher a melhor abordagem para cada aplicação dos instrumentos com determinada pessoa.

É importante salientar que o autor não deixou de analisar questões técnicas, funcionais, de conforto, estéticas, mobiliário, etc. Suas análises são completas e fruto de sua já mencionada experiência profissional, e sua pesquisa atinge os objetivos iniciais propostos, com um viés qualitativo resultante do olhar e da postura propostos pela Observação Incorporada.

Os instrumentos aplicados (questionários, entrevistas, poema dos desejos, etc.) servem como embasamento para a Observação Incorporada, e não o contrário. Aquilo que o pesquisador observa do ambiente acaba sendo reforçado pelas informações colhidas pelos instrumentos e análises consideradas mais “tradicionais” e técnicas.

Esta análise, a partir das ferramentas, foi sempre permeada pelas anotações do caderno de campo produzidas pela postura do pesquisador na sua Observação Incorporada. *A Observação Incorporada não se restringe a um método de pesquisa, mas a esta ‘postura’ pessoal dentro de uma ótica do observador, carregada com sua história de vida: vivência e experiência particular.* As conexões entre as análises são inerentes ao pesquisador dentro deste enfoque. As ferramentas funcionam principalmente como suporte para o fundamental e diferencial da pesquisa, a observação incorporada. À medida que o processo de observação se encaminha, nosso arcabouço pessoal fica mais rico e as redes de conexões são inevitáveis: a vivência interfere na nossa cognição e por consequência em nossa análise. (FARIA, 2005:51, grifo nosso)

3.5 HELENA RODRIGUES (2005)

Cognição e Experiência no Ambiente de Trabalho - A Abordagem da Observação Incorporada na Avaliação Pós-Ocupação: Estudo de Caso no Centro de Pesquisa da Fundação Casa de Rui Barbosa

3.5.1 Apresentação da Pesquisa

Depois de participar de uma APO, não consigo ver a arquitetura como uma obra imutável e sem a presença das pessoas. É necessário sempre levar em consideração os usuários, suas opiniões, suas crenças e expectativas, e não o edifício como objeto arquitetônico isolado. (RODRIGUES, 2005:xxi)

O trabalho de Rodrigues (2005) é o terceiro estudo de caso, a partir de Abrantes (2004), da pesquisa Projeto do Lugar para o Trabalho: cognição e comportamento ambiental na avaliação de desempenho de edifícios/ambientes de escritório, desenvolvida pelo grupo ProLUGAR.

Seu trabalho final de graduação, desenvolvido em 2001, orientado pelo Prof. Jorge Castro⁷⁴ tem como estudo de caso uma APO no Instituto Fernandes Figueira – hospital materno infantil de referência vinculado à Fiocruz. O estudo de caso inclui um projeto que, segundo a autora, leva em consideração não só as normas, mas toda a sua vivência, experiência e interação nos ambientes durante os oito meses de levantamento.

A partir de então a autora passa a estagiar na Diretoria de Administração do Campus (DIRAC) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), onde participa do Programa de APO envolvendo diversos edifícios e laboratórios. O objetivo do programa era, a princípio, obter diagnósticos detalhados do funcionamento de suas unidades para uma maior eficiência em seu programa de manutenção.

O programa de APO estava então em fase de implantação. A partir de um convênio entre a DIRAC e o PROARQ/FAU/UFRJ a FIOCRUZ passa a contar com a consultoria do Prof. Dr. Paulo Afonso Rheingantz, que orienta a instituição na consolidação de sua base teórica e conceitual, elaboração das primeiras ferramentas de avaliação e dos primeiros relatórios.

⁷⁴ Professor da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (UFF); chefe do Serviço de Projetos e Programas Integrados (SPPI) da Diretoria de Administração do Campus (DIRAC) da Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ)

Rodrigues (2005) destaca que a dificuldade inicial em passar para o formato de relatórios os inúmeros dados colhidos em campo (que reuniam itens “técnicos” - como localização de pontos de elétrica, hidráulica, etc. – e itens relacionados a respostas de usuários a questões presentes nos questionários de campo), ajudou no desenvolvimento do instrumento batizado de Matriz das Descobertas.

Ao retornarmos do levantamento de campo, os dados eram passados para planilhas que pareciam intermináveis. A arquiteta Ana Claudia Penna modificava essas planilhas, demonstrando sua capacidade de produzir textos claros e objetivos. A programadora visual e estudante de arquitetura Isabelle Soares, com seu senso crítico e formação que não possuíamos, transformou aquele relatório, de difícil manuseio, em um relatório agradável de ser lido. (RODRIGUES, 2005:xviii)

3.5.2 Organização do material da dissertação

A autora divide a sua pesquisa em duas partes. A primeira delas – sua base teórica - contém os capítulos de Fundamentação Teórica, Contextualização e Materiais e Métodos; a segunda – Estudo de Caso - contempla os capítulos de Observação de Campo, Análise dos Resultados e Conclusões e Recomendações.

Em sua Fundamentação Teórica a autora, em conjunto com Simões (2005), Faria (2005) e Alvarenga (2005), dá continuidade ao desenvolvimento das bases teóricas inicialmente formuladas por Abrantes (2004), com ênfase nos conceitos relativos à mudança da abordagem científica da pesquisa dos fenômenos humanos, até o ponto em que é proposta a abordagem atuacionista (MATURANA, 2002; VARELA *et al*/2003).

O capítulo 02 (Contextualização) apresenta o contexto físico e histórico do seu estudo de caso.

No capítulo 03 (Materiais e Métodos) são descritos os instrumentos utilizados na pesquisa em campo: análise walkthrough, avaliação técnica, avaliação funcional, questionários, tipologia do ambiente interno, mapeamento visual, mapeamento cognitivo, poema dos desejos e entrevistas.

No capítulo 04 (Observação de Campo), a autora apresenta os resultados obtidos com a aplicação dos instrumentos em seu objeto de análise.

No capítulo 05 (Análise dos Resultados) são feitas análises dos dados colhidos, a partir do enfoque da Observação Incorporada e da Matriz das Descobertas, inicialmente formulado pela autora em seu projeto final de graduação e posteriormente aprimorado e incorporado aos relatórios do Programa APO da FIOCRUZ.

Nossa análise se centraliza nestes dois últimos capítulos (estudo de caso e análise de dados), onde são identificados elementos que nos permitam responder a questão colocada pelo instrumento de interpretação.

3.5.3 Caracterização/Identificação dos Sujeitos⁷⁵

O sujeito objeto de análise é a autora da dissertação, Helena Rodrigues, graduada em Arquitetura e Urbanismo (2001), pela Universidade Federal Fluminense. Sua experiência profissional inclui pesquisas relacionadas à APO (levantamentos de condições físicas de edifícios, processos de trabalho, layout de ambientes, entrevista com usuários) realizadas na FIOCRUZ (2001-2005)

Entre os meses de julho de 2003 e abril de 2005 esteve envolvida com sua pesquisa de dissertação de mestrado. Atualmente trabalha como arquiteta da Fundação Casa de Rui Barbosa.

A formação discursiva de Rodrigues (2005) revela uma pesquisadora com experiência no trabalho de campo.

É importante salientar que dentro de sua dissertação, assim como nos casos anteriores, estão presentes análises dos discursos dos usuários do edifício analisado que, por sua vez, são os sujeitos de sua análise.

3.5.4 Contexto de produção

O estudo de caso é o Centro de Pesquisa da Fundação Casa de Rui Barbosa (FCRB), que ocupa cerca de 300m² do segundo pavimento do edifício-sede da FCRB⁷⁶, localizado na Rua São Clemente, no bairro de Botafogo, Rio de Janeiro. (FIGURAS 74 a 76)

⁷⁵ <http://lattes.cnpq.br/6354389600846653> acessado em 13 de março de 2007

⁷⁶ A FCRB preserva e divulga acervos de interesse nacional, por constituírem patrimônio cultural importante, e realiza trabalhos de alcance internacional, sem perder de vista a importância do atendimento diário aos visitantes e aos usuários de seus serviços.

3.5.5 Experiência ambiental e aplicação de instrumentos

Os materiais e métodos aplicados por Rodrigues (2005) no ambiente de estudo são, na seguinte ordem: (1) walkthrough, (2) avaliação técnica, (3) avaliação funcional, (4) questionários, (5) tipologia do ambiente interno, (6) mapeamento visual, (7) mapeamento cognitivo, (8) Poema dos Desejos e (9) entrevistas.

É necessário destacar que o trabalho de Rodrigues (2005) se diferencia das outras quatro pesquisas: trata-se de uma APO, contratada pela Fundação Casa de Rui Barbosa, e que teve a autora como coordenadora executiva. O trabalho, desenvolvido pela equipe técnica da FIOCRUZ/DIRAC, foi realizado em todo o edifício (cerca de 4000m²), contando com vários profissionais, dentre as quais engenheiros e projetistas. Devido a este fato, a autora acaba por gerar um produto com características bastante técnicas, sendo, por exemplo, a única a incluir os quesitos “Avaliação Técnica” e “Avaliação Funcional” no conjunto de instrumentos aplicados.

A autora defende que, diferentemente das APOs aplicadas pela FIOCRUZ, que focaliza os fatores técnicos e funcionais, seu estudo de caso privilegiou os fatores cognitivos. Entretanto, a leitura de sua *Observação de Campo* evidencia uma característica predominante da autora: sua imensa capacidade de coletar e trabalhar dados. A autora utiliza o caderno de campo como uma espécie de diário minucioso de suas experiências no ambiente estudado.

Chegado o dia da reunião, marcada para às 10:00h, dirigi-me à Fundação Casa de Rui Barbosa – FCRB. Atravessei um corredor, cuja passagem leva a um jardim maravilhoso, cheio de árvores e muitas crianças estavam brincando ali. Como não sabia onde ia ser a reunião, tive que perguntar a um segurança que me indicou o caminho central do jardim e recomendou perguntar na portaria do edifício situado nos fundos. (...)Falei sobre o trabalho de APO realizado na Fiocruz, e eles relataram alguns dos problemas ali existentes, como o das árvores frutíferas: uma delas, a de fruta-pão, oferece perigo, pois já aconteceu de cair um fruto em um carrinho de bebê. (...)Ao final do encontro, foi realizada uma primeira *walkthrough*, na companhia de um funcionário do Setor de Serviços Gerais. A visita iniciou-se pela cobertura, seguida, respectivamente, do terceiro, segundo e primeiro pavimentos, que abrigam escritórios, salas de leitura, arquivos, biblioteca, laboratório de restauro de papel.(...) (RODRIGUES, 2005:44-45)

Rodrigues (2005) aplicou os instrumentos de Avaliação Técnica e Funcional desenvolvidos pelo Programa de APO/FIOCRUZ, além dos instrumentos elaborados pelos engenheiros consultores, além de medições no sistema de ar condicionado e no sistema elétrico (subestação). Segundo a autora, a opção por estes instrumentos se deu em função do prazo

estabelecido em contrato entre as duas instituições - FCRB e FIOTEC/FIOCRUZ - e pelo fato de os instrumentos do ProLUGAR não estarem consolidados até aquele momento. A possibilidade de acesso aos ambientes e a ampla aceitação por parte dos usuários também contribuiu para enriquecer os dados e para agilizar os procedimentos iniciais da avaliação.

Isabelle Soares e eu ficamos com a Qualidade Ambiental (Avaliação Funcional). Ela aplica o instrumento, e eu faço anotações em planta e no caderno de campo. Observo o que está acontecendo no ambiente, como são as pessoas e as atividades (...) Temos pela primeira vez dois consultores na equipe: um engenheiro mecânico (...) e um engenheiro elétrico (...). Jorge sempre coloca a necessidade de um olhar para os sistemas do edifício, porque a Avaliação Técnica acabava ficando centrada nos ambientes. Jonas Victorino, técnico da equipe de APO/Fiocruz, pediu a consultoria de Tatsuo Shubo (engenheiro sanitarista, responsável pela implantação da estação de tratamento de esgoto do campus Fiocruz). Tatsuo ajudou a construir a ficha para áreas molhadas e após ter passado os dados a limpo, ele vai ajudar na análise e vai a campo para ver caixa d'água, caixas de esgoto... Luisa Perciliana, que trabalha também na equipe de redes do campus da Fiocruz, está dando apoio. Ela já fez uma walkthrough e irá fazer a análise tarifária das contas de energia (com intuito de propor economia com o gasto de energia elétrica). (RODRIGUES, 2005:48)

Neste contexto, o tempo de convívio no ambiente favorece a quantidade e a qualidade de dados levantados. Dentre as cinco pesquisas analisadas, a de Rodrigues (2005) é a que permaneceu mais tempo em fase de coleta de dados: sua pesquisa de campo e o contato entre a pesquisadora e os usuários que participam da pesquisa ocorre entre agosto de 2004 e janeiro de 2005. Nos cinco meses de aplicação dos instrumentos, a permanência no local foi diária, durante o expediente de trabalho (8:00h às 17:00h).

A autora distribuiu questionários para colher opinião dos usuários, mantendo a estrutura do questionário aplicado por Abrantes (2004), para facilitar os estudos comparativos previstos na pesquisa-base. Depois de realizados alguns ajustes, são distribuídos **a todos os funcionários e usuários do edifício**. Segundo Rodrigues (2005), em função da equipe de APO estar fazendo avaliações nos ambientes, a resposta dos usuários foi de 84,3% de devolução.

O procedimento adotado foi entregar o questionário de sala em sala, anotando a quantidade deixada em cada ambiente. A devolução do questionário não estava condicionada a uma data de entrega. Em função da equipe de APO/FIOCRUZ estar fazendo avaliações nos ambientes, a entrega aconteceu naturalmente. Foram distribuídos 165 questionários, recolhendo-se 134 respondidos, obtendo-se o índice de 84,3% de devolução. (RODRIGUES, 2005:49)

A exemplo das análises anteriores, entendemos que a inclusão de todos os usuários na pesquisa é um fator importante na compreensão da realidade analisada, além de não gerar problemas relacionados com inclusão/exclusão.

A APO, segundo a autora, foi precedida de um trabalho de conscientização dos usuários – que inclui uma palestra do Prof. Paulo Afonso Rheingantz sobre a natureza do trabalho e seus objetivos, de modo a informar e sensibilizar a todos sobre a importância de sua colaboração.

A equipe decidiu, então, somente iniciar a coleta de dados depois que todos os usuários tomassem conhecimento do que pretendíamos fazer na pesquisa proposta. Durante esse período, aproveitamos para levantar dados da história da Instituição, além de alterar os instrumentos que, pela *walkthrough*, já sabíamos que seriam necessários. (RODRIGUES, 2005:46)

Esta atitude informativa certamente tem um efeito positivo no que se refere a postura dos usuários em relação aos pesquisadores, como a autora pode constatar pelo número de questionários entregues voluntariamente.

Rodrigues (2005) destaca que uma vez finalizadas as discussões no ProLUGAR sobre os instrumentos com enfoque cognitivo, o relatório do Programa de APO já se encontrava em fase final de elaboração. Assim, não haveria tempo hábil para aplicar os instrumentos do ProLUGAR em todo o edifício, sendo necessário fazer um recorte no estudo de caso: o Centro de Pesquisa. Ao optar pela diminuição do recorte de seu estudo de caso, a autora manteve a postura inicial: incluiu *todos* os funcionários do Centro de Pesquisa na aplicação dos instrumentos.

Os instrumentos foram aplicados, em sua maioria, no posto de trabalho de cada usuário, o que favoreceu a observação incorporada. Ao todo foram consultados 45 usuários do Centro de Pesquisa de um conjunto/total de 45 usuários. (...). (RODRIGUES, 2005:51)

Também são realizadas entrevistas não-estruturadas (sem perguntas prévias), com os funcionários, levando cerca de uma hora com cada um.

Na data prevista para entrega, os instrumentos não haviam sido preenchidos e isto fez com que o preenchimento ocorresse em cada ambiente e nos postos de trabalho de cada usuário. Esse fato (...) foi benéfico para a pesquisa, na medida em que propiciou a oportunidade de se observar e vivenciar o cotidiano dos ambientes (...), onde os usuários, *já acostumados à presença da pesquisadora, agiam com naturalidade*. (RODRIGUES, 2005:52, grifo nosso)

Podemos identificar em Rodrigues (2005) a mesma situação ocorrida em Abrantes (2004) e em Faria (2005): sua presença, de forma rotineira e cotidiana na vida daqueles usuários fez com que a pesquisadora passasse a ser “mais uma” naquele ambiente, não sendo identificado como um estranho, um fiscal, como visto em Simões (2005).

Ao retomar a questão inicial que guiou a nossa leitura, através do dispositivo de interpretação,

De que maneira a experiência ambiental do pesquisador, através do contato com usuários e ambiente analisado, contribui com sua avaliação a partir da abordagem da Observação Incorporada?

É possível identificar uma característica predominante nesta pesquisa: sua já mencionada capacidade investigativa. A autora evidencia familiaridade e domínio da pesquisa de campo, ao levantar minuciosamente numerosos dados. Sua vocação e experiência é compartilhada com os demais orientandos, nos encontros realizados pelo grupo, especialmente na antevisão dos prováveis problemas com as pesquisas de campo dos demais estudos de caso.

Seu incômodo e inquietação ao perceber que os questionários mais tradicionais de APO não ofereciam espaço para anotações que não fossem as indefectíveis marcações de “X” a levou a aprimorar seu mecanismo próprio de anotação de campo onde pudesse registrar dados observados pelo pesquisador, que não apareciam, necessariamente, nas perguntas já formuladas. A Matriz das Descobertas, desenvolvida em parceria com a equipe de APO da FIOCRUZ, se mostra uma possibilidade de apresentação de resultados de APO, que privilegia uma leitura mais visual do que técnica dos dados encontrados, suas análises e descobertas.

Como a sua pesquisa é a que demandou o maior tempo de permanência no ambiente analisado dentre os cinco estudos de caso (cerca de cinco meses), foi possível que a autora atuasse em uma área extensa (cerca de 4000m²), aplicando um conjunto de instrumentos de avaliação funcional/técnica, até a decisão de aplicar os instrumentos de caráter cognitivo em um recorte menor.

No contexto do recorte escolhido (o Centro de Pesquisa da Casa de Rui Barbosa), e em função do reduzido tempo disponível, é possível identificar que em sua pesquisa ainda predominam as questões técnicas, funcionais e comportamentais. Em comparação com o grande volume de informações “técnicas” presentes em sua pesquisa os aspectos cognitivos aparecem em segundo plano, embora presentes em sua análise.

Mesmo não tendo o mesmo destaque dos fatores técnicos, funcionais e comportamentais avaliados, é evidente a identificação da autora com os conceitos relacionados com a Observação Incorporada: assim como Abrantes (2004), Rodrigues consegue um grau de interação com o ambiente que permite que os usuários a vejam como uma aliada.

Ao fazer parte da “vida cotidiana” dos ambientes analisados e incorporar as emoções e sentimentos, durante a interação com o ambiente, foi possível identificar as razões de certas situações e comportamentos observados. (RODRIGUES, 2005:156)

Diferentemente de Abrantes (2004), Rodrigues, por sua experiência com trabalhos de caráter predominantemente quantitativos, ainda mantém uma postura mais tradicional, de pesquisadora, sem que isso seja um aspecto considerado negativo. Enquanto a primeira poderia ser chamada de “a usuária que pesquisa”, a segunda seria “a pesquisadora que também é usuária”.

A possibilidade de acesso aos ambientes e o amplo envolvimento dos usuários foram, também, fundamentais para a observação incorporada. Com o passar do tempo já me sentia como parte integrante do Centro de Pesquisa. Passei a receber contribuições de diversas formas. (RODRIGUES, 2005:156-157)

Em ambos os casos esta aproximação entre usuários e pesquisadores é favorecida pelo tempo de convívio com o objeto de pesquisa e usuários.

Os diferentes enfoques presentes na pesquisa de Rodrigues (2005) – de um lado a pesquisa mais “tradicional”, ligada aos interesses da FIOCRUZ, e de outro, uma pesquisa que valorize a questão qualitativa – ProLUGAR – é perceptível em seu trabalho, e, confirmado pela autora:

A dificuldade por mim encontrada consistiu em gerenciar o tempo de APOs com prazos e focos diferentes. Possuindo previamente um conjunto de instrumentos estruturados e consolidados que obrigatoriamente, deveria aplicá-lo. Esse fato, ao contrário do que possa parecer, foi benéfico para a pesquisa, na medida em que pude interagir com o ambiente de forma intensa, nos cinco meses que ali passei, na fase de levantamento. (RODRIGUES, 2005:158)

3.6 MICHAEL DEZAN HOSKEN DE ALVARENGA (2005)

Cognição e Experiência no Ambiente de Trabalho, A Abordagem da Observação Incorporada na Avaliação Pós-Ocupação: Estudo de Caso na CBF Indústria de Gusa S.A.

3.6.1 Apresentação da Pesquisa

Nesse sentido, a Observação Incorporada passa a ser mais uma abordagem, com uma perspectiva auto-inclusiva, agregando às percepções, experiências, conhecimento e história do observador ao processo de avaliação de desempenho do ambiente, assim como dos demais sujeitos a ele relacionados, num processo de empatia, já que o observador se coloca no lugar do usuário, vivenciando o ambiente a partir da ótica, perspectiva dele. (ALVARENGA, 2005:53)

O trabalho de Alvarenga (2005) é o estudo de caso mais recente vinculado ao projeto de pesquisa *Projeto do Lugar para o Trabalho: cognição e comportamento ambiental na avaliação de desempenho de edifícios/ambientes de escritório* desenvolvido no âmbito do grupo ProLUGAR.

O autor destaca que a influência de sua formação anterior em Matemática (IM/UFRJ) no interesse inicial pela pesquisa de Rheingantz (2000) se deve à possibilidade de construir um programa baseado na matemática nebulosa (Lógica Fuzzy) para operacionalizar a aplicação do Modelo de análise Hierárquica Coppetec-Cosenza na avaliação qualitativa de desempenho de edifícios e/ou ambientes de escritório.⁷⁷

No entanto ao participar do Grupo ProLUGAR, onde, através de estudos dirigidos e leituras de textos em grupo, o autor toma conhecimento dos estudos cognitivos aplicados a arquitetura, e em especial, a avaliação de ambientes, seu interesse se volta a esses novos enfoques no estudo da APO, como alternativa aos métodos conhecidos, exemplificados por autores como SOMMER, PREISER, SANOFF ORNSTEIN e RHEINGANTZ.

⁷⁷ Em sua tese de doutorado *Aplicação do Modelo de Análise Hierárquica COPPETEC-COSENZA na Avaliação de Edifícios de Escritório* Rheingantz (2000) apresenta o uso do modelo COPPETEC-COSENZA, cujo algoritmo se baseia em operações com matrizes de um conjunto de atributos de oferta e de demanda na aplicação prática de uma APO. Porém, como essa tabulação era feita manualmente, gerando uma série de dificuldades para a sua solução, o objetivo inicial da dissertação de Alvarenga (2005) seria o desenvolvimento de um programa de computador (software) que buscasse uma interface amigável com o usuário, baseado no ambiente Windows, amplamente conhecido e utilizado.

Assim, surge um interesse maior pelo estudo da mente humana e pelo modo como a atuação do observador pode influenciar seu juízo sobre aquilo que observa.

Especificamente em relação a APO, a observação de um ambiente e de pessoas por um observador pode ser influenciada pelas experiências próprias, pré-concepções, sua cultura e diversos outros fatores. Assim, um observador que tivesse a sua mente destituída de idéias pré-concebidas estaria mais próximo de fazer um levantamento e análise mais próximo da realidade do ambiente e usuários do que um com a mente 'viciada'. (ALVARENGA, 2005:xxii)

Por influência de seu olhar mais "técnico/matemático, aliado a um certo grau de timidez, o autor é o único dentre as cinco pesquisas consideradas a optar pela aplicação dos instrumentos de análise via internet. Tal escolha, embora não inviabilize o estudo da Observação Incorporada, não corresponde a uma situação "ideal", uma vez que a interação com os usuários é uma das características mais destacadas desta abordagem.

3.6.2 Organização do material da dissertação

O autor divide a sua pesquisa em cinco capítulos. O primeiro (Fundamentação Teórica) é composto de um histórico das ciências cognitivas até a abordagem atuacionista proposta por Varela et al (1992), passando por temas como experiência, observação, percepção e atenção-consciência. O autor também inclui tópicos a respeito da avaliação de desempenho, com um breve histórico, e a abordagem atuacionista na Avaliação Pós-Ocupação.

O autor destaca a importância da assessoria da Prof^a. Rosa Maria Leite Ribeiro Pedro, do Instituto de Psicologia da UFRJ e do Prof. Dr. Mario Cesar Rodríguez Vidal, do GENTE/COPPE/UFRJ, que, em conjunto com Rheingantz, sinalizam novas e animadoras perspectivas teóricas e metodológicas para a Avaliação Pós-Ocupação.

A leitura de sua Fundamentação Teórica, muito bem estruturada, contém os principais conceitos relacionados com a cognição e com o modo como tais conceitos foram sendo estudados pelas diversas correntes de pesquisa, em especial na segunda metade do século XX.

Alvarenga (2005) consegue, dentre os cinco textos analisados, apresentar, de maneira bastante esclarecedora, os conceitos-chave relacionados à Observação Incorporada e as pesquisas de Rheingantz.

O capítulo 02 (Contextualização) apresenta os aspectos físico (localização, entorno) e social do estudo de caso, os edifícios a serem estudados e os ambientes que o compõe.

No capítulo 03 (Materiais e Métodos) são apresentados os instrumentos em uso e em desenvolvimento pelo Grupo ProLUGAR e, em seguida, aqueles que foram selecionados para aplicação no estudo de caso: walkthrough, questionários (*online*), Poema dos Desejos (*online*), tipologia do ambiente interno (*online*), mapeamento visual e preferência visual (*online*).

No capítulo 04 (Observação de Campo), o autor apresenta os dados coletados durante a pesquisa de campo, por meio da aplicação dos instrumentos selecionados.

No capítulo seguinte (Análise dos Dados) são feitas análises críticas dos dados coletados, a partir de uma análise atuacionista, por meio da Observação Incorporada do “observador-arquitecto”. (ALVARENGA, 2005:3)

Nossa análise se concentra nestes dois últimos capítulos (observação de campo e análise de dados), onde serão identificados elementos que nos permitam responder a questão colocada pelo instrumento de interpretação.

3.6.3 Caracterização/Identificação dos Sujeitos⁷⁸

O sujeito objeto de análise, Michael Alvarenga é graduado em Arquitetura e Urbanismo (2002) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Sua experiência profissional inclui projetos de arquitetura de interiores e comerciais/institucionais. Trabalhou no departamento de arquitetura de uma grande emissora de TV no Rio de Janeiro (1999-2002). Também possui experiência em projetos urbanos, tendo participado da equipe de trabalho de projetos de revitalização urbana.

Entre os meses de julho de 2003 e abril de 2005 esteve envolvido com sua pesquisa de dissertação de mestrado. Atualmente trabalha como arquiteto da Prefeitura Municipal de São João de Meriti e como professor substituto da Escola de Belas Artes da UFRJ.

A formação discursiva de Alvarenga (2005) é a de um pesquisador dotado de uma curiosidade natural, relacionada ao interesse pelos estudos de outros campos do saber.

⁷⁸ lattes.cnpq.br/5311425721149247 acessado em 13 de março de 2007

Dentro do contexto analisado – o texto da dissertação -, existem, além dele, os discursos dos sujeitos analisados pelo autor (os usuários do ambiente que ela analisa).

3.6.4 Contexto de produção

O estudo de caso é o setor administrativo de uma indústria de ferro gusa, dividido em três edifícios, localizada em Viana, no Espírito Santo. (FIGURAS 77 e 78)

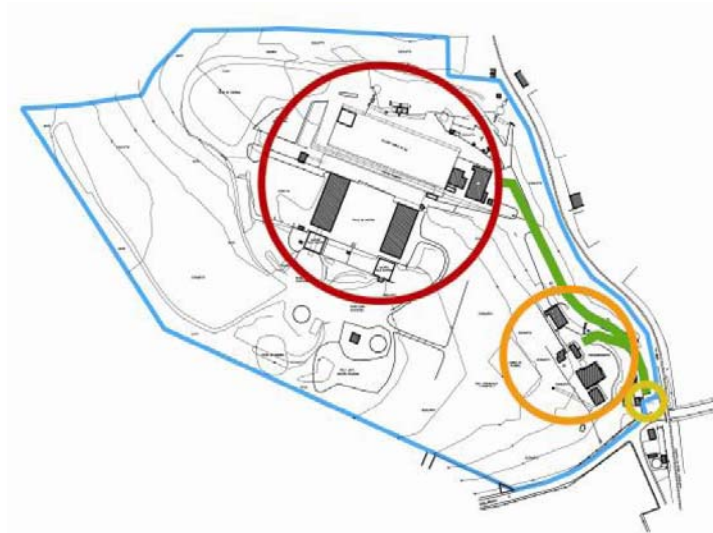


Figura 77: Terreno da Indústria: a parte industrial (em vermelho) e a parte administrativa (em laranja)
Fonte: Alvarenga (2005:34)

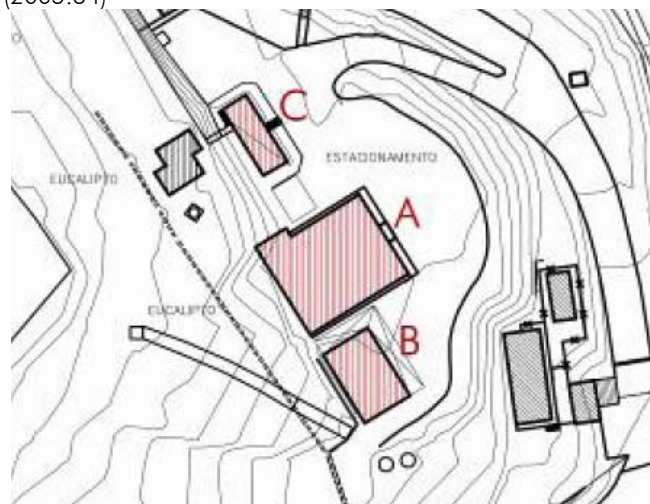


Figura 78: Os três edifícios analisados na pesquisa
Fonte: Alvarenga (2005:37)

No total, o estudo de caso compreende uma área útil de cerca de 550m². O autor considera todos os 25 usuários dos ambientes em sua pesquisa/aplicação de instrumentos.

3.6.5 Experiência ambiental e aplicação de instrumentos

Os materiais e métodos aplicados por Alvarenga (2005) no ambiente de escritório são, na seguinte ordem: (1) walkthrough, (2) questionários (*online*), (3) Poema dos Desejos (*online*), (4) tipologia do ambiente interno (*online*), (5) mapeamento visual e (6) preferência visual (*online*).

Uma característica de destaque em sua pesquisa, que a diferencia de Abrantes (2004), Rodrigues (2005) e Faria (2005) e a aproxima de Simões (2005), diz respeito à interação com os usuários.

O contato entre o pesquisador e os usuários que participaram da pesquisa ocorre entre dezembro de 2004 e janeiro de 2005, considerando o tempo de levantamento de campo (necessário para a atualização de plantas de arquitetura) e aplicação de instrumentos *in loco* (cerca de duas semanas) e a aplicação de instrumentos via internet.

Uma característica importante, que também está presente nas pesquisas de Abrantes (2004), Rodrigues (2005) e Faria (2005), é a inclusão de *todos* os usuários do ambiente na pesquisa, ainda que uma pequena parcela não tenha respondido a alguns instrumentos. (ALVARENGA, 2005:66)

O autor destaca que, enquanto os outros instrumentos foram aplicados num prazo de uma semana, "*a observação incorporada foi um instrumento (sic) que esteve sempre em processo de aplicação*"⁷⁹, ou seja, durante as visitas prévias e durante as duas semanas nas quais a pesquisa em campo foi aplicada; essa observação incorporada acontece à medida que os acontecimentos se dão." (ALVARENGA, 2005:62 grifo nosso)

Desta forma, o tempo de convivência tão reduzido não permite a *incorporação/imersão* do pesquisador no ambiente estudado e nos permite afirmar que a Observação Incorporada – que, dentre outros aspectos, prioriza o contato com usuários, o entendimento de suas realidades e necessidades – não tenha sido, de fato, empregada, como fio condutor da pesquisa. No entanto, ao produzir sua análise – sua interpretação – do material obtido através

⁷⁹ Aqui cabe um comentário: a Observação Incorporada não se configura como um instrumento de análise, mas como enfoque, abordagem, processo, postura, ou como sugere Lyotard (2002), uma condição perante um fato. Instrumentos possuem "prazo" de aplicação, enquanto que a Observação Incorporada é um processo que permanece em andamento, durante toda a duração de uma APO.

das respostas dos usuários aos instrumentos – o autor produz uma *Leitura Incorporada* baseada em sua *experiência ambiental* que pôde vivenciar durante o tempo em que esteve no local.

A Observação Incorporada foi *aplicada*, segundo o autor, seguindo os preceitos estudados, de forma “a manter a mente limpa, despida de preconceitos, aceitando o novo, deixando que a percepção do lugar fosse aos poucos sendo sentida, absorvida pelo observador (reflexão atenta).” (ALVARENGA, 2005, :62)

Desta forma, ao analisar o lugar ou algum aspecto específico, se colocando no lugar do usuário, apreender-se-ia se o referido aspecto era positivo ou negativo, independente de gostos pessoais pré-existentes ou juízos de valores. (ALVARENGA, 2005:62)

Através do relato do autor e das análises do ambiente – considerando o pouco tempo de contato com usuários e a aplicação de instrumentos via internet - é possível afirmar que ele tenha realizado uma “*walkthrough-incorporada*”, ou seja, que ele tenha tido uma experiência ambiental de atenção e abertura para detectar características do local – relacionadas principalmente a aspectos físicos, técnicos, funcionais e comportamentais – sem, no entanto, se aprofundar, ou mesmo manter, um contato com os usuários.

Segundo o autor, a escolha dos instrumentos, à exceção da Observação Incorporada, da *walkthrough* e das entrevistas, levou em consideração a possibilidade de aplicação via meio eletrônico:

Com a experiência adquirida anteriormente no Instituto de Psicologia da UFRJ, em relação à aplicação dos instrumentos, e visto que o mestrando José Ricardo Flores Faria obteve grande sucesso na aplicação de seus instrumentos com a ajuda da internet, e como na CBF Indústria de Gusa S.A. todos os usuários tem acesso à internet em suas estações de trabalho, foi feita uma enquete informal com os funcionários e todos responderam que prefeririam os instrumentos online aos em papel. (ALVARENGA, 2005:61)

Tal meio de interação com os usuários permite, em sua opinião, que os usuários possam se expressar de maneira mais livre, sem a influência da figura do “entrevistador”.

Optou-se pelo método *online* para que os usuários pudessem ter acesso facilitado e o observador-arquiteto pudesse testar uma alternativa à aplicação em formato tradicional, ou seja, via caneta e papel. Neste caso, pode-se perceber que neste processo onde os usuários têm a opção de responder as questões via computador, gera uma grande liberdade para os

mesmos e faz com que o papel do arquiteto-observador se foque na questão da observação atenta, de forma a compreender melhor aquilo que os usuários realmente almejam/pensam. A opção por esse método de aplicação garantiu uma maior agilidade na coleta e análise das respostas. (ALVARENGA, 2005:61)

A nosso ver, ainda que a interação digital se coloque como uma perspectiva metodológica da contemporaneidade, a *Observação Incorporada* requer um contato direto próximo entre usuário, ambiente e pesquisador, de forma a se criar elos e permitir o conhecimento e entendimento de suas realidades. Em um segundo momento desta interação, onde já se tenha conquistado um grau maior de confiança mútua, é possível que uma interação mais virtual seja testada.

Desta forma, embora a aplicação de instrumentos virtualmente seja uma possibilidade que se apresenta em APO, com vantagens como praticidade e rapidez na coleta e medição de dados, o contato com os usuários (como visto em Abrantes [2004], Faria [2005], Rodrigues [2005]) é fundamental para se conhecer suas expectativas, suas realidades e o próprio ambiente. No caso do autor, a partir de sua "*walkthrough-incorporada*", foi gerada uma experiência ambiental utilizado pelo autor em suas análises. Esta experiência gerada pode não corresponder, provavelmente, a mesma experiência das pessoas que ali convivem diariamente.

Retomando a questão inicial que guiou a nossa leitura, através do dispositivo de interpretação,

De que maneira a experiência ambiental do pesquisador, através do contato com usuários e ambiente analisado, contribui com sua avaliação a partir da abordagem da Observação Incorporada?

Assim como encontramos em Simões (2005), a falta de uma interação recorrente dificulta uma análise em que a questão cognitiva seja vista de maneira mais profunda, pois não permite acontecer uma maior aproximação com os usuários e a realidade daquele ambiente.

Não acontece a *imersão* que encontramos em Abrantes (2004, Rodrigues (2005) e Faria (2005), que fortalece em suas pesquisas e análises o caráter cognitivo. Em graus diferentes, os autores conseguem, devido ao tempo em que se propõe a vivenciar os ambientes, uma interação e cooperação por parte dos usuários, possibilitando um melhor entendimento de seus estudos de caso.

Alvarenga (2005) destaca que devido à maneira como alguns dos instrumentos foram aplicados (via internet), a Observação Incorporada, onde a presença física e a interação com o meio e usuários é vital, serviu como meio de *analisar e interpretar* as “respostas virtuais”.

Instrumentos aplicados via internet, sem que tivesse havido um prévio contato e vivência in loco não teriam a mesma importância. O convívio, o contato direto com os usuários, através das visitas ao local, possibilitou *uma leitura* mais precisa das respostas aos instrumentos. (ALVARENGA, 2005:111, grifo nosso)

A comparação entre os dados coletados e sua *interpretação*, através do olhar atento do observador, aplicando sua Observação Incorporada, teve como objetivo validar a contribuição deste enfoque ao processo de Avaliação Pós-Ocupação, de maneira a tornar a análise menos “fria” (ou behaviorista), agregando a experiência do observador no local ao processo de avaliação. (ALVARENGA, 2005:130, grifo nosso)

Ao *interpretar* o autor se coloca como analista do discurso: sua interpretação dos dados coletados oferece uma possibilidade de entendimento, dentre tantas outras possíveis.

Ao considerar a experiência dos usuários, e conseqüentemente, aquilo que eles *reportam* sobre seu ambiente e suas impressões, o autor se vale, mais uma vez, ainda que não consciente de tal fato, da Análise do Discurso. O enfoque da Observação Incorporada, ao considerar aquilo que não é explicitamente dito, o não-dito, engloba aquilo que o pós-estruturalismo defende: o que está além do discurso.

Como a aplicação *virtual* de instrumentos apresenta uma dinâmica diferente da Observação Incorporada “tradicional”, que implica necessariamente na interação com o outro, os métodos e instrumentos utilizados por Alvarenga necessitam maior aprofundamentos teórico e prático a serem explorados em trabalhos futuros.

Podemos concluir, pela leitura feita a partir do dispositivo de interpretação, que sua pesquisa se pautou pela aplicação de instrumentos, tendo como contribuição alguns aspectos relacionados com a sua experiência ambiental, decorrente da realização de uma *walkthrough*-incorporada. Suas conclusões se baseiam essencialmente na *leitura* e *interpretação* de instrumentos – que estamos chamando de *leitura incorporada*.

Desta forma, é possível considerar que este trabalho se vale de conceitos relacionados com a Análise do Discurso, fornecendo *uma* interpretação possível daquela realidade, da qual interagiu porém não fez parte.

3.7 CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ANÁLISES

Após a leitura crítica dos cinco estudos de caso de ambientes de escritórios, e a análise dos seus textos em conformidade com os métodos e procedimentos da Análise do Discurso indicados no capítulo *Materiais e Métodos*, é possível traçar um panorama geral sobre o material produzido.

A leitura das cinco dissertações não tem como objetivo a procura por erros e acertos, postura em desacordo com os conceitos pós-estruturalistas e pós-modernos vistos anteriormente. O objetivo é avaliar como as diferentes maneiras de se relacionar com o ambiente e seus usuários podem influenciar sua percepção e suas respectivas análises destes ambientes.

É importante ressaltar que as diferentes visões de mundo dos pesquisadores influenciam suas percepções de “realidade” dos ambientes observados. Realidade entre parêntesis – relacionada ao conceito de objetividade entre parêntesis (MATURANA, 2002) -, pois não a entendemos como uma única realidade passível de compreensão.

Mais do que isso, é preciso ter em mente que as histórias de vida, formação intelectual, cultural, social do observador – sua *formação discursiva* - influenciam a compreensão dos conceitos relacionados à Observação Incorporada e sua maior facilidade/dificuldade em colocar estes conceitos em prática.

Uma vez que todos tiveram acesso ao mesmo material que serve de base metodológica dos conceitos utilizados pelo ProLUGAR, assistiram às mesmas aulas e pelo grupo, participaram dos debates semanais, é possível partir da premissa que, em relação aos conceitos da Observação Incorporada, todos tiveram acesso às mesmas informações.

O modo como cada um percebeu, entendeu e “internalizou” tais conceitos depende diretamente de suas características pessoais, históricas, culturais, sociais, etc. Como resultado, cada um dos trabalhos possui características distintas no que se refere à postura do pesquisador perante o objeto de estudo.

Não é o escopo desta pesquisa “classificar” as características de cada um. No entanto, a partir da leitura de seus trabalhos – novamente cabe destacar, é uma análise baseada em *uma leitura possível* (ORLANDI, 2000, 2004, 2005) – é possível identificar aquele que obteve maior sucesso ao aplicar, na prática, o conceito da Observação Incorporada.

Monique Abrantes tem o mérito de ter realizado o estudo de caso-piloto. Por ocasião de sua defesa de dissertação, acolhendo sugestão da Prof. Dra. Rosa Maria Leite Pedro, o nome *Observação Incorporada* passa a ser utilizado, para caracterizar o novo enfoque do papel do observador-ator em uma APO, baseado nos conceitos atuacionistas de Maturana & Varela, que estava sendo descortinado.

Abrantes (2004) consegue, mesmo sendo o primeiro estudo de caso, atingir o objetivo de “fazer parte” da realidade do seu ambiente de estudo. Desta forma, a autora põe em prática conceitos que serão aprofundados nas dissertações que se seguiram. A observação minuciosa do ambiente estudado e sua interação com os usuários permitem reconhecer a abordagem da Observação Incorporada em sua análise, ainda que apresente um viés mais comportamental do que cognitivo; suas análises contemplam uma observação minuciosa a respeito das atividades dos usuários, no lugar de um aprofundamento do porquê de tais ações e sua relação com a cultura organizacional do ambiente.

Ana Paula Simões pautou seu trabalho na preocupação em incorporar aos saberes tradicionais da arquitetura, informações de outros “campos do conhecimento”, além daqueles utilizados usualmente em arquitetura: matemática, física, filosofia. Sua análise do estudo de caso é minuciosa, em aspectos técnicos e funcionais.

A autora teve dificuldades na aproximação com o ambiente de estudo e usuários – por razões alheias a sua vontade – e foi, dentre as pesquisas analisadas, aquela em que o número de respondentes aos instrumentos não correspondeu à totalidade dos usuários. Assim, em sua pesquisa, as impressões do observador – sua Observação Incorporada - adquirem uma grande importância no processo de avaliação.

José Ricardo Faria se vale de sua experiência com a arquitetura corporativa, e seu trabalho reflete sua familiaridade com a análise dos ambientes de escritórios. Sua análise é bastante

completa e acurada, tendo sido, a nosso ver, aquela que melhor incorporou os afetos dos usuários e do observador.

Faria (2005) foi, dentre os pesquisadores que se seguiram a Abrantes (2004), aquele que consegue um maior envolvimento com os usuários. Um fator que o ajuda é o seu recorte – a área de abrangência do estudo de caso, cerca de 200 m², que permite conhecer mais profundamente os dezessete usuários fixos envolvidos (FARIA, 2005:41).

Além disso, com base na aplicação da Leitura Incorporada⁸⁰ na análise do material produzido nos cinco estudos, é possível considerar que Faria (2005) explora sua afetividade em suas observações. Ele consegue angariar a simpatia das pessoas, bem como a cumplicidade e ajuda voluntária dos usuários no desenvolvimento de sua pesquisa. Por não possuir o perfil clássico do “pesquisador de laboratório” (LATOURET, 1994, 1997), ele provavelmente deixou as pessoas “desarmadas”.

Sua reconhecida experiência profissional (FARIA, 2005:20) o ajuda a ter um rápido entendimento dos principais problemas projetuais do ambiente observado. Com isso, ele tem tempo para *entender* os demais fatores envolvidos, bem como as relações entre usuários, os fluxos existentes nas necessidades do dia-a-dia. *Conhecer* bem o local e seus usuários e *experienciar* o ambiente é o diferencial de sua pesquisa.

Helena Rodrigues, por sua vez, se vale de sua experiência de campo com APO na FIOCRUZ na elaboração, aplicação instrumentos selecionados e na análise dos resultados. Sua vocação e experiência foi compartilhada com os demais orientandos, especialmente na antevisão dos prováveis problemas nos demais estudos de caso. Ela também contribuiu com as bases para a construção da Matriz de Descobertas, instrumento desenvolvido pela equipe de APO da FIOCRUZ com a finalidade de organizar visualmente suas análises e descobertas.

A pesquisa de Rodrigues (2005), que estava encarregada da coordenação executiva da APO realizada no edifício-sede da Casa de Rui Barbosa, apresenta uma série de tabelas, gráficos, dados comparativos, que indica uma forte tendência adquirida pela autora na produção de relatórios técnicos para a FIOCRUZ. Sua pesquisa abrange uma grande área (4000m²), onde

⁸⁰ Como citado anteriormente, participei como ouvinte das reuniões do grupo na época em que ainda estavam discutindo os conceitos de Observação Incorporada e antes que começassem a pesquisa em campo.

foram aplicados instrumentos tradicionais da APO. Apesar do recorte escolhido para ser seu estudo de caso (o Centro de Pesquisa, com cerca de 300m²) contar com um pequeno intervalo de tempo para a aplicação dos conceitos atuacionistas da Observação Incorporada, é possível perceber a forte interação da autora com ambiente e usuários, resultando em uma pesquisa minuciosa, de caráter predominantemente técnico/funcional.

Michael Alvarenga contribuiu com uma formulação mais clara e precisa dos conceitos relacionados com a cognição (cognitivismo, conexãoismo, atuacionismo), assim como sobre observação, percepção, experiência e atenção-consciência. Sua fundamentação teórica apresenta, de forma sucinta e compreensível, os principais pontos que deram origem à Observação Incorporada.

Tal fato pode ter sido influenciado pela sua natural introspecção e pelo seu interesse por novas perspectivas teóricas, além do fato de ter sido o último trabalho apresentado – portanto, com mais tempo para o amadurecimento dos conceitos - dentre os cinco que configuram o projeto de pesquisa.

Alvarenga (2005) optou por aplicar seus instrumentos *online*, via internet. Embora seja uma nova perspectiva que se abre, é importante salientar que tal postura ainda precisa ser estudada, especialmente no sentido de compatibilizar a Observação Incorporada, abordagem onde a interação com usuário é vital, com um método onde a tal interação seja virtual. A aplicação de formulário de pesquisa via computador é uma realidade.

Devido a este aspecto singular em sua pesquisa, aliado ao pouco tempo de interação com ambiente e usuários, consideramos que sua pesquisa é aquela em que a leitura interpretativa dos instrumentos – baseada em sua experiência ambiental - tem o maior peso, uma vez que se constituiu o único parâmetro para confrontação com os resultados obtidos pelos instrumentos aplicados via internet.

Del Rio (2005), em palestra realizada na disciplina Seminários de Arquitetura, Ergonomia e Cognição (ministrada em conjunto pelos profs. Paulo Afonso Rheingantz, Rosa Pedro e Mario Vidal, no segundo semestre de 2005) fez um relato sobre sua experiência, bem sucedida, de uso da internet para pesquisa de opinião de usuários, com objetivo de levantamento de necessidades para o desenvolvimento de projetos urbanos, através de pesquisa desenvolvida

na Universidade da Califórnia, em San Luis Obispo; a própria pesquisa de Faria (2005) tem, também, questionários aplicados via internet. A diferença é que *além* da aplicação online há, no caso de Faria, um contato interpessoal intenso.

Na Tabela 02, os nomes dos autores das dissertações analisadas aparecem na ordem em que foram defendidas. De maneira resumida, esta tabela contém as características mais marcantes de cada trabalho, de acordo com a minha leitura de seus textos. É importante destacar que estas características são fruto de *uma* leitura de seus textos, portanto, uma *interpretação* dentre tantas outras possíveis, não tendo a pretensão de representar ou de classificar seus trabalhos em escalas de valores.

Tabela 02: Autores e principais características

Autor	Pontos a destacar
ABRANTES (2004)	Fundamentação Teórica (Edifícios Escritórios), Interação com usuários, Percepção ambiental.
SIMÕES (2005)	Visão de mercado; rapidez de análise
FARIA (2005)	Interação com usuários, Percepção ambiental
RODRIGUES (2005)	Pesquisa de Campo, Levantamento minucioso de dados técnico-funcionais
ALVARENGA (2005)	Fundamentação Teórica (Observação Incorporada), Leitura Interpretativa de dados

Desta forma, esta convivência entre pesquisadores com escopos e características distintas, realizando estudos dentro de uma mesma linha de pesquisa é uma pequena amostra de como a diversidade e complexidade defendidas pelas correntes da pós-modernidade e do pós-estruturalismo são características presentes e, mais do que isso, um ganho para as pesquisas.

Através da interação entre os pesquisadores e a troca de informações ocorridas durante as reuniões do grupo é possível vislumbrar a construção de uma rede de informações, o chamado *pensamento complexo*, uma vez que "*complexus* significa 'o que é tecido junto'" (MORIN, 1999:33)

Na Tabela 03 é apresentado um estudo comparativo entre as dissertações, que leva em consideração a área analisada, a relação entre o número de usuários deste ambiente, a quantidade de instrumentos aplicados e a duração do contato entre pesquisador e usuários.

Tabela 03: Autores e características quanto ao local/instrumentos/usuários

Autor		ABRANTES (2004)	SIMÕES (2005)	FARIA (2005)	RODRIGUES (2005)	ALVARENGA (2005)
Local do Estudo de Caso		Centro, RJ	Alphaville, SP	Ilha do Fundão, RJ	Botafogo, RJ	Viana, ES
Área ⁸¹		110m ²	Aprox. 1030m ²	200m ²	300m ² (Centro de Pesquisa)	550m ²
Nº. usuários fixos ⁸²		26	74/84	17	45 (Centro Pesquisa)	25
Nº. usuários consultados ⁸³		26	16	17	45 (Centro Pesquisa)	25
Instrumento/Nº. usuários consultados ⁸⁴	Walkthrough					
	Avaliação Técnica				125 ambientes	
	Avaliação Funcional				125 ambientes	
	Questionário	26	16	12	134	21
	Entrevista	26	16	17	45	
	Tipologia de Ambiente Interno		16	8	22	12
	Mapeamento Visual	26	16	17	18	13
	Mapeamento Cognitivo		14	17	16	
	Mapeamento Conceitual					
	Poema dos Desejos	26	14	22	20	10
	Análise de Tarefa					
	Preferência Visual	26				13
Tempo de coleta de dados ⁸⁵		2 meses; diário	3 meses; 10 visitas	3 meses; 2xsemana	5 meses; diário	2 meses; 2 semanas
Tempo de convivência com usuários ⁸⁶		aprox. 40 dias	aprox. 6 dias	aprox. e 24 dias	aprox. 100 dias	aprox. 5 dias
Legenda		aplicado		não aplicado		

⁸¹ Abrantes (2004:62), Simões (2005:91), Faria (2005:41), Rodrigues (2005:24), Alvarenga (2005:32)

⁸² Abrantes (2004:62), Simões (2005:59), Faria (2005:41), Alvarenga (2005:62)

⁸³ Faria (2005:76)

⁸⁴ Fonte Rodrigues (2005:53)

⁸⁵ Fonte Simões (2005:58), Faria (2005:78), Rodrigues (2005:46)

⁸⁶ Fonte Simões (2005:58), Faria (2005:78), Rodrigues (2005:46)

Podemos perceber nos casos analisados que quanto menor a área estudada e maior o tempo de interação com usuários, mais precisos são as análises e os resultados apresentados.

Abrantes (2004) e Faria (2005) conseguem chegar a conclusões mais precisas (o que, no caso da Observação Incorporada, significa entender o ambiente e usuários, suas necessidades, aspirações, relações) por algumas razões. Ambos escolheram ambientes com área inferior a 200m². Tal opção possibilitou que, no curto espaço de tempo disponível que o cronograma de pesquisa do Mestrado permite para aplicação de pesquisas de campo (em geral três meses), os pesquisadores conseguiram fazer uma análise completa de aspectos técnicos (construtivos, de conforto ambiental, mobiliário, instalações, etc.).

Feita esta análise, os pesquisadores conseguem tempo hábil para fazer contato – e conhecer com mais profundidade - *todos* os usuários que utilizam o ambiente, no seu dia-a-dia. No caso de Abrantes (2004), não fez parte de sua análise apenas o mensageiro (que não permanecia no escritório); no caso de Faria (2005), os estudantes que apenas tem aula a cada 15 dias no local. Com isto, os pesquisadores conseguem entender o ambiente a partir do olhar de seus usuários.

Outro fato que merece destaque é em relação à cultura organizacional dos ambientes analisados. No caso de Abrantes (2004), a política da empresa prioriza um relacionamento predominantemente *horizontal*, isto é, todos os funcionários se relacionam em condições de igualdade, inclusive com seus superiores hierárquicos, todos convivendo em um mesmo ambiente.

No caso de Simões (2005), a empresa escolhida para seu estudo de caso possui características de relacionamento fortemente *verticais*, de cima para baixo, isto é, onde as diferenças hierárquicas são exploradas e explicitadas. Os subordinados e seus superiores hierárquicos não convivem em um mesmo ambiente, estes últimos possuindo salas individualizadas.

Em Alvarenga (2005), pela característica singular de sua pesquisa – a quase virtualidade do pesquisador, estas diferenciações hierárquicas e de culturas organizacionais não são sentidas em suas análises. Neste sentido, a ausência da presença física do pesquisador no ambiente pesquisado durante longo tempo – e conseqüentemente a falta de uma maior interação com

usuários – é uma fato que precisa ser melhor analisado, à luz da abordagem da Observação Incorporada.

Faria (2005) por sua vez também se beneficia de um ambiente de cultura organizacional horizontal para a aproximação com os usuários. Além disso, o fato deste ambiente ter um viés *educacional* – é um centro de pesquisa universitário – pode ter feito com que seus usuários tenham demonstrado interesse na participação de sua pesquisa.

O ambiente pesquisado por Rodrigues (2005), embora possua características hierárquicas predominantemente verticais, também se caracteriza por seu aspecto educacional e de pesquisa, fato que, aliado ao fato de estar realizando uma pesquisa solicitada pelo próprio ambiente analisado, auxilia a autora no desenvolvimento de sua pesquisa.

Desta forma, podemos, a grosso modo, separar os ambiente analisados em duas categorias: os com características predominantemente *comerciais* (empresas) e os *pesquisa*.

Dentre os comerciais (ABRANTES, 2004; SIMÕES, 2005; ALVARENGA, 2005), aquele onde a cultura organizacional favorece uma maior integração entre funcionários permite também uma maior integração com o pesquisador (ABRANTES).

Em relação aos ambientes com características de centro de pesquisa (RODRIGUES, 2005; FARIA, 2005) o mesmo ocorre; a diferença está no enfoque dado pelo pesquisador: Rodrigues – pela natureza de seu trabalho – desenvolve uma APO mais investigativa a respeito de aspectos técnicos e funcionais enquanto Faria, sem abrir mão deste tipo de análise, também apresenta uma pesquisa onde a experiência ambiental do pesquisador e sua interação com usuários é bastante explorada.

As diferentes histórias de vida dos mestrandos confirmam Maturana (2001) e evidenciam diferentes visões de mundo. Esse fato gera um primeiro ponto de reflexão: se em um grupo tão pequeno de profissionais com interesses de pesquisa afins é possível encontrar tantas características diferentes, como é possível, em um espaço amostral maior, não considerar a influência dos fatores sócio-culturais e sua importância no conteúdo dos seus discursos – ou segundo Maturana (2001), os relatos de suas experiências e, principalmente, sua influência nos resultados e descobertas?

Acreditamos que a Análise do Discurso ofereça recursos para o entendimento de que *interpretamos* os discursos de sujeitos imersos em uma rede de complexidades (MORIN, 1999; PEDRO, 1996), a partir de nossas próprias interpretações de realidade. Assim, em conjunto com a inclusão dos temas recorrentes da pós-modernidade (diferença, sujeitos, realidades, etc.) e ao pós-estruturalismo (onde se inclui a Lingüística, e pensadores como Pêcheux, Bakhtin, etc.), a Observação Incorporada se fortalece como postura indispensável para um melhor entendimento da análise de ambientes e usuários envolvidos.

Desta forma, devemos ter em mente que nos discursos dos autores analisados estão presentes não só suas experiências pessoais, visões de mundo, mas, neste caso específico, as trocas de experiências e estudos dirigidos realizados nas reuniões do grupo ProLUGAR, as sugestões/orientações dadas pelo Prof. Paulo Afonso Rheingantz, as contribuições da Prof^a. Rosa Pedro e Prof. Mario Vidal, formando uma grande rede de informações, interpretada de maneira diferente por cada pesquisador. Esta construção conjunta do conhecimento ilustra, de maneira bem clara, o que Vigotski (1995) chama de zona de desenvolvimento proximal (ZDP)⁸⁷

Como esclarece Rheingantz (2005), o conceito de ZPD explica a nossa capacidade de resolver problemas mais complexos do que aqueles tradicionalmente propostos para o nosso nível de conhecimento, por meio da cooperação e da interação com outras pessoas.

3.8 CONSIDERAÇÕES A RESPEITO DA LEITURA INCORPORADA

A partir da aplicação do Dispositivo de Análise proposto nesta pesquisa, alguns pontos podem ser observados:

- A *interpretação* é um conceito fundamental para a análise das diferentes possibilidades presentes nos textos produzidos;
- A análise do autor da dissertação analisada já é produto de sua interpretação perante os fatos que pesquisou;
- Ao produzir leituras possíveis do texto analisado, a partir de uma pergunta/questão a ser considerada, o material analisado adquire novas perspectivas/novas leituras – tendo-se sempre em mente que é *uma* leitura, não *a* leitura;

⁸⁷ A ZDP é entendida como um processo que permite que o indivíduo desenvolva atividades/funções/conhecimentos que ainda estão em processo de amadurecimento e que, com a ajuda do outro – mais *experiente* –, torna-se capaz de realizar.

- O Dispositivo de Análise ajuda na observação de aspectos *objetivos*, dentro da subjetividade proposta;
- Possibilita uma leitura e análise de textos com embasamento teórico, através da Análise do Discurso, disciplina que se desenvolve desde os anos 60 com grande força não só na França, seu país de origem, mas também no Brasil;
- Contribui para a APO, ao considerar que as análises feitas dos discursos dos sujeitos/usuários dos ambientes estudados consideram fatores como sua história, cultura e inserção social, dentro da complexidade e unicidade de cada indivíduo;
- Entende a “não-transparência” da linguagem e que as palavras “não espelham” o pensamento dos indivíduos, de forma a colocar que aquilo que se apreende do discurso de outrem não corresponde em 100% daquilo que ele possa querer dizer;

Desta forma, ao trazer para o debate o ponto de vista da pós-modernidade e do pós-estruturalismo, nos pensamentos dos autores apresentados, a Análise do Discurso se apresenta como um enfoque teórico que possibilita considerar os fatores complexos aos quais estamos todos sujeitos, no nosso “campo do conhecimento” arquitetônico, em especial na APO, entendido em um contexto de imersão na diversidade e complexidade da contemporaneidade.

3.9 SUGESTÃO PARA PESQUISAS FUTURAS

Com base na leitura e interpretação das cinco dissertações aqui analisadas, é possível destacar alguns pontos a serem observados em futuras pesquisas acadêmicas, onde o tempo para aplicação prática dos instrumentos de campo no estudo de caso é reduzido:

- Restringir o recorte (a área de aplicação dos instrumentos) a um valor não superior a 500m² (O valor ideal estaria em torno de 250m²) Dentro deste valor sugerido, caso não seja suficiente para o estudo de um escritório/empresa como um todo, que esteja incluída uma área completa, ou seja, no caso de um grande escritório, que este recorte corresponda a todo um setor, por exemplo, o setor de recursos humanos, o setor jurídico, etc.
- Considerar que neste recorte *todos* os usuários fixos devem ser pesquisados: é fundamental conhecer as pessoas: suas histórias de vida, seus anseios, suas necessidades, seus *hobbies*, suas relações no ambiente de trabalho, os fluxos que

realizam em suas tarefas, etc. A escolha por entrevistar todos os envolvidos no ambiente analisado além de propiciar um melhor conhecimento do ambiente, evita situações de exclusão: porque ele foi ouvido e eu não?

Dentro deste contexto, sempre que possível, aplicar a Análise da Tarefa que, como visto em Abrantes (2004), serve não só para um entendimento correto das rotinas e fluxos do trabalho executado, mas permite uma maior aproximação com o usuário.

- Ter uma postura “*light*”: não adianta explicar aos envolvidos que se trata de uma pesquisa que tem o propósito de entender seus anseios e propor ambientes mais responsivos, se o pesquisador ficar num canto observando e anotando tudo o que ocorre: dependendo de situações específicas (como visto em Simões 2005) as pessoas podem se sentir intimidadas e agir de maneira artificial; suas respostas aos instrumentos propostos podem ser aquilo que elas julguem ser o ideal em uma resposta e não aquilo que realmente pensem.

Ao se incorporar ao ambiente de pesquisa, como Abrantes (2004) e Faria (2005), o pesquisador acaba por perceber e conhecer muitos detalhes que não constariam no escopo de um questionário ou *checklist*.

- Planejar uma certa disponibilidade de tempo para a dedicação ao estudo de caso. São necessárias mais do que algumas visitas para que usuários se sintam a vontade com o pesquisador e consigam percebê-lo como um aliado: no caso de Abrantes (2004) e Rodrigues (2005), as pesquisadoras viraram “colegas” de trabalho, participando da rotina do ambiente estudado⁸⁸. Assim, para uma análise que priorize o aspecto cognitivo/qualitativo é desejável uma completa *imersão* no ambiente objeto de estudo.
- Aplicar instrumentos que não cansem ou desestimulem os usuários. Questionários muito longos cansam as pessoas. Evitar aplicar uma bateria de instrumentos de uma só vez, para que o usuário não se sinta testado, nem numa maratona. Meia hora é mais do que suficiente – lembre-se de que os estudos de caso são escritórios/empresas, geralmente particulares, onde a ausência do funcionário por um longo período de tempo é sentida.
- Organizar o tempo disponível para as análises técnicas é fundamental. Não se deve, porém, numa avaliação que priorize a Observação Incorporada, gastar 80% do tempo

⁸⁸ Abrantes (2004) relata que meses após o encerramento de sua pesquisa, foi convidada a participar da confraternização de fim de ano da empresa.

com análises de ar condicionado, instalações hidráulicas, etc. Separar parte do tempo para este tipo de avaliação é fundamental, pois faz parte da análise de uma APO. No entanto, o excesso de informações desse tipo pode acabar fazendo com que a avaliação centrada nos usuário e sua relação com o ambiente, foco da Observação Incorporada, fique em segundo plano.

- Ainda em relação ao tempo disponível é muito importante definir o objeto de pesquisa com bastante antecedência, preferencialmente ainda na época do curso das disciplinas obrigatórias do Mestrado⁸⁹: em quatro das cinco dissertações os autores alegaram que perderam grande parte do tempo procurando empresas/escritórios que se dispusessem a serem avaliados. O motivo desta dificuldade, alegado por todos, é o medo que as empresas possuem em estar sendo avaliadas, por diversos motivos, que incluem: medo da divulgação, de que ocorra vazamento de informações consideradas importantes, de que estejam praticando algo considerado “errado” em relação a relacionamento com funcionários, etc.

Rodrigues (2005) foi a única pesquisadora que não teve dificuldade em selecionar um estudo de caso, pois estava realizando uma APO solicitada pela própria instituição à FIOCRUZ.

A Observação Incorporada não é um instrumento. É uma postura do pesquisador perante o ambiente, os usuários e com ele mesmo. Portanto, ela não é realizada ou feita em dado momento. É uma postura que deve permear a interação com o ambiente/usuário desde o início da pesquisa até o fim. É uma postura, baseada em conceitos atuacionistas, que busca um melhor entendimento e percepção do ambiente e das relações que se estabelecem.

Entendemos desta forma que a Observação Incorporada possui características nas quais a *interação*, tanto com o ambiente como com os usuários, é fundamental. Para se entender a realidade do ambiente estudado – entendida não como uma realidade estática mas, alinhada com o pensamento pós-moderno e pós-estruturalista, como um acontecimento de múltiplas realidades que acontecem ao mesmo tempo – a *incorporação* ao ambiente é um fator primordial para um melhor entendimento e uma análise onde se priorize a questão cognitiva e qualitativa: estes aspectos constituem a chamada experiência ambiental.

⁸⁹ O desenvolvimento dos trabalhos das disciplinas podem estar diretamente ligados ao futuro estudo de caso do pesquisador, especialmente nas disciplinas de Avaliação Pós-Ocupação.

A partir desta experiência, o observador é capaz de analisar o material que obtém através da aplicação dos instrumentos selecionados, produzindo uma leitura incorporada, que explicita o caráter interpretativo da análise.

Como verificamos nas diferentes experiências ambientais produzidas pelas cinco pesquisas mais recentes do ProLUGAR, independente do grau de aproximação e interação entre pesquisador, usuários e ambientes, esta interpretação possui um caráter bastante importante. A Figura 79 apresenta um esquema ilustrativo da relação entre a Observação Incorporada e sua interligação interpretativa com os instrumentos selecionados pelo pesquisador.

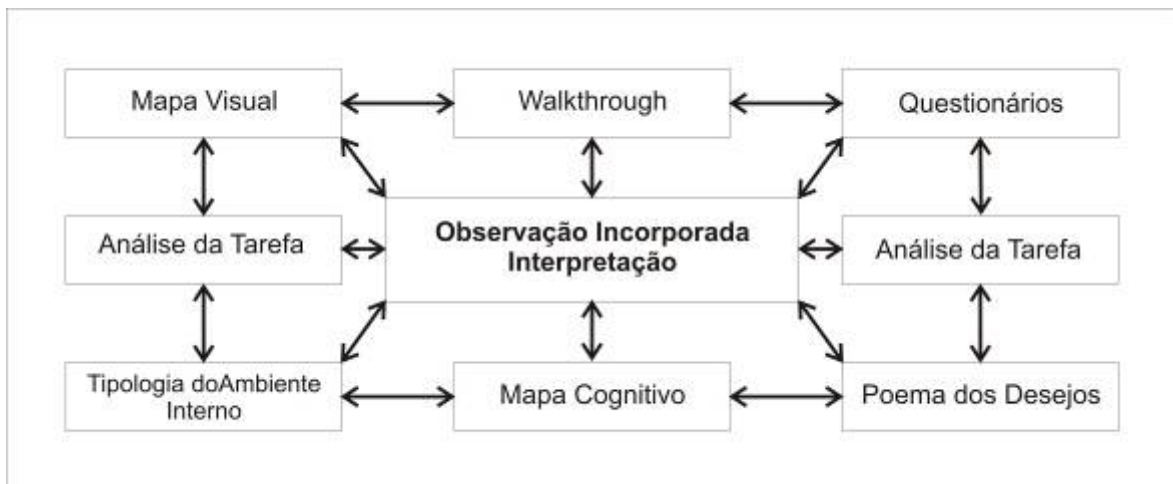


Figura 79: Esquema da relação da Observação Incorporada, instrumentos de APO e a interpretação.
Fonte: Baseado em Faria (2005:60)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A possibilidade de descobrir mecanismos capazes de reunir mente e corpo, de modo a recuperar o componente atenção/consciência da reflexão-na-ação sugere um re-significar de nossa herança behaviorista, em benefício de uma prática menos previsível, mas capaz de nos fazer reconhecer que toda a obra humana, inclusive a ciência, só existe para tornar a vida dos homens mais agradável sobre a Terra. (RHEINGANTZ, 2004:9)

Neste capítulo de encerramento serão apresentados os pontos considerados mais relevantes encontrados durante o percurso desta pesquisa.

O título do trabalho “Observação Incorporada e Análise do Discurso no contexto do Pós-estruturalismo e da Pós-modernidade: revisão crítica da contribuição do grupo ProLUGAR para a Avaliação Pós-ocupação e para a pesquisa em Arquitetura”, embora longo, apresenta um resumo do caminho percorrido.

Qual seria então este contexto? Em se tratando de um trabalho do “campo do conhecimento” – utilizando um jargão bem *moderno* - da Arquitetura, nada mais justo do que oferecer um panorama, ainda que bem resumido, daquilo que faz parte do acervo discursivo dos arquitetos: o Modernismo e o Pós-Modernismo.

Este acervo teórico e imagético apresentado é baseado em bibliografia de autores com reconhecida competência, no âmbito da História e Teoria da Arquitetura (ULRICH,1971; MONTANER, 1999, 2002a, 2002b, 2002c; CONNOR, 2000; FRAMPTON, 2000,2001; HAYS,2000; COLQUHOUN, 2002, 2004; DROSTE, 2006; NESBITT, 2006, JENCKS,2006; JENCKS &KROPF, 2006).

A partir desta exposição, existe uma questão que me acompanha desde os tempos de graduação: fala-se em ser “modernista” ou “pós-modernista”, como uma espécie de filiação partidária, ou como se tal escolha fosse algo semelhante ao sentimento que aproxima torcedores a determinados times de futebol.

No entanto, esta filiação, em geral, se resume a uma discussão meramente estética, relacionada às questões de preferência pessoal por uma imagem, por uma forma, ou como se costuma falar, um *partido arquitetônico*.

O fato que mais me chama a atenção, neste sentido, é a desconsideração de que por trás da questão estética, existe um embasamento teórico e filosófico, um *discurso*. No caso do Modernismo, segundo Habermas (1980, 1981, 2002), existe um discurso filosófico que fornece as bases de seu pensamento – o chamado projeto da Modernidade - que, em sua análise, ainda permanece inacabado.

E, como já expomos em nosso capítulo inicial, este discurso traz embutido em seus preceitos uma série de pré-conceitos, uma série de normas e prescrições universais - que incluem a instauração de uma nova História, de um novo Homem -, que ainda são empregados mesmo tendo passado quase um século da publicação dos primeiros manifestos – como, por exemplo, os de Adolf LOOS (*Ornamento e Crime* [1908]), Walter GROPIUS (*Bauhaus* [1919]), LE CORBUSIER, (*Por uma arquitetura* [1920], *Os Cinco Pontos da Nova Arquitetura* [1926]) e a Carta de Atenas (1933) -, produzindo, ainda hoje, efeitos negativos sobre as cidades.

É inegável o apelo estético da Modernidade. As residências, em sua maioria, são belíssimas; algumas constituem verdadeiras obras de arte e, como tal, deveriam ser entendidas: são objetos de *contemplação*, não necessariamente de *habitação*. – de uso e fruição pelo homem. As torres de vidro, por sua vez, são imponentes, constituem elementos marcantes na paisagem, não há dúvida.

Neste ponto, uma pesquisa baseada em Lynch (1999) - sem que seja feita uma releitura de sua metodologia, como, por exemplo, a que propomos - encontraria terreno fértil: as imagens são fortes, quanto a isso não há o que discutir.

Entretanto, a proliferação das torres de vidro, as cópias indiscriminadas das casas, que desconsideram particularidades e características regionais, o urbanismo “arrasa-quarteirão” baseado na tabula rasa e que destrói a cidade tradicional, pois é pensado para o automóvel em detrimento do pedestre, trouxeram ganho na *qualidade de vida* de seus usuários?

Neste sentido a releitura proposta – que não pretende esgotar o assunto, apenas trazê-lo ao debate – chama a atenção para que se considere o contexto em que a pesquisa foi realizada e sua adaptação aos contextos, sujeitos, ambientes e demais fatores (históricos, sociais, culturais) em que nossas pesquisas se desenvolvem.

Estas questões levantadas, dentre tantas outras possíveis, é que devem ser analisadas, por exemplo, quando um estudante se diz “modernista”. Ou quando ele utiliza um método, tradicionalmente aceito como eficaz, sem que esteja ciente das condições em que tal discurso foi proferido.

É evidente que em uma perspectiva pós-modernista, com a qual me identifico, não há lugar para o certo e o errado, ou isto ou aquilo; o que é importante é salientar a necessidade de que, ao exercer sua liberdade, filiação, gosto, estética, o sujeito esteja consciente de que existe um *discurso* que fornece embasamento a esta ou aquela teoria, e que o auxilia na construção de seu próprio discurso, de sua coerência crítica.

Não tenho a ilusão de que a Pós-Modernidade *represente* uma solução ideal aos problemas criados/exacerbados pela Modernidade. Porém, acredito em sua intenção de oferecer alternativas, em permitir a diferença, em valorizar a complexidade, em procurar ouvir os diferentes sujeitos – trazendo ele de volta ao centro do debate -, em tentar englobar a diversidade de experiências, enfim, em enxergar múltiplas possibilidades, diferentes olhares. Enfim, em buscar novos horizontes aos dogmas, paradigmas e grandes narrativas da Modernidade (LYOTARD, 2002).

Em diversas ocasiões tenho notado que a Pós-Modernidade, em Arquitetura, aparece frequentemente associada ao pastiche, ao deboche, fato talvez relacionado à variedade possibilitada pela sua riqueza de experiências e experimentações: os vários estilos, as diversas correntes – que tornam inviáveis as *classificações* das obras, ou a constatação de características que possibilitassem a definição do que seria “uma” arquitetura pós-moderna - são na verdade uma mostra daquilo que ela pode ser, dos diferentes discursos apresentados pelos arquitetos - todos válidos e formadores de um *corpus* complexo e diversificado.

Em relação às características mais marcantes das duas correntes - a simplificação da Modernidade versus a valorização da complexidade da Pós-Modernidade -, duas frases de

dois grandes expoentes destas abordagens - Mies van der Rohe e Robert Venturi, respectivamente - apresentam, de maneira bem sucinta, suas posições: “Menos é mais” e “Menos é chato” (in JENCKS, 2006:91)

Neste sentido, o termo *discurso*, mais uma vez, demonstra sua importância na construção crítica deste trabalho. Ao estudar o discurso filosófico da Modernidade e da Pós-Modernidade, é possível identificar que seus embasamentos teóricos encontram fundamentação nas correntes estruturalistas e pós-estruturalistas, respectivamente.

Os primeiros, baseados na Lingüística de Saussure (1997), apresentam uma visão mais fechada do texto, do discurso, entendido dentro de uma forte coerência interna, baseada em regras e análises. Neste entendimento, não há sentido fora do texto.

Os pós-estruturalistas, por sua vez, entendem que fora do texto, além do discurso, existem possibilidades, ligadas, por exemplo, a *interpretação* de cada sujeito, afetada por fatores históricos, sociais, culturais, etc.

A noção de interpretação passa por ser transparente quando na realidade são muitas e diferentes suas definições. Na maior parte das vezes os teóricos a utilizam como se ela fosse evidente. A sua importância, no entanto, a coloca como objeto de atenção e estudo, pois, embora ela seja mais relevante para as ciências da linguagem, ela está presente no exercício das ciências humanas, em particular, e de qualquer ciência, em geral. (ORLANDI, 2004b:9)

Nesta última corrente, encontramos o fértil trabalho de Pêcheux (1990, 1995, 2006) e a constituição da Análise do Discurso de linha francesa baseada em seus trabalhos. O Brasil possui grandes pesquisadores dedicados a este campo, em especial o trabalho desenvolvido por Orlandi (2004a, 2004b, 2005a, 2005b), principal fonte teórica utilizada em nosso trabalho.

Desta forma, ao relembrar o percurso desenvolvido pela pesquisa, relacionamos os temas propostos pelo trabalho (pós-modernismo, pós-estruturalismo, Análise do Discurso). Sua relação com a APO e a Observação Incorporada, a nosso ver, é bastante rica e merece ser aprofundada.

A partir do enfoque adotado pelo grupo ProLUGAR, que valoriza o papel e a experiência do observador na interação com o ambiente e usuários, entendemos que há uma forte ligação entre esta postura e os preceitos relacionados aos temas abordados.

Como concluímos no capítulo de Análises Críticas, a Observação Incorporada, ao propor uma *leitura interpretativa* da *experiência* do observador e dos dados colhidos em campo, como principal fonte de avaliação do ambiente, está se valendo dos conceitos de interpretação, à luz da abordagem da Análise do Discurso.

Esta *experiência ambiental* proporcionada pela Observação Incorporada, aliada a aplicação de uma gama de instrumentos disponíveis para avaliação de desempenho do ambiente, gera um rico material de análise – constituindo um *corpus* que o avaliador terá em mãos para sua análise – a partir do qual, através de sua *leitura incorporada*, produz os resultados/relatórios da APO.

Esta mesma leitura interpretativa foi utilizada na análise das cinco dissertações mais recentes do grupo, proposta por este trabalho. Este dispositivo de interpretação, baseado em Orlandi, e adaptado às necessidades e limitações de um profissional “leigo”⁹⁰, se mostra uma ferramenta bastante rica e que possibilita a inclusão na análise de diferentes aspectos, como por exemplo, a não transparência da linguagem (BAKHTIN,2006), a incompletude dos discursos (ORLANDI,2005a), a importância da experiência do pesquisador (CAPRA, 1997;VARELA *et al*, 2003), a incerteza dos fatos científicos (PRIGOGINE,1996), a não-neutralidade do pesquisador (PÊCHEUX, 1990), as diferenças perspectivas entre os sujeitos – pesquisador/usuários (RHEINGANTZ,1998) , as complexidades das relações (MORIN, 1991).

Esta interpretação deve ser entendida dentro de um contexto de *objetividade entre parêntesis* (MATURANA, 2002), pois as análises que ela permite não pretendem fazer referência a uma realidade independente de quem observa – e analisa. É uma análise onde sujeitos produtores dos discursos são contextualizados – historicamente, socialmente, culturalmente, etc. – e cujos discursos também são contextualizados, dentro de um domínio explicativo (MATURANA, 2002).

⁹⁰ Leigo por não ter formação específica em Lingüística, fato que enriqueceu a experiência, uma vez que esta metodologia visa a aplicação por outros pesquisadores igualmente “leigos”.

Desta forma, alinhado com as posturas defendidas pelos autores referenciados, tanto o instrumento quanto as análises apresentadas, não são definitivos. Eles estão abertos a novas interpretações, a adaptações aos diferentes sujeitos que dele se utilizem ou de suas leituras particulares.

Como a relação linguagem/pensamento/mundo é uma relação aberta, nós consideramos a interpretação como função dessa incompletude, pois ela funciona na passagem entre linguagem/pensamento/mundo. Sem esquecer que, na perspectiva discursiva, a incompletude é também o lugar do possível. (ORLANDI, 2004a:19)

Neste sentido, a maior qualidade do dispositivo de interpretação utilizado na leitura das dissertações é justamente esta, mostrar *uma* possibilidade, dentre tantas interpretações possíveis. A sua maior deficiência – se é que podemos assim chamar – reside justamente neste aspecto: o pesquisador cujo trabalho seja de caráter mais “*tradicional*”, em que se espere um tratamento “*científico*” e estatístico de dados certamente ficará decepcionado.

Reconhecendo-se que os fatos são sujeitos à interpretação e que a língua, na medida em que é constituída pela falha, pelo deslize, pela ambigüidade faz lugar para a interpretação, pode-se perceber que não há como regulamentar o uso dos sentidos, embora não se deixe nunca de tentá-lo. Assim, talvez fosse melhor acatar esta impossibilidade e, ao mesmo tempo, reconhecer a necessidade desse controle, vendo no processo das diferentes leituras uma reorganização do trabalho intelectual e a propensão a novas divisões no trabalho social da leitura. O que não descaracteriza a especificidade do discurso científico, mas repõe o conhecimento produzido como parte de um processo. Inacabado. Ou como dizemos em linguagem: incompleto. E, por isso mesmo, possível. Porque é isso mesmo que ensina o discurso: o lugar da falha, da incompletude é também o lugar do possível, da transformação. (ORLANDI, 2004b:142-143)

A leitura incorporada das dissertações permite concluir que nas diferentes *experiências ambientais* encontradas – que inclui desde a total integração com usuários, possibilitada por uma cultura organizacional que privilegia as relações interpessoais, até situações onde o pesquisador se encontra em ambientes menos abertos a esta integração, dificultando uma melhor aproximação com os usuários – a Observação Incorporada se consolida como importante abordagem na APO: experiência do pesquisador se incorpora na avaliação do ambiente e das relações nele estabelecidas.

Retomando a pergunta inicial proposta pelo trabalho: *A revisão crítica da Observação Incorporada e a inclusão da Análise do Discurso, entendidas à luz de um contexto*

pós-estruturalista e pós-modernista favorecem a compreensão da diversidade de olhares e das experiências dos usuários, necessárias a compreensão da avaliação da qualidade do ambiente construído?

Acredito que análise oferecida a partir da *leitura incorporada* das dissertações, apoiadas pelas teorias acerca dos três grandes temas propostos pela pesquisa (a pós-modernidade, o pós-estruturalismo e a Análise do Discurso) consegue, se não responder a todas as questões, inserir no debate a importância da *experiência ambiental* e da *leitura interpretativa*, fatos presentes na abordagem da Observação Incorporada.

Desta forma, a Observação Incorporada se consolida ainda mais como uma importante abordagem na Avaliação Pós-Ocupação, reafirmando suas características atuacionistas, através da valorização do papel do pesquisador e de sua experiência – tanto pessoal/profissional como ambiental, na interação com usuários e meio físico - na elaboração de pesquisas que priorizem uma perspectiva qualitativa de análise.

É importante destacar que a abordagem do ProLUGAR, através dos conceitos que envolvem a Observação Incorporada, não prescinde dos inúmeros instrumentos e métodos disponíveis no campo da disciplina da APO, mas permite produzir, com este enfoque, análises que ultrapassam a simples leitura de instrumentos colhidos em campo, oferecendo uma leitura incorporada da experiência ambiental dos pesquisadores.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- 2001:Uma odisséia no espaço. Direção: Stanley Kubrick. Produção: Stanley Kubrick.Los Angeles: Warner Brothers, 1968. 1 DVD
- ABRANTES, Monique. Um olhar cognitivo sobre o Lugar do Trabalho - avaliação de desempenho em ambiente de escritório: estudo de caso em empresa de advocacia. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).
- ALCANTARA, Denise. Projeto, Desempenho Urbano e Construção do Lugar – Avaliação da Qualidade Ambiental do Parque Guinle, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FAU-UFRJ, 2002. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)
- ALCANTARA, Denise; RHEINGANTZ, Paulo. A Cognição Ambiental na Avaliação da Qualidade do Lugar - conceitos e métodos para o aprimoramento do desenho urbano. In Anais do NUTAU. São Paulo: NUTAU/FAUUSP, 2004. [CD-ROM]
- ALLEN, Edward. Cómo funciona un edificio. Barcelona: Gustavo Gili, 1982.
- ALMEIDA, Alberto Carlos. O Brasil no final do século XX: um caso de sucesso. Dados., Rio de Janeiro, v. 41, n. 4, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581998000400004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 14 dez. 2006
- ALVARENGA, Michael Dezan Hosken. Cognição e Experiência no Ambiente de Trabalho, A Abordagem da Observação Incorporada na Avaliação Pós-Ocupação: Estudo de Caso na CBF Indústria de Gusa S.A. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura).
- AMARAL, Marcio. O vigor da cultura comunicacional contemporânea: o paradoxo moderno-contemporâneo. Rio de Janeiro: IDEA/ECO/UFRJ,1996.
- ANDERSON, Perry. As Origens da Pós-Modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- ANDRADE, Cláudia Miranda de. Novos Conceitos de Ocupação de Espaços de Escritórios Territoriais ou Não-territoriais. In Office n° 42, nov-dez/1996, p. 22.

- ARANTES, Otília Beatriz Fiori. O lugar da arquitetura depois dos modernos. São Paulo: EDUSP, 1993.
- _____. Urbanismo em fim de linha e outros estudos sobre o colapso da modernização arquitetônica. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2001.
- ARANTES, Otília Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo Eduardo. Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas: arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- AUGÉ, Marc. Não-lugares - Introdução a uma Antropologia da Supermodernidade. 4.ed. Campinas: Papirus, 2004.
- AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen. Arquitetura Escolar e Educação: Um Modelo Conceitual de Abordagem Interacionista. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2002. Tese (Doutorado)
- BAIRD, George et al. (Edit.) Building Evaluation Techniques. New York: McGraw-Hill, 1995.
- BAKHTIN, Mikhail. Marxismo e Filosofia da Linguagem. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2006. (originalmente publicado em 1929)
- BANHAM, Reyner. Teoria e projeto na primeira era da máquina. 3.ed. Rio de Janeiro: Perspectiva, 2006. (originalmente publicado em 1960)
- BAUDELAIRE, Charles. Sobre a Modernidade. 4.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004. (originalmente publicado em 1863)
- BAUDRILLARD, Jean. Simulacros e simulação. Porto: Relógio d'água, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. O mal-estar da pós-modernidade. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BECHTEL, Robert B. Environment & Behavior – an introduction. Thousand Oaks: SAGE, 1997.

BENEVOLO, Leonardo. História da arquitetura moderna. 3.ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. (originalmente publicado em 1960)

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BLAKE, Peter. Form follows fiasco: why modern architecture hasn't worked. Boston: Little Brown & Co, 1978.

BOSTON GLOBE. Finishing the Big Dig:Photo Gallery. (2007) Disponível em: <http://www.boston.com/news/traffic/bigdig/special/galleries/artery/05.htm> Acesso em: 02 de abril de 2007

CALLINICOS, Alex. Postmodernism, Post-Structuralism, Post-Marxism? Cambridge: Theory, Culture and Society, 1985.

CAPRA, Fritjof. O Tao da Física. São Paulo: Cultrix, 1985.
 _____. Ponto de Mutação. São Paulo: Círculo do Livro, 1987.
 _____. Sabedoria Incomum. São Paulo: Cultrix, 1991
 _____. A Teia da Vida. São Paulo: Cultrix, 1997.
 _____. As Conexões Ocultas. São Paulo: Cultrix, 2002.

CHAUÍ, Marilena. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 1994.

CHOAY, Françoise. O Urbanismo. 5.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. (originalmente publicado em 1965)

CIAM. A Carta de Atenas. São Paulo : Hucitec, 1993. (originalmente publicado em 1941, por Le Corbusier)

COLQUHOUN, Alan. Modern architecture. Londres: Oxford University Press, 2002.
 _____. Modernidade e tradição clássica. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

CONNOR, Steven. Cultura Pós-Moderna: Introdução às Teorias do Contemporâneo. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2000.

CONRADS, Ulrich. Programs and manifestoes on 20th-century architecture. Cambridge: The MIT Press, 1971.

CULLEN, Gordon. Paisagem Urbana. Lisboa: Edições 70, 1983. (originalmente publicado em 1961)

CURTIS, William J. R. Modern Architecture since 1900. 3rd. ed. Londres: Phaidon, 2005.

DAMÁSIO, Antonio. O erro de Descartes – emoção, razão e cérebro humano. São Paulo: Companhia das Letras, 1996
 _____. O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento em si. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

DAS, Surya. O despertar do buda interior. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

DEL RIO, Vicente. Introdução ao Desenho Urbano no processo de planejamento. São Paulo: PINI, 1990.
 _____. Desenho Urbano e Revitalização na Área Portuária do Rio de Janeiro. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Universidade de São Paulo, São Paulo, 1991. Tese (Doutorado em Arquitetura).

DEL RIO, Vicente *et al.* Clínica São Vicente – considerações sobre sua arquitetura. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 1998. (Cadernos do PROARQ n° 5)

DEL RIO, Vicente; SANOFF, Henry. Projeto Apoio à Pesquisa e ao Ensino em Programação e Métodos Participativos para o Projeto de Arquitetura. Rio de Janeiro: PROARQ-FAU/UFRJ, 1999. [relatório]

DEL RIO, V.; ORNSTEIN, S.; RHEINGANTZ, P. Avaliação Pós-Ocupação (APO) Walkthrough da Clínica São Vicente, RJ: experiência didática, metodologia e resultados. In: Anais do ENTAC'2000. São Paulo: ANTAC, 2000. [artigo 656 – CD-Rom]

DEL RIO, Vicente; RHEINGANTZ, Paulo; DUARTE, Cristiane. Projeto do Lugar: colaboração entre Psicologia, Arquitetura e Urbanismo. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2002.

DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. 2.ed. São Paulo: Graal, 2006. (originalmente publicado em 1968)

DENNETT, Daniel. A perigosa idéia de Darwin: a evolução e os significados da vida. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

DERRIDA, Jacques. Gramatologia. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. (originalmente publicado em 1967)

DROSTE, Magdalena. Bauhaus 1919-1933. [SI]: Taschen, 2006.

DUFFY, Francis. The New Office. London: Conran Octopus, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do Círculo de Bakhtin. São Paulo: Criar, 2003.

FARIA, José Ricardo. Cognição e Experiência no Ambiente de Trabalho A abordagem da Observação Incorporada na Avaliação Pós-Ocupação: Estudo de caso do Grupo Ergonomia e Novas Tecnologias - COPPE/UFRJ. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002. CD-ROM.

FISCHER, Gustave-N. Psicologia Social do Ambiente. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005. (originalmente publicado em 1969)

_____. As palavras e as coisas. 8.ed. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2002. (originalmente publicado em 1966)

FRAMPTON, Kenneth. História crítica da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. Le Corbusier. Nova Iorque: Thames&Hudson, 2001.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 34.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.

GIEDION, S. Espaço, tempo e arquitetura: o desenvolvimento de uma nova tradição. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (originalmente publicado em 1941)

GOMES FILHO, João. Gestalt do objeto: sistemas de leitura visual da forma. 6.ed. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

GÖSSEL, Peter & LEUTHÄUSER, Gabriele. Arquitectura no século XX. Lisboa: Taschen, 2001.

GRAUDS, Juris A. Urban Renewal in New Haven and Boston: transgression or triumph? Boston: Northeastern University, 2005. Disponível em:
http://www.curp.neu.edu/pdfs/Grauds_Urban_Renewal_Boston_NewHaven.pdf
 Acesso em 02 de abril de 2007.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Foucault e Pêcheux na Análise do discurso: diálogos e duelos. São Paulo: Claraluz, 2004.

_____. Olhares oblíquos sobre o sentido no discurso. In GREGOLIN, Maria do Rosário; BARONAS, Roberto (org.). Análise do discurso: as materialidades do sentido. 2.ed. São Paulo: Claraluz, 2003.

GROPIUS, Walter. Bauhaus: Nova arquitetura. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004. (originalmente publicado em 1943)

HABERMAS, Jürgen. O discurso filosófico da modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (originalmente publicado em 1985)

_____. Modernidade - Um Projeto Inacabado. (1980) In: ARANTES, Otília Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo Eduardo. Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas: arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 99-123.

_____. Arquitetura Moderna e Pós-Moderna. (1981) In: ARANTES, Otília Beatriz Fiori; ARANTES, Paulo Eduardo. Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas: arquitetura e dimensão estética depois das vanguardas. São Paulo: Brasiliense, 1992. p. 125-149.

HALL, Edward. A dimensão oculta. São Paulo: Martins Fontes, 1977. (originalmente publicado em 1966)

HARRIS, Elizabeth D. Le Corbusier: riscos brasileiros. São Paulo: Nobel, 1987.

HARVEY, David. A condição pós-moderna. São Paulo: Loyola, 1993.
 _____. Espaços de esperança. São Paulo: Loyola, 2004.

HAYS, Michael. Architecture theory since 1968. Londres: The MIT Press, 2000.

HENFIL. A volta da graúna. São Paulo: Geração Editorial, 1993.

HITCHCOCK, Henry-Russell; JOHNSON, Philip. The International Style. New York: Norton, 1995. (originalmente publicado em 1932)

HUGHES, Thomas P. Rescuing Prometheus: four monumentals projects that changed the modern world. Nova York: Vintage, 2000.

HUNTER DOUGLAS DO BRASIL Ltda. Idéias de Arquitetura nº 11. São Paulo: Luxalon Produtos Arquitetônicos, s/d.

JACOBS, Jane. Morte e vida de grandes cidades. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (originalmente publicado em 1961)

JAMESON, Fredric. . Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio. São Paulo: Ática, 1996.

JENCKS, Charles. The New paradigm in architecture: the language of post-modernism. London: Yale University Press, 2002. (originalmente publicado em 1977)
 _____. Movimentos Modernos em Arquitetura. Lisboa: Edições 70, 2006. (originalmente publicado em 1973)

JENCKS, Charles; KROPF, Karl. Theories and manifestoes of contemporary architecture. 2nd ed. Londres: Wiley-Academuy, 2006.

KENNEDY, Lawrence W. Planning the City upon a Hill: Boston since 1630. Amherst: The University of Massachusetts Press, 1992. p. 164.

KOENIGSBERGER, H. G. Early Modern Europe 1500-1789. Londres: Longman, 1987.

KOOLHAAS, Rem; MAU, Bruce. S, M, L, XL. 2nd. ed. New York: The Monacelli Press, 1998.

LATOUR, Bruno. Jamais Fomos Modernos. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

_____. A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos. São Paulo: EDUSC, 2001.

_____. Reflexão sobre o culto moderno dos deuses fe(i)tiches. São Paulo: EDUSC, 2002.

_____. Qu'est-ce qu'un style non-moderne ? (2005) Disponível na Internet, no endereço <www.bruno-latour.fr/poparticles/poparticle/P114%20BEAUBOURG%20MODERNE.html> consulta realizada em 01 de abril março de 2007.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. A vida de laboratório: a produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LE CORBUSIER. Os três estabelecimentos humanos. 2.ed. São Paulo: Perspectiva, 1979. (originalmente publicado em 1945)

_____. Urbanismo. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (originalmente publicado em 1924)

_____. Por uma arquitetura. 6.ed. São Paulo: Perspectiva, 2004a. (originalmente publicado em 1923)

_____. Precisões: sobre um estado presente da arquitetura e do urbanismo. São Paulo: Cosac&Naify, 2004b. (originalmente publicado em 1930)

_____. The Modulor. Berlin: Birkhäuser, 2004c. (originalmente publicado em 1950)

_____. Modulor 2. Berlin: Birkhäuser, 2004d. (originalmente publicado em 1955)

_____. Depois do cubismo. São Paulo: Cosac&Naify, 2005. (originalmente publicado em 1918)

LEE, Terence. Psicologia e Meio Ambiente. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977.

LYNCH, Kevin. A Imagem da Cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (originalmente publicado em 1960)

_____. Good city form. Cambridge: MIT Press, 1984.

LYOTARD, Jean-François. A condição pós-moderna. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002. (originalmente publicado em 1979)

MARIOTTI, Humberto. Cognição, Sociedade e o Novo Autoritarismo. EccoS Revista Científica: UNINOVE, São Paulo, v.2 n.1, 2000.

MASSENGALE, John. Boston before & after. 2004. Disponível em: <http://massengale.typepad.com/venustas/2004/11/index.html>. Acesso em: 02 de abril de 2007.

MATURANA, Humberto. Cognição, ciência e vida cotidiana. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

_____. Emoções e linguagem na educação e na política. Belo Horizonte: UFMG, 2002.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. A árvore do conhecimento. Campinas: Editorial Psy II, 1995.

_____. _____. 4.ed. São Paulo: Palas Athena, 2004.

_____. De Máquinas e Seres Vivos: autopoiese - a organização do vivo. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (originalmente publicado em 1945)

_____. O visível e o invisível. 4.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. (originalmente publicado em 1964)

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Estrutura e sujeito, determinismo e protagonismo histórico: uma reflexão sobre a práxis da saúde coletiva. Ciênc. saúde coletiva. Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, 2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232001000100002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 Jun 2007.

MONTANER, Josep Maria. Arquitectura y crítica. Barcelona: Gustavo Gili, 1999.

_____. As formas do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2002a.

_____. Depois do movimento moderno: arquitetura da segunda metade do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2002b.

_____. A modernidade superada: arquitetura, arte e pensamento do século XX. Barcelona: Gustavo Gili, 2002c.

- MORIN, Edgar. Ciência com Consciência. Rio de Janeiro: Bertand Brasil, 1996.
_____. in GOMEZ, Nelson V. Os países latinos têm culturas vivas, *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 05.nov.1998. [entrevista]
_____. Por uma reforma do pensamento. In: PENNA-VEGA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro do. (org.). O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade. 3.ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999. p. 21-34.
- MUNFORD, Lewis. A cidade na História: suas origens, transformações e perspectivas. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (originalmente publicado em 1961)
- NESBITT, Kate (org.). Uma nova agenda para a arquitetura. São Paulo: Cosac Naify, 2006.
- NEUFERT, Ernest; NEUFERT, Peter; BAICHE, Bousmaha; WALLIMAN, Nicholas. Architect's data. 3rd. ed. Oxford: Blackwell Science, 2002. (originalmente publicado em 1936)
- NOVAK, J. D. & CAÑAS, A. J. The Theory Underlying Concept Maps and How To Construct Them. Technical Report IHMC CmapTools 2006-01. Florida Institute for Human and Machine Cognition, 2006. Disponível em:
<http://cmap.ihmc.us/Publications/ResearchPapers/TheoryCmaps/TheoryUnderlyingConceptMaps.htm>. Acesso em 25 de março de 2007.
- OLIVEIRA, Alexandre Luiz Alves de. Darwin e darwinismo social. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 8, n. 172, 25 dez. 2003. Disponível em:
<<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=4633>>. Acesso em: 18 jun. 2007.
- ORLANDI, Eni P. Cidade dos sentidos. São Paulo: Pontes, 2004a.
_____. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 4.ed. Campinas: Pontes, 2004b.
_____. Análise de Discurso: Princípios e fundamentos. 6.ed. Campinas: Pontes, 2005a.
_____. Discurso e texto: Formulação e circulação dos sentidos. 2.ed. Campinas: Pontes, 2005b.
- ORNSTEIN, Sheila. Desempenho do Ambiente Construído, Interdisciplinaridade e Arquitetura. São Paulo: FAUUSP, 1996.

ORNSTEIN, S.; ROMÉRO, M. Avaliação Pós-Ocupação do Ambiente Construído. São Paulo: Nobel, 1992.

ORNSTEIN, S.; BRUNA, G.; ROMÉRO, M. Ambiente Construído & Comportamento: Avaliação Pós-Ocupação e a Qualidade Ambiental. São Paulo: Nobel, 1995.

PAREYSON, Luigi. Verdade e interpretação. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (originalmente publicado em 1971)

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso. In GADET, F. & HAK, T. (Orgs) Por uma Análise Automática do Discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux.. Campinas: Unicamp, 1990. (originalmente publicado em 1969)

_____. Semântica e discurso: uma crítica a afirmação do óbvio. 2.ed. Campinas: Unicamp, 1995.

_____. O discurso: estrutura ou acontecimento. 4.ed. São Paulo: Pontes, 2006.

PEDRO, Rosa M. L. Ribeiro. Cognição e Tecnologia: Híbridos Sob o Signo do Artifício. Rio de Janeiro: ECO-UFRJ, 1996. Tese de Doutorado.

PESSOA, Fernando. Mensagem. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. (originalmente publicado em 1934)

PETERS, Michel. Pós-estruturalismo e Filosofia da Diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PORTOGHESI, Paolo. Depois da arquitetura moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (originalmente publicado em 1980)

PREISER *et al.* Post-Occupancy Evaluation. New York: Van Nostrand Reinhold, 1988.

PRIGOGINE, Ilya. O Fim das Certezas: Tempo, Caos e as Leis da Natureza. São Paulo: UNESP, 1996.

PRIGOGINE, I.; STENGERS, J. Entre o Tempo e a Eternidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. A nova aliança: metamorfose da ciência. Brasília: Editora da UNB, 1997.

RABINOWICZ, Harvey Z. Avaliação de Pós-Ocupação. In SNYDER & CATANESE. Introdução à Arquitetura. Rio de Janeiro: Campus, 1984.(p. 395-411)

RHEINGANTZ, Paulo A. Centro Empresarial Internacional Rio: análise pós-ocupação, por observação participante, das condições internas de conforto. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1995. Dissertação [Mestrado em Arquitetura].

_____. Centro Empresarial Internacional Rio – RB1: Território de Conflitos de Percepções, Imagens e Expectativas, in DEL RIO (Org.) 1998, p. 183-200.

_____. Aplicação do Modelo de Análise Hierárquica COPPETEC-COSENZA na Avaliação de Edifícios de Escritório. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2000. Tese (Doutorado)

_____. Pequena Digressão sobre Conforto Ambiental e Qualidade de Vida nos Centros Urbanos. Santa Maria: Ciência Ambiente, v. 1, n. 1, p. 35-58, 2001.

_____. De Corpo Presente: sobre o papel do observador e a circularidade de suas interações com o ambiente construído. In Anais do NUTAU'2004, São Paulo: NUTAU/FAUUSP. [CD-ROM]

_____. Por uma arquitetura da autonomia: bases para renovar a pedagogia do atelier de projeto de arquitetura. Porto Alegre: Arqtexto, v. VI, n. 1, p. 42-67, 2005.

RHEINGANTZ, P. A. ; COSENZA, Carlos Alberto Nunes ; LIMA, Fernando Rodrigues ; AZEVEDO, Giselle Arteiro Nielsen . Avaliação Pós-Ocupação do Edifício de Serviços do BNDES/RJ (EDSERJ). In: NUTAU '98 - Arquitetura e Urbanismo: Tecnologias para o Século XXI, 1998, São Paulo/SP. NUTAU'98 - Arquitetura e Urbanismo: Tecnologias para o Século XXI. São Paulo : FAUUSP, 1998. v. 1. p. r 048.

RHEINGANTZ, P.; SAMPAIO, M.C.; PEÇANHA, M. Análise visual da qualidade ambiental: estudo de caso de edifício reciclado no centro do Rio de Janeiro. In: Anais do Seminário Internacional Nutau'2002. São Paulo: FAU USP. 2002. [CD Rom].

RODRIGUES, Helena da Silva. Cognição e Experiência no Ambiente de Trabalho A abordagem da Observação Incorporada na Avaliação Pós-Ocupação: Estudo de caso no Centro de Pesquisa da Fundação Casa de Rui Barbosa. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)

RODRIGUES, Helena da Silva; CASTRO, Jorge Azevedo de; RHEINGANTZ, Paulo Afonso. Matriz de Descobertas: uma Ferramenta para Avaliação Pós-Ocupação. Anais do NUTAU 2004, São Paulo: FAUUSP, 2004.

- ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. (originalmente publicado em 1966)
- ROUANET, Sérgio Paulo. Mal-estar na modernidade. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANOFF, Henry. Methods of Architectural Programming. Stroudsburg: Dowden, Hutchinson & Ross Inc., 1977.
- _____. Designing with Community Participation. Stroudsburg, PA: Dowden Hutchinson, 1978.
- _____. Participatory Design: Theory and Technique. Raleigh: Henry Sanoff, 1990.
- _____. Visual Research Methods in Design. Nova Iorque: Van Nostrand Reinhold, 1991.
- _____. Integrating Programming, Evaluation and Participation in Design - A Theory Z Approach. Raleigh: Henry Sanoff, 1992.
- _____. Visual Research Methods in Design. Thousand Oaks: SAGE, 1997.
- _____. Community participation Methods in Design and Planning. Nova Iorque: John Wiley & Sons, 2000.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.
- _____. Um discurso sobre as ciências. 11.ed. Porto: Afrontamento, 1999.
- SAUSSURRE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. 20.ed. São Paulo: Cultrix, 1997. (originalmente publicado em 1916)
- SCHOPENHAUER, Arthur. O mundo como vontade e como representação. São Paulo: UNESP, 2005. (originalmente publicado em 1819)
- SIMÕES, Ana Paula. Experiência e Cognição no Lugar de Trabalho. Abordagem da Observação Incorporada na Avaliação Pós-Ocupação: Estudo de Caso em Escritório de Empresa do Setor de Educação Executiva. Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, 2005. Dissertação (Mestrado em Arquitetura)
- SIMS, W.; BECKER, F.; QUINN, K. Organizational Workplace Analysis for Selecting and Designing Alternative Workplace Strategies. In BAIRD et al (1995: 31-36).

SMITH, Phil & KEARNY, Lynn. Creating Workplaces Where People Can Think. San Francisco: Jossey-Bass Publishers, 1994.

SOLÀ-MORALES, Ignasi. Liquid architecture. Cambridge: MIT Press, 1977.
 _____. Presente y futuros. La arquitectura en las ciudades. Barcelona: 1996.

SOMMER, Barbara; SOMMER, Robert. A Practical Guide to Behavioral Research. 4. ed. New York: Oxford University Press, 1997

SOMMER, Robert. Espaço Pessoal: As Bases Comportamentais de Projetos e Planejamentos. São Paulo: Editora Pedagógica Universitária/Editora da USP, 1973.
 _____. A Conscientização do Design. São Paulo: Editora Brasiliense, 1979.
 _____. Social Design - Creating Buildings with People in Mind. New Jersey: Prentice-Hall, 1983.

SPRADLEY, James. The ethnographic interview. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.
 _____. Participant Observation. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1980.

SULLIVAN, Louis H. The tall office building artistically considered. Lippincott's Magazine, Março de 1896.
 Disponível em: <<http://www.njit.edu/v2/Library/archlib/pub-domain/sullivan-1896-tall-bldg.html>> Acesso em 12 de abr. de 2007.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. São Paulo: Cortez, 1985.

THOMPSON, Evan. Empathy and Human Experience. York University, 2002.
 Disponível em: www.yorku.ca/evant/ETSRHEUCSB.pdf. Acesso em: 12 de abril de 2007.
 _____. Look again: phenomenology and mental imagery. Phenomenology and the Cognitive Sciences. Special issue on phenomenology and heterophenomenology. (2007) Disponível na Internet, no endereço <individual.utoronto.ca/evant/LookAgain.pdf> consulta realizada em 01 de abril de 2007.

TRANCIK, Roger. Finding Lost Space: Theories of Urban Design. New York: Wiley, 1986.

TUAN, Yi-Fu. Topofilia. São Paulo: Difel, 1980.

_____. Espaço e Lugar : a perspectiva da experiência. São Paulo: Difel, 1983.

VARELA, Francisco. Autonomie et connaissance: essai sur l'ê vivant. Paris: Seuil, 1989.

VARELA, F.; Thompson, E.; ROSCH, E. De Cuerpo Presente: las ciencias cognitivas y la experiencia humana. Barcelona: Gedisa, 1992.

_____. A Mente Incorporada – Ciências Cognitivas e Experiência Humana. Porto Alegre: ArtMed, 2003.

VATTIMO, Gianni. As aventuras da diferença: o que significa pensar depois de Heidegger e Nietzsche. Lisboa: Edições 70, 1988. (originalmente publicado em 1980)

_____. O fim da Modernidade. São Paulo: Martins Fontes, 2002. (originalmente publicado em 1985)

VENTURI, Robert. Complexidade e contradição em arquitetura. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (originalmente publicado em 1966)

VENTURI, Robert; SCOTT-BROWN, Denise; IZENOUR, Steven. Aprendendo com Las Vegas: o simbolismo (esquecido) da forma arquitetônica. São Paulo: Cosac Naify, 2003. (originalmente publicado em 1977)

VIDAL, Mario. Ergonomia na Empresa: Útil, Prática e Aplicada. Rio de Janeiro: ECV, 2002.

_____. Guia para Análise Ergonômica do Trabalho (AET) na Empresa. Rio de Janeiro: EVC, 2003.

VIEIRA, Waldo. O que é a Conscienciologia. Rio de Janeiro: IIP, 1994

VIGOTSKI, Lev. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (originalmente publicado em 1934)

_____. A Formação Social da Mente. São Paulo: Martins Fontes, 1996. (originalmente publicado em 1933)

WARHAVCHIK, Gregori. Acerca da arquitetura moderna. In. Arquitetura do século XX e outros escritos. São Paulo: Cosac Naify, 2006. (originalmente publicado em 1925)

WOLFE, Tom. Da Bauhaus ao nosso caos. 2.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.
(originalmente publicado em 1981)

ZEISEL, John. Inquiry by Design: Tools for Environment-Behavior Research. Cambridge:
Cambridge University Press, 1981.

ZEVI, Bruno. Saber ver a arquitetura. 5.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
(originalmente publicado em 1948)

GLOSSÁRIO

GLOSSÁRIO DOS PRINCIPAIS TERMOS E CONCEITOS UTILIZADOS⁹¹

Acessibilidade – Cf. NBR 9050, diz respeito à facilidade de acesso para todas as pessoas, sejam elas portadoras ou não de necessidades especiais.

AET – Cf. Vidal (2002), a análise ergonômica do trabalho é um conjunto de análises quantitativas e qualitativas dos determinantes da atividade de trabalho das pessoas numa organização e que permitem a descrição e a interpretação do que acontece na realidade da atividade focada.

Ambiente Construído – Cf. Ornstein et al (1995:7) “todo o ambiente erigido, moldado ou adaptado pelo homem. São artefatos humanos ou estruturas físicas realizadas pelo homem”.

Ambiente Social – Cf. Ornstein et al (1995:7), “indivíduo ou grupo de indivíduos entre os quais se vive e que se relacionam socialmente entre si”.

Análise da Tarefa – Cf. Mário Vidal (2003), a Análise Ergonômica do Trabalho (AET), consiste na descrição e interpretação do que acontece na realidade da atividade de um trabalhador e está baseada na análise de um conjunto de fatores intercomplementares e determinantes da atividade da pessoa numa organização. Segundo ele, parte-se do princípio de que o trabalhador constrói permanentemente seus modos operatórios para atingir objetivos previamente determinados, onde pesam um conjunto de aspectos relacionados à situação, características pessoais e critérios de desempenho.

Análise do Discurso – Disciplina surgida no final da década de 60, através do trabalho de Michel Pêcheux (Análise Automática do Discurso, 1969). A Análise do Discurso, nos moldes franceses, é aqui considerada especialmente dentro do debate entre Pêcheux e Foucault, com a crítica ao estruturalismo, além dos conceitos de Filosofia da Linguagem, importante colaboração do Bakhtin (2006) para a Lingüística.

APO – Avaliação Pós-Ocupação – “... método interativo que detecta patologias e determinada terapia no decorrer do processo de produção e uso de ambientes construídos, através de participação intensa de todos os agentes envolvidos na tomada de decisões” (ORNSTEIN & ROMÉRO, 1992:23).

⁹¹ Baseado em Abrantes (2004), Simões (2005), Faria (2005), Rodrigues (2005) e Alvarenga (2005).

Autopoiese – (Organização dos Seres Vivos) “os sistemas vivos ... [estão] organizados num processo circular causal fechado que leva em consideração a mudança evolutiva na maneira como a circularidade é mantida, mas não permite a perda da própria circularidade.” (MATURANA, *in* CAPRA 1997: 87). “*Auto*” significa “si mesmo” e se refere à autonomia dos sistemas auto-organizadores, e “*poiese*” compartilha da mesma raiz grega com a palavra “poesia”, significa “criação”, “construção”. Portanto, autopoiese significa “autocriação”. (CAPRA, 1997: 88).

Atuacionismo – Cf. Varela, Thompson e Rosch (1992), corresponde a um dos três estágios das ciências cognitivas, entendendo que a cognição não é representação de um mundo preconcebido por uma mente preconcebida, mas, ao contrário, é a atuação de um mundo e de uma mente com base em uma história de diversidades de ações desempenhadas por um ser no mundo.

Atributos de ambiência interna - Cf. Rheingantz (2000:233), conjunto de atributos relativos à qualidade do ambiente interno necessários para o bem-estar dos ocupantes , tais como acessibilidade, circulação interna, conforto aeróbico, conforto térmico, conforto visual, conforto auditivo e conforto tátil.

Atributos construtivos - Cf. Rheingantz (2000:206), conjunto de atributos espaciais e físicos que materializam o edifício, que definem sua forma e o sustentam , tais como forma, qualidade construtiva, garagem, flexibilidade tecnológica e facilidade de manutenção.

Atributos corporativos - Cf. Rheingantz (2000:184), conjunto de atributos relativos às exigências globais e às possibilidades/recursos ofertados pelo edifício para atender aos objetivos organizacionais.

Atributos de espaço - Cf. Rheingantz (2000:214), conjunto de atributos relativos às demandas espaciais necessárias para realizar as funções requeridas , tais como área útil, flexibilidade de layout, Centro de Convenções, espaços de apoio, espaços complementares.

Atributos de interação - Cf. Rheingantz (2000), conjunto de atributos relativos à experiência do indivíduo no ambiente, cuja denominação toma por base a proposta de Rheingantz (1998) de acrescentar às três categorias tradicionais de observação da APO fatores técnicos, funcionais e

comportamentais uma quarta categoria, de fatores de interação, que considera as transformações que resultam do envolvimento entre pesquisadores, usuários e edifício.

Atributos de infraestrutura - Cf. Rheingantz (2000), conjunto de atributos considerados na escolha/localização de um edifício, tais como condições do terreno, acesso de veículos, transporte terrestre, transporte aéreo, rede de telecomunicações, rede de energia elétrica, rede de água, rede de esgoto, rede de drenagem, rede de iluminação pública.

Atributos de recursos/serviços prediais - Cf. Rheingantz (2000), conjunto de atributos que facilitam as comunicações internas e externas do edifício e asseguram o funcionamento previsto/desejado do edifício .

Conforto auditivo – Cf. Idéias de Arquitetura 11 (HUNTER DOUGLAS, s/d) ou acústico, avalia a inteligibilidade dos sons e o distúrbio causado pelos sons nos indivíduos; depende dos seguintes parâmetros: frequência e intensidade do som, distância e posição relativas das fontes de ruído (internas ou externas) e da forma de transmissão do ruído.

Conforto aeróbico – Cf. Idéias de Arquitetura 11 (HUNTER DOUGIAS, s/d), diz respeito à qualidade do ar respirado pelos indivíduos no interior de um ambiente construído, determinada pelo teor de oxigênio, teor de umidade e teor de poluentes químicos ou orgânicos.

Conforto tátil – diz respeito às sensações de “textura” (rugosidade, etc.), de “maciez”, de “calor” com que os indivíduos sentem os materiais e os objetos; segundo Krech e Crutchfield (1971), do ponto de vista perceptivo, as sensações epidérmicas podem ser classificadas em dois grupos: sensações básicas (tato, pressão ou dor) e sensações complexas (umidade, oleosidade, aspereza, maciez).

Conforto térmico – Cf. Idéias de Arquitetura 11 (HUNTER DOUGIAS, s/d), diz respeito à temperatura ideal para cada tipo de ambiente, levando-se em conta não apenas a presença de indivíduos e a atividade que estes desempenham, mas também a presença de equipamentos ou produtos sensíveis; suas variáveis são: exigências humanas e funcionais, condições geográficas (clima, topografia, ventos) e características arquitetônicas (volumetria interior e exterior, desenho e materiais das vedações e dos acabamentos internos).

Conforto visual – Cf. Idéias de Arquitetura 11 (HUNTER DOUGIAS, s/d), depende, basicamente, da iluminação e diz respeito à inteligibilidade ou clareza de leitura de toda informação visual (cor, forma, movimento, escrita) ou aos efeitos sobre o indivíduo decorrentes dos conteúdos estéticos e psicológicos transmitidos por essa visualidade.

Deriva – Cf. Maturana (2001) diz respeito à história de mudança estrutural de um organismo em interação com o meio, ou seja, um curso que se produz, momento a momento, nas interações do sistema e suas circunstâncias. Embora não haja interações instrutivas, existe aprendizagem, que seria o processo de transformação em um meio particular de interações recorrentes.

Dispositivo de Interpretação - O Dispositivo de Interpretação (ORLANDI, 2004a, 2004b, 2005a, 2005b) entende uma análise interpretativa do discurso, entendendo que existem diferentes leituras possíveis, todas válidas. Dento deste universo, onde o analista se coloca diante de uma pergunta inicial, as possibilidades de resposta/análise devem ser entendidas dentro das diferentes teorias do campo disciplinar que o abrange (no nosso caso, a arquitetura), assim como o tipo de material analisado.

Entrevista – Cf. Preiser (in BAIRD et al, 1995), esta técnica consiste em elaborar e fazer perguntas a serem aplicadas com pessoas-chave da organização/grupo de usuários, de modo a registrar as respostas exatamente como foram mencionadas (“Registro Fidedigno”) para comparar com descobertas já evidenciadas em outros instrumentos.

A técnica de entrevista do tipo não-estruturado (respostas abertas) é considerada a mais indicada para a obtenção das percepções, crenças, motivações ou planos dos entrevistados, por possuir maior liberdade de expressão e flexibilidade para obtenção das informações.

Escritório aberto ou paisagem – (*Landscape office*) ambientes abertos e grandes conjuntos de mobiliário e equipamento são organizadas em função do fluxo de trabalho, separados por “caminhos curvilíneos e um sentimento de paisagem interior.” (SMITH & KEARNY, 1994:7)

Escritório combinado – (*combi office*) - onde os funcionários ocupam “pequenas salas fechadas, dispostas na periferia do ambiente, de tal forma que a área central destina-se às atividades de uso comum, seja para reunir equipamentos, estações para trabalho em grupo, ou áreas de estar e convívio social.” (ANDRADE, 1996:22)

Escritório não-territorial – designação proposta por Thomas ALLEN (MIT) para caracterizar as novas formas de trabalho de escritório contendo variadas zonas de atividades disponíveis para uso de qualquer membro da equipe, combinando sistemas de maior liberdade de cenário com os fluxos de pessoas, materiais ou informações. Estas novas formas de escritório vêm sendo utilizadas por organizações que buscam maior efetividade e redução de custos escritório, com significativos efeitos na demanda por espaço de escritório, na qualidade de vida no trabalho de seus empregados e na competitividade organizacional. Existem diversas formas de escritório sem território e diferentes modalidades de reserva de uso do espaço ou de tecnologia.

Escritório virtual – designação genérica utilizada para descrever a idéia de espaço de escritório dissociado de um lugar e um tempo específicos.

Estruturalismo – corrente filosófica oriunda da noção de estrutura lingüística (SAUSSURE, 1997) que defende que não existe "nada fora do texto", sendo possível se ter pleno conhecimento do significado de uma frase, a partir do conhecimento das regras que a regem, como sintaxe, semântica e domínio do idioma. Cf. Ferreira (2002) Em Ciências Humanas o termo se refere a uma designação genérica das diversas correntes que se baseiam no conceito teórico de estrutura, e no pressuposto metodológico de que a análise das estruturas é mais importante do que a descrição ou interpretação dos fenômenos, em termos funcionais.

Experiência ambiental - interpretação daquilo que o sujeito experiencia, afetada por sua história, seu contexto social, cultural, econômico e seus sentidos biológicos, na interação com o meio físico (ambiente) e com demais usuários, e que pode ser expressa de diferentes maneiras: através de desenhos (Mapa Cognitivo), relatos (entrevistas, poema dos desejos, etc.) e, no caso do pesquisador, da Observação Incorporada.

Facility Manager – gerente de recursos e serviços prediais.

Fatores comportamentais – Cf. Rabinowitz (1984:407), possibilitam observar como a imagem do edifício influi no comportamento dos usuários e como outros fatores se combinam com o ambiente físico para afetar o usuário. Cf. Preiser et al (1998:45-46), abrange: proximidade e territorialidade, privacidade e interação, percepção ambiental, imagem e intenções, cognição ambiental e orientação.

Fatores funcionais – Cf. Rabinowitz (1984:407), possibilitam observar os aspectos do ambiente construído que apóiam as atividades dos usuários e o desempenho organizacional. Cf. Preiser et al (1998:43), abrange: acessos, segurança pessoal, estacionamento, capacidade espacial, serviços, comunicações, segurança patrimonial, adaptabilidade, circulação, equipamentos.

Fatores Técnicos – Cf. Rabinowitz (1984:407), possibilitam verificar o desempenho dos componentes do edifício, especialmente de materiais e instalações. Cf. Preiser et al (1998:43-44), abrange: segurança contra incêndio, estrutura, ventilação e higiene, elétrica, vedações externas, tetos, acabamentos internos, acústica, iluminação, sistemas de controle ambiental.

Imaginabilidade – designação utilizada por Lynch (1999) para designar as formas que geram imagens fortes. Reinterpretada, pode ser considerada como pregnância que certo estímulo visual causa na experiência ambiental de determinada pessoa.

Interação – Cf. Morin (1996), é um conjunto de relações, ações e retroações que se efetuam e se tecem num sistema; Cf. Damásio (1996:255), “o organismo inteiro, e não apenas o corpo ou o cérebro, interage com o meio ambiente ... quando vemos, ouvimos, tocamos, saboreamos ou cheiramos, o corpo e o cérebro participam na interação com o meio ambiente.”

Interpretação – C.f.Orlandi (2004b), as palavras, expressões, proposições recebem seus sentidos das formações discursivas – que se constitui na relação com o interdiscurso (a memória do dizer) - nas quais se inscrevem.

Mapa Conceitual- Cf. Novak (in SANTOS, 2002) um mapa conceitual constitui-se em um conjunto de conceitos inter-relacionados, segundo uma estrutura hierárquica proposicional e permite, por meio de recursos gráficos, enfatizar as relações mais importantes entre conceitos.

Mapa Cognitivo - Os conceitos básicos para o que hoje chamamos de mapas cognitivos tiveram origem em Lynch (1999), ao focalizar experiências com moradores de várias cidades com o intuito de avaliar a “representação mental” do espaço urbano, por meio de mapas conceituais/croquis, onde os usuários representavam a imagem que tinham do ambiente em questão.

Cf. Leite (1996) o conceito de mapas cognitivos está ligado ao “processo no qual a mente humana adquire, codifica, armazena, relembra e decodifica informações advindas do ambiente espacial. A orientação espacial só se torna uma tarefa possível por meio da formação de um mapa cognitivo”.

Mapa de Fluxos - Possibilitar “radiografar” o funcionamento do ambiente, por meio dos caminhos dos diversos sistemas - abastecimento de água, escoamento das águas pluviais, abastecimento e condicionamento de ar, eletricidade, controle de acesso de veículos, sistema de segurança e prevenção contra roubos, de controle de acesso de pessoas, materiais/equipamentos/objetos, fluxos dos diversos tipos de papel, triagem e armazenamento de materiais, coleta de lixo, alimentos, roupa, circulação de pessoas no ambiente.

Mapeamento Visual – Cf. Thorne (in BAIRD *et al* 1995, p.123-128), consiste em fornecer ao respondente uma planta baixa humanizada do ambiente em análise acompanhada de questões que o estimulem a registrar na planta o que o incomoda naquele local, seguindo uma notação de representação previamente determinada.

Objetividade entre parêntesis – Cf. Maturana (2001), objetividade entre parêntesis não significa subjetividade, mas sim que um indivíduo não pode fazer referência a entidades como se fossem independentes dele mesmo para construir suas explicações da realidade.

Observação Incorporada – proposta do grupo ProLUGAR para adotar a abordagem atuacionista da cognição humana na APO, diz respeito à abordagem na qual o observador-pesquisador, sua experiência vivenciada e suas interações e a dos demais usuários de um determinado ambiente são partes indissociáveis e integrantes do processo de observação, configurando um único e múltiplo complexo fenomênico.

Percepção Ambiental – processo de interação mental e corporal com o ambiente que permite ao homem tanto atuar “sobre o meio ambiente como dele receber sinais.” (DAMÁSIO 1996:256)

Percursos – Cf. Lynch (1999), os percursos (vias) são os canais de circulação por onde o observador se desloca.

Poema dos desejos - O *wish poem* ou poema dos desejos é uma técnica desenvolvida por Henry Sanoff, professor da North Carolina State University. Nesta técnica, os usuários de um determinado ambiente descrevem por escrito seus desejos e sentimentos num exercício de livre expressão e idealização de um espaço (SANOFF in BAIRD et al, 1995:103-105).

Preferência Visual - Instrumento desenvolvido por Sanoff (1991), onde as imagens revelam-se essenciais à perfeita compreensão do espaço, ao considerar o papel das referências visuais para a percepção e interpretação do ambiente, incentivando à análise crítica de um ambiente pelos seus usuários, podendo ainda obter conteúdos dificilmente expressos por meio de outros meios de coleta, dada a inclusão ou exclusão de aspectos simbólicos de percepção do ambiente.

Pós-estruturalismo - O termo pós-estruturalismo não pode ser entendido como algo homogêneo, único ou singular, mas como um movimento de pensamento inserido numa rede complexa de relações, em atitudes críticas perante alguma situação. O pós-estruturalismo é interdisciplinar, apresentando-se por meio de muitas e diferentes correntes e não constitui uma continuidade linear ao estruturalismo.

Questionário - O questionário é uma das ferramentas mais populares, sendo largamente utilizada em pesquisas de opinião, mercado, científicas, etc. Uma das maiores vantagens deste instrumento é que dificilmente é superado no quesito economia, principalmente no tipo de questionário auto-administrável, sendo muito eficiente, em tempo e esforço do pesquisador.

Setores – Cf. Lynch (1999), os setores são as regiões nas quais o observador penetra mentalmente e que são reconhecíveis por possuírem características comuns que os identificam.

Sistema autopoietico – “um sistema autopoietico que existe no espaço físico é um sistema vivo (ou, mais precisamente, o espaço físico é o espaço que os componentes dos sistemas vivos especificam e no qual eles existem)” (MATURANA, 2002:134). “... para qualquer animal dado, são a estrutura do sistema nervoso e sua estrutura enquanto um organismo inteiro - não a estrutura do meio - que determinam que configuração estrutural do meio pode constituir suas perturbações sensoriais, e por que trajeto de mudanças de estado internas ele passa em decorrência de uma interação particular. Além disso, uma vez que essas estruturas são o resultado do acoplamento estrutural com o meio, o fechamento na organização do sistema nervoso e do organismo fazem da percepção uma expressão do acoplamento estrutural de um

organismo ao seu meio, que é distinguível de ilusão ou alucinação apenas no domínio social.” (MATURANA, 2002:146)

Teoria de Santiago – (MATURANA & VARELA) “considera a cognição parte integrante do processo de interação de um organismo vivo com seu meio ambiente. A cognição é uma atividade contínua de *criar um mundo* por meio do processo de viver.” (CAPRA, 1997:211)

Tipologia do Ambiente Interno - Criado pelo Grupo de Pesquisa Projeto e Qualidade do Lugar (ProLUGAR), baseado nas categorias de tipologias de ambiente de trabalho de Duffy (1997). Permite identificar os aspectos positivos e negativos ou as preferências e rejeições dos usuários com relação a um conjunto de 4 diferentes tipologias de organização de ambientes de escritório – célula, baia, paisagem e combinado – explicitadas/indicadas por meio de fotos/ilustrações, relacionando-as às atividades dos próprios usuários.

Usuários – pessoas que fazem parte do ambiente de estudo, sejam de maneira permanente ou temporária.

Walktrough – método de análise que possibilita a identificação descritiva e significativa de falhas, problemas e aspectos positivos do edifício; “um dos métodos mais utilizados em APOs, consiste em simplesmente percorrer todo o edifício, preferencialmente munido de plantas e/ou acompanhado do autor do projeto ou de usuários, formulando perguntas com o objetivo de se familiarizar com o edifício e com sua construção ... é um bom método para descobrir as diferenças entre como foi construído e como ele foi projetado” (BECHTEL, 1997:313), e como é mantido e utilizado. Para tanto, se vale de diversas técnicas de registro - mapas comportamentais, fitas de áudio e de vídeo, fotografia, desenhos, diários, fichas, etc.

Wish Poem – ou “Poema dos Desejos”, método desenvolvido por Sanoff para levantamento de desejos e expectativas dos usuários, através de cartazes contendo textos e desenhos que expressem seus desejos com relação ao edifício, previamente à etapa de programação arquitetônica (DEL RIO & SANOFF, 1999).

APÊNDICE

APÊNDICE

No texto apresentado a seguir é proposta uma releitura a respeito dos Mapas Cognitivos, instrumento oriundo da pesquisa de Lynch (1999), baseado em conceitos como *imagem mental* e *representação da realidade*, e que é comumente utilizado em pesquisas, seja na elaboração, aplicação e/ou análise de resultados de instrumentos e que, mesmo passados quase cinquenta anos de sua primeira publicação (1960), se mantém um método bastante utilizado não só em Arquitetura, mas em diversas áreas onde a participação do usuário seja entendida como fundamental no processo de avaliação.

A inclusão deste Apêndice se justifica pela freqüente utilização destes conceitos *lynchianos*, que entendemos não estar alinhados com o pensamento dos diversos autores utilizados em nosso embasamento, especialmente a crítica ao representacionismo de Maturana (2002) e a abordagem atuacionista de Varela *et al* (2003).

Como base para esta releitura, propomos o entendimento do contexto de produção da pesquisa do autor e de que maneira sua pesquisa se desenvolveu, utilizando como exemplo a cidade de Boston.

MAPAS COGNITIVOS E AS "IMAGENS MENTAIS": UMA RELEITURA

Este livro vai examinar a qualidade visual da cidade norte-americana por meio do estudo da *imagem mental* que dela fazem os seus habitantes. Vai concentrar-se, especialmente, numa qualidade visual específica: a clareza ou "legibilidade" aparente da paisagem das cidades. Com esses termos, *pretendemos indicar a facilidade com que suas partes podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente. [...] uma cidade legível seria aquela cujos bairros, marcos ou vias fossem facilmente reconhecíveis e agrupados num modelo geral.* (LYNCH, 1999:3, grifo nosso)

Os Mapas Cognitivos se baseiam na aplicação de parte da metodologia elaborada por Lynch (1999), no início dos anos 60, quando as Ciências Cognitivas ainda estão em sua fase inicial (PEDRO, 1996).

É importante destacar que Kevin Lynch⁹² talvez seja o autor/teórico da Arquitetura mais conhecido/utilizado em estudos que busquem promover a participação dos usuários nas pesquisas realizadas. Segundo Del Rio (1990), Lynch é um dos pesquisadores mais influentes no desenvolvimento do Desenho Urbano, em todo o mundo.

A pesquisa de Lynch (1999) é publicada em 1960, após cinco anos de pesquisa, em um momento em que as bases conceituais da Arquitetura Moderna já se mostram bastante abaladas. Contemporâneas à publicação de sua pesquisa, estão as críticas ao urbanismo modernista, representado pelo manifesto de Jacobs (2003) e a defesa de Cullen (1983) de uma “paisagem urbana”, nos moldes das cidades tradicionais. Posteriormente, outros autores se juntam a essas críticas iniciais, como Venturi (1995), Jencks (2002, 2006), Blake (1978), Portoghesi (2002), Berman (1987), Montaner (1999, 2002b, 2002c), Jameson (1996) e Harvey (1993, 2004).

Tais críticas, que envolvem, dentre outras coisas, a negação das individualidades dos sujeitos, a padronização e disseminação de edifícios-modelos, a separação da cidade segundo características funcionais, são, de certa forma, defendidas por Lynch (1999), uma vez que sua metodologia privilegia a busca de “imagens públicas”⁹³ em detrimento das “imagens individuais”, a defesa por uma *clareza* na leitura das cidades (chamada de legibilidade), possibilitada por uma necessária “funcionalidade” da cidade contemporânea.

Desta forma, Lynch não se alinha com o pensamento de outros autores, como Venturi, Jacobs, e Cullen, que defendem a pluralidade, diversidade e mesmo a “contradição” da cidade.

○ DESENVOLVIMENTO DAS CIÊNCIAS COGNITIVAS

Nos anos de 1950 novos paradigmas surgem nos campos da psicologia, computação, filosofia, antropologia, neurociências. O computador, e, por conseguinte, os métodos utilizados por ele para o processamento de informações, trouxe novas questões para o debate

⁹² Kevin Andrew Lynch nasceu na cidade de Chicago, no estado de Illinois em 1918 e morreu na cidade de Martha's Vineyard, no estado de Massachusetts em 1984, aos 66 anos. O autor estudou em Yale, no Rensselaer Polytechnic Institute, onde teve contato com Frank Lloyd Wright, e se formou no Massachusetts Institute of Technology (MIT) em 1947, onde mais tarde, em 1963 se tornaria professor de planejamento urbano, onde se manteve até o final de sua vida.

⁹³Por imagem pública, o autor entende que seja a “sobreposição de muitas imagens individuais” (LYNCH, 1999:51).

científico. Paralelamente, neste período as críticas ao movimento Moderno, em Arquitetura, ganham força, em níveis mundiais.

No ano de 1956 é realizado o Simpósio sobre Teoria da Informação, no MIT sendo, segundo Howard Gardner (*apud* PEDRO, 1996), considerado o marco oficial do início das Ciências Cognitivas⁹⁴. Apresentam trabalhos neste Simpósio pesquisadores como George Miller e Noam Chomsky.

Dentro das Ciências Cognitivas, segundo Varela *et al* (1992), pode-se destacar três abordagens principais: cognitivista, conexionista e atuacionista.

O cognitivismo propõe a análise da mente como sistema de processamento de informações, desconectada de seu contexto. Ele considera que o organismo obtém informações do ambiente e, a partir destas, cria uma **representação** deste ambiente, de forma a executar uma conduta adequada à sua sobrevivência. No cognitivismo, a cognição é entendida como manipulação de símbolos, ou seja, como representação mental.

O conexionismo – cuja teoria, em parte, é originária do cognitivismo – se baseia na idéia de que as tarefas cognitivas são melhor executadas por sistemas constituídos de vários componentes simples que conectados por meio de regras apropriadas, fazem surgir o comportamento global correspondente à tarefa desejada.

O atuacionismo, proposto por Varela, Thompson e Rosch, tendo como base a Teoria da Autopoiese proposta por Maturana e Varela, surge como uma alternativa às abordagens anteriores, que não se mostram suficientes para explicar a cognição.

Uma das características principais desta orientação não-objetivista é a visão de que o conhecimento é o resultado de uma **interpretação** progressiva que emerge de nossa capacidade de entendimento. De acordo com Mariotti (2000), nesta abordagem não há mais necessidade da **representação** de um mundo anterior à percepção do observador.

⁹⁴ A Ciência Cognitiva é um campo interdisciplinar formado pela psicologia, lingüística, neurociências, epistemologia, inteligência artificial e antropologia.

Dentro deste entendimento, esta proposta propõe uma mudança na ciência cognitiva, deixando de lado a idéia do mundo como independente e extrínseco, para a idéia de um mundo como sendo inseparável da estrutura dos processos de autocriação.

Segundo Thompson (2002) esta abordagem, devido à sua visão da mente como incorporada e inserida no ambiente, oferece uma oportunidade única de colocar a experiência humana de volta à ciência da mente.

Desta forma, Lynch (1999), ao partir do pressuposto de que existem *imagens mentais* e que estas são passíveis de serem identificadas, organizadas – portanto, classificadas, catalogadas – está alinhado com uma *postura cognitivista* e, dentro dos princípios abordados anteriormente em nossa Fundamentação Teórica, modernista.

As imagens ambientais são o resultado de um processo bilateral entre o observador e seu ambiente. Este último sugere especificidades e relações e o observador – com grande capacidade de adaptação e à luz de seus próprios objetivos – seleciona, organiza e confere significado àquilo que vê. A imagem assim desenvolvida limita e enfatiza o que é visto, enquanto a imagem em si é testada, num processo constante de interação, contra a informação perceptiva filtrada. *Desse modo, a imagem de uma determinada realidade pode variar significativamente entre observadores diferentes.* (LYNCH, 1999:7, grifo nosso)

Embora concorde que existam diferentes imagens para diferentes observadores, o autor prefere ignorar tal fato, preferindo considerar *imagens e sujeitos universais*:

[...] *este estudo tenderá a passar por cima das diferenças individuais, por mais interessantes que possam ser para o psicólogo.* A primeira categoria abordada será aquilo que poderíamos chamar de *“imagens públicas”*, as *imagens mentais comuns a vastos contingentes de habitantes de uma cidade.* (LYNCH, 1999:8, grifo nosso)

Este entendimento se mostra incompatível com uma *postura atuacionista* adotado pelo grupo ProLUGAR, especialmente em relação à crítica sobre a representação de um mundo exterior ao sujeito (MATURANA & VARELA, 1995; MATURANA, 2002; VARELA *et al* 2003; RHEINGANTZ, 2004; THOMPSON, 2002, 2007)

Segundo Thompson (2007) muito já foi debatido acerca das imagens mentais, nos campos da filosofia e das ciências cognitivas, desde os anos 1970-1980. O modelo computacional, antes

considerado a única explicação plausível, é hoje em dia, segundo o autor, considerado como ciência cognitiva “clássica”.

Thompson (2007) afirma que para que haja progresso no entendimento das imagens mentais como uma forma de experiência humana, e não somente como forma de representação mental, é necessária uma nova abordagem.

De acordo com o autor, em uma perspectiva fenomenológica, ao visualizar uma imagem, nós não *experienciamos* “imagens mentais”, mas visualizamos objetos ou cenas através de uma *atuação mental* (*mentally enacting*), uma experiência perceptiva *possível* deste objeto ou cena. (THOMPSON, 2007:2) Esta postura está alinhada com os conceitos de *interpretação*, vistos anteriormente.

Dentro deste contexto, assegura o autor, a fenomenologia da experiência imagética não fornece nenhuma razão particular para se supor que existam representações no cérebro que correspondam ao conteúdo do que vemos ou visualizamos. (THOMPSON, 2007:8-9)

As características desta experiência incluem tanto aspectos qualitativos desta experiência (qualidades sensoriais do mundo e de nosso próprio corpo, por exemplo) e características subjetivas dos atos mentais que experienciamos (percepção, memória, imaginação, etc.). (THOMPSON, 2007:11)

ELEMENTOS FORMADORES DAS “IMAGENS MENTAIS”

Lynch (1999) baseia seu estudo numa qualidade visual específica, que ele chama de clareza ou “legibilidade”. Para ele, legibilidade se refere à facilidade com que as partes que compõe a paisagem das cidades podem ser reconhecidas e organizadas, em um modelo coerente.

Segundo o autor, “uma boa imagem ambiental oferece a seu possuidor um importante sentimento de segurança emocional” (LYNCH, 1999:5)

Para a construção dessas imagens, o autor afirma que se trata de um processo bilateral entre observador e ambiente. Esta “imagem ambiental” (LYNCH, 1999:9) é decomposta em três elementos: **identidade**, **estrutura** e **significado**.

Identidade, segundo ele, é a identificação de um objeto, a sua diferenciação de outras coisas, ou seja, seu reconhecimento enquanto entidade separável. Identidade “não no sentido de igualdade com alguma outra coisa, mas como significado de individualidade ou unicidade” (LYNCH, 1999:9)

Estrutura é a relação espacial ou paradigmática do objeto com o observador e os outros objetos.

Significado se refere ao valor para o observador, seja ele prático ou emocional, sendo uma relação, ainda que bastante diversa da relação espacial ou paradigmática.

Embora afirme que as “imagens” são formadas por estes três elementos (identidade, estrutura e significado), o autor decide não considerar o fator “significado”, que, dentre os três, possui um forte fator subjetivo. Ele opta por não considerá-lo, pois

os significados individuais das cidades são tão variados [...] que parece impossível separar significado e forma [...]. O presente estudo, portanto, vai concentrar-se na identidade e na estrutura das imagens da cidade. (LYNCH, 1999:10)

Um conceito-chave para o autor é o de *imageabilidade*, que seria a “característica, num objeto físico, que lhe confere uma alta probabilidade de evocar uma imagem forte em *qualquer observador* dado. (LYNCH, 1999:11, grifo nosso). Assim, para o autor, *independente de quem seja este observador*, existe uma característica tal em um objeto que será capaz de produzir uma imagem mental forte – chamada de imageabilidade.

O autor completa que a imageabilidade é “aquela forma, cor ou disposição que facilita a criação de imagens mentais claramente identificadas, **poderosamente estruturadas** e extremamente úteis ao ambiente.” (LYNCH, 1999:11, grifo nosso)

Segundo o autor, o conceito de imageabilidade “não conota, necessariamente, alguma coisa *fixa, limitada, precisa, unificada ou regularmente ordenada, embora às vezes possa possuir tais qualidades.*” (LYNCH, 1999:12, grifo nosso)

Uma vez definidos tais conceitos, o autor expõe cinco elementos que, segundo ele, são utilizados para *classificar* as imagens mentais observadas: vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos.

Os conceitos envolvendo tais elementos possuem uma definição aberta à interpretação de cada pesquisador. Esta liberdade, no entanto, acaba gerando certa confusão, citada pelo próprio autor, quando diz que

[...] a imagem de uma dada realidade pode às vezes mudar de tipo conforme as diferentes circunstâncias do modo de ver. Assim, uma via expressa pode ser um canal de circulação para um motorista e um limite para um pedestre. Do mesmo modo, uma área central pode ser um bairro, quando uma cidade é organizada em escala média, e um ponto nodal, quando se leva em conta toda a área metropolitana. (LYNCH, 1999:54)

O MÉTODO UTILIZADO EM "A IMAGEM DA CIDADE"

O método utilizado por Lynch (1999) tem como objetivo identificar a imagem do ambiente da cidade. A delimitação de seus estudos de caso compreende uma área de 4.000 por 2.500 metros.

Numa primeira etapa, o autor propõe um exame sistemático da imagem ambiental suscitada em campo em *observadores experimentados* (LYNCH, 1999:18). Por *observadores experimentados* o autor se refere a pessoas que conheçam o local estudado. (FIGURAS 80 e 81)

Nesta fase é feito um

[...]reconhecimento de campo, a pé, por um observador experimentado que mapeou a presença de diversos elementos, sua visibilidade, força ou fragilidade de sua imagem, suas conexões, desconexões e outras inter-relações, e registrou quaisquer vantagens ou dificuldades da estrutura imagística potencial. Foram feitas avaliações subjetivas com base na aparência imediata desses elementos de campo. (LYNCH, 1999:18)

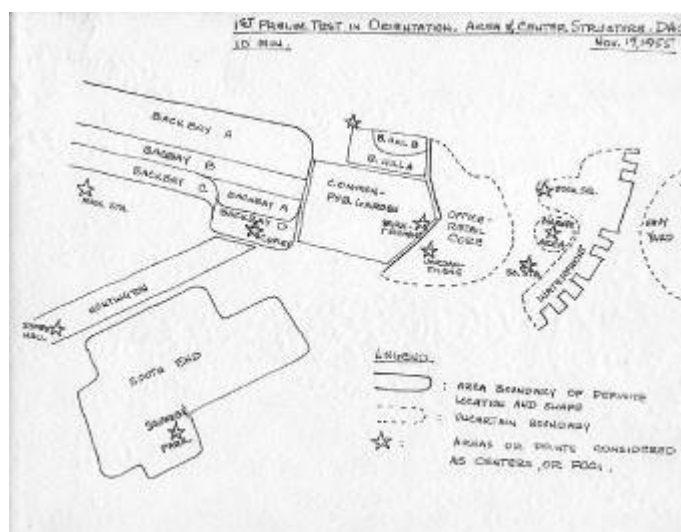


Figura 80: Reprodução de Mapa esquemático de orientação, original da pesquisa de Lynch (1955), onde é possível identificar a data em que foi feito (17 de novembro de 1955) e o tempo de aplicação (10 minutos)
 Fonte: MIT (<http://libraries.mit.edu/archives/exhibits/lynch/index1.html#report>, acesso em 02 de abril de 2007)

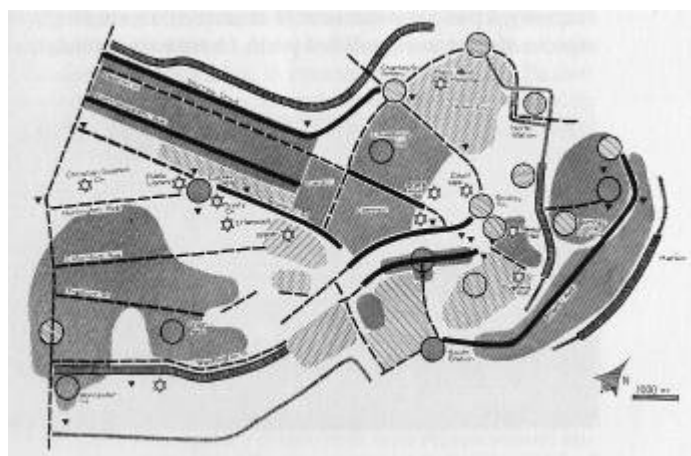


Figura 81: Mapa resultante da visita de campo (1960) - Boston
 Arqt. Kevin Lynch
 Fonte: Lynch (1999:21)

Numa segunda etapa são feitas entrevistas e questionários, realizados com uma pequena amostra de cidadãos - cerca de trinta pessoas em Boston e quinze em Jersey e Los Angeles (LYNCH, 1999:18) -, com duração de cerca de uma hora e meia. (FIGURA 82)

Fez se uma longa entrevista com uma pequena amostra dos moradores da cidade, com o objetivo de fazê-los evocar suas próprias imagens do meio físico em que vivem. A entrevista incluía pedidos de descrições, identificações dos lugares e desenhos; também se pediu aos entrevistados que fizessem passeios imaginários. As entrevistas foram realizadas com pessoas que já moravam ou trabalhavam há muito tempo na área e que tinham suas residências e seus locais de trabalho distribuídos na zona em questão. (LYNCH, 1999:18)

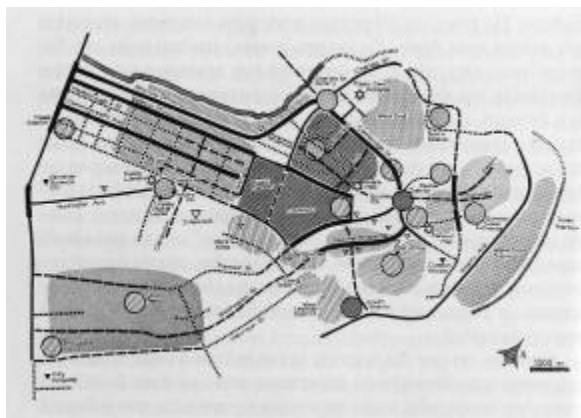


Figura 82: Mapa resultante das entrevistas com moradores (1960) - Boston
 Arqt. Kevin Lynch
 Fonte: Lynch (1999:168)

Na terceira etapa são feitos testes de reconhecimento fotográfico, passeios efetivos no local e inúmeros pedidos de orientação feitos a transeuntes.

Finalmente, na quarta etapa é feita uma sobreposição dos mapas obtidos nas etapas anteriores, para obtenção das imagens mentais fortes. (FIGURA 83)

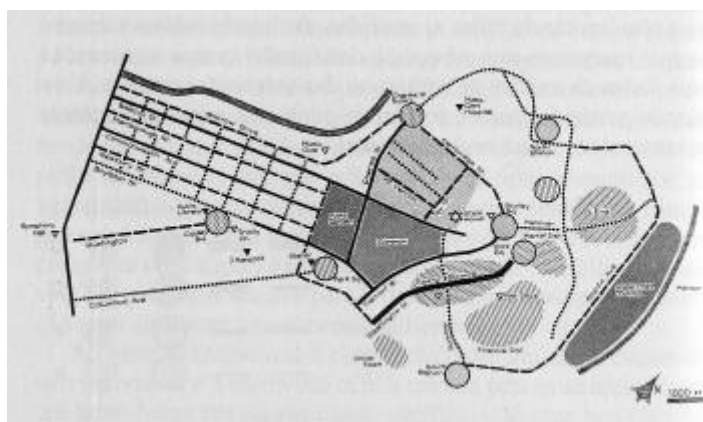


Figura 83: Mapa resultante de mapas mentais dos residentes (1960) - Boston
 Arqt. Kevin Lynch
 Fonte: Lynch (1999:168)

Os resultados obtidos demonstram, segundo o autor, haver características de importância particular na paisagem urbana, tais como: espaço aberto, vegetação, sentido de movimento na rede viária, contrastes visuais (LYNCH, 1999:19). Além disso, outros fatores também contribuem para a “qualidade da forma” (LYNCH, 1999:117), que são, segundo o autor: singularidade, simplicidade da forma, continuidade, predomínio, clareza de junção, diferenciação direcional, alcance visual, consciência do movimento, séries temporais, nomes e significados.

É notável a presença de termos presentes na *Gestalt*⁹⁵, - cuja lei mais importante se baseia na pregnância da forma - como, por exemplo, na conceituação de continuidade, simplicidade e experiência passada. Embora se utilize de alguns conceitos da *Gestalt* o método proposto por Lynch (1999) necessita de algumas adequações – que serão explicitadas na seção seguinte -, à luz de uma perspectiva alinhada com o enfoque atuacionista adotado pelo ProLUGAR assim como com o pensamento pós-moderno e pós-estruturalista, defendido neste trabalho.

No processo de orientação, o elo estratégico é a imagem ambiental, o quadro mental generalizado do mundo físico exterior que cada indivíduo é portador. Essa imagem é produto tanto da sensação imediata quanto da **lembrança de experiências passadas**, e seu uso se preta a interpretar as informações e orientar a ação. (LYNCH, 1999:4, grifo nosso)

É importante destacar que dentro do entendimento atuacionista, pós-moderno e pós-estruturalista o conceito de “imagem mental” não faz sentido, pois para estas abordagens não existe uma espécie de arquivo de imagens fotográficas armazenada na mente do indivíduo, mas uma série de processos mentais que fazem com que ele tenha uma interpretação da realidade. A mente humana não funciona como a memória de um computador, que é capaz de armazenar imagens, mas opera de maneira muito mais complexa, armazenando informações conectadas através de redes.

Assim, nestas abordagens as “imagens mentais” constantes e imutáveis que existiriam na mente das pessoas não existem. Uma vez que o observador é um sistema vivo, sua descrição do que vê não pode ser feita de um ponto de vista absolutamente externo, ou seja, ele estará sempre envolvido na interpretação que faz acerca do sistema.

O que ocorre é um acoplamento estrutural (MATURANA & VARELA, 1995) entre o indivíduo e o meio. Nesta nova perspectiva, é ressaltada a importância da interdependência entre o meio interno e o externo, sendo chamado, de acordo com Varela (1989), de enação (atuacionismo), que tem como principais características a crítica à representação e a valorização do senso comum. A crítica à representação se baseia no fato de não existir um mundo pré-determinado,

⁹⁵ Lynch (1999) não faz nenhuma referência direta à *Gestalt*. Como destaca Gomes Filho (2004), a *Gestalt*, entendida como uma Escola de Psicologia Experimental, surge no final do século XIX com o filósofo vienense Von Ehrenfels, mas tem seu início mais efetivo por volta de 1910, através dos trabalhos de Max Wertheimer, Wolfgang Kohler e Kurt Koffka. Segundo o autor, o movimento atua no campo da teoria da forma, com contribuições relevantes a diversas áreas, dentre as quais à percepção e a linguagem.

sendo apenas possível se fazer interpretações, considerada uma atividade de configuração (*enacting*), que emergem a partir do senso comum (PEDRO, 1996:144).

Kevin Lynch escreve uma série de outros trabalhos, onde desenvolve a idéia de percepção ambiental. No entanto, "A Imagem da Cidade" continua como o seu título mais conhecido.

Várias podem ser as razões para que os outros trabalhos do autor não serem tão discutidos. Acreditamos que a popularidade de seu primeiro livro se deve, em grande parte, ao fato de oferecer um "método" bastante aberto, tanto em sua aplicação quanto na análise dos resultados obtidos, sendo utilizado em pesquisas em diferentes escalas urbanas e com diferentes propósitos, de maneira a justificar um tipo de pesquisa "participativa/inclusiva".

Tal método se adequa perfeitamente no discurso Modernista, pois, por exemplo, justifica a existência de edifícios isolados, que são, segundo sua classificação, *marcos* na paisagem, sem entrar no mérito desta presença causar uma boa ou má imagem para a cidade. Tais elementos, no entendimento desta metodologia, possuem grande **imageabilidade**, o que, no entanto, não se configura como algo necessariamente bom para as cidades.

RELEVÂNCIA DO TRABALHO DE LYNCH (1999)

É inegável a importância do trabalho realizado por Kevin Lynch e a sua larga utilização em diferentes disciplinas, como a Arquitetura, Urbanismo, Geografia, Psicologia, dentre tantas outras que buscam entender e integrar a percepção de um usuário, ou grupo de usuários, e o ambiente que os cerca.

Seu trabalho, embora realizado em uma escala urbana, tem sido utilizado nas mais diferentes escalas, desde na análise de ambientes de trabalho, escolas, até em grandes áreas urbanas, principalmente em estudos de diagnósticos urbanos, para ser usado como insumo para o desenvolvimento, e justificativa, de projetos, especialmente os chamados "projetos participativos".

É importante ressaltar que a metodologia apresentada pelo autor em "A Imagem da Cidade" implica em entrevistas longas, com mais de uma hora de duração, com um grupo reduzido de pessoas. Estas entrevistas são refeitas tempos depois, para verificação dos dados, quando então são feitos os chamados Mapas Cognitivos. Só então se chega a um mapa de resultados

e a indicação de qual seriam as imagens “fortes” encontradas, sem entrar no mérito se são positivas ou negativas, na visão dos usuários.

Neste ponto reside o principal problema. Em geral, quando se diz que foi aplicada a “metodologia de Lynch” em determinada pesquisa, tal fato se refere a uma rápida entrevista com um usuário, onde se pede para que ele desenhe um “mapa mental” (de localização) de determinado local.

Esta aplicação adaptada e simplificada incorre em sérios problemas. O mais grave é o tratamento “frio” de informações. Não se pode simplesmente analisar um desenho e a partir de determinado elemento representado, classificá-lo e a partir daí concluir qual a sua importância, sem uma análise profunda sobre *quem* os desenhou, pois, neste caso, se estará levando em conta a experiência e bagagem de quem o analisa.

Deve-se considerar o usuário como um indivíduo que possui uma história de vida, uma bagagem cultural, social e psicológica que influi diretamente na sua percepção de vida, e, conseqüentemente, do espaço que o circunda. Um desenho não representa a totalidade das intenções de uma pessoa; muito mais importante do que o que foi desenhado é a intenção, que pode ter sido expressa ou omitida, por diversos fatores, inclusive por “medos” e imposições culturais e sociais.

No caso de aplicações em escala urbana, o que acontece em muitos casos é a escolha, aleatória, de entrevistados. Na maior parte das vezes, são transeuntes, entrevistados na própria rua. Além de não serem necessariamente “pessoas-chave”, ou representativas, neste processo torna-se praticamente impossível uma entrevista mais demorada, e acurada, assim como a repetição da entrevista algum tempo depois. O desenho é então feito de maneira muito rápida, improvisada, e sua análise pode revelar aspectos que não sejam efetivamente relevantes naquela situação/ambiente.

As pessoas, em geral, têm dificuldade de se expressar através de desenhos. Desta forma, os desenhos podem conter elementos muito “primários” e com poucos elementos que forneçam indícios para uma investigação interpretativa, levando a sua análise a um nível extremamente subjetivo, a cargo de quem o aplica. O entendimento de quem é o usuário, sua história de

vida, bagagem cultural, social, se descartada, pode levar a conclusões – e conseqüências - desastrosas.

Neste sentido, Del Rio (*apud* AZEVEDO, 2002:134) sugere a utilização de “mapas mentais indiretos” (DEL RIO, 1996:15), onde o respondente cita suas principais referências, evitando que o ato de desenhar se torne um elemento inibidor, prejudicando a análise desta imagem.

Lynch (1999), ao destacar que o pequeno número de pessoas avaliadas não permitiu que ele chegasse a uma conclusão satisfatória sobre a existência de uma “‘verdadeira’ imagem pública” (LYNCH, 1999:175), destaca que

O pequeno tamanho das amostras foi necessário devido ao vasto tipo de indagação que se fez à quantidade de tempo exigido para a técnica de análise usada, gigantesca e experimental. ***Não há dúvida de que é preciso repetir o teste com uma amostra maior, trabalho esse que exige métodos mais rápidos e precisos.***(LYNCH, 1999:175, grifo nosso)

Desta forma, além de ser necessária uma amostra ***representativa*** de usuários na aplicação dos Mapas Cognitivos⁹⁶– que, voltamos a destacar, é apenas parte da metodologia de Lynch, que envolvia entrevistas e re-entrevistas, seleções, visuais, etc. – o autor destaca a necessidade de se desenvolver um método de aplicação que seja mais rápido e efetivo.

Com relação ao tamanho da amostra, Lynch afirma que em sua pesquisa ela foi desequilibrada, pois era formada, basicamente, por “pessoas pertencentes à classe média profissional e empresarial” (LYNCH, 1999:175). Como será visto na seção seguinte, esta seleção não corresponde a uma composição significativa das cidades analisadas, como em Boston.

Desta forma, a utilização deste método tem repetido aquilo que foi feito pelos defensores do discurso Modernista, que o utilizam como justificativa de que suas obras possuem uma “forte imagem mental”: ele se baseia em cinco conceitos básicos, cuja definição confusa leva a um entendimento muito subjetivo de quem vai aplicá-lo. Como resultado, sua aplicação não visa o entendimento das “imagens” como boas ou más para a cidade e usuários, mas se referem a sua “força”.

⁹⁶ Uma vez que, para o autor, eles representam uma imagem mental pública.

Como informa Gomes Filho (2004), “a teoria da *Gestalt*, extraída de uma rigorosa experimentação, vai sugerir uma resposta *ao porquê de umas formas agradarem mais e outras não*” (GOMES FILHO, 2004:18). É indiscutível que uma torre de escritórios, por exemplo, possui uma imagem forte, é um marco na paisagem, um ponto nodal e que serve de referência na paisagem. Mas a questão é: isso é *bom* para as cidades?

CONSIDERAÇÕES SOBRE AS CIDADES ANALISADAS

Não é o objetivo deste trabalho oferecer uma análise definitiva sobre a metodologia de Lynch (1999), mas uma interpretação do contexto de sua produção e aplicação.

Uma vez que é proposta a necessidade de sua releitura, consideramos importante destacar alguns pontos relativos ao contexto de produção de sua pesquisa. Para exemplificar esta questão, foi escolhida, dentre as três cidades analisadas pelo autor, a cidade de Boston, por dois motivos: o primeiro, por ter sido o local com o maior número de usuários consultados (30) e o segundo, por ser o local onde o autor residia e lecionava, no MIT (Massachusetts Institute of Technology).

BOSTON

A cidade de Boston, capital do estado americano de Massachusetts, fundada em 1630 por colonizadores ingleses, é uma das mais antigas cidades americanas⁹⁷. Suas ruas e tipologia arquitetônica, à época da pesquisa de Lynch (1999), possuem características predominantemente de traçado urbano tradicional.

Com o crescimento econômico ocorrido no período pós-Segunda Guerra Mundial, e o conseqüente enriquecimento da classe média americana, a cidade experimenta um típico fenômeno da modernidade: os carros, símbolos da sociedade da máquina, passam a ter um efeito devastador em seu cotidiano.

Boston, planejada para a escala do pedestre, necessita “se modernizar”. Por modernização, entende-se aqui, a abertura de auto-estradas, viadutos e destruição do tecido urbano tradicional.

⁹⁷ Fonte: <http://www.iboston.org/mcp.php?pid=taleOfTwoBostons> Acesso em 07 de abril de 2007.

Em 1951 é dado início a construção da *John F. Fitzgerald Expressway* (1951-1960), mais conhecida como *Central Artery*, conjunto de viadutos e estradas que cortam a cidade, separando-a da costa marítima.



Figura 84: Vista recente da *Central Artery* e a cicatriz causada na malha urbana - Boston

Fonte: BOSTON GLOBE (2007) Disponível em:

<http://www.boston.com/news/traffic/bigdig/special/galleries/artery/intro.htm> Acesso em: 02 de abril de 2007

Para esta construção, são demolidos mais de 1.000 edifícios no coração da cidade, desalojando cerca de 20.000 pessoas (BOSTON GLOBE, 2007), caracterizando a prática do urbanismo modernista de “arrasa quarteirão” ou tabula rasa. (FIGURAS 85 e 86)



Figura 85: Vista de North End, a partir Fulton Street (1954) - Boston

Fonte: Boston Globe (2007) Disponível em :

<http://www.boston.com/news/traffic/bigdig/special/galleries/artery/intro.htm> Acesso em: 02 de abril de 2007



Figura 86: North End (1954) - Boston
 Fonte: Boston Globe (2007) Disponível em :
<http://www.boston.com/news/traffic/bigdig/special/galleries/artery/intro.htm> Acesso em: 02 de abril de 2007

Em 1958 a *Central Artery* é oficialmente inaugurada. Suas obras, no entanto se prolongam até meados dos anos 60.



Figura 87: Central Artery em fase final de execução (1955)
 Fonte: Boston Globe (2007) Disponível em :
<http://www.boston.com/news/traffic/bigdig/special/galleries/artery/intro.htm> Acesso em: 02 de abril de 2007

É curioso perceber que, embora tal obra tenha gerado um impacto profundo na “imagem” da cidade – não só visualmente, pela retirada de inúmeros elementos tradicionais, mas pelo aspecto social relacionado – a pesquisa de Lynch (1999), realizada na mesma época, não faz nenhuma referência negativa a tais acontecimentos, se limitando a comentar que as vias

expressas são percebidas “ou como obstáculos, relativamente ao movimento nas ruas mais antigas, ou como vias, quando alguém se imagina dirigindo por uma delas” (LYNCH, 1999:26). O autor completa seu comentário dizendo que,

[...]quando imaginada a partir de baixo, a *Artery* é um **maciço paredão pintado de verde**, que aparece de modo fragmentário em determinados lugares; enquanto caminho, é uma faixa que sobe, mergulha e dá voltas, abarrotada de sinais de trânsito. De modo curioso, as duas vias expressas são percebidas como “extrínsecas” à cidade, muito pouco associadas a ela, ainda que a penetrem, e há uma transição desorientadora a ser feita em cada trevo. (LYNCH, 1999:26, grifo nosso)

Este “maciço paredão pintado de verde” que o autor analisa como “extrínseco” à cidade e “muito pouco” associado a ela é chamado pelos cidadãos de Boston de “Monstro Verde”. (HUGES, 2000:211) e (TRANCIK, 1986:133) A Figura 88 mostra o mapa de Boston, com a área de estudo de Lynch (1999) destacada em vermelho. Em amarelo, a *Central Artery*.



Figura 88: Área de estudo de Lynch x Central Artery – Boston
Fonte: Autor, arte sobre imagem do Google Earth

É interessante notar que no mapa esquemático da cidade, feito pelo autor, a *Central Artery*, importante elemento conformador da morfologia de Boston, aparece com a mesma importância que o restante das ruas. (FIGURA 89)

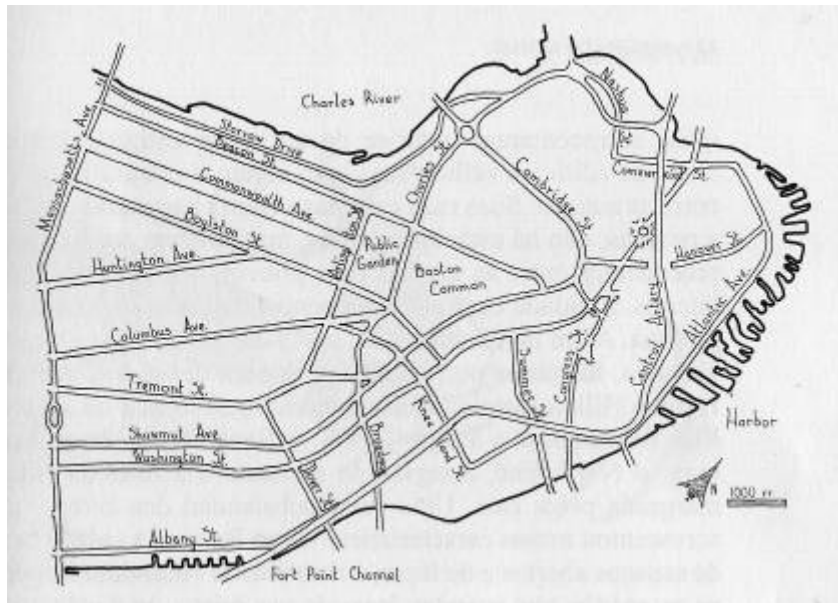


Figura 89: Mapa esquemático da península de Boston (1960)
 Arqt. Kevin Lynch
 Fonte: Lynch (1999:21)

Ao apresentar um mapa da “cidade de Boston que todos conhecem” (LYNCH, 1999:23), a Central Artery não aparece representada. (FIGURA 90)

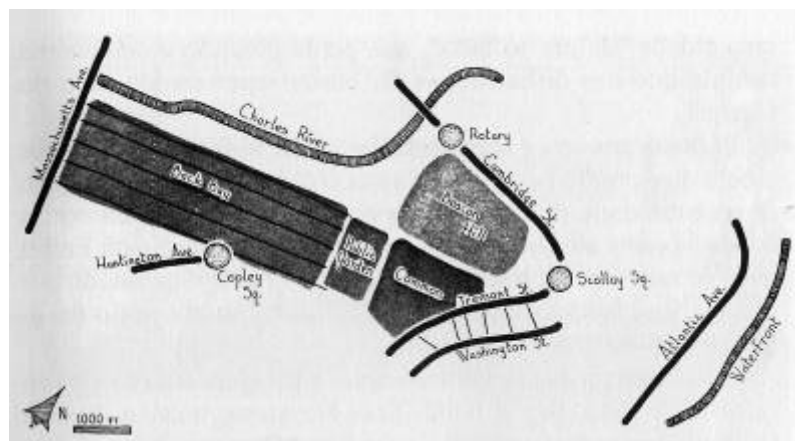


Figura 90: A cidade de Boston que todos conhecem (1960)
 Arqt. Kevin Lynch
 Fonte: Lynch (1999:23)

Tal fato se repete, quando o autor apresenta o mapa resumo com os “problemas com a imagem de Boston” (LYNCH, 1999:28) [FIGURA 91]

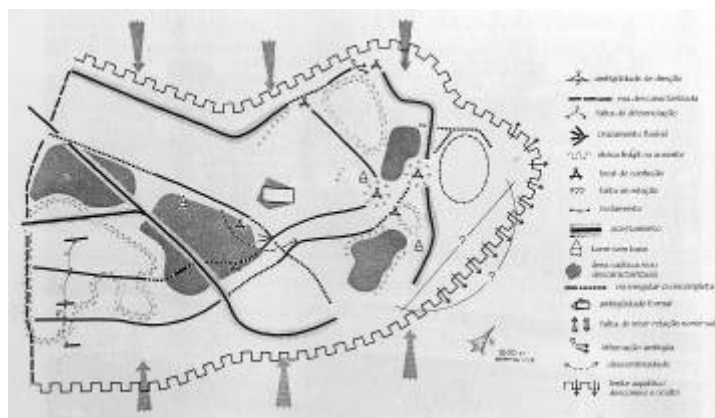


Figura 91: Problemas com a imagem de Boston (1960)
 Arqt. Kevin Lynch
 Fonte: Lynch (1999:28)

Em uma análise que privilegie o aspecto imagético, torna-se difícil entender a ausência de um elemento que tenha, usando sua própria expressão, uma “imagem ambiental” tão forte. Ou ainda, que dentre os usuários entrevistados – como informado pelo autor, profissionais liberais e empresários, pertencentes às classes sociais mais elevadas – nenhum tenha manifestado algum tipo de indignação ou revolta com o projeto de “modernização” encampado na cidade

Outro aspecto que também nos chama a atenção é que, após a publicação de sua pesquisa, ocorrida em 1960, - que concluíra fazendo uma apologia à funcionalidade das cidades – uma parte da cidade, também com características de traçado urbano “tradicional”, (*West End*), considerada pelo poder público como “obsoleta” é devastada (1963), para dar lugar a uma urbanização de caráter modernista e mais “funcional”: edifícios comerciais, escritórios e novas residências. (FIGURA 92)

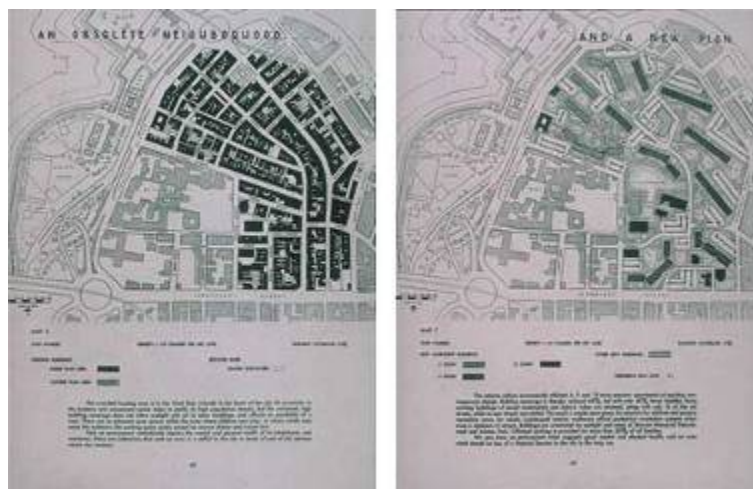


Figura 92: West End antes e depois da demolição (1963) - Boston
 Fonte: Massengale (2004), disponível em <http://massengale.typepad.com/venustas/2004/11/index.html>
 acesso em 02 de abril de 2004.

Segundo Grauds (2005), *West End* era um bairro habitado por uma população bastante diversificada, oriundas de várias etnias que, apesar de serem em grande número, não possuíam representatividade nas esferas do governo, uma vez que a política adotada privilegiava o desenvolvimento comercial da cidade, através da criação de novas áreas a serem ocupadas por edifícios de escritórios. (FIGURAS 93 e 94)



Figura 93: West End antes da demolição
 Fonte: Grauds (2005:14)



Figura 94: West End depois da demolição
 Fonte: Grauds (2005:14)

A “renovação urbana” ocorrida em *West End* tem fortes interesses comerciais e políticos envolvidos e “desalojou brutalmente as pessoas, destruindo vizinhanças e edifícios agradáveis”, ganhando notoriedade nacional, uma vez que “retirou as casas dos pobres e colocou em seu lugar um espaço destinado exclusivamente aos ricos” (KENNEDY, 1992:164 *in* GRAUDS,2005:14, tradução nossa)

Os problemas causados pela cicatriz urbana da *Central Artery* fizeram parte da história da cidade de Boston durante quase 50 anos. Em janeiro de 2003, após anos de estudos (iniciados oficialmente em 1982), é inaugurada a primeira fase da *Central Artery/Tunnel Project* (CA/T), popularmente conhecido como *Big Dig* (algo como o “Grande Escavação” ou “Buracão”), sistema de túneis enterrados (com quase 6 km), que substituem a antiga auto-estrada. A implantação de sua última fase ocorre em janeiro de 2006. (FIGURA 95)



Figura 95: Vista de North End depois da implantação de parte do *Big Dig*: novas áreas de uso urbano
Fonte: Massachusetts Turnpike Authority. Disponível em http://www.masspike.com/bigdig/multimedia/photo_jan06.html#top Acesso em: 02 de abril de 2007

É importante destacar que Lynch (1999), no mesmo livro, faz críticas ao método aplicado. Segundo ele, “*o pequeno tamanho das amostras e sua tendência a concentrar-se nas classes profissionais e empresariais não permite afirmar que tenha se chegado a uma verdadeira ‘imagem pública’*” (LYNCH, 1999:18, grifo nosso) Tais críticas são reforçadas por outros autores, como Jencks (2006) e Christopher Alexander (*in* JENCKS, 2006).

Neste contexto, é importante destacar que o pequeno tamanho das amostras, ao qual o autor se refere (30 pessoas em Boston, 15 em Jersey e 15 em Los Angeles [LYNCH, 1999:18]) não é uma questão simplesmente numérica, mas está ligada, também, a questões sociais.

O estudo, feito com um pequeno número de entrevistados, se concentrou em indivíduos do sexo masculino, de classe média alta. Desta forma, o autor ignora a diversidade social, econômica e cultural das cidades estudadas. A população da cidade de Boston, por exemplo, é formada por diferentes etnias.

Estudos publicados pela *Boston Public Health Commission*⁹⁸ demonstram que a “minorias” (americanos não “legítimos”) são maioria, representando mais da metade da população local. Os chamados “People of color” são compostos principalmente pelos chamados Afro-americanos (23,8 %), Latinos (14,4%) e Asiáticos (7,5%). Boston é uma das mais antigas cidades americanas e, de acordo com dados da prefeitura local, a população decresceu, num fenômeno relacionado, principalmente, ao aumento da criminalidade.

Desta forma, o método e o discurso por trás dele servem adequadamente ao discurso modernista, ao defender “imagens claras” e “funcionais” para uma boa imagem da cidade – lembrando que a apologia à funcionalidade é um dos pontos-chaves dos preceitos urbanísticos modernos.

No discurso defendido pelo método, não está em discussão se a cidade possui “imagens” boas ou ruins, mas se possui uma imagem forte. Parece-nos claro que a imagem representada na Figura 83 é bastante forte, podendo servir de marco na paisagem da cidade; a questão que colocamos é se esta “imagem” é positiva ou não para a cidade e seus habitantes.

⁹⁸ Órgão da Prefeitura de Boston. Estudo disponível em <http://www.bphc.org/director/pdfs/dialogue-raceandhealth.pdf> Acesso em 26 de março de 2007.



Figura 96: Vista da cidade de Boston, destaque para a Central Artery e “espaços perdidos”

Fonte: <http://ocw.mit.edu/ans7870/11/11.001j/f01/lectureimages/2/image10.html>, acesso em 02 de abril de 2007.

Conforme cita o autor,

Uma imagem clara e abrangente de toda uma região metropolitana é uma exigência fundamental para o futuro. Se for possível desenvolvê-la, ela elevará a experiência de uma cidade a um novo nível, proporcional à unidade funcional contemporânea. (LYNCH, 1999:133)

Del Rio (1990) chama a atenção para os pontos fracos no método de Lynch (1999): a dificuldade de aplicação em universos estatisticamente representativos, a longa duração das entrevistas, a dificuldade de analisar e quantificar os dados e de se obter os chamados “mapas mentais” de certos grupos de pessoas. (DEL RIO, 1990: 95)

No caso de estudos que possuam um recorte reduzido – como no caso das cinco dissertações analisadas nesta pesquisa – o ideal seria a aplicação do instrumento com *todos* os usuários do ambiente. Desta forma, além de servir como um meio de aproximação com usuários, o instrumento possibilita, em tese, um melhor conhecimento da chamada “imagem mental” de Lynch (1999)- entendida à luz da releitura do conceito de imageabilidade, mostrado na seção seguinte.

No caso de pesquisas com um recorte maior, a partir da crítica de Del Rio (1990), entendemos que a aplicação dos Mapas Cognitivos perde um pouco de sua importância, não só devido à dificuldade de se acompanhar os usuários em diferentes estágios de aplicação do método, mas devido ao pequeno espaço amostral que em geral este tipo de pesquisa apresenta.

UMA RE-LEITURA POSSÍVEL – E NECESSÁRIA

Uma vez que a aplicação dos chamados Mapas Cognitivos, baseados em Lynch (1999) é uma realidade nas pesquisas em Arquitetura, devemos ter em mente algumas questões.

Considerando a abordagem experiencial buscada nas pesquisas e sua fundamentação em autores alinhados com a abordagem atuacionista (VARELA *et al* 2003), se faz necessária a revisão do conceito de *imagem mental*, fortemente associada à representação da realidade.

É lugar comum falar sobre a aplicação do trabalho de Lynch (1999) em pesquisas de Arquitetura, com o objetivo de colher informações do usuário a respeito de suas “imagens mentais” em relação ao ambiente estudado. O procedimento tradicional, bastante difundido, baseia-se na análise das “imagens” das “representações” do ambiente por um determinado indivíduo, obtidas por meio dos chamados Mapeamentos Cognitivos ou Mapas Mentais.

No entanto, como vimos, os conceitos de imagens mentais e de representação são típicos da modernidade, não fazendo mais sentido em uma abordagem experiencial ou atuacionista. O conceito de Lynch (1999) pressupõe o armazenamento e catalogação de imagens no interior da mente humana, desconsiderando uma série de fatores cognitivos.

O que propomos é uma releitura, auxiliada por alguns conceitos da *Gestalt* – que, embora não explicitamente declarado, já estão presentes em Lynch (1999). Segundo os gestaltistas, para se analisar uma imagem, é preciso, necessariamente, identificar os principais elementos da sua composição. E tratar a imagem do ponto de vista da percepção do olho humano, do modo de estruturar naturalmente os seus elementos gráficos em nossa mente.

Dentro desta teoria, o cérebro humano tende automaticamente a desmembrar a imagem em diferentes partes, organizá-las de acordo com semelhanças de forma, tamanho, cor, textura, que, por sua vez, seriam reagrupadas de novo em um conjunto gráfico que possibilitaria a *interpretação* do significado exposto.

A *Gestalt*, segundo Gomes Filho (2004), estabelece oito leis através das quais é criado um sistema de leitura visual: unidade, segregação, unificação, fechamento, continuidade, proximidade, semelhança e pregnância da forma. Segundo esta teoria, o dom natural de “arrumar” as informações passadas em seu cérebro possibilita ao homem assimilar esses

dados com maior facilidade e rapidez. Destes conceitos, um particularmente nos chama a atenção: *pregnância da forma*

Segundo Gomes Filho (2004) a *pregnância*, lei básica da percepção visual da Gestalt, possui a seguinte característica: “quanto melhor for a organização visual da forma do objeto, em termos de facilidade de compreensão e rapidez de leitura ou *interpretação*, maior será o seu grau de *pregnância*” (GOMES FILHO, 2004:37, grifo nosso)

Neste contexto, o que representa a Figura 97: um vaso ou um rosto?

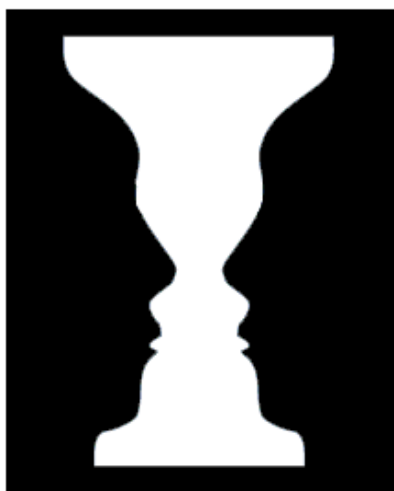


Figura 97: Princípio da Ambigüidade (*Gestalt*)

Fonte: <http://images.encarta.msn.com/xrefmedia/aenclmed/targets/illus/ill/T629039A.gif> acesso em 27 de março de 2007

Segundo Santos (1999), cabe a interpretação de cada sujeito decidir:

Vivemos num sistema visual muito instável em que a mínima flutuação de nossa percepção visual provoca rupturas na simetria do que vemos. Assim, olhando a mesma figura, ora vemos um vaso grego branco recortado sobre um fundo preto, ora vemos dois rostos gregos de perfil, frente a frente, recortados sobre um fundo branco. Qual das imagens é verdadeira? Ambas e nenhuma. É esta ambigüidade e a complexidade da situação do tempo presente, um tempo de transição, síncrone com muita coisa que está além ou aquém dele, mas descompassado em relação a tudo o que o habita. (SANTOS, 1999:6)

Lynch é “ele próprio um discípulo da escola ‘gestalt’ de Kepes, no MIT” (DEL RIO, 1990:92). Del Rio (1990), ao se referir ao conceito de imageabilidade, faz um paralelo com a “qualidade ‘gestáltica’ de ‘pregnância’” (DEL RIO, 1990:93)

Desta forma, com relação ao conceito de *imageabilidade*, propomos uma re-interpretação: ao invés de ser “a qualidade de um objeto físico de evocar uma imagem forte no observador” (LYNCH, 1999:11), ela seria entendida como a *pregnância* que determinado estímulo visual causa na **experiência ambiental** de determinada pessoa.

Neste outro entendimento não se lida com os conceitos de “imagem mental” nem “representação da realidade”, que implicariam na aceitação de *uma* realidade exterior àquele que observa. Em seu lugar, trabalhamos com o conceito de interpretação (Orlandi, Pêcheux) das diferentes realidades possíveis, para cada observador, a partir de suas experiências passadas.

Rheingantz (2001) ao se referir ao estudo da percepção ambiental destaca ser este um processo cognitivo que lida com as conformações subjetivas, imagens, impressões e crenças que as pessoas possuem do meio ambiente.

Este processo cognitivo está sujeito a “filtros” socioculturais, categorias e sistemas resultantes do processo de socialização do indivíduo e a “filtros psicológicos” dependentes do *sistema interpretativo pessoal*, de valores e de expectativas de cada pessoa. (RHEINGANTZ, 2001:14, grifo nosso)

Desta forma, alinhados com uma postura atuacionista, ao aplicar o instrumento com os usuários, o pesquisador não têm acesso a uma *representação mental* da realidade deste usuário nem a *imagens mentais* que estes tenham a respeito do ambiente.

O material que se obtém como resultado, na verdade, é algo extremamente subjetivo e só pode ser avaliado à luz da *interpretação* do pesquisador, mediante conhecimento de quem seja este usuário – e, como salienta Maturana (2002), aquilo que explicamos é sempre *uma* experiência. Estes procedimentos estão compreendidos dentro do que chamamos anteriormente de *Leitura Incorporada*.

Esta nova perspectiva também pode se aplicar às análises de dados obtidos através de outros instrumentos “tradicionais” de APO. O pesquisador, em contato com o ambiente a ser avaliado e usuários envolvidos, a partir da abordagem da Observação Incorporada, tem acesso a uma série de dados obtidos por intermédio dos instrumentos aplicados. Através da Leitura Incorporada, o pesquisador analisa estes dados, e os interpreta, baseado em sua experiência ambiental, através de sua Observação Incorporada.